

INDICADO A MELHOR LIVRO DO ANO PELO LIBRARY JOURNAL

ROBIN YORK

"Esta série vai deixar
você sem fôlego!"
Katy Evans, autora da série Real

intenso

Caroline e West | LIVRO 2



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

intenso



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ROBIN YORK

intenso

Caroline e West | LIVRO 2



Título original: *Harder*

Copyright © 2014 por Ruth Homrighaus
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Ana Grillo e Tereza da Rocha

diagramação: Abreu's System

capa: DuatDesign

imagem de capa: Kiselev Andrey Valerevich/ Shutterstock

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Y61i

York, Robin

Intenso [recurso eletrônico]/ Robin York; tradução de Cássia Zanon.
São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (Caroline e West; 2)

Tradução de: Harder

Sequência de: Profundo

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-520-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título.
III. Série.

16-30025

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Mary Ann, com amor e gratidão.

F I M

West

Esta será a última vez, foi o que pensei quando me despedi dela no aeroporto. A última vez que a beijo. A última vez que a toco. A última vez que vejo seu rosto.

E então me virei e fui embora. *É o fim. Acabou.*

Lembro-me vagamente de ter passado pelo portão de embarque e entrado no avião. Alguém sentou ao meu lado, mas não recordo se foi homem ou mulher. Nada poderia ser mais difícil do que me afastar de Caroline.

Isso quase me faz rir agora, se é que podemos chamar de riso o som que sai da garganta quando precisamos engolir em seco, incapazes de nos livrarmos do sabor amargo dos nossos erros.

Voltei para Silt com o humor de quem se prepara para um duelo no Velho Oeste. Estava prestes a confrontar meu pai. Ao meio-dia, sacaríamos nossas pistolas. Eu atiraria, o abateria e então... bem, essa era a parte em que evitava pensar. A tela ficaria escura. Fim. Nada.

Nada. Era onde eu viveria depois de tirá-lo da minha vida de uma vez por todas. Dentro da escuridão, eu montaria uma barraca, puxaria um cobertor por cima de mim e aguentaria o tranco.

Eu era o xerife, certo? E ele era o bandido. Mas depois que eu o derrubasse, qual seria a minha recompensa? Uma eternidade vazia. De que vale então uma estrela dourada presa na minha camisa?

Tinha certeza de que eu era o xerife da história, mas o que aconteceu quando cheguei foi bem diferente do que eu esperava.

Fiz o impossível. Me afastei de Caroline.

Só que tudo ficou mais difícil depois disso.

Caroline

O toque de celular de West ressoou no quarto escuro, entrando no meu subconsciente. Estou tendo um daqueles sonhos deliciosos: a pele quente dele contra o meu corpo, o peso e o cheiro dele, sua mão deslizando pela minha barriga. Tudo isso lento, quente e West... até a canção finalmente penetrar através da névoa do meu sonho e me despertar.

Acordo excitada e furiosa, porque sei o que vem a seguir. A sensação ruim no estômago, o dia inteiro tentando não me lembrar daquela enxurrada de memória sensorial. Preciso enfrentar isso e esquecer West de vez. No entanto, meu desejo é voltar urgentemente para aquele sonho.

Estou tão distraída que pego o celular e deslizo o dedo pela tela antes de registrar o que aconteceu. *Era* o toque de West. West me ligou à uma da madrugada, depois de sumir por dois meses e meio.

Se ele me ligou bêbado, vou pegar um avião para o Oregon e dar um chute no saco dele, penso. Mas não é assim que me sinto. Queria que fosse. Queria poder ouvir West dizer "Alô?" sem me sentir... assanhada.

Retorno a ligação.

– Alô?

Levanto no quarto escuro, ciente de que cada centímetro da minha pele reage à respiração do outro lado da linha. Tenho muitas lembranças que começam assim. Muitas conversas em que disse a

mim mesma que não faria besteira, mas acabei fazendo. Tenho essa carga imensa de saudade e dor, tão insuportável que posso escutá-la na minha voz quando disparo:

– O que você quer?

– Meu pai morreu.

Minha cabeça clareia em um instante.

– O quê?

– Ele levou um tiro – explica West. – Tudo está uma bagunça. Caro, sei que não posso pedir isso, mas simplesmente preciso...

Um barulho o interrompe. Fico ali parada, esperando ele completar a frase. Estou apertando o celular contra a orelha, com a respiração acelerada, com o tipo de clareza que só encontrei em momentos de crise. Mas por que eu deveria me importar com o que ele vai dizer a seguir?

Porque às vezes a razão não está no comando. Ele me deixou. Ele me magoou. Sei disso. Mas ainda estou ali, segurando o telefone, e sei que entrarei em um avião em poucas horas.

S I L T

Caroline

Retiro a minha mala da esteira de bagagem, saio do aeroporto e vejo West apoiado em uma caminhonete suja. A primeira coisa que penso é: *Ele cortou o cabelo.*

A segunda coisa que penso é: *Talvez tenha feito isso por ela.*

Se é que há alguém. Nunca acreditei naquela história. Se ela existe mesmo, não está ali. *Eu estou.*

West está assustador. Com a barba por fazer, uma sombra parece emoldurar sua fisionomia: maçãs do rosto, globos oculares, testa saliente, queixo bem desenhado, boca tensa. Os músculos em seus braços cruzados estão mais definidos.

O West que me deixou em Des Moines há quatro meses era um rapaz, às vezes um menino, mas aquela pessoa me esperando é um homem grande, duro e com jeito de mau. Quando olha na minha direção, eu congelo.

Estou usando um cardigã branco sobre uma blusa verde nova que custou caro demais. Jeans de grife. Sapatilhas nada práticas. Roupas ridículas para agosto, porque sempre faz frio nessa época. Eu queria ficar bonita, mas me atrapalhei. Tenho o dom de fazer

coisas erradas. Ainda assim, acho que nada que eu possa fazer pode ser comparado com o que está acontecendo na vida de West.

Ele se endireita e dá um passo à frente.

– Oi – digo, quando nos encontramos a poucos metros da caminhonete preta dele. Tento sorrir. – Você veio.

Ele não sorri em resposta.

– Você também.

– Desculpe pelo trabalho.

Eu havia mandado uma mensagem para ele pouco antes de embarcar. Como não queria dar chance de ele dizer não, apenas informei o número do voo e quando chegaria.

Quando o avião aterrissou em Minneapolis, havia três mensagens de texto e uma mensagem de voz dele, todas variações do mesmo tema: “Dê meia-volta e vá para casa.” Esperei até estar embarcando para Portland para mandar outra mensagem: Vou alugar um carro.

Saindo da ponte de embarque, recebi a resposta dele: Vou pegar você.

Como era o que eu estava esperando, respondi: Tudo bem.

Mas nada parece bem. Nem perto disso. West está de bermuda cargo e camisa polo vermelha com o logotipo de uma empresa de paisagismo. Está bronzeado. Não reconheço seu perfume, um cheiro fresco e resinoso, como a parte interna de um armário de cedro depois de ser lixado.

– Você veio do trabalho? – pergunto.

– Sim. Precisei sair mais cedo.

– Desculpe. Você devia ter me deixado alugar um carro.

West estende a mão. Por um instante, acho que vai me puxar para si, mas ele apenas pega a alça da minha mala. *Recomponha-se, Caroline. Você não pode pirar toda vez que ele se aproxima.*

Ele abre a porta do lado do carona para colocar minha bagagem atrás do banco. A caminhonete é imensa, com a lateral dianteira violentamente amassada. Tomara que ele não estivesse dirigindo quando aquilo aconteceu.

Quando West volta, estou avaliando a musculatura de suas costas, lembrando a sensação de ter os ombros dele sob as minhas mãos na última vez que o vi. Ele é West e não é West.

Ele dá um passo para o lado para me deixar entrar. O interior do veículo tem cheiro de tabaco e, embora eu esteja com muito calor, opto por continuar de casaco. Eu me sentiria estranha em relação a me despir, de qualquer forma.

Viro para fechar a porta e nossos olhos se cruzam. É quando me dou conta. Ele não está diferente por causa do cabelo, do bronzeado ou dos músculos. São os olhos. A expressão dele está civilizada, mas seus olhos estão mais selvagens, como se quisesse rasgar o mundo e arrancar suas entranhas.

– Quer comer alguma coisa? – pergunta ele.

Não acho que o tom de ódio e cinismo de sua voz seja direcionado a mim. Tenho quase certeza de que é direcionado a tudo. Mas isso me causa um arrepio de apreensão, porque nunca ouvi West desse jeito antes.

– Não, estou bem. Jantei em Portland.

– São quase três horas até Silt.

– Estou bem – repito.

Ele está me encarando. Contraio os lábios para não me desculpar.

Sinto muito por ter vindo quando você me ligou. Sinto muito por ter precisado de uma carona do aeroporto. Sinto muito por estar aqui, sinto muito por você não me amar mais, sinto muito que aquele cretino violento do seu pai esteja morto.

Meu pai não queria que eu viesse. Precisei pedir demissão do meu emprego temporário como recepcionista de um consultório dentário algumas semanas antes do combinado e usar quase tudo o que recebi no verão inteiro para pagar a passagem de avião – uma atitude que meu pai chamou de “estúpida”.

Ele não confia em West e, pior, não confia em mim quando se trata dele. Sempre discutimos quando o assunto vem à tona. Brigamos feito cão e gato no café da manhã, até meu pai perceber que não conseguiria me convencer a não fazer isso.

Para piorar a situação, estamos preparando minha ação civil contra Nate, meu ex-namorado, por invadir minha privacidade e me causar danos morais. Meu pai me quer por perto para que possamos ler juntos, mais quatro mil vezes, a queixa que ele preparou. Ele é juiz de profissão, pai solteiro de três filhas, um controlador detalhista

e irritadiço por natureza. O que o torna, nesta situação, meio que insuportável.

Lembro a ele que foi justamente para se dedicar aos documentos que pagamos um zilhão de dólares antecipados ao nosso advogado, mas papai alega que se trata de uma experiência de aprendizado para mim. Se eu quero ser advogada, preciso prestar atenção.

Eu *presto* atenção. Tento, pelo menos. Ficou muito mais difícil depois que West contou que estava saindo com outra pessoa. E, quando ele me ligou ontem à noite, todos os outros pensamentos desapareceram da minha mente.

O julgamento está se aproximando e é importante. Manter os meus compromissos também. Mas West é *mais*.

Não vou abandoná-lo.

– Você não precisa exagerar. Estou aqui para ajudar.

Sem dizer uma palavra, ele bate a porta, senta-se ao volante e começa a dirigir. Eu pensava que Eugene fosse uma cidade, mas me enganei. Depois que deixamos o aeroporto, entramos imediatamente no meio do nada. É tudo tão verde!

West vira à direita, seguindo na direção das montanhas. São quase sete horas da noite. Chegaremos a Silt antes das dez, se tudo der certo. Não sei onde vou dormir esta noite.

Três horas dentro daquela caminhonete com West no escuro.

Por fim, decido que é melhor tirar o casaco. West liga o ar-condicionado e estende o braço para redirecionar a ventilação. Minha pele grudenta de suor esfria, fico arrepiada e meus mamilos enrijecem instantaneamente.

Ele direciona o vento para baixo.

– Você está fazendo paisagismo?

– Estou.

– Você gosta?

Por um segundo, West me recorda o gato da minha irmã Janelle. Ela costumava dar um jato d'água com uma pistola de brinquedo na cara dele para evitar que pule em seu armário. O bichinho faz exatamente essa expressão de desdém incrédulo.

– Sinto muito – digo.

Então tento contar quantas vezes me desculpei desde que saí do

aeroporto.

Veze de mais. Estou permitindo que ele me atinja apesar de ter prometido a mim mesma que não deixaria nada me afetar. É uma situação complicada. Alguém morreu e West estava arrasado o bastante para me ligar: minha função é ser imperturbável. Não vou ficar brava com ele ou bancar a magoada. Não vou me lamentar ou me atirar sobre ele. Vou simplesmente apoiá-lo.

Farei isso porque foi o que prometi quando ele deixou Iowa. Eu o fiz jurar que me ligaria e disse que poderia contar comigo para ser sua amiga.

Ele ligou. Eu vim.

Depois de marinar no silêncio com cheiro de tabaco por um tempo, eu me pego observando West, em busca de semelhanças em vez de diferenças. As orelhas dele ainda são pequenas demais. A cicatriz não desapareceu de uma sobrancelha, e a outra levanta do mesmo jeito de sempre. A boca dele está igual.

A boca sempre foi o máximo para mim.

O cheiro que vem dele parece um dia quente no meio do mato, mas não é exatamente isso. No espaço entre nós há um par de luvas de trabalho que ele deve ter atirado ali. Quero pegá-las, vesti-las, remexer os dedos dentro delas. Em vez disso, olho para a coxa dele. A bermuda desbotada, salpicada de pedacinhos minúsculos de casca de árvore. O joelho dele.

Percorro um caminho imaginário da curva do ombro dele até a borda da manga da camisa. Ele não tem marca de bronzeado. Deve trabalhar sem camisa. Pensar nisso é demais para mim.

Na última vez que o vi, estávamos nos beijando no aeroporto, abraçados, nos despedindo. É cruel eu estar aqui sentada, absorvendo-o, depois de tudo o que ele disse.

Eu não o superei. Tentei racionalizar, mas razão não tem nada a ver com amor. West sempre me deixou mais vulnerável do que eu queria ser.

Eu gostava da pessoa que era quando estava com ele. Ele também me ajudava a ser mais forte.

– O que aconteceu nas últimas horas? – perguntei.

Um músculo se mexe em seu maxilar.

- Não sei. Estava trabalhando.
- Certo... E antes disso?
- Meu pai morreu.
- West, onde está a Frankie?

A última coisa de que soube era que a irmã e a mãe dele estavam morando com o pai no parque de trailers em que West cresceu. West havia abandonado a faculdade e voltado para o Oregon para protegê-las, mas há um limite do que se pode fazer para salvar alguém que não quer ser salvo.

A mãe não admitia a possibilidade de deixar o marido e West se negava a chegar perto do trailer enquanto o pai morasse lá. No fim das contas, ele não via Frankie com a frequência que gostaria e ficava incomodado por não poder se aproximar o suficiente para protegê-la.

– Ela está na casa da minha avó – respondeu ele. – Preciso ir buscá-la.

- Ela está bem?
- Não sei dizer.
- Ela não estava lá, estava? Quando...?
- Minha mãe disse que ela estava dormindo na casa de uma amiga.

Os nós dos dedos dele estão brancos ao volante.

- Você não acredita nela?
- Não tenho certeza.

Então ficamos em silêncio. Ele está com um corte na mão direita, no espaço entre o polegar e o indicador. A pele está meio ressecada, avermelhada e inchada ao redor, com pedaços escamados. Vejo dois pontos em que está rachada.

Uma queimadura. Ou uma esfolada feia.

Em Putnam, eu saberia onde ele havia feito um machucado como aquele. Teria pegado no pé dele até botar um curativo. Faria uma cara de nojo e o mandaria cobrir o corte. Mas provavelmente não teria vontade de tocá-lo, como tenho agora – vontade de estender a mão e acariciar aquela pele rosada nova com a ponta dos meus dedos.

Como ele reagiria se eu fizesse isso? Ficaria surpreso e se

afastaria? Pararia no acostamento e conversaria comigo? Será que ele também quer tocar em mim?

– Que cheiro é esse?

Ele leva a camisa até o nariz. Olho para a fivela do cinto dele e o meu rosto fica quente. Praticamente tudo abaixo da minha cintura responde àquela visão.

Quando reparo, os olhos dele estão sobre mim, o que só piora a situação, porque, por alguns segundos, no período entre as batidas do meu coração acelerado, West não parece irritado. É o mesmo que costumava ser quando eu estava em sua cama, subindo pelo meu corpo depois de tirar minha calcinha, me possuindo, me prendendo pelos pulsos, me preenchendo, acabando comigo.

Solto o ar com força, trêmula.

Franzindo a testa, West concentra toda a sua atenção na estrada, como se ela pudesse se transformar em um campo de obstáculos perigosos a qualquer momento.

O silêncio carregado fica mais longo. Ele expira lentamente.

– Zimbro.

Levo uma eternidade para compreender.

– O cheiro é de zimbro.

Ele tamborila no volante, começa a mexer o joelho esquerdo, balançando para cima e para baixo, e acrescenta:

– A maioria é baixa como um arbusto. É bem comum aqui no Oregon. O paisagista com quem trabalho usa a madeira para fazer deques e cercas, mas já vi em armários e outros objetos. Também se faz...

Ele para de repente. Quando olha para mim, percebo uma espécie de desamparo na expressão dele, como se estivesse arrasado por ser tão difícil evitar falar sobre zimbro.

Ele engole em seco.

– Eu estava cortando madeira. Por isso estou fedendo.

Espero. O joelho dele ainda está balançando. *Vamos lá*, penso. *Fale comigo.*

– Também se faz gim com as bagas de zimbro – diz ele, por fim.

– Tipo o gim de ameixa-brava?

– Não. O gim de ameixa-brava é feito com os frutos do

abrunheiro e açúcar. A gente derrama o gim sobre os outros ingredientes e deixa lá por um tempão.

Pela primeira vez desde que aterrissei, tenho vontade de sorrir. Seja lá o que houver de errado com ele, por mais diferente e arrasado que esteja, o cara ao meu lado é West. O meu West. Quando se trata de curiosidades, ele não consegue se conter.

West é louco por informações inúteis. Será que a menina que pegou o meu lugar o escuta quando ele faz isso? Isso faz com que ela goste mais dele?

Isso se houver mesmo uma garota.

Aquele mesmo pensamento invasivo que tive uma centena de vezes. Mil vezes.

Quem quer que ela seja, não foi para ela que ele ligou.

– Gosto do cheiro – digo a ele.

– Quando estou aqui, não sinto. Mas é a primeira coisa que percebo ao descer do avião quando voou de Putnam para Portland. – Desta vez, quando olha para mim, os olhos dele não entregam nada.

– Era, quero dizer. Quando eu fazia isso.

– Aposto que vou sentir cheiro de esterco quando voltar para Iowa.

O silêncio fica mais confortável desta vez, pelo menos para mim. West continua tenso, tamborilando no volante.

– Esta caminhonete é sua?

– É do Bo. Ele me deixa usá-la.

Bo é o ex da mãe de West. Frankie e ela moraram com ele até ela o deixar pelo pai de West. Bo estava no trailer quando o pai de West foi morto.

Assunto difícil.

– Ele ainda está na cadeia?

– Não. Foi interrogado e liberado.

– Ele... Ele realmente matou o seu pai?

– Ele não diz. Ele estava lá e houve tiros. Havia duas armas. Não sei qual dos dois atirou, se foram os dois ou o quê. Até onde sei, pode ter sido até suicídio.

A raiva está de volta na voz dele, afetando-o de um modo que quase parece deixá-lo desconfortável.

- Mas não é provável, se levaram Bo para ser interrogado.
- E o que você sabe sobre o que é provável ou não?
- Nada. Desculpe.

Então aí estão as regras. Zimbros são um tema de conversa aceitável. A morte do pai dele é forçar a barra. Especulações sobre o que vai acontecer a seguir? Além dos limites.

West se inclina para a frente e liga o rádio. A música toca alto, um rock pesado. Desligo.

- Quando vai ser o funeral?
- Quando o legista liberar o corpo.
- Ah.
- Eu não vou.
- Tudo bem.

Mais silêncio. Florestas escuras nos dois lados da estrada. Estamos subindo agora, seguindo para o topo dos morros.

- Quanto tempo você vai ficar?
- Pelo tempo que você precisar.

Ele olha para mim por tanto tempo que começo a ficar com medo de que possamos sair da estrada.

- O que foi?
- Quando começam as aulas?
- No dia 28.
- Duas semanas.
- Duas semanas e meia.
- Você não vai ficar aqui por duas semanas e meia.
- Só se você precisar.

West olha pela janela do lado do motorista.

- Você não devia ter vindo.

Eu já havia pensado a mesma coisa, mas dói ouvi-lo dizer.

- É bom ver você também, querido.
- Eu não a convidei.

– Que gentil da sua parte notar, eu *realmente* emagreci um pouco.

Ele me avalia com o olhar.

- Você está esquelética.

Magoada, paro com a brincadeira.

- Vou tratar de engordar uns quilos para sua apreciação visual.
- Se quiser dizer “Vá se foder, West”, pode dizer.
- Vá se foder, West.

O maxilar dele fica tenso. Quando ele estende o braço até o rádio, eu dou um tapa na mão dele.

- Não sei o que devo fazer com você – diz West.
- Você deve me deixar ajudar.
- Eu não quero você perto dessa merda toda.
- Que gentil, mas azar o seu.

Isso me rende um olhar criminoso.

- Você não pertence a Silt.
- Acho que estou prestes a descobrir isso.

Ele leva a mão até o rádio de novo. Desta vez, deixo que ligue o som. Penso que estamos seguindo na direção do oceano Pacífico. Penso em West e em por que estou ali.

Não tenho respostas, mas não estou me enganando. Dentro de um *nécessaire* no fundo da minha mala há uma pulseira de couro com o nome dele escrito. Eu não devia estar aqui, mas estou. E só vou embora quando tiver certeza de que nunca mais voltarei a usar aquela pulseira.

A estrada é muito estreita e tem um precipício no lado do motorista. A mureta de segurança não seria muito eficaz se ele virasse o volante com força e nos mandasse para fora do asfalto. Não que ele fosse fazer isso.

Acho que não.

Subimos por entre fileiras de árvores, percorrendo curvas amplas ao som de água correndo. As árvores tapam o sol. Não consigo parar de pensar no verde. Agosto também é verde em Iowa, mas lá a cor abraça a terra em fileiras compridas e gramados baixos. Aqui, é tudo árvore. Mais árvores do que já vi em um único lugar, enchendo a estrada e atraindo meu olhar para o céu.

Depois de um tempo, descemos, percorrendo curvas lentas e tranquilas morro abaixo. É como esquiar. A estrada é tão estreita, a floresta tão densa. Parece nativa, inacabada.

O silêncio aumenta e fica banal. O trajeto é interminável. West passa a mão por cima dos meus joelhos para abrir o porta-luvas. Com cuidado para não tocar em mim, pega um maço de cigarros.

– Você está fumando agora?

– Pode pegar o isqueiro para mim, por favor?

Vejo o isqueiro cor-de-rosa de plástico barato, mas está muito no fundo para ele alcançar. Deixo-o onde está.

– Fumar é nojento.

Chegamos a uma reta. Ele se inclina por cima de mim até onde precisa para pegar o isqueiro, o que é o bastante para ele pressionar o ombro no meu joelho. O isqueiro brilha quando ele se endireita, com o cheiro cáustico e depois açucarado do tabaco queimando. Os efeitos do nosso breve instante de contato atravessam meu corpo, causando um arrepio em minha pele.

West sopra a fumaça pela janela para que se dissipe na escuridão.

Eu me sinto como aquela fumaça, me dissolvendo um pouco mais a cada quilômetro percorrido, a cada toque da mão dele. A escuridão concentra o rancor dele, tornando-o mais sólido e me deixando mais irrelevante, irreal.

Saio do meu devaneio quando ele se inclina para a frente para abaixar o rádio, um evidente prelúdio à conversa.

– E o Nate? – pergunta ele.

– O que tem ele?

– Ele parou de postar as fotos?

– Sim. Elas aparecem às vezes, mas isso vai acontecer. Não acho que seja mais ele.

Nate passou a maior parte do último ano postando e repostando on-line fotos íntimas nossas enquanto eu perdia dezenas de horas entrando em contato com proprietários de sites para fazer com que fossem removidas. Foi a brincadeira de pega-pega mais chata do mundo.

Ele finalmente parou com isso, depois que levei o problema ao gabinete do reitor. Quando a universidade começou a investigar, eu esperava que ele acabasse sendo expulso por violar a política de tecnologia do campus, mas isso não aconteceu. Ele foi dissimulado

demais e é um mentiroso convincente. De que outra forma teria me convencido de que era uma pessoa bacana durante todo o tempo em que saímos juntos?

A universidade o liberou com uma suspensão dos privilégios de internet – um puxão de orelha –, mas a investigação disciplinar deve tê-lo abatido, porque ele parou de postar as fotos.

- Já sabe a data do julgamento? – pergunta West.
- Não, ainda não terminamos a elaboração da queixa.
- E a história do anonimato?

Ingressar com a ação anonimamente em vez de como Caroline Piasecki significa que o meu nome não aparecerá ligado ao caso e os registros públicos do processo não me identificarão.

Isso significa, por sua vez, que existe uma chance de todo o meu futuro econômico e político não ser manchado pelo que Nate fez.

– Meu pai conhece alguém que conhece o juiz que vai tratar do caso. Não será um problema.

– Então quando marcarão a data do julgamento?

– Depois de registrarmos a queixa, o que deve ocorrer a qualquer momento – respondo. – Deve levar pelo menos doze meses até o julgamento.

– Vai ser legal ver aquele escroto se ferrar pelo que fez.

– Acho que sim.

– Você acha que sim?

– Vai custar uma fortuna.

– Quanto?

– Talvez 100 mil dólares, segundo o advogado. Pode ser mais.

West assovia.

– E ele diz que pode ficar feio, como um caso de estupro. Eles vão atacar a minha credibilidade. Então estou tentando me preparar para tudo isso.

– Não deve ser fácil se preparar pra uma coisa assim. Advogados cretinos pegando no seu pé pela sua vida sexual.

– Não se esqueça da minha estabilidade mental.

– A sua estabilidade mental é ótima.

– Quis dizer que eles vão pegar no meu pé pela minha estabilidade mental.

Os cantos da boca dele estão meio que se levantando em um sorriso.

– Que ótimo. Mande ligarem para mim, vou contar a maluca que você era na padaria no ano passado.

– Isso seria ótimo, obrigada.

– O prazer é meu.

Aperto as mãos nas coxas para não levá-las até a dor no meu peito. É fácil demais conversar com ele. Relembrar.

Se fechar os olhos e fingir, consigo me esquecer de todas as coisas ruins que existem entre nós e me deixar envolver pelas lembranças daquelas noites na padaria, quando estava me apaixonando por West.

Talvez ele sinta a mesma coisa, porque se inclina para a frente para aumentar a música. Olho para o verde das árvores e os galhos borrados. O assunto do julgamento esfria e eu me permito fechar os olhos e pensar em por que estou ali. O que eu quero. Meu objetivo.

West.

Depois de um tempo, no entanto, restam apenas o cansaço e a escuridão.

O ar frio me desperta. Estamos estacionados na rua de um bairro de casas quase idênticas – todas pequenas, amontoadas em terrenos minúsculos. West está do lado de fora do carro. O rosto dele está triste, sombrio.

– A Frankie está aqui? – pergunto.

– Sim. É a casa da minha avó.

Ele está segurando a parte de cima da porta do carro, inclinándose na direção da janela, me examinando através do vidro. É como se usasse a porta como escudo para poder olhar para mim, olhar para mim de verdade, como ainda não havia feito.

Ele passa o seu olhar pelo meu corpo, pairando um pouco sobre as partes que costumavam ser as suas preferidas. É como nos meus sonhos. A minha mente está confusa e lenta demais para eu me defender do calor do olhar de West. Eu só quero agarrá-lo e tê-lo

sobre mim, dentro de mim, as mãos quentes, a boca molhada... e todas as coisas de que venho sentindo falta.

Algumas horas na caminhonete e os meus pensamentos puros de amizade e lealdade não passam de uma camada desagradável sobre semanas de saudade e desejo.

- Você vai ficar aqui esta noite.
- O quê, para dormir?
- Sim.
- Onde você vai dormir?
- Na casa do Bo.
- Qual é a distância?
- Trinta quilômetros.
- Quero ficar onde você estiver.

Ele puxa o assento dele para a frente, enfiando-se no espaço atrás para pegar a minha mala. Quando começa a levá-la até a calçada, entendo que essa decisão dele não é negociável. Corro atrás dele.

- Quem está aí?
- Pelos carros, acho que minha avó, minha mãe, Frankie e umas duas tias minhas.

Eu não sabia que ele tinha tias ou uma avó.

- Alguma coisa que eu deva saber sobre elas?
- Tirando a minha mãe e a Frankie, eu não as vejo há seis anos.
- Sério?

Ele franze a testa.

- Você acha que eu estou brincando?

Não acho. Sinto dor no estômago.

- Desculpe. Como eu... Quem eu devo dizer que sou?
- Diga a elas o que quiser.

Ele toca a campainha. *Isso vai ser esquisito*. Tenho tempo apenas para respirar fundo antes de a porta ser aberta e dar diretamente na cozinha.

A primeira coisa que percebo é que há uma mulher soluçando à mesa.

Duas outras mulheres e três crianças estão amontoadas no ambiente com ela, mas não presto muita atenção a elas, porque a

segunda coisa que percebo é que a mulher que abriu a porta tem os olhos iguais aos de West.

É estranho ver os olhos de West no rosto enrugado de uma mulher.

Além dos olhos, não há muita semelhança. Ela precisa levantar muito a cabeça para falar com ele, porque é baixinha. Ela é redonda em todas as direções – peitos, quadris, bumbum –, com cabelos grisalhos. Dá uma tragada em um cigarro na mão esquerda e percebo, quando ela o leva até os lábios, que seus dedos parecem seguir em uma nova direção a cada junta inchada.

– As surpresas não vão parar nunca? – pergunta ela.

Longe de uma saudação de boas-vindas. Eu meio que espero que ela exale a fumaça no rosto de West e bata a porta, mas, em vez disso, vira a cabeça para o lado e diz:

– Michelle, adivinha quem chegou.

Michelle é a mãe de West. Ela levanta o rosto. Está com os olhos inchados.

– Quem é essa?

Ela fala com uma voz rouca e assustadora. Tenho vontade de cobrir o rosto com as mãos.

– Esta é Caroline – responde West.

Ela pisca. Esfrega os olhos. Pisca de novo.

– Que Caroline?

Atrás de uma porta fechada entre a cozinha e o outro ambiente, ouvimos o som de uma descarga. West pergunta à avó:

– O que ela tomou?

– Ela está assim o dia todo.

– Merda! – Ele inspira profundamente. – Podemos entrar?

– Apresente a gente – diz a avó dele.

– Caroline, esta é a minha avó Joan. Vovó, Caroline. – Ele aponta para o outro lado da cozinha. – Tia Stephanie, tia Heather e os meus primos Tyler, Taylor e... eu não conheço aquela ali.

– Hailey – diz a mulher chamada Heather.

– Muito prazer, Hailey. Sou West.

Aperto a mão da avó de West e digo um “oi” baixinho.

– Eu a trouxe aqui para tomar conta da Frankie.

- Eu estou tomando conta da Frankie – Joan informa.
- Você tem outras coisas com que se preocupar.
- Eu posso tomar conta de uma criança.

A porta do banheiro se abre e eu reconheço a irmã de West no mesmo instante em que o rosto dela se ilumina ao vê-lo.

– West!

Sou tomada por alívio – mais do que estava preparada para sentir.

Eu nunca havia visto Frankie pessoalmente, mas quando West e eu estávamos juntos, nós duas começamos a trocar mensagens de texto. Ele não deve saber, mas nunca paramos de nos falar.

Não que sejamos confidentes ou algo parecido. Frankie tem apenas 10 anos. Ela me manda fotos de meninos bonitinhos e piadas ruins. Eu mando a ela links de histórias de que acho que ela vai gostar, ou simplesmente pergunto como ela está.

“Como está a escola?” ou “Como está a vida?”.

Nunca perguntei: “Como está West?”

Acho que imaginei que isso seria ultrapassar o limite, mas, ali parada, acho absolutamente hilário que eu tenha pensado que houvesse limites. Quero dizer, estou em Silt, no Oregon. Eu evidentemente não tenho limites.

West passa os braços ao redor de Frankie e afunda o rosto nos cabelos dela, de olhos fechados, e eu não consigo desviar o olhar.

Ele quer que eu fique ali, então vou ficar ali.

Ele quer que eu cuide da irmã dele, então vou cuidar da irmã dele.

Não há nada que eu não faria por West Leavitt.

Frankie e eu dormimos no sótão naquela noite. É um ambiente grande, de pé-direito baixo, repleto de caixas e sacos de lixo lotados, com uma cadeira quebrada, a tábua de passar roupa e o balde com esfregão. Quadrados de tecido forram o chão – pelúcia marrom escura e estampa turca ao lado de outra cor-de-rosa.

Minha aposta é que se trata de amostras de uma loja de carpetes. O sótão faz meu nariz escorrer. A coriza começou assim

que eu me deitei e meus olhos passaram a lacrimejar. Eu não paro de espirrar.

Com certeza não vou conseguir dormir. Frankie está ao meu lado, cada uma em um saco de dormir sobre um catre feito de cobertores e embalagens de ovos. Toda vez que tenho certeza de que ela finalmente caiu no sono, ela se mexe.

Antes de ir embora, West levou a irmã até a varanda e conversou com ela por um tempo. Então foi até a sala de estar com a mãe e falou com ela em voz baixa enquanto a avó jogava uma manta sobre os ombros de Michelle.

Fiquei na cozinha conversando com Frankie enquanto as tias de West conversavam entre si e os primos discutiam em voz alta sobre quem dormiria em qual cama quando voltassem para a casa de Stephanie naquela noite.

Depois que Michelle caiu no sono, Joan fechou uma pequena porta entre a sala de estar e a cozinha, e o grupo de tias e primos foi embora. Frankie ficou feliz demais com a oportunidade de me fazer mais uma dúzia de perguntas. Como havia sido a minha viagem? Quantos aviões? Grandes ou pequenos? Onde eu havia comprado a minha blusa? E os sapatos? Por quanto tempo ficaria lá e por que ninguém tinha contado para ela que eu estava a caminho?

Fiz o máximo para responder, mas estava tensa, esperando que West voltasse. Quando ele finalmente reapareceu, foi direto para Frankie.

– Quando você vai voltar?

– Amanhã, depois do trabalho. A Caroline vai ficar de olho em você.

– Alguma orientação? – perguntei.

– Fique com ela. Se alguma coisa estranha acontecer, me ligue.

Defina "coisa estranha".

Pensei em pedir a ele que me explicasse, mas ele parecia tão cansado que decidi deixar para lá. Pobre West. As coisas já estavam estranhas.

Espirrei alto, desejando que tivesse trazido lenços de papel. Malditas alergias. Poeira e ácaros, mofo e pelos. Nunca sei quando algum lugar vai me fazer ter uma crise. Tenho sempre um

antialérgico na bolsa, mas tudo o que encontrei quando fui procurar foi uma embalagem de comprimido vazia, meio amassada.

O melhor é descer a estreita escada de madeira que me levou até ali e tentar encontrar Joan. Talvez ela tenha alguma coisa que eu possa tomar. Espero que ainda não tenha dormido.

Quando me viro de lado, me preparando para me mexer, Frankie diz:

– Caroline?

Congelo. Na minha frente, há uma pequena janela quadrada e a lua do lado de fora, quase cheia. Atrás de mim, há uma menininha cujo pai está morto.

West me queria ali, com ela. Mas o que ele queria que eu dissesse?

– Sim?

– Você acha que ele vai embora de novo?

– Quem, o West?

– É.

Eu me viro para ela e me apoio em um cotovelo. O saco de dormir dela está suficientemente perto de mim para que eu consiga vê-lo subir e descer com sua respiração.

O dela é do Meu Querido Pônei. O meu é do Homem-Aranha.

Os olhos dela estão imensos à luz fraca. Ela tem os olhos castanhos e o queixo marcado da mãe, mas o resto dela é West: as mesmas maçãs do rosto, sobrancelhas arqueadas, boca larga e o cabelo escuro e espesso. Ela é linda e muito novinha, os dentes da frente um pouco grandes demais para o rosto.

– Não sei – respondo sinceramente.

– Mas o que você acha?

– Eu acho... que ele vai fazer o que achar que é melhor.

Ela fica quieta.

– Ele pediu para você vir?

– Não.

– Então por que você veio?

– Eu achei... que poderia ajudar.

Ela se apoia no cotovelo, espelhando a minha posição.

– O que você pode fazer?

– Não muita coisa – admito. – Fazer companhia a você, se você quiser.

– Posso confessar uma coisa?

Não. Não me conte nada. Eu não sei o que estou fazendo. Mas isso é apenas covardia. Eu aprendi a ignorá-la.

– Claro.

– A mãe contou que eu não estava lá, mas eu estava. Eu vi o que aconteceu.

Os olhos dela brilham, úmidos.

– Eu vi.

– Você quer... falar sobre isso?

Ela balança a cabeça. As lágrimas começam a correr. Solto os braços do saco de dormir e os passo ao redor dela, puxando-a para perto e acariciando seus ombros magrinhos.

– Shh, shh, shh, vai ficar tudo bem.

Mas eu não faço ideia se vai ficar.

Depois de um tempo, a respiração dela se acalma e fica mais lenta. Percebo quando ela cai no sono.

Eu vinha segurando um espirro fazia um tempo, inspirando profundamente e apertando os olhos fechados. Assim que consigo, eu me afasto dela e desço a escada.

A avó de West está sentada à mesa com uma caneca à sua frente, tricotando. Uma TV pendurada na parede exibe um noticiário sem som. Um rádio toca músicas antigas, enquanto um aparelho que eu suponho ser um rádio de polícia fica emitindo um barulho com chiados.

A palavra "San Francisco" está escrita em rosa-claro na frente da camisola comprida dela. Ela tem os braços pálidos, a pele frouxa e cheia de veias estouradas.

– Ela dormiu?

– Dormiu.

– Menina durona.

Acho que é mesmo. Precisa ser.

– Quer um pouco de café? – pergunta Joan.

– É descafeinado ou...?

– Eu não tomo descafeinado.

– Não, tudo bem. Eu só vou ao banheiro rapidinho.

O assento do vaso sanitário está gelado. Há um buraco no gesso um pouco acima da banheira, posicionado de tal modo que eu imagino que alguém o está criando com a parte de trás do crânio. Batendo até amassar a placa de reboco, com mais força até chegar ao gesso.

Espiro três vezes no banheiro.

– Está resfriada? – pergunta ela quando saio.

– Alergia.

– Precisa de algo para isso?

– Qualquer tipo de antialérgico seria ótimo.

Ela se levanta com cuidado, os movimentos de uma mulher que não se sente mais confortável no próprio corpo. Um minuto depois, está de volta com um pote de remédio genérico para alergia e um copo d'água.

– Obrigada.

Tomo os comprimidos e espiro de novo. Ela serve mais café para si e senta.

– Você e West são próximos?

Minha cabeça está doendo. Está tarde demais para eu me sentir esperta, escuro demais lá fora para bobagens.

– Fomos.

– Ele confiou Frankie a você.

– Ele não me quer aqui.

Ela me lança um olhar compassivo.

– Ele *finje* que não quer você aqui.

Ficamos em silêncio. A cozinha se enche com o chiado do rádio de polícia e o tom meloso de alguma cantora antiga no rádio.

– Ele contou a você há quanto tempo não nos víamos? – pergunta Joan.

– Ele disse seis anos, mas não disse por quê.

– O pai dele... meu filho. A última vez que ele ficou com Michelle, as coisas terminaram mal e West estava no meio. West veio até aqui e me obrigou a escolher um lado. Todo mundo precisava escolher. Ninguém mais seria neutro.

Ela puxa o açucareiro para mais perto e põe mais algumas

colheres na caneca.

- Você escolheu o seu filho.
- Achei que West fosse voltar atrás.

Sorri.

- West não volta atrás.
- Durante seis anos, não voltou.

Queria ter aceitado o café. Dormir ali seria impossível e eu estava com inveja da caneca fumegante dela.

– Meu filho não prestava. – Ela dirige a observação à xícara de café, a qual gira lentamente. – Não sei por quê. Não acho que tenha sido algo que eu tenha feito. Os outros três saíram direito. Mas Wyatt sempre foi muito cheio de si. Um valentão.

Ela toma um longo gole de café e franze a testa.

- Agora ficou doce demais.

Sinto como se devesse dizer algo.

- Eu sinto muito.

– Michelle não é melhor do que ele. Você a viu. Ela vai ficar se lamuriando durante semanas, meses talvez, e jamais pensará uma vez sequer no que isso fará com a filha ou o filho.

É assustador quando Joan finalmente olha para mim. Os olhos de West. O rosto de uma estranha. Uma força familiar com que sei que posso contar.

- Você veio para levá-lo com você?

- Não sei.

Ela toma o resto do café e se levanta para deixar a caneca na pia. Olha para a lua pela janela.

- Tire ele daqui – diz ela baixinho. – Ele não vai ter outra chance.

Passo a manhã seguinte lavando louça e descascando ervilhas com Frankie na mesa da cozinha de Joan. Depois disso, ela tenta nos ensinar a tricotar. Frankie aprende mais rápido do que eu. Fico enganchando a linha na agulha, fazendo buracos na linha.

Joan diz que eu sou boa fazendo buracos.

Para o almoço, ela aquece sopa de tomate em lata e prepara sanduíches de manteiga e queijo branco. Há um movimento

constante de gente entrando e saindo da cozinha dela – amigos, vizinhos, parentes, uma mulher com quatro filhos que, pela conversa, compreendi se tratar de uma colega do grupo de Alcoólicos Anônimos de Joan.

Eu não sou apresentada à mulher. Ela chega e vai embora. Joan sai para fumar um cigarro e volta, liga a torneira da pia, fala ao telefone, aumenta o volume do rádio. Se não está com as mãos ocupadas com outra coisa, tricota. Tem uma sacola vermelha presa ao cós da calça onde guarda as agulhas. Ela tricota sem olhar, quadrados de 30 centímetros em marrom e azul, verde e vermelho.

Sua sala está coberta por tricôs: duas mantas sobre o sofá, uma sobre a poltrona, uma cesta transbordando de linhas no canto. Há uma pilha de livros sobre pontos de tricô embaixo da mesa de centro.

Sento-me perto de Frankie e faço um pequeno afago na cabeça dela. Ela parece precisar um pouco disso. É uma mistura espantosa de menina e mulher. Maquiagem cuidadosa nos olhos e postura encurvada. Eu entendo por que West a ama. Frankie é tudo o que há de bom nele. Barulhenta e divertida, cabeça quente e rápida em perdoar.

“Seus cabelos são tão lindos”, ela me diz.

“Como faz sua maquiagem?”

“Você me ensina a arrumar a echarpe desse jeito?”

Ela não diz mais nada sobre o que testemunhou. Não chora.

Eu me pergunto se deveria contar a alguém. A mãe dela sabe a verdade, qualquer que seja. Não consigo me imaginar traindo a confiança de Frankie, entregando a outra pessoa o que ela me contou.

A única pessoa a quem consigo me imaginar contando é West, mas ele não está ali. À tarde, ficamos sabendo que Bo foi levado para ser interrogado mais uma vez. A mãe de West cai no choro. Ela chora por Wyatt estar morto e por Bo estar na cadeia. Frankie olha fixamente para a TV, os olhos arregalados e cheios de lágrimas. Passo os braços ao redor dela enquanto vemos novelas. West não manda nenhuma mensagem. Não liga. E não aparece, embora tenha dito que apareceria.

Naquela noite, leio a versão on-line do jornal local depois que Frankie cai no sono, tentando preencher as lacunas. Tiros foram ouvidos no parque de trailers. Um ferimento à bala no peito. Morto ao chegar.

Os vizinhos alegam que foi uma discussão que saiu do controle. O jornal diz que havia apenas duas testemunhas: Michelle e Bo. Bo foi interrogado, liberado e interrogado novamente.

Eu quero construir uma narrativa a partir desses fatos simples e objetivos. Quero uma história que eu mesma consiga contar, mas tudo o que vejo é o rosto marcado por lágrimas de Michelle. Frankie enrolada no sofá, com a cabeça no meu colo enquanto assiste a TV. Pessoas entrando e saindo pela porta da cozinha, conversando com Joan, deixando comida e ajudando de alguma maneira.

Mando uma mensagem de texto para West: O que você está fazendo? Quando vem aqui? Devo alugar um carro?

Ele me ignora.

Mesmo quando estávamos namorando, West nunca quis que eu soubesse nada sobre Silt. No entanto, aqui estou eu, e antes que ele me obrigue a sair de sua vida, vou descobrir o máximo possível sobre este lugar e essas pessoas.

Meu segundo dia em Silt é praticamente igual ao primeiro, só que eu ouço com mais atenção, fico mais alerta e mando quatrocentas mensagens para West.

Como estão as coisas?

O que está rolando?

Precisa de alguma coisa?

Como ele não responde, tento declarações aleatórias.

Vendo novela c/ Frankie.

Tomando creme de ervilha.

“Creme de ervilha parece ranho, mas é gostoso.” Comente.

Então desisto e simplesmente começo a digitar qualquer coisa que me venha à mente.

Quando você sai do trabalho?

Vou ver você esta noite?

Acho que vou sair para tomar uma cerveja.
Jogar sinuca de saia curta.
Conferir a noite local.
Você gosta mais de chocolate com passas ou amendoim?
Balas de leite ou de hortelã?
Mar ou serra?
Quero ver você.
Venha para o jantar.

Para minha surpresa, ele vai. As tias e a avó dele se reúnem ao redor da mesa da cozinha com sua mãe. Primos com pratos de papel, salada de frutas com creme batido e marshmallows, frango cozido durante todo o dia em panela de barro.

Quando ele leva o prato até o sofá, vou atrás. Sento ao lado dele e pergunto:

- Como foi o seu dia?
- Recebi um monte de mensagem de texto.
- Alguma interessante?

Ele fica olhando para a TV com o prato equilibrado no colo e morde um pedaço de pão cheio de manteiga.

– Não.

Mas ele me olha de lado e o entortar malicioso da boca dele me faz corar. Eu já vi aquele sorriso na cama, jantando, no carro dele, na padaria, em todas as partes da nossa vida juntos.

Sentia falta daquele sorriso.

– Você não pode me ignorar – digo.

Ele apenas mastiga e engole, olhando fixamente para a frente. Eu me inclino para mais perto e sussurro de modo que apenas ele consiga me escutar.

– Eu não vou embora enquanto não souber que você está bem.

Ele fica completamente paralisado. Ele nem respira e eu prendo a respiração em solidariedade, tão absorvida por ele que nem sequer me dou conta disso até ele se virar para mim. O rosto dele está a poucos centímetros de distância.

A coxa dele está ao lado da minha. Os olhos dele, o nariz, a

boca, o rosto.

Meu Deus.

Não pode haver outra mulher. Se houvesse, eu não me sentiria assim. Eu não poderia me sentir assim. Tão viva. Tão real.

Ele se sente assim também?

– Então você vai embora se eu disser que estou bem?

– Eu preciso acreditar.

Minha camisa branca está refletida nos olhos dele, um clarão em contraste com as pupilas escuras. Sei que ele está sentindo alguma coisa. Sei que há coisas que ele quer me dizer. Então por que não diz?

Depois que foi embora de Putnam, West bloqueou qualquer conversa que incluísse as palavras “mudança” ou “transferência”, qualquer conversa sobre nos vermos novamente. Tudo é preto ou branco para ele. A mãe dele voltou para o pai, então ele teve que voltar por Frankie.

Tudo o que conseguiu com ela foi uma tarde por semana no McDonald’s perto da escola. Uma hora para West examinar a irmã e a mãe atrás de hematomas, interpretar as respostas delas, esperar pelo dia em que descobriria que alguma coisa estava errada.

No resto do tempo, ele trabalhava. E dormia. Ia a bares com Bo e, de vez em quando, ficava bêbado o bastante para me ligar. Nós havíamos terminado. Eu não devia continuar tentando ser amiga dele. Eu não devia mandar mensagens de texto.

Não devíamos ficar conversando pelo telefone às duas da manhã, só que ficávamos. Porque ele me ligava. E depois que começávamos a conversar, nos pegávamos fazendo piada, divagando até um de nós dizer alguma coisa errada. Deslizávamos juntos no escuro, as mãos onde não deveriam estar.

“Sinto a sua falta.”

“Quero você.”

“Preciso de você.”

“Ainda amo você.”

“Gata, eu não posso. Não posso.”

Ele me dizia que eu merecia coisa melhor, mas nunca conseguia convencer a mim mesma de que havia qualquer outra pessoa além

de West. Vejo o rosto dele corar. Ele engole em seco. Sinto o calor vindo dele, o desejo.

Ele pode mentir para mim por mensagens. Pode mentir pelo telefone. Mas não pode sentar ali e mentir para mim com o corpo.

– Eu preciso acreditar que você está bem. Diga que não sente a minha falta. Que não me quer. Que não está pensando em mim o tempo todo, tanto quanto eu estou pensando em você.

Estendo a mão até a coxa dele e o agarro acima do joelho. Os músculos da perna dele se contraem sob meus dedos. West passa uma mão pela minha nuca.

E se inclina para perto de mim.

Acho que ele tem a intenção de dizer algo ríspido, para transmitir a dura verdade da nossa situação. Eu deveria me preparar para isso, só que não consigo. Aquela mão na minha nuca me amolece imediatamente, por tudo.

Era assim que ele me beijava. Exatamente assim. E quando ele me deixa assim tão próxima, olha para mim desse jeito, eu vejo dentro dele e sou capaz de catalogar todos os sentimentos que atravessam seu rosto.

O desejo. O tesão.

A necessidade que sente de mim, a vontade de me tocar, de ter algo de suave nessa vida dura dele. Posso ver agonia também. Angústia. Vejo a angústia vencer a suavidade, ganhar a frente e fechar sua expressão, de modo que tudo o que resta são os seus olhos furiosos.

– Fique com a Frankie. É tudo o que quero de você.

Ele se levanta e sai da sala, como se fosse algo normal a fazer. Levantar-se no meio de tudo, passar por cima do bebê engatinhando, atirar o prato na lata de lixo e ir embora.

Ir para onde quer que seja. Algum lugar aonde eu não possa segui-lo.

Penso em pegar um carro emprestado e perguntar onde fica a casa de Bo. Eu poderia bater à porta, encontrar West e encurralá-lo. Poderia colocar as mãos no peito dele e empurrá-lo.

Diga o que você está pensando. Admita o que eu significo para você. Fale comigo sobre o que você vai fazer agora que ele está

morto. Prometa que está voltando para mim, me convença de que me ama, diga que sente muito.

O que me impede é quanto eu o desejo. Quero segui-lo da mesma maneira que Frankie me segue. Busco conforto nele. Só que, neste momento, ele está sofrendo muito mais do que eu. Essa casca que ele criou é a única defesa que tem.

Eu estou ali por ele. Não por mim mesma. “Fique com a Frankie”, ele disse.

É o que faço.

Meu terceiro dia em Silt é como os dois primeiros.

West se mostra ausente e se recusa a responder às minhas mensagens de texto. Meu pai me liga e eu o ignoro. Quatro vezes. Não posso ficar pensando no que está acontecendo em casa, não se eu quiser permanecer sã. É demais.

Na verdade, não suporto a ideia de conversar com meu pai no momento. Ele está obcecado com o julgamento. Conversar com ele sobre o mesmo assunto consumiu todo o meu verão. Ao acordar, às vezes eu me sentia como se estivesse desaparecendo. Como se não fosse nada além do que sobrou do ano anterior: do que aconteceu com Nate, do que aconteceu com West.

Em vez de atender as ligações do meu pai, volto ao meu trabalho de detetive, me insinuando nas conversas, aprendendo os nomes de todos os primos de West, conhecendo as personalidades das tias e dos tios dele, as disputas subjacentes e as complicadas redes de animosidade que alimentam os dramas diários daquela família.

Há muitos dramas. Entendo por que West escolheu se afastar por seis anos.

Michelle precisa ir até a delegacia para ser ouvida. Joan nos ensina a jogar gamão e fazemos um torneio na mesa da cozinha enquanto ela prepara chile, tricota e conversa ao telefone com as filhas, uma depois da outra, cada uma furiosa com alguma coisa.

Michelle volta para casa com dor de cabeça, chora quando Joan pergunta o que a polícia queria saber e cai no sono no sofá. Frankie fica entediada e pede para jogar baralho. Quando Joan explica que

não tem baralho em casa, Frankie retruca que tem um no trailer. Também estão no trailer as roupas, os objetos de higiene, o celular, o cobertor e tudo o mais de que uma menina de 10 anos de idade necessita.

– Podemos ir buscar? Por favor, Caroline?

– Eu não tenho carro, lembra? Mas posso pedir ao West.

– Ele vai dizer que não. Todos vão dizer que não.

Ela cruza os braços e se joga no chão, desesperada.

– Você sabe por que não podemos ir lá, querida.

No fim daquela tarde, Joan atendeu uma ligação na varanda. Quando voltou para dentro de casa, nos contou que a polícia classificou a morte de Wyatt Leavitt como acidental. O corpo seria liberado e o funeral aconteceria no dia seguinte.

Naquela noite, depois que Frankie caiu no sono, Joan subiu a escada que leva ao sótão.

– Olá. Posso entrar?

– Sim.

– Você pode me acompanhar em uma pequena viagem de carro?

Depois de um trajeto curto, estacionamos na frente de um trailer escuro cercado por fitas amarelas de cena de crime. A maçaneta girou facilmente na mão de Joan. Ela me mostrou como passar por baixo da fita. Legal. *Arrombamento e invasão*, penso.

Tecnicamente, não é mais uma cena de crime. Mas, mesmo que fosse, acho que eu estaria ali. Preciso ver esse lugar. Preciso conhecê-lo, porque faz parte de quem West é.

Este é o passado dele.

Analiso tudo – o cheiro de mofo, o revestimento barato das paredes finas. O tampo da mesa arranhado, a madeira descascada, revelando o branco do forro.

Joan sai do quarto com os braços cheios de roupas.

– Pegue um saco de lixo debaixo da pia.

Obedeço, imaginando onde West guardava suas coisas. O que ele chamava de seu e como o protegia. Ele nunca quis que eu visse isso.

Meu celular toca. Tiro o aparelho do bolso toda atrapalhada, aceitando a chamada sem querer.

- Caroline? – pergunta meu pai.
- Oi, papai.
- Eu estou ligando para você o dia inteiro!

Joan sai com mais uma carga de roupas. Apoio o telefone no ombro e abro o saco de lixo. Ela enfia as roupas lá dentro.

- Desculpe, estou ocupada.
- Fazendo o quê?

Arrombando. Invadindo a privacidade do homem que eu amo. Dando murro em uma ponta de faca. Só que eu não acho que West seja mesmo uma ponta de faca, embora aja de maneira tão inflexível quanto uma.

- Não posso falar agora – digo a meu pai.
- Quando você pode conversar?
- Não sei. Eu ligo para você.

– Você vai ter que fazer melhor do que isso. Eu marquei uma reunião para terça, porque tenho algumas perguntas sobre a queixa. Preciso que você avalie algumas coisas antes. Você estará de volta? Ou...

Não consigo escutar. Do lado de fora, ouço o barulho de alguém se aproximando. Luzes atravessam a janela e iluminam o local, revelando um detalhe sombrio no papel de parede.

Vários respingos.

Sangue.

Desligo o telefone.

Joan sai com um punhado de bijuterias e o baralho de Frankie.

- Vamos sair daqui – diz ela.

Quero me mexer. Fugir. Mas fico parada mais um minuto na mesma frequência que os pesadelos de West, porque, durante muitos anos, fugir também era impossível para ele. Voltamos para a casa de Joan com as janelas do carro abertas. Fico revirando o celular na mão, pensando no meu pai.

O pai de West está morto. Eu vi o sangue dele.

Joan deve ter visto também. A vida do filho dela, respingada nas paredes. Desperdiçada. Fui até ali para ajudar, mas havia tão pouca coisa que eu podia fazer. Tudo o que posso fazer é ficar. Amá-lo. Esperar.

Levo os sacos até o sótão para que Frankie os veja quando acordar.

Haverá um funeral em meu quarto dia em Silt.

West está parado ao lado do caixão com a mãe.

Tento não olhar, mas não consigo evitar. Suas coxas estão justas na calça do terno. O paletó está tão apertado nos ombros que ele parece um capanga de filme de gângster. Quando ele se abaixa para abraçar um dos priminhos, fico com medo que rasgue a calça.

Talvez ele tenha pegado a roupa emprestada, mas algo me diz que não. Aquele é o melhor terno dele. Talvez seja o terno que ele usou na formatura, no baile de fim de ano, não sei.

O terno não serve mais nele e eu quero chorar. Ele parece tão furioso. Obviamente não queria ir. A mãe dele não conseguiu convencê-lo. A avó sabia que era melhor nem tentar.

Mas Frankie o queria ali.

Ela está do outro lado da sala com sua tia Heather, que tem três filhos com pais diferentes e vive de pensão por invalidez no oeste de Idaho. Heather esfrega a lombar, demonstrando dor. Ficar tanto tempo parada conversando com as pessoas também me causa dor nas costas, mas eu não fui atingida por um *pallet* em um armazém dez anos atrás.

Estamos ali há seis horas. Está quente e seco demais, estamos cansados e não há nada para beber ou comer. De vez em quando, Frankie olha ao redor até encontrar West. Os ombros dela relaxam.

Ele está se esforçando muito para fazer aquilo funcionar. Como se, caso o faça, ele próprio não precisará lidar com a situação. Mas o rosto dele me diz a verdade quando baixa a guarda. Quando deixa aquela máscara de raiva cair por um segundo, meio segundo, um instante, eu vejo.

Eu o vi olhando para Frankie enquanto ela conversava com um primo adolescente mais velho, com tudo de mais sensível em West exposto em seu rosto – proteção, agressividade, medo, amor.

Meu Deus, como sinto falta do rosto dele.

Sinto falta das manhãs em que acordava antes dele e decorava

seu semblante: os cílios emaranhados, o formato da boca, a cicatriz na sobrancelha.

Sinto falta das noites em que ficava sentada no sofá com ele no meu colo, o livro aberto diante do rosto. Sua cabeça pesando sobre a minha coxa. A forma como lia alguma coisa interessante e se virava para me contar, o sorriso torto e alegre, meu mundo todo repleto dele.

Quando seus olhos encontram os meus, seguro o olhar, e é o desejo que me leva até ele. É o encaixe da nossa conexão, mais forte do que nunca. É a minha esperança de que talvez eu possa dizer alguma coisa, talvez...

Mas um casal chega a ele antes de mim, a mulher tocando no cotovelo de West e lhe dando as condolências. Uma mulher bonita de cabelos negros, uma década mais velha do que eu, perfeitamente arrumada. Invejo sua postura, seus seios, seu vestido fúcsia transpassado, mas, principalmente, invejo que ela esteja tocando West, e eu não.

Afasto o olhar.

Vejo o caixão aberto.

Não sei de quem foi essa ideia. Eu imaginava que estaria fechado, devido à forma como ele havia morrido, mas ali estava o pai de West, deitado como se...

Nossa. Ele se parece tanto com West. A semelhança é assustadora.

Meu West, morto.

Não sou impressionável, não sou burra, mas meu coração aparentemente é. Meu corpo sente um pânico galopante. Eu começo a suar frio e lágrimas brotam dos meus olhos.

Desvie o olhar.

A mulher está abraçando West. Na ponta dos pés, pressionando os seios contra ele. É um pouco de abraço demais, não? Quadris não deveriam se tocar quando nos abraçamos em um funeral.

Desvie o olhar.

Separado deles por alguns metros, um homem conversa com a mãe de West. Mais velho, cabelos grisalhos distintos, belo terno. Michelle está chorando de novo, embora seja um digno choro de

funeral. Ele lhe oferece um lençinho, enquanto o abraço ainda está rolando à sua direita. A boca dele está como a minha: os cantos caídos, como se desejasse que aquele abraço tivesse um fim rápido. Como se quisesse arrancar o abraço deles, atirá-lo no chão, pisoteá-lo.

Desvie o olhar.

Caixão novamente. Arroto, sinto gosto de vômito, vacilo um pouco nos calcanhares e cambaleio, estendendo a mão para me segurar para recuperar o equilíbrio.

Forro de cetim branco, frio contra a minha pele.

Lembro ter lido que casas funerárias cobram uma fortuna dos enlutados por coisas como forros de cetim e urnas para guardar as cinzas. Bem, não há escolha. Eles não deixariam alguém aparecer com um pote reutilizável dizendo: "Ei, pode encher."

Tudo custa dinheiro. A avó de West vive de pensão do governo e dos benefícios médicos que o marido morto tinha junto a um sindicato da ferrovia. Se não fosse proprietária da casa onde vive, não conseguiria sobreviver. Hoje, Michelle é quem lhe dá dinheiro para as compras da casa.

Michelle "toma emprestado" cerca de 500 dólares por mês de West, às vezes mais. Não está trabalhando desde a morte de Wyatt. O tapete cor-de-rosa pálido, o silêncio de bom gosto, as fileiras de mesas laterais cobertas de flores – tudo está sendo pago por West. Ele pagou para embalsamar o homem cujos punhos acertaram seu rosto.

Olho para o cadáver de novo, porque é tudo o que ele é agora: um cadáver. Encaro o rosto dele até conseguir ver a maquiagem – rímel nos cílios, base, blush. Não é West. Apenas um cretino que doou o esperma. Fico feliz por ele estar morto.

O homem que conversava com a mãe de West toca no cotovelo da esposa e se abaixa para dizer algo em seu ouvido. Ela finalmente solta West, sorrindo e assentindo.

Eles se despedem e vão embora. West olha para mim. Vira para o caixão. Murmura:

– Fique com a minha mãe.

Pois ele que se dane. Ele que se dane por mentir para mim, por

não conversar comigo e por fingir que algum dia houve outra pessoa.

Havia apenas West ali, convencendo a si mesmo que jamais poderia voltar para mim. Que jamais haveria uma forma de voltarmos a ficar juntos. Que eu ficaria melhor se ele me deixasse ir.

“Como ela é?”, eu havia perguntado uma vez a ele. “Ela faz você rir? Você a ama?”

Sem resposta. Passei um dia ruminando, analisando, conversando, bebendo e liguei para desabafar mais: “Os joelhos dela amolecem quando você a beija? Ela sorri quando você trepa com ela? Ela diz o seu nome?”

Eu estava bêbada e corajosa naquela noite. Cheia de mim, aos berros. West desligou na minha cara.

Minha melhor amiga, Bridget, teve de arrancar o telefone da minha mão, porque eu tremia de raiva. Não senti as lágrimas até ela secá-las. Examino suas costas tensas, os ombros retesados se movendo pelo salão. Eu o compreendo melhor do que qualquer outra pessoa. Eu só não sei que porra fazer com ele.

A avó de West me libera.

– Vá lá – sussurra ela, segurando o braço de Michelle.

Eu serpenteio as fileiras de cadeiras dispostas para a cerimônia que ocorrerá em meia hora, saio do salão e desço o amplo corredor principal da casa funerária, com seus sofás antiquados e os quadros a que ninguém jamais poderia se opor – na maioria, cenas bucólicas com vacas ou paisagens marinhas.

West não está à vista. Deve ter saído para fumar. Perto das portas de saída, vejo o homem que estava conversando com a mãe de West ao lado do caixão.

– Você é Caroline, não é?

– Sou.

Ele estende a mão.

– Evan Tomlinson. Posso falar com você um instante?

Tomlinson. Dr. Tomlinson. West o chama de Dr. T. É o homem que pagou para West ir para Putnam.

– É claro.

Da sala onde está o pai de West, ouço uma porta bater. Alguém saindo para a rua?

– Fiquei surpreso de encontrá-la aqui – diz o Dr. Tomlinson. – Achei que West havia rompido todos os laços com Putnam.

– Ele tentou.

Ele coloca as mãos nos bolsos da calça. Os olhos dele percorrem o meu rosto, avaliando. Acho que encontra o que quer, porque diz:

– Irei direto ao ponto. West Leavitt trabalhar com madeira é um desperdício de vida. É um desperdício de inteligência e não gosto de ver potencial sendo jogado fora. Tenho tentado mandá-lo de volta para Putnam e espero que possa me ajudar.

Sim, eu posso ajudar. Eu quero ajudar.

– O que tem em mente?

– Como ex-aluno e grande doador, recebi a oportunidade de recomendar um aluno para uma bolsa de estudos. É uma ótima oportunidade: cobre anuidade e alojamento, e tudo o que West teria de demonstrar seria a capacidade de se beneficiar disso.

Até agora, tudo certo. Não consigo pensar em outra pessoa com maior capacidade de se beneficiar dessa formação do que West.

– Por que não recomendou West para isso antes? Em vez de pagar o senhor mesmo por tudo?

– É uma coisa nova que eu venho desenvolvendo com o escritório de auxílio financeiro desde que mandei West para Putnam. Acho que foi o meu financiamento dos estudos dele que chamou atenção.

– Entendo. E já falou sobre isso com West?

– Já e ele recusou. Não quis me dizer por quê.

– Quando falou com ele?

– Antes de o pai dele... – Ele faz um gesto ao redor, abrangendo tudo o que nos cerca.

... levar um tiro.

... morrer.

– Chegou a falar na irmã dele quando fez essa oferta?

– Não.

– Ele não vai deixá-la para trás.

– Ele é jovem demais para ser responsável por aquela menina.

Balanço a cabeça, sem querer concordar ou discordar. Claro, West é jovem demais, mas o que isso significa, de qualquer maneira? Ele tem a idade que tem. É a pessoa que é. É responsável pela irmã há muito tempo e vai cuidar dela independentemente do que o Dr. T. e eu pensemos. Independentemente do que *qualquer um* pense.

– Dr. Tomlinson...

Neste instante, o diretor da casa funerária entra pela porta da frente. Está com o rosto vermelho.

– Onde está a Sra. Leavitt?

– Ela estava no velório.

– Não está agora. Pode me fazer o favor de ver se ela está no banheiro? É importante que eu a encontre.

– Por quê? O que está acontecendo?

– Há... algo desagradável acontecendo no estacionamento. Se alguém puder impedir...

Já estou de saída. Estou acostumada com West e coisas desagradáveis. Ele tem o mau hábito de bater em vez de pensar. Eu tenho o mau hábito de ir de encontro a seus socos.

Do lado de fora, encontro uma pequena multidão amontoadada entre duas fileiras de carros. Tento descobrir o que está acontecendo, mas não tenho certeza do que estou vendo.

West está segurando o tio Jack longe de um homem que eu não conheço.

– Falta de respeito! – O tio dele está gritando. – Não há desculpa para esse escroto!

O cara com quem ele está gritando tem a cabeça raspada. Parece um muro dentro de um terno. Tenho uma ideia de quem se trata quando ele se encolhe diante da palavra *assassino*.

Bo.

Outros também estão gritando, aumentando o coro de vozes. Frankie está no meio das pessoas atrás dele, pálida, calada.

– Acalme-se! – West diz para o tio.

Jack é filho de Joan e irmão do pai de West. Ele não trabalha. Ouvei a mulher dele, Stephanie, dizendo à tia de West, Laura, que ela

pôs as crianças na cama na noite anterior e depois passou duas horas andando de carro atrás dele para poder arrastá-lo para casa e deixá-lo sóbrio para o funeral.

Porém, ele parece bem longe de estar sóbrio.

– Eu vou me acalmar quando esse filho da puta for embora da porra do funeral do meu irmão!

– Ele veio prestar sua homenagem.

– Ele devia estar na cadeia!

– Isso é a polícia que deve decidir.

– Ele matou o Wyatt, West! A sangue-frio, porra! Não acredito que você está do lado dele. Morando com ele, andando por aí na caminhonete dele!

Consigo sentir o cheiro de bebida vindo de Jack. Procuro a mãe de West, sabendo que Bo e ela são os dois polos de todo este conflito. Dois pontos em um triângulo cujo terceiro ponto foi removido.

Quando a encontro, entendo que a situação vai piorar.

Uma vez, saí com o meu pai depois de uma tempestade e vi um poste de telefone caído na rua. A ponta de um fio de energia soltava eletricidade na noite escura. Era assim que estavam os olhos da mãe de West. Um monte de energia solta e faiscando. Faltando apenas um mínimo toque para provocar danos além de qualquer medida.

– Você tem coragem de vir aqui? – pergunta Michelle.

Ela levanta o queixo. Por um brevíssimo instante, vejo uma forte semelhança com West. Está no maxilar dela. No fogo em seus olhos.

– Depois do que fez, você tem coragem de vir aqui?

Ela está falando cada vez mais alto.

– Depois do que me disse, do que prometeu, está perturbando o funeral dele? A porra do funeral dele, Bo? Você o tira de mim e não consegue me deixar sequer isso?

Ela está andando a passos largos na direção dele, cada vez mais exaltada. Os protestos de Bo são baixos demais para afetar o ímpeto crescente dela. Seus xingamentos caem sobre ele como chuva. Sombrios e frios.

Eles o cobrem e ele endireita os ombros. Olha à distância, para além dela. É só quando ela tenta lhe dar um tapa que Bo a segura.

É o suficiente. Ela tenta arrancar o braço, grita de dor ao não conseguir, e a pequena multidão é dominada pela sede de sangue, uma verdadeira onda de impulsos medonhos.

Eu queria evitar que a situação piorasse ainda mais, mas como? Ninguém tem chance de impedir aquilo. Eu esperava que fosse possível contar com Stephanie para evitar que o marido se comportasse como um cretino, mas a empolgação em seus olhos diz que ela adora aquilo. Heather não é alguém com quem se possa contar. Os primos são estranhos para mim. O diretor da casa funerária desapareceu.

Meu olhar cruza com o de West. Ele apenas sussurra "Frankie".

Procuro a maneira mais rápida de chegar a ela. Atravesso o espaço vazio entre Bo e West e passo por baixo dos braços estendidos de West.

– Venha comigo. Precisamos encontrar a sua avó.

Ela está olhando para Bo.

– Ele não deveria estar aqui.

– Eu sei. Vamos.

Puxo o braço dela. Juntas, entramos na casa funerária, à procura de Joan. Saguão, banheiro, corredor, sala do caixão. Nós a encontramos em uma sala reservada. Quando conto a ela o que está acontecendo, ela simplesmente fica sentada lá, olhando para uma cruz iluminada.

– Por favor – imploro.

Os olhos dela encontram os meus. Ela parece estar acostumada com esse tipo de coisa. As pessoas lá fora são sua família. Ela os fez com o próprio corpo, ela os viu fazendo outras pessoas, desgastada por anos desse tipo de comportamento.

Problemas com bebida, problemas de saúde, abuso, alienação, violência, morte.

Gostaria que ela ao menos tivesse a chance de enterrar o filho imprestável com alguma dignidade, mas quero mais ainda que ela interfira e ajude West.

– Ele está sozinho lá fora.

Ela fecha os olhos. Suspira. Fica de pé. Quando passa pela porta,

quero ir junto, mas fico preocupada com Frankie. Não posso protegê-la e ficar com West ao mesmo tempo.

Morro um pouco por dentro por não saber como ele está.

– Você fica aqui? – pergunto para Frankie.

Ela morde o lábio. Balança a cabeça.

– Eu preciso deixar você longe dos problemas, mas o seu irmão... Está lá fora. É a única coisa que me importa.

– Você realmente o ama, né?

Sinto as lágrimas subindo, mas respiro fundo e as engulo de volta.

– Sim.

– Eu não vou sair daqui. Vou ficar na porta, para ver o que está acontecendo.

– Está bem.

Corremos até a parte da frente da casa funerária. Estou na metade do saguão quando Frankie segura o meu cotovelo.

– Caroline?

– Sim?

– Eu sinto muito.

“Sinto muito.” Como se aquilo fosse culpa dela.

Ouçõ sirenes ao longe. O diretor da casa funerária chamou a polícia? Parece um exagero até eu sair pela porta e deparar com um desastre. Vejo um homem de terno dando um soco. Uma mulher se balançando de salto alto, dobrada ao meio. Ouçõ um apito agudo e o barulho de osso contra osso. Vejo sangue espirrando.

Isto é uma briga, penso. É assim que é uma briga.

O caos é aleatório e eu não consigo encontrar West, não consigo sequer penetrar a primeira camada de corpos arfantes, o que para mim é difícil compreender. Há... vinte pessoas ali? Vinte e uma? Eu deveria conseguir ir para o meio delas.

Tento, mas o meu instinto de autopreservação ainda funciona. Toda vez que um quadril, um punho ou um cotovelo vem na minha direção, eu recuo.

Então, de repente, a muvuca explode e vejo a mãe de West e Bo. Ele a segura por trás. Ela está completamente enlouquecida nos

braços dele, gritando obscenidades, tentando se soltar. Seus cabelos estão desgrenhados, a voz rouca, rímel escorre pelo seu rosto.

Olho para a entrada. Frankie está onde disse que estaria... assistindo àquilo.

Eu sinto muito também, Franks.

Bo está tentando tirar Michelle do meio do tumulto. Percebo que a avó de West está ajudando – foi ela quem abriu caminho, é dela o apito agudo que fica atravessando o barulho. West está mantendo a multidão longe de Bo.

Ele empurra alguém. Dá um soco. Alguém o acerta no rosto, atirando sua cabeça para trás, e eu saio correndo na direção dele.

Os gritos da sirene cortam o céu.

Um policial força West para dentro de uma viatura. A testa dele está sendo empurrada contra o metal, a costura dos ombros do paletó do terno aberta, exibindo o branco da camisa.

– Com licença – agarro o braço de uma policial que está passando. – Com licença!

Ela me dispensa, falando no rádio. Chego mais perto do carro e tento atrair a atenção do cara que está segurando West.

– Ele está sendo preso? E os direitos dele? Ele não fez nada, não foi culpa dele, ele não é um criminoso... Caramba, você não está me *escutando...*

– Caro! – grita West.

Como ele parece mau com aquele hematoma crescendo no rosto. Muito parecido com o homem que acham que ele é. Um valentão brigando em um funeral.

– Pare com isso – diz ele. – Deixe os policiais fazerem o trabalho deles.

– Mas não foi culpa sua!

– Eles vão entender isso, porra, se você lhes der alguns segundos de paz.

Quando um terceiro policial segura meu braço com força e me leva para longe de West, mordo a língua. Acabo encostada no prédio, ao lado de Joan.

- Eu não acredito nisso. Ele estava tentando impedir isso.
- Se ele controlar o gênio, vai ficar bem.
- Não há nada bem na situação.

Pressiono a parte de trás da cabeça na lateral do prédio e tento respirar. A mãe de West está amontoada na traseira de uma viatura, onde deixa abruptamente o estado catatônico para começar a gritar novamente com sua voz rouca e furiosa.

- O funeral dele! – grita ela. – A porra do funeral dele!

Bo é levado para a delegacia em outro carro. O tio de West, Jack, vai para o hospital com um nariz quebrado, e o resto de tias, tios e primos se dispersa. Não sei se vão para o hospital, a delegacia ou se apenas cansaram da cena toda.

West ganha permissão para se levantar e dá o seu depoimento no estacionamento. Um policial se aproxima para falar comigo. Digo a ele o que sei. Levo mais tempo do que imaginaria e, quando termino, não sei onde West está.

O estacionamento está quase vazio. O diretor da casa funerária segura o meu cotovelo.

- Vamos entrar, senhorita?

Não consigo pensar em nenhum motivo para não segui-lo. Meus pés funcionam sozinhos e por conta própria. Sinto o rosto tenso. Acho que devo estar um pouco assustadora.

Ele me leva até a sala do velório, onde um pequeno grupo está parado diante do caixão: West, Joan, Frankie, os Tomlinson. Foi tudo o que restou dos presentes, suponho, porque assim que ele me deixa ao lado de West, assume seu lugar no púlpito ao lado do caixão.

- O que está acontecendo? – pergunto a West.
- O funeral.
- Agora?

Ele encontra a minha mão, aperta uma vez com força e solta.

Logo fica claro que a programação havia sido atirada pela janela quando somos todos convidados a ir para o outro lado da sala, para trás de um painel coberto de tecido, enquanto o caixão é fechado.

Os Tomlinsons mantêm uma conversa meio irritada, meio

sussurrada no canto. Se me perguntasse, eu diria que o Dr. T. queria voltar para casa, mas a esposa se negava a ir.

Não consigo imaginar por que ela ficaria.

Frankie está encolhida em uma cadeira, com os braços ao redor dos joelhos. West está sentado ao lado dela. Toda a raiva dele foi substituída por uma máscara impassível. Lembrei por um segundo quando ele vivia em Putnam e nós dois estávamos negando o que sentíamos um pelo outro.

Eu não quero nada de ninguém, diz aquela expressão.

Ela me faz querer entregar o mundo de bandeja para ele. Dar a ele absolutamente tudo que ele poderia desejar. Faz com que eu queira me desculpar pela carga que ele recebeu na vida e pelas diferenças entre os nossos mundos, porque West é incrível, e a vida dele, uma droga.

A vida dele vai ser sempre uma droga se ele continuar ali, ao redor da mãe, dando a si mesmo o trabalho de manter a ordem. Não há nada que eu possa fazer quanto a isso.

Depois de um tempo, o caixão é levado para fora em uma espécie de *pallet*. Ele é colocado dentro do carro fúnebre, para seguir colina acima até o cemitério, que fica logo atrás da casa funerária.

West permanece impassível até que somos convidados a atirar flores sobre o caixão. Então ele se afasta do círculo de presentes, agarra uma pá e começa aos poucos a cobrir o caixão de terra.

Não era isso, evidentemente, que o diretor da casa funerária tinha em mente, mas ninguém parece inclinado a interrompê-lo. Joan leva Frankie de volta para dentro. A Sra. Tomlinson a acompanha. O Dr. Tomlinson nem se aproximou do túmulo.

West e eu continuamos ali, com o diretor da casa funerária, que me lança um olhar de súplica. Encolho os ombros.

West continua manejando a pá. Tem os olhos febris e o rosto vermelho. Começo a me perguntar quanto tempo leva para se encher uma cova. Não consigo me imaginar deixando-o ali sozinho.

Vendo uma segunda pá na traseira da caminhonete, eu a pego e a levo até o monte de terra. O olhar de West trava no meu. Nós nos

encaramos. Não há carinho em nossos olhares. É um confronto de vontades.

“Fique fora disso, porra”, é o que ele diz com o olhar dele.

“Quero ver você me obrigar”, é o que respondo com o meu.

“Eu não quero você aqui. Você não pertence a Silt. Eu não preciso de você.”

“Você não sabe de que porra precisa. Pare de ser tão teimoso. Aceite a minha ajuda.”

O que eu quero é largar a pá e ir até onde ele está. Passar os braços ao redor dele, pressionar o corpo contra o dele, beijá-lo até ele não ter outra escolha a não ser me beijar de volta – como costumava fazer, as faíscas se transformando em chamas tão rapidamente que às vezes não conseguíamos tirar as roupas rápido o bastante, não conseguíamos fazer mais do que abrir os jeans e empurrar as roupas de baixo para fora do caminho.

É inacreditável como eu quero aquilo de volta. A urgência com que eu gostaria que conseguíssemos nos perder um no outro, encontrar alegria novamente.

Mas eu compreendo que não é o que ele quer de mim.

Tiro os sapatos de salto, afundo a lâmina na terra, carrego-a pelo ar até ela pairar sobre a superfície preta brilhante da caixa em que o pai de West irá apodrecer.

O barulho da terra pousando no aço me dá uma satisfação barata.

Fico atrapalhada com a pá, perdendo mais terra do que carregando, deixando um pouco cair sobre meus pés, onde ela penetra entre meus dedos, úmida e lamacenta. Depois de poucos minutos, minhas costas começam a doer. E então as minhas mãos.

West se move fluidamente, o corpo agindo graciosamente. Ainda assim, leva muito tempo. Bolhas começam a se formar nas minhas mãos, mas não paro.

O sol cai na direção do horizonte.

Quando terminamos, ele pega a minha pá e devolve as duas à caminhonete. Fica parado ao lado do túmulo, as mãos soltas e vazias.

Parece um menino, tanto que eu compreendo visceralmente que

ele já foi tão jovem quanto Frankie um dia. Ele foi um menino que queria um pai e não teve nada além de decepção. Um garoto que foi socado, chutado, abandonado e então orientado a parar de se fixar no passado. A deixá-lo ir.

A mãe dele, a avó, toda aquela família – todos pediam sempre que ele desse mais uma chance ao pai. Quem sabe dessa vez Wyatt fosse diferente. Quem sabe dessa vez a vida fosse justa e boa, e a felicidade fosse possível.

Mas nunca era. Não para West.

Não sei como ele consegue sobreviver ali.

Não sei como ele não está destruído. Todo este lugar é lindo. A estrada sinuosa do aeroporto, as árvores nas montanhas, os montes e o mar. Não é justo que seja bonito, porque é absurdamente cruel com o homem que eu amo.

Se West ficar ali, este lugar irá matá-lo.

Eu me aproximo, dou a volta na cova até sentir o calor emanando do braço dele. Eu o toco, encostando a mão na curva de seu ombro.

– West.

Não é justo pedir qualquer coisa a ele no momento, mas quero que ele se apoie em mim. Quero lhe dar descanso, esquecimento, fuga. Alguma coisa.

Eu venho tentando lhe dar espaço, tentando não desencavar sentimentos com os quais ele não pode lidar quando ele já tem tanto com que lidar, mas não suporto mais. Não acredito que não ter conforto seja melhor para West. Como isso pode ser melhor? Para quem?

Certamente não para West.

Vou até a frente dele e deslizo as minhas mãos para o espaço entre os braços e as laterais do corpo dele. Repouso o rosto no peito arfante dele.

– Sem compromisso. Sem nada... Só, se você quiser esquecer por uma hora. O que quer que você queira.

Aperto os braços ao redor dele. Ele está mais fechado do que costumava ser. Toda aquela armadura entre ele e o mundo. Quero que ele saiba que eu a vejo ali. Se quiser tirá-la comigo, ele pode.

Eu o amo, e isto é tudo o que tenho a oferecer. Eu o aperto contra o meu corpo o mais forte possível, até ele ceder. O peso dele recai sobre mim. Não todo, mas uma parte. Uma pequena rachadura no muro de concreto impassível de sua abnegação.

A mão dele vai até a minha nuca, pressionando meu rosto contra o som áspero de sua respiração.

– Caro – diz ele contra os meus cabelos.

É a primeira vez que ele diz meu nome como costumava dizer. Como se fosse precioso. Como se eu fosse importante.

– Eu posso ir até a casa do Bo – sussurro. – Ou podemos encontrar um motel. O que você precisar.

Quando levanto o queixo, ele está de olhos fechados. Eu beijo sua boca. Ao redor dela. O inchaço do machucado na maçã do rosto. Os lábios macios, os cílios abaixados. O garoto que eu amo.

Beijo abaixo do maxilar dele, pondo a língua para fora para sentir o sabor do suor dele. Ele levanta o meu queixo e, quando noto, está me beijando de volta.

Não é um reencontro suave – é um mergulho direto até onde costumávamos estar, uma imersão no desejo cego, na tensão e no sexo. A língua dele, a frustração, o gosto, o calor, os lábios dele nos meus, as mãos dele me guiando, me dando tudo aquilo, tudo, e eu me deixo levar.

Inebriada com o gosto dele, viajando nas possibilidades, digo a ele:

– Vai ficar tudo bem. Vamos passar por isso.

E é o que basta para destruir tudo. Ele se afasta. Quando abre os olhos, posso ver meu erro escrito ali. O que para mim parece esperança não é para West. É apenas um lembrete de que ele não pode ter tudo o que quer.

– Não existe “nós”. – Ele dá um passo para trás. Passa as mãos sobre as coxas. – Eu não preciso de nada de você.

Eu sei o que ele está fazendo. Claro que sei. Ele sabe também. Afinal, suas palavras são absolutamente ridículas. Ainda estou com o peito arfando. Meus lábios estão úmidos e inchados. Todo o meu corpo sente desejo, mas West diz:

– Você precisa voltar para casa.

Isso dói. Meu Deus. Dói demais.

Mesmo que doa, eu não acredito nele. Eu tive West dentro de mim. Nossos olhares travaram um no outro naquela primeira estocada profunda. Sei como ele fica quando me quer. Sei como beija quando está sofrendo, quanto deseja o esquecimento que nossos corpos conseguem produzir juntos, o conforto que sentimos depois, o espaço silencioso para conversar, para ele me dizer o que o está afligindo.

Eu sei melhor do que ninguém ler a linguagem de West negando a si mesmo o que quer. Então eu o deixo descer a colina sozinho. Observo suas costas largas ficando menores, eu o vejo tirar o paletó, enrolá-lo e atirá-lo na lata de lixo do lado de fora da casa funerária. Eu o vejo desaparecer no canto do prédio e conto o tempo mentalmente.

Dez minutos.

Depois vou atrás dele.

A casa funerária está em silêncio, como um consultório médico ou uma capela, lugares em que as pessoas não devem se divertir.

A porta para uma das salas de velório está aberta, mas não há ninguém ali. Ninguém no corredor, ninguém na área de convívio familiar.

Caminho até o estacionamento. Embora ainda haja luz suficiente para enxergar, está escurecendo. Quero um banho quente e uma cama, e vou fazer West me levar para a casa de Bo esta noite. Mesmo que ele não me toque, estou cansada de dormir sobre quadrados de tapete em um sótão que me faz espirrar. Não quero acordar amanhã com os olhos vermelhos e remelentos.

O sedã de Joan não está mais ali. Ela deve ter levado Frankie de volta para casa.

Vou até a caminhonete e confiro a porta. Destravada. Sentada no banco do carona, mando uma mensagem de texto para ele – Onde você está? – então olho para minha caixa de e-mails.

Cansada e sozinha, envio uma mensagem para o meu pai: Só para dizer que está tudo bem.

Penso em como tenho sorte, como sou extraordinariamente sortuda. Estar com a família de West, ver como eles são, me ajuda a lembrar que a minha vida foi basicamente incrível de todas as formas que importam. Claro, perdi a minha mãe, mas eu era pequena demais para lembrar como era tê-la. Meu pai sempre esteve presente para mim e para as minhas irmãs. Mal-humorado e controlador, é verdade, mas nunca duvidei de que ele sempre quis o melhor para mim. Nem por um segundo. E quaisquer que sejam as pequenas diferenças que tenho com ele, elas sempre serão apenas isto: pequenas.

Mando mais uma mensagem: Que bom que você é meu pai. Amo você.

Espero um minuto, mas ele não responde. Nem West.

Deito a cabeça no assento e fecho os olhos, esperando que West apareça antes de ficar frio demais. Mesmo no verão, faz frio aqui à noite. Alguma coisa a ver com as montanhas.

Se eu perguntar, West deve saber por quê.

Pego os fones de ouvido na minha bolsa e ponho uma música de que gosto repetindo em volume baixo. Lentamente, o sono me pega, me levando para dentro da canção, fazendo com que eu me sinta segura.

Desperto com uma batida. Aperto o celular na mão. Quando sento e olho pelas janelas, não vejo nada. Está totalmente escuro agora. O estacionamento não passa de uma faixa de cascalho sem iluminação.

Ouço uma risada de mulher, baixa e íntima.

Mais uma batida – um corpo fazendo contato com a lateral da caminhonete.

Um barulhinho contra o vidro. Levanto mais a cabeça para ver alguma coisa. Uma sombra com as bordas indefinidas. Percebo se tratar de cabelos de mulher quando ela diz:

– Ninguém pode nos ver aqui.

Uma nuvem de cabelos pretos e as costas de um vestido que seria roxo se houvesse luz suficiente para diferenciar a cor da sombra. A mulher que o abraçara por tempo demais ao lado do caixão. A Sra. Tomlinson.

A voz de West responde:

– Você precisa ficar quieta.

– Sabe que eu não consigo.

– Precisa de alguma coisa para enfiar na sua boca?

Ela ri.

– Vire-se – ordena ele.

Uma batida na janela. A aliança de casamento dela.

É a aliança que torna tudo real. A faixa branca dos dentes dela.

Estou zozna. Tão desorientada que fecho os olhos.

Isso piora a situação.

Por um longo instante, sinto que estou caindo. Uma carga de raiva, de desgosto. Isso não pode estar acontecendo. A aliança dela bate contra o vidro de novo.

– Isso. Isso, eu senti falta dessa boca.

Não ouço o que West diz. Não consigo vê-lo. Não consigo vê-lo porque ele está ajoelhado com o rosto entre as pernas dela.

Quando eu tinha 3 anos, caí em um lago no inverno. Fomos até uma doca para jogar farelos de pão para os patos e meu pai deve ter tirado os olhos de mim por um segundo. Recordo a surpresa ao cair, mas não me lembro de sentir medo na água. Apenas de afundar num frio absoluto, uma descida tão inevitável que eu a aceitei.

É como estou me sentindo no momento. Sei que está acontecendo. Estou com raiva. Minhas mãos estão tremendo e estou nauseada. Mas tudo isso é tão desimportante quanto os gritos frenéticos das minhas irmãs.

Estou com frio.

Envolvida.

Afundando.

Eu me sinto à deriva e não me mexo enquanto os sons que ela faz se tornam mais frenéticos. Poderíamos comparar impressões.

Ele está fazendo aquela coisa com a língua, Sra. Tomlinson?

Quantas vezes vocês fizeram isso? Começou quando ele era seu caddy?

Que idade ele tinha na época? De quantas formas diferentes você o usou?

Ele a está usando agora.

Não são os meus pensamentos. É apenas uma defesa aleatória. Um guarda desbocado na porta. O eu verdadeiro está inundado de raiva, vergonha e tristeza.

Preciso afundar. Deixar a água tomar conta de mim. Fico incomodada quando o celular vibra na minha mão. Olho para a tela e vejo que tenho mensagens novas do meu pai e de West.

No escritório da casa funerária, diz o primeiro texto de West. Ainda vou demorar alguns minutos. Concluindo tudo c/ o diretor.

Se estivéssemos dentro da casa funerária, eu teria de sentir alguma coisa no momento. É para isso que servem esses lugares que criamos para receber a dor, para permiti-la e calá-la ao mesmo tempo.

Mas na cabine da caminhonete dele, sendo dominada pelo frio com o cheiro de tabaco nas minhas veias, estou protegida de precisar sentir. Suspensa, por ora.

Leio a mensagem do meu pai enquanto West leva a Sra. Tomlinson ao orgasmo: Amo você também, C. Quais são as novidades aí – alguma ideia de quando voltará para casa?

Chega uma terceira mensagem: Avise quando vier, vou buscar você.

Ela faz muito barulho ao gozar. Eu não sabia que as pessoas faziam tanto barulho assim fora dos filmes. Esta cena é uma paródia, um filme terrível que eu não consigo desligar.

Barulho de cascalho. West se levantando. Ele deve ter visto o interior da caminhonete iluminado pela tela do meu telefone. Ela também, agora que os dois estão de olhos abertos.

Os sons que eles estão fazendo provavelmente significam alguma coisa.

Eu deveria me importar. Deveria dizer alguma coisa quando West abre a porta da caminhonete e olha para mim com uma espécie de orgulho inflamado, as sobrancelhas levantadas de um jeito arrogante que me diz que ele sabia.

Ele sabia exatamente o que estava fazendo.

Não digo nada. Nem mesmo quando ele me chama:

– Caroline – diz ele. Meu nome inteiro, que ele raramente usa.

Eu me recuso a falar mesmo quando ele me segura pelos ombros e me sacode.

– Diga alguma coisa, porra.

Estou afundando e não preciso falar com ele.

Eu não preciso fazer nada.

Ele me leva para o aeroporto de manhã.

Subimos a montanha. Descemos a montanha. Sem uma palavra. É apenas quando vejo uma placa dizendo que estamos a 30 quilômetros de Eugene que começo a pensar como acabou. Quero dizer, como realmente *acabou*.

Quando West deixou Putnam no ano anterior, eu o levei até o aeroporto e não sabia se voltaria a vê-lo. Foi horrível, mas não tão horrível como esse trajeto de carro, porque o que eu não compreendia no ano passado era que tudo naquela partida estava cercado de esperança.

Eu não sabia se veria West novamente, mas esperava que sim.

Ele não sabia se voltaria a Putnam, mas eu sabia que ele esperava também. Nós tínhamos esperança de que pudéssemos ser amigos. Pudéssemos ser mais. E a lenta morte dessa esperança – a asfixia de um futuro – é algo difícil de enfrentar. Não é de admirar que ele não tenha suportado.

Não é de admirar que ele tenha me dito que havia conhecido alguém, apenas para dar a si mesmo um motivo para parar de ligar. Para me dar um motivo para parar de esperar o telefone tocar. Tudo aquilo foi difícil.

Mas não tão difícil como isto.

Isto é a desolação de uma erupção vulcânica – tudo quente e negro, coberto de enxofre, o céu da cor das cinzas. Não há nada de que a esperança possa se alimentar neste carro. Ele acabou com tudo.

Ele matou tudo de propósito.

– Eu sei o que você fez – digo no silêncio.

As mãos dele pressionam o volante.

– Diga o que você precisa dizer, Caro.

– Você está esperando que eu grite. Aposto como seria mais fácil se você pudesse se lembrar de mim assim. Você poderia pensar em como terminou, e então não se lembraria do resto.

Ele fica em silêncio. Eu não.

Eu nunca fui uma pessoa quieta, e tudo o que aconteceu comigo no ano anterior acabou com qualquer resquício de quietude que poderia haver em mim. Eu gostaria de ter um microfone naquele momento. Um sistema de som e uma multidão de mil pessoas.

Queria que todo o mundo pudesse escutar.

– Eu amo você.

Essa é a primeira coisa que eu tenho a dizer a West Leavitt, e ouço sua surpresa no som que faz sua respiração.

– Eu vim para cá porque amo você, e ajudei você da melhor forma que pude porque amo você. Eu preciso que você saiba que não há nada que eu não faria para que as coisas dessem certo entre nós. Eu não sabia disso quando cheguei aqui, mas certamente sei disso agora. Se você me pedisse para ficar um tempo fora da faculdade, para eu me mudar para cá, ajudar a sua irmã a entrar nos eixos, eu teria feito. Por você. Se me dissesse que queria que eu a criasse, diria que sim, claro, mesmo sendo assustador. Por você, eu faria isso. Tudo o que eu disse para você foi sim, e eu ia continuar dizendo sim, porque você valia a pena. A forma como você fazia eu me sentir. A sua cabeça, o seu coração e você. Tudo em relação a estar com você valia a pena.

Como ele está com os olhos na estrada, eu olho para ela também, mas não há nada lá.

– Olhe para mim.

Ele não olha.

– Olhe para mim – repito. – Eu mereço isso de você.

A caminhonete diminui a velocidade. Ele sinaliza e para no acostamento. Desliga o motor. Ele se vira para mim e tudo fica mais difícil. Mas já está tão difícil que não há por que recuar agora.

– Você precisa ir embora de Silt – digo a ele. – Leve a sua irmã, porque Deus sabe que você não a deixará, mas você não pode ficar. Você nunca será feliz aqui. Não sabe como ser feliz aqui.

Ele desvia os olhos de mim. Olha pela janela, na direção das

montanhas.

– Um dia, quando eu precisava escutar, você me disse que eu não havia feito nada de errado. Agora é a minha vez: você fez uma coisa errada. Aquele teatro ontem à noite? Foi um teatro. Eu não vou fingir que era algo que você queria, que você se deixou levar pelo desejo ou alguma merda dessas, porque tudo foi absolutamente calculado. Foi maldoso e foi errado. Mas eu sei o que você fez, West. Eu sei por que você fez. E da mesma forma como eu precisava ouvir que eu não havia feito nada de errado com Nate, que eu não estava errada mesmo enquanto dezenas de cretinos na internet ficavam falando na minha cabeça todos os dias...

Ele olhou para mim.

– Eu nunca contei isso a você? – pergunto. – É. Vozes na minha cabeça, insônia, tristeza. A coisa toda. E foi você quem me arrancou daquilo. Foi você.

– Você fez isso sozinha.

– Todo mundo faz tudo sozinho, West. Todo mundo. Mas as pessoas fazem as coisas porque têm um motivo. Você foi o meu motivo. Você me disse que eu estava bem, que eu não estava estragada, que eu não estava errada. E eu acreditei em você. Você fez uma diferença.

Cruzei as mãos no colo. Sem saber se deveria estar dizendo aquelas coisas. Sem saber, na verdade, se faria alguma diferença para ele.

– Acho que não sou a pessoa de quem você precisa ouvir isso.

Há um avião voando baixo no céu. Pousando no aeroporto. Olho para ele de novo.

– Mas posso ser a única pessoa que vai dizer. Seu pai era uma droga. Sua família... bem, ninguém quer ouvir nada de ruim sobre a própria família, mas, West, eles nunca vão parar de tirar coisas de você. Nunca. Você nunca vai olhar para a sua mãe, a sua irmã e a sua avó e pensar que pode seguir com a sua vida. Isso não vai acontecer, assim como eu não vou conseguir tirar as minhas fotos da internet. Você precisa encontrar uma forma de sair dessa. Se não fizer isso, simplesmente não terá vida alguma. E essa é a pior coisa que eu posso imaginar.

Não sei como ele se sente, mas esta é a única chance que eu vou ter. Eu vou expor tudo, porque ele me ensinou a deixar de bobagem.

– Sabe o que realmente me fez chorar ontem à noite? Mesmo estando furiosa e enojada, pensando em como você me obrigou a escutar aquilo, é ainda pior pensar que vou embora e você vai voltar para Silt e acabar morrendo por lá.

Seco o rosto. Minha mão está toda suja de rímel. Que desastre.

– É um horror, sabia disso?

– Não estou entendendo por que você está sendo...

– Porque eu amo você. Eu não quero, está bem? Acho que algumas coisas são tão difíceis que não deveríamos sentir, só que ninguém consegue tirá-las de nós. Há sentimentos tão ruins, tão obviamente doentes, que não deveríamos ter de senti-los. Mas eles existem. Eu ainda amo você e eu nunca mais vou vê-lo, nunca mais. Você fez isso conosco. Não foi o seu pai, nem a sua família, apenas você. Para eu poder atingi-lo. Eu poderia ficar furiosa com você ou sair deste carro e pedir carona até o aeroporto, porque, puta que pariu, puta que pariu, West, como você pôde fazer isso comigo? Como?

Ele seca as palmas das mãos na nuca. Deixa a testa cair sobre o volante e cobre o rosto com os antebraços.

– O que eu não posso fazer é fingir que não sei o que você fez. Ou fingir que não me importo mais com você.

Olho mais uma vez para ele. A cabeça baixa e os ombros caídos, o torso coberto por uma camiseta azul, aquelas pernas compridas saindo do short.

Estamos tão longe de onde estávamos quando nos conhecemos.

Perdidos na confusão, e não há como voltar.

– Não desperdice toda a sua vida.

Atirado sobre a direção, ele liga a ignição do carro. Posso ouvir sua respiração. Inspirações e expirações fortes, profundas. Ele demora cinco minutos inteiros para dominá-la novamente.

Estou calma agora.

Quando ele levanta a cabeça, abre o porta-luvas, cuidando para não tocar no meu joelho, e tira os cigarros de lá. O isqueiro está fora

de alcance. Eu o pego e dou para ele. Encontro a pulseira dele na minha bolsa e a deixo no porta-luvas. Parece um símbolo infantil.

– E largue essas porcarias cancerígenas também.

Quando ele exala fumaça pela janela, eu a vejo desaparecer no céu. Lembro a mim mesma que aquele lugar onde estamos – todo aquele verde ao redor – veio depois de fogo e cinzas.

Há esperança no mundo. Eu só preciso encontrá-la.

B O R D A S N E G R A S

West

Desaparecer no escuro. Esse era o meu plano.

Que merda de plano.

Caroline foi embora na manhã seguinte ao funeral do meu pai. Passei as quatro semanas seguintes em Silt. A tela do meu filme pessoal do Velho Oeste deveria ter terminado. Acabou o show. Bem-vindo ao resto da sua vida. Aproveite seu tempo neste paraíso de torpor emocional. Beba algumas cervejas. Trepe com algumas garotas. Divirta-se.

Meus delírios deveriam me proteger. Afinal, por que eu deveria me preocupar? Por que deveria ter receio de não conseguir comprar comida para a minha família? Ou medo de que a minha irmã caçula tussa os pulmões para fora devido à laringite? Ou pavor de morrer sozinho e nunca mais fazer amor com a única mulher que eu desejo?

É sempre uma droga.

É uma droga e nunca deixará de ser. Nunca chegará ao fim. Não há uma cortina para cair e esconder tudo. É como Caroline disse: há algumas coisas tão terríveis que não deveríamos precisar passar por

elas, mas precisamos. Somos nós que precisamos senti-las, que precisamos suportá-las.

É a nossa vida para ser vivida, quer queiramos ou não.

Voltei para Silt e fui trabalhar.

Voltei para o meu zimbro e pensei no futuro pela primeira vez em meses. Pensei em Caroline. No que ela havia dito. No que eu havia feito a ela. Pensei em quanto me esforcei para evitar que ela me visse aqui, lutando para não desmoronar.

Não consegui suportar o que ela me disse.

Não consegui suportar o que armei para ela e a vergonha que senti quando ela não chorou nem gritou, e eu me dei conta de que estava tentando forçá-la a mudar de ideia sobre mim porque não podia simplesmente lhe contar a verdade.

Eu a amava. Todo dia, toda hora, toda porra de minuto, eu a amava.

E, mesmo a amando, eu a magoei, porque achei que precisava fazer isso. O que mais a faria ir embora? Uma mulher inteligente como Caroline, leal, carinhosa – ela teria feito qualquer coisa por mim, inclusive ficar. Viva o West, por descobrir o que precisa fazer para mandar o amor da vida dele embora. Comer Rita Tomlinson contra a porta da caminhonete de Bo – isso vai resolver a questão.

Eu estava com nojo de mim mesmo. Eu me odiava.

Mas, meu Deus, eu amava Caroline. Ela sempre foi mais corajosa do que eu. Melhor do que eu, mais inteligente, capaz de ver o âmago das coisas. Ela olhou para mim e viu um homem que valia a pena salvar, mas eu já havia decidido não ser salvo. Eu a mandei para o mais longe possível de mim, porque precisava ficar em Silt.

Esse foi o roteiro que recebi quando entrei no set.

Só que reli o roteiro depois que Caroline foi embora, com o cadáver do meu pai debaixo da terra, dentro de um caixão que comprei com dinheiro de tráfico, e me dei conta de que eu nunca fui a porra do xerife.

Ninguém com o mínimo senso de justiça ou correção teria feito aquilo com ela.

Eu havia feito.

O que isso me tornava?

Tenho uma lista na minha cabeça: “Merdas que precisam ser resolvidas”.

No topo da lista está “situação de moradia”. Então, na segunda-feira da semana do funeral, passei pela casa da minha avó depois do trabalho para conversar com a minha mãe. Ela estava no sofá, enrolada em uma manta. A TV estava ligada, mas ela não parecia estar assistindo.

Ela estava acabada, na verdade. Com os cabelos oleosos, como se não lavasse havia dias, e o esmalte lascado nas unhas dos pés.

– O que está passando?

– Porcaria. Pode mudar, se quiser – responde ela, me passando o controle remoto.

Passo rapidamente por alguns canais.

Eu havia pedido a minha avó que levasse Frankie para comer um hambúrguer para termos um momento a sós, mas, sentado ao lado dela, percebo o erro que cometi. Prevejo os humores da minha mãe como o clima.

Mas não é o humor dela que me preocupa. É o meu. Há uma nuvem negra sobre a minha cabeça. Se eu achasse que poderia adiar essa conversa por mais uma ou duas semanas, adiaria.

– A sua namorada se mudou para a casa do Bo?

– Não. Ela foi para casa.

– Achei que ela ia ficar por aqui, pela forma como olha para você.

A forma como Caroline olha para mim...

Levantei um muro ali.

A forma como ela me tocou, a forma como ela tentou me reconfortar, a forma como ela arrancou os sapatos e encheu aquela cova comigo...

Aumento a altura do muro. Minha voz sai seca quando pergunto:

– Por que ela ficaria?

A almofada ao meu lado no sofá tem a estampa de um cervo. Quando era criança, eu a achava muito legal. *Brega*. É o que acho deste lugar agora. Minha vida toda ali, surrada, brega e de classe baixa.

É a parte complicada de frequentar uma escola de garotos ricos

no centro do país. Passamos dois anos em salas de aula com molduras de madeira maciça de 15 centímetros de espessura. Quando voltamos para casa, tudo parece cem vezes pior do que nos lembrávamos.

Nossos gostos mudam. Hondas e Toyotas em vez de carros americanos. Produtos feitos à mão em vez de feitos por máquinas. Traços locais, orgânicos e artesanais. Quando você percebe, os hambúrgueres das grandes cadeias começam a ter gosto de mijo quando voltamos a comê-los.

– Não gosto de você ficando lá com ele – diz a minha mãe.

– O Bo é legal.

– Você não sabe. Não estava no trailer naquela noite.

– Como eu poderia estar?

– Você nunca está aqui. Mesmo quando está em casa, está pensando em como preferiria estar em outro lugar. Com Caroline.

Minha mãe pronuncia o nome de Caroline como se apenas esnobes se chamassem Caroline, e eu fico imediatamente puto. Respiro fundo e tento ignorar a fúria. Ela tem razão. Eu perdi a noção do meu lugar no mundo, fui para Putnam, me deixei convencer de que poderia haver mais para mim, e olhe o que aconteceu. Se tivesse ficado, minha mãe provavelmente ainda estaria com o Bo. Meu pai jamais teria aparecido, não teria se mudado para o trailer, porque seria onde eu estaria morando.

Nada dessa merda teria acontecido se eu tivesse ficado.

– Eu estou aqui agora – digo.

Mas Caroline está sussurrando na minha cabeça.

Eles nunca vão parar de tirar coisas de você. Nunca.

Eu devia ter dito a ela que não espero que parem.

Essa é a parte que Caroline não entende, porque ela nasceu com uma colher de prata na boca e cresceu pensando que poderia ser quem quisesse, fazer qualquer coisa que se dispusesse a fazer. O mundo pertence a Caroline, mas não pertence a mim.

Eu sou de Silt. Nasci para cuidar da minha irmã e tomar conta da minha mãe. Eu pertencço a este lugar e a esta família, e isso quer dizer que eles tiram de mim e eu estou aqui para dar a eles o que precisam.

Eu não posso ir embora. Não posso sonhar grande.

Não posso ter faculdade, Caroline ou qualquer coisa fora das fronteiras deste lugar, porque, se eu for embora, vou deixar Frankie vulnerável aos erros descuidados da minha mãe e a uma visão estreita de futuro.

Se eu trabalhar duro, mantiver a cabeça baixa e cuidar das coisas, posso dar o mundo a Frankie. É o melhor que posso esperar.

– Quero alugar uma casa em Coos – digo à minha mãe. – Um lugar grande o bastante para nós três.

– Coos?

– A Franks pode ir para a escola por lá. Os professores são melhores.

– Frankie não é inteligente o bastante para isso ter importância.

– É, sim.

Minha mãe suspira. Já tivemos essa discussão antes.

– Você tem dinheiro suficiente para isso?

– Sim, mas se quisermos um lugar legal, você vai ter de trabalhar também.

– Eu me demiti da prisão. Não posso trabalhar no mesmo lugar que Bo.

Isso não é verdade. *Ela foi demitida.* Bo me contou que discutiu durante uma hora com o pessoal de recursos humanos, tentando convencê-los a mantê-la. Ele estava lá havia quinze anos e pensou que poderia ter influência suficiente. No fim, minha mãe não valia tanto.

Mais uma mentira. Mais uma decepção.

Deixe para lá.

– Você ainda está com o carro do meu pai?

– Sim, mas eu disse ao Jack que ele podia ficar com o carro.

– Por que porra você fez isso?

– Ele sempre gostou do carro e queria ficar com alguma coisa do Wyatt.

– Não posso continuar dirigindo a caminhonete do Bo sem pagar para ele! Ainda mais com você o tratando desse jeito! Como vamos nos virar?

– Eu não sei, West! Eu não consigo lidar com tudo isso sem o seu

pai aqui!

– Quando você conseguiu lidar com as coisas? *Quando?* Quando você conseguiu lidar com *qualquer coisa?*

– Não use esse tom comigo!

– Vou usar se você merecer! Tudo o que fez desde que ele morreu foi chorar, sentir pena de si mesma e provocar uma briga que poderia ter evitado. Acabou, mãe! Precisamos seguir em frente, porque temos coisas para resolver: onde vamos morar, como vamos comprar roupas novas para Frankie ir para a escola, um exame médico para ela. Ela ainda está no plano de saúde do Estado?

– Seu pai a tirou.

– *Putá merda.* Então precisamos reinscrevê-la. O funeral me deixou praticamente sem nada, mas tenho dinheiro suficiente para um carro barato. Se você trabalhar à noite, posso continuar trabalhando com paisagismo de dia e vou encontrar um apartamento na rota do ônibus para a Franks ir para a escola. Eu acho...

– West.

– *O que foi?*

Ela está esfregando as mãos no rosto. Está pálida.

– Eu não posso fazer nada disso.

– *Por que não?*

– Eu não consigo... Não consigo pensar. Não consigo dormir. Quero Wyatt. Para mim, é difícil até mesmo olhar para você. Você é tão parecido com ele e...

– Simplesmente não olhe. Não pense. Não estou pedindo para você pensar. Só quero que me ajude a dar um jeito na vida de Frankie, arrumar essa papelada. Vou botar você na minha conta do banco. Faremos o aluguel no nome dos dois. Assim...

– West... – Ela me interrompe de novo, a voz um sussurro.

– O quê, *porra?*

Ela está chorando de novo. Sempre chorando.

Lembro como meu pai costumava reclamar disso. *Porra, você está sempre chorando, Michelle! Quando não está chorando, está pegando no meu pé. Vadia inútil!*

Esse eco deveria me fazer sentir pena, mas, em vez disso, aumenta a minha frustração. Passei metade da minha vida tentando

ser o ajudante, o sócio, o chefe dela. Uma função que eu não desejaria ao meu pior inimigo.

– Eu não consigo – suplica ela, secando os olhos na manga. – Eu simplesmente não consigo.

– O que você quer que eu faça? Tudo? Enquanto você fica aqui sentada no sofá da Joan chorando?

– A Joan vai me deixar ficar.

– A Joan é mãe *dele*, não sua. Ele não se casou com você. Não ficou ao seu lado, não a tratou bem, não respeitava ou amava você. *Ele batia em você sempre que lhe dava vontade*. Por que está fazendo isso? Por que se prender a essa porra de lembrança doente enquanto a Frankie precisa de você?

Ela assoa o nariz e baixa o lenço de papel. Está com a boca entreaberta.

Soco a almofada com toda a minha força. Quero ser violento com alguma coisa, mas não com ela. Quando eu era criança, era pelo sorriso dela que eu me esforçava. Sua alegria era o prêmio que eu recebia se fizesse as piadas certas e lesse seus humores corretamente.

Sou um cretino em continuar forçando a barra quando sei que ela não está exagerando. Ela realmente não consegue fazer nada.

– A Frankie não precisa de mim. Ela tem você.

Ela diz isso com tanto pragmatismo que soa como o barulho de um portão de cela se fechando.

Frankie tem a mim.

Eu tinha Caroline.

Não mais.

Eu me levanto. Ando para a frente e para trás diante dela. Enfio as mãos nos bolsos, tiro, cruzo os braços, passo os dedos pelos cabelos.

Sei aonde esta conversa está indo, e não estou pronto para ela.

– Você quer que eu tome conta dela. Até quando?

– Até eu me sentir preparada.

– Quando vai ser isso?

Ela encolhe os ombros e olha para as próprias pernas.

– Até eu conseguir trabalhar. Comprar um carro, guardar um

dinheiro para alugar uma casa.

Seguro uma risada. Ela nunca vai se sentir preparada. Eu me viro, desejando ser capaz de sentir mais carinho – um pouco da amizade que costumávamos ter, se não amor mesmo.

Eu a amo.

Eu só não a respeito nem confio nela.

E não posso carregá-la. Se ela está me dando a minha irmã para carregar comigo, eu aceito, mas não posso levá-la também. Não se ela não me ajudar.

– Tudo bem. Se vamos fazer isso, vamos oficializar. Você me dá uma procuração legal por Frankie. Preciso ser capaz de tomar decisões.

Ela está com os olhos arregalados.

– Eu sou a mãe dela!

– Não estou tentando roubá-la de você. Procuração legal é diferente de guarda. Só quer dizer que você me dá permissão para matriculá-la em escolas, cadastrá-la em seguros de saúde, esse tipo de coisa.

– Como você sabe?

– Eu pesquisei.

Uma dúzia de vezes desde os meus 12 anos.

– Vamos precisar de um advogado?

– Não. É bem simples, se os dois adultos estiverem de acordo.

– Os dois?

– Você e eu.

– Ah. Você tem idade suficiente?

– Fiz 21 há duas semanas.

– Nossa. Eu me esqueci do seu aniversário.

– Eu sei.

E, qualquer que seja o motivo, é isso que a faz franzir o rosto e começar a chorar de verdade. Sento de novo, suspirando lentamente e abrindo os braços para ela ter contra o que se jogar. Ela soluça e me diz como eu me pareço com ele.

“Igualzinho a ele, igualzinho a ele.”

Isso a deixa arrasada.

Três semanas depois, o Dr. T. aparece no meu trabalho justamente quando estou subindo na caminhonete para pegar Frankie na escola. Bo me disse para ficar com o veículo. Disse que não precisa dele. Nada como a caridade para fazer com que nos sintamos uns merdas.

Fecho a porta e aceno para o Dr. T. A ideia é fingir que ele está ali para conferir os produtos ou comprar um novo anão de jardim. Mãos no volante. Olhos no retrovisor. Engato a marcha.

Não funciona. Ele está acenando com os braços na minha visão periférica. Está correndo na minha direção, fazendo um gesto para que eu abra a janela.

Sou tomado pela vergonha. Sinto-a subindo pelos meus braços, esvaziando meu estômago, prejudicando a minha respiração. É sempre assim com ele.

Quando conheci o Dr. Tomlinson, antes de me formar na escola, éramos amigos. Talvez eu esteja me enganando ao me lembrar das coisas assim, mas era assim que parecia. Como se tivéssemos coisas em comum, coisas sobre as quais conversar, ideias que trocávamos enquanto percorríamos os dezoito buracos do campo de golfe. Simpático pra cacete.

Então ele me apresentou à Rita.

Não consigo mais olhar para ele. Preciso fazer um esforço monumental para simplesmente encará-lo. Todas as vezes que o vejo fico esperando que ele diga.

Você comeu a minha mulher.

– Eu não sabia onde mais encontrar você. Seu celular está desligado?

– Eu mudei de operadora.

– Hoje em dia é possível manter o mesmo número, mesmo trocando de operadora.

– É, deu uma confusão.

Ele não é burro para acreditar nisso, mas é educado demais para dizer.

– Tem vinte minutos?

– Preciso buscar a minha irmã.

Meu salário foi depositado no dia anterior e prometi a ela que a

levaria para comprar algumas coisas para a escola. Ela cresceu e as roupas do ano passado não cabem mais.

– Estava esperando poder falar com você sobre aquela bolsa de estudos.

Então não é este o dia. O dia da revelação. Quando me dou conta disso, também fico decepcionado. Faz seis anos que estou esperando a coisa desandar com o Dr. T. Do jeito que está, quero que isso aconteça. Eu quero ser acusado por ele, atacado por ele, culpado por esse homem de todas as coisas erradas que fiz.

Eu sou um vilão. Mereço um chute nas costelas. Mereço desprezo.

Ele bate com a mão no meu ombro e eu me encolho.

– Sei que você teve um ano difícil. Entendo por que achou que precisava deixar Putnam, mas você tem uma oportunidade de dar a volta por cima.

A vergonha. Meu Deus, a vergonha tomando conta de mim. Faria qualquer coisa para sair do meu próprio corpo nesse momento. Parte do motivo pelo qual deixei Silt, em primeiro lugar, foi para que nunca mais tivesse de sentar diante do Dr. T., escutando-o falar sobre os meus interesses enquanto Rita deslizava os dedos dos pés pela minha perna.

– Realmente preciso ir.

– Vou com você.

Ele simplesmente senta no lado do carona – um lembrete de como as coisas costumavam ser fáceis. Percorrendo o campo juntos, conversando enquanto o sol se punha no horizonte.

Eu gostava dele.

Eu pensava que se trabalhasse o suficiente, se ficasse longe o bastante de Silt, conseguiria ser como o Dr. T.: calças de marca, sapatos de 400 dólares e uma camisa branca imaculada que a empregada mexicana mandaria lavar a seco, caso manchasse.

Eu me pergunto se os sonhos de todo mundo começam a parecer sem sentido depois de uma dose de realidade ou se são apenas os meus.

Ele prende o cinto de segurança. Eu parto para a autoestrada.

– Conversei com uma pessoa do escritório de auxílio financeiro

sobre o seu caso na semana passada.

– O senhor não devia ter feito isso.

– Sei que você rejeitou a minha oferta, mas continuo esperando que mude de ideia. Você tem tanto potencial. Não suporto ver você jogando tudo fora. Precisa haver uma maneira de eu fazer isso por você.

– O senhor já fez mais do que o suficiente. E eu sinto muito pelo valor que desperdiçou com o semestre da primavera. Vou tentar pagar.

– Você não precisa fazer isso.

– Eu quero.

Ele se vira de lado e me olha fixamente.

– West, estou tentando ver a situação da sua perspectiva. Sei que aceitar dinheiro sempre foi difícil para você. Eu já disse mais de uma vez que o dinheiro é algo neutro, nem bom nem mau. Mas se posso usar o dinheiro que tenho para ajudar alguém como você, ele é extraordinariamente positivo. Compreendo que seja difícil para você ver dessa forma, está bem? Foi por isso que esperei que essa bolsa pudesse ser algo que você aceitasse. Porque não sou eu, não é o meu dinheiro. É uma bolsa de estudos da Putnam. Eles só vão dá-la porque você merece.

Eu não mereço nada.

– Tudo o que você precisa fazer é preencher uma papelada e a bolsa é sua. A universidade me informou que já tem os registros que demonstram que você é um aluno de méritos excepcionais.

“Méritos excepcionais”. Eu daria risada, se a frase não me deixasse com a garganta apertada. *Eu lambi a boceta da sua mulher. Encostado nesta caminhonete. Com a Caroline assistindo.*

– Poderia ser pela sua irmã, também. Soube que ela está morando com você agora. Você poderia levá-la e dar um novo começo a ela.

Fico observando a faixa branca da autoestrada, desejando esvaziar a minha mente. Não consigo parar de pensar no que ele disse. Eu poderia pegar a Frankie e ir embora, simplesmente ir. Considero todos os ângulos disso e todas as formas como tudo poderia dar errado.

Não preciso ir longe para descobrir os erros nesse plano: a impossibilidade de arrancar Frankie para longe de tudo o que ela conhece. A impossibilidade de administrar trabalho, o cuidado com ela e aulas, tudo ao mesmo tempo. A impossibilidade de aceitar mais um favor de um homem que eu ferrei de todas as formas possíveis.

Não consigo dizer a mim mesmo que mereço isso, não quando ainda consigo me lembrar do cheiro do perfume de Rita Tomlinson e do horror impassível na expressão de Caroline.

Querer coisas me deixa infeliz.

Querer coisas me faz olhar para árvores e faixas de segurança quando estou dirigindo, faz com que eu pense se eu deveria comprar uma garrafa de uísque, levá-la para a casa do Bo, bebê-la até estar pronto para abrir o armário das armas dele, carregar sua .48 e dar um fim nisso.

– Não posso.

– Você pode! – Dr. T. insiste.

– Não. Eu não posso. Eu simplesmente não posso.

Depois disso, ele fica quieto. Quietos demais. Está com as mãos dobradas sobre o colo, o olhar distante. Ele leva quase 2 quilômetros para falar.

– Eu tinha outra pergunta para fazer.

– Pode fazer.

– É sobre a Rita.

Sinto os braços pesarem. O pé parece um bloco de concreto sobre o acelerador.

– Eu percebi no funeral... e não estarei sendo sincero se disser que foi a primeira vez que me perguntei. – Ele faz uma pausa. E me lança um sorriso rápido e desconfortável. – Eu estou preocupado que ela possa estar meio obcecada, acho. Com você.

Obcecada comigo? É assim que você chama?

– Ela fala muito sobre você. Nós falamos sobre você, é claro, da forma normal, mas desde que você voltou à cidade, o interesse dela parece um pouco... de mais.

Ele passa a mão sobre a boca.

– Sei que é uma pergunta constrangedora, mas ela já se comportou de forma inadequada?

Ele quer que eu o tranquilize. Está assustado, porque percebeu alguma coisa. Mas não deseja saber a verdade. Ele não quer somar um mais um e obter dois. Ele quer que eu diga: “Ei, não se preocupe, é três. Olhe. Vou mostrar a conta.”

Ligo o pisca-alerta e viro o volante. A caminhonete entra no estacionamento da escola.

– Não – respondo. – Não há nada com que se preocupar.

E então consigo sorrir. Preciso de todas as minhas forças para fazer parecer real, porque não quero que o Dr. Tomlinson saiba como é a mulher dele.

O fato de eu saber já é ruim o bastante.

– Absolutamente nada.

Examinando a minha expressão, ele se alegra.

– Está bem. Ótimo. Bem, caso algo aconteça, agradecerei imensamente se me contar.

– Pode deixar.

Diminuo a velocidade. Puxo o freio de mão. Desengato a marcha.

Os alunos estão saindo da escola, correndo e dando risada. Vejo a minha irmã saindo pela porta sozinha, a cabeça baixa, os cabelos caídos no rosto.

Ela não parece uma criança. Não quando a comparo com as outras. Ela é diferente, marcada, como se houvesse uma delimitação ao redor dela.

Roupas novas vão ajudar. Talvez possamos pensar em cortar os cabelos.

– Ah, prometa que você pelo menos vai pensar no que conversamos. O semestre já está em andamento, mas não é tarde demais.

Abro a porta. Saio da caminhonete.

– West?

– Claro. Vou pensar no assunto.

Digo isso apenas para ele parar de falar. Quando Frankie chega, faço as apresentações, me despeço e sigo de carro na direção da loja de roupas.

– Quem era aquele cara? – pergunta ela.

– Eu era *caddy* dele.

- O que ele quer?
- Ele quer que eu volte para Putnam.
- Ela fica em silêncio por um tempo, olhando pela janela.
- A Caroline está em Putnam.
- Sim.
- Para onde eu iria se você fizesse isso?
- Eu disse que não, Franks.
- Mas se você fizesse.
- Você iria comigo.
- Sem a mamãe?
- Sem a mamãe.
- Isso não é contra a lei? Tipo, ela sendo a minha mãe?
- Se ela concordasse, eu poderia.
- Ah.

“Ah.” É tudo o que ela tem a dizer sobre o assunto.

Ela experimenta um jeans e está feliz, mas a minha irritação só aumenta, até ser incapaz de produzir qualquer reação ao seu desfile de moda particular. Ela fica furiosa comigo por não me empolgar. Eu estou furioso por desejar uma resposta diferente de “Ah”.

Querer é um buraco negro sem fundo, me sugando. Tentáculos de fé, esperança, confiança, sabedoria, bom senso, princípios, orgulho – tudo o que eu não tenho – me puxando para baixo.

Eu não posso.

Compro uma garrafa de uísque no caminho para casa.

Dez minutos depois de Frankie ir dormir, eu a abro.

– Oi, Joan. – Tiro a sacola com o meu almoço do refrigerador. – Tudo certo?

- Vai trabalhar?
- Estou a caminho.
- Você vai se atrasar.
- Eu nunca me atraso – retruco, fechando a porta com o pé.

Eu a ouço soprar fumaça na varanda ao entrar no carro. Meu primeiro impulso é abrir o porta-luvas para pegar um cigarro, mas decido deixar o maço onde está. Vou parar de fumar, como Caroline

pediu. Tudo ainda me liga a Caro: suas acusações, a imagem dela com os pés enlameados, carregando terra com uma pá, sua risada, sua boca, seu corpo nu contra o meu.

Hoje de manhã, pensei nela durante o banho e gozei na minha mão, dentro das minhas lembranças. Faz quase um mês que ela deixou Silt, e eu preciso abandoná-la mais do que preciso abandonar o cigarro.

– Ah, sim! – diz Joan da janela. – Seu tio Jack contratou um advogado.

Merda! Ele pôs o meu nome na papelada do hospital, para que eu pagasse a conta pelo nariz quebrado dele.

– Eu vou pagar a maldita conta!

– Não tem a ver com o que você fez com o rosto dele... Tem a ver com o seu pai. O advogado de porta de cadeia que o Jack arranjou acha que pode armar contra o Bo. Danos morais ou coisa parecida...

Ele quer abrir um processo civil. Como as autoridades não deram continuidade ao caso, meu tio quer fazer justiça com as próprias mãos.

– Que credibilidade o Jack tem? Ele é um bêbado caloteiro inútil. O que vai dizer, que a morte do papai o deixou *mais* bêbado caloteiro inútil?

– Olhe como fala. É do meu filho que você está falando.

– Desculpe.

Ela suspira.

– Esses engravatados só recebem a grana se ganharem o caso. Logo, o advogado acha que pode ganhar. Estou contando isso por causa da Frankie.

– O que tem ela?

Mas eu compreendo. Às vezes, Frankie acorda se debatendo na cama e gritando “Papai!” ou “Bo!”. Nessas horas, corro até o quarto dela e a abraço. É normalmente nesse momento que ela começa a chorar.

Eu sou o único que corre para acudi-la. Será minha culpa se Frankie acabar deprimida, morta ou grávida aos 14 anos. Alguma

coisa que eu fiz ou não fiz, algum sinal que eu deixei passar e que devia ter percebido.

– Talvez eles a façam testemunhar se houver julgamento – diz Joan.

– De jeito nenhum. Nem mesmo o Jack é tão escroto. Precisaré passar por mim antes.

– Acho que esta é a ideia. Ele está com você engasgado desde o funeral.

– Eu sei cuidar de mim mesmo.

– Mas se ele chegar a ela...

– Ela estava dormindo na casa de uma amiga, porra!

Joan dá uma tragada com tanta força que consigo escutar. Exala a fumaça.

– No dia antes do funeral, Frankie falou com a Stephanie.

A mulher de Jack. Merda.

Merda.

– A Stephanie está dizendo para quem quiser ouvir que Frankie estava no trailer quando Wyatt levou o tiro. Frankie será arrastada para essa história se isso acontecer...

Ela tem razão. Malditos Leavitts! Há um motivo pelo qual fiquei longe deles por tanto tempo. É sempre assim: drama em cima de drama, brigas e disputas, discussões por dinheiro, sexo, drogas e tudo o que eles consigam pensar. Eles se alimentam disso. Adoram isso.

Jack vai arrastar Frankie para o meio disso tudo.

– Você não pode convencê-lo a desistir do processo? O Bo não tem muito dinheiro. O que quer que tenha acontecido naquele trailer, posso garantir que o Wyatt mereceu.

– Quando foi que eu consegui convencer um Leavitt a desistir de alguma coisa?

Dei risada. Não tinha a intenção. Estou sem controle sobre mim mesmo.

Seis anos atrás, Frankie era pequena demais para ser atingida por esse tipo de merda, mas eu não. Cortei os laços com os Leavitts porque eles não protegiam a mim e minha irmã do meu pai.

Eles não vão nos proteger disso também. *Eu* preciso nos

proteger.

– Obrigado pelo alerta.

– Me diga quando decidir o que vai fazer.

A manhã estava fresca, com o sol brilhando acima das montanhas. O vento soprava pela cabine da caminhonete, agitando o saco de papel em que levo o meu almoço.

Sou jovem, saudável e estou vivo. Livre do meu pai. Deveria me sentir bem.

Pegue a sua irmã e vá.

Foi o que o Dr. T. sugeriu. Foi o que Caroline me disse, sem meias palavras. Mas tudo o que penso, olhando para o verde das montanhas, para o negrume do asfalto, para o céu azul, é que aquela é mais uma coisa na minha vida sobre a qual eu não posso decidir.

Vejo Iowa mentalmente. Verão em Putnam. Gramados verdes e prédios de tijolos à vista, cravos e floreiras nas janelas, estudantes por todo lado.

A esperança toma conta de mim, faz com que eu respire tão superficialmente que começo a ficar tonto e preciso parar no acostamento. Soco o volante e digo para mim mesmo que não dá. De jeito nenhum. *Não dá, porra.*

Leve Frankie para outro lugar.

México. Oklahoma. Qualquer lugar longe de Jack, advogados e tribunais. Um destino bom o bastante para mantê-la a salvo de toda aquela cretinice traumática. Poderíamos viver em uma cabana na margem de um rio. Eu poderia aprender a domar cavalos. Nós comeríamos *frijoles* e *tortillas*.

Antes de ir embora, Caroline disse que eu precisava encontrar uma forma de sair dessa vida. Na minha cabeça, ela repete esse conselho sem parar e todos os dias respondo a mesma coisa para ela: *Desperdiçar uma vida inútil não é tão ruim. O ruim é ter um futuro e depois perdê-lo.*

Eu não acho que possa sobreviver a isso uma segunda vez.

No porta-luvas, encontro o último cigarro do maço. Acendo-o e fumo rápido, sugando profundamente a fumaça cancerígena,

tentando me acostumar com o fato de que não importa se posso suportar viver em Putnam ou não.

Eu não tenho uma decisão a tomar.

Nós vamos para Putnam, porque tenho uma educação de 200 mil dólares esperando por mim lá. Um bacharelado que significa alguma coisa. Eu seria um idiota se abrisse mão disso quando posso aceitar e usar para Frankie.

Queimei completamente a minha vida em Putnam. Não quero vagar por entre as cinzas e construir uma cabana sobre o que restou, mas farei isso. Eu não tenho escolha.

Mais tarde, vou ligar para o Dr. Tomlinson.

VIDA SELVAGEM

Caroline

Todo ano eu me surpreendo com a chegada do inverno.

O outono é um amigo aguardado que alivia o calor do verão. Então, quando estou pronta para viver uma época dourada de maravilhosa perfeição, zás. Do dia para a noite, tudo fica frio.

Quando eu era pequena, negava o que isso significava. *Não, ainda não. Ainda não está na hora.* Deixava a minha lanterna de abóbora na varanda até muito depois do Dia das Bruxas, até ela começar a apodrecer e ficar murcha. Depois da primeira geada, meu pai me obrigava a tirá-la de lá. *Adeus, outono.*

No outono do meu penúltimo ano em Putnam, eu estava pronta para os dias ficarem mais curtos e as temperaturas caírem. Eu me preparei para o frio, para enfrentar uma vida sem West.

Seria solitário, mas eu sou uma garota de Iowa. Estou acostumada com o frio. Sei como me abrigar, respirar através de uma echarpe, abafar minhas necessidades para suportar o longo inverno.

Meu pai terminou de incomodar o advogado e minha queixa contra Nate foi apresentada na metade de setembro. Sessenta dias para a resposta. Sem a identificação da reclamante.

A data do julgamento foi marcada para o fim do próximo ano. Eu teria o tempo das quatro estações para elaborar estratégias, intimações, depoimentos e petições.

Achava que estava com tudo sob controle, até receber três mensagens de texto no meu celular. Eram de West. Na primeira, ele contava que estava voltando para a faculdade. Outra dizia que traria Frankie. A última me informava que eu não deveria me preocupar, porque ele manteria distância.

Teria sido mais fácil se eu tivesse lido as mensagens e aceitado as condições de West. Mas eu estava cansada de fingir. Em vez disso, senti a mais pura e profunda alegria, tão real como qualquer coisa que havia sentido com ele. Eu me senti vingada, porque sabia que a vinda de West era o início de um novo capítulo. West havia retomado o futuro que interrompera.

Talvez o *nosso futuro* fosse incerto. Talvez a nossa história estivesse marcada, mas eu não podia fingir que não o queria. Estava exultante depois de receber a notícia, imaginando quando e onde eu o veria novamente, como seria, qual seria a sensação.

Meu pai costumava explicar que uma lanterna de abóbora na varanda só é uma lanterna até a meia-noite do dia 31 de outubro. Um minuto depois, ela se tornava uma abóbora apodrecendo. Mas era a mesma abóbora, certo? A abóbora que compramos, levamos para casa, elaboramos e cortamos cuidadosamente. A abóbora que escavamos e colocamos orgulhosamente em exibição. A mesma porra de abóbora!

No outono em que West voltou para Putnam, eu estava cansada das pessoas tentando me dizer como deveria me sentir e quem deveria amar. Essa decisão é só minha. Você precisa ter muito amor-próprio e muita confiança no que quer nesta vida, principalmente quando há fotos suas muito íntimas na internet e estranhos mandam e-mails dizendo com detalhes que querem ejacular no seu rosto.

Eu dividia uma casa fora do campus com sete amigos, inclusive Bridget e Krishna, o antigo colega de quarto de West. Os dois não paravam de pegar no meu pé: "Você pode falar conosco. Nós precisamos saber."

Todo mundo queria conversar sobre o que tinha acontecido em

Silt. Sobre como eu me senti. Sobre o que eu ia fazer quando West voltasse para Iowa. Até Quinn, que estava estudando em Florença naquele semestre, me incomodou por e-mail. *Fiquei sabendo que você foi ver o West. Preciso de detalhes.*

Estava no meu limite com o fato de que todos os meus amigos achavam que eu havia reagido do jeito errado ao que West fizera. Estava "em negação, confusa, perdida".

Nada disso! Eu sentia o que eu sentia.

Lá fora, o tempo ficou frio.

Eu via West em todo lugar, e ardia com isso.

Estou voltando para o campus quando o vejo descendo da caminhonete. Confiro se a pista contrária está livre e dou meia-volta com o carro, parando do outro lado da rua.

Minhas mãos tremem enquanto observo West entrando na loja de conveniência. Ele usa uma camisa por cima de uma camiseta de manga longa. Eu o devoro com os olhos: aquelas costas, aquelas pernas compridas...

Estou molhada só de olhar. Gulosa. Cheia de ansiedade, precisando de contato. Quero ir ao encontro dele, bater nele, trepar com ele. Dar um encontrão nele e descobrir o que acontece depois. Alguma coisa. Qualquer coisa.

A vitrine de acrílico da loja está quase completamente preenchida de placas e pôsteres coloridos, mas consigo ver o topo da cabeça de West no balcão. Eu me aproximo do para-brisa. Estou com a garganta seca e os seios intumescidos.

Deixei Silt seis semanas antes. West está de volta a Putnam há quinze dias. Todas as vezes que o vejo, a sensação fica um pouco mais forte.

Na primeira vez, ele estava no prédio de artes quando eu ia com Bridget para o meu seminário. Um grupo de fumantes se reuniu ao lado da porta, e West estava afastado, sozinho, soprando uma nuvem branca para o céu.

Ele não me cumprimentou.

Eu devia esperar por isso. Ele já havia feito o mesmo com

Krishna. West trabalha, vai para as aulas e fica sozinho, porque é como quer que seja.

Eu o vejo olhando por janelas, passando pela imensa escultura fálca no centro do nosso campus. Eu o vejo na biblioteca, na mesa de atendimento, esperando para ser auxiliado. Saio para fazer compras e lá está ele, no açougue, com um pacote de carne moída nas mãos. Em vez de me cumprimentar, West analisa o rótulo.

Em todos esses encontros, surge o rosto desafiador e arrogante do West que abriu a porta da caminhonete depois de chupar a Sra. Tomlinson. Ele limpa a boca – embora jamais tenha feito isso –, levanta o queixo e diz: “Que tal isso, Caroline? Eu sou bom o bastante para você agora? Ainda quer me salvar? Ainda acha que pode me amar?”

Quando sento na cama do meu quarto alugado e olho para o beco atrás da casa, vendo um resto de maçã comida a um metro da lata de lixo, na minha cabeça assisto a West trepando com aquela mulher, apoiando a testa na caminhonete de Bo.

Nada do que sinto é simples, como raiva ou nojo, porque sempre há esse outro sentimento que me faz dar meia-volta quando vejo a caminhonete dele.

Posso ver como ele está irritado à distância. Não importa. Continuo sentindo o mesmo. Não posso evitar. Ele para quando me vê. Não aceno, não falo nem o chamo. Tudo o que faço é olhar. Testemunhar.

Você existe. Eu existo. Aqui estamos.

Ele entra no carro e segue na direção do campus. Eu o acompanho com os olhos até ele virar a esquina.

Estou sorrindo sem motivo. Eu simplesmente me sinto viva.

Algumas coisas não podem ser “desvistas”, por mais que queiramos.

É no que estou pensando na manhã seguinte, paralisada na porta da cozinha, segurando uma garrafa vazia na mão, petrificada pela visão de Bridget e Krishna se agarrando.

São sete e meia da manhã. Eu mal tinha acordado.

Agora estou *muito* acordada.

Minha melhor amiga está beijando o maior galinha do campus.

Os dois estão vestindo suas roupas de corrida. Depois de dois anos dividindo o quarto com Bridget, estou mais do que acostumada ao cheiro de suor pós-corridas, mas, desta vez, o cheiro vem dos dois. Krishna está *engolindo* Bridget. Uma mão em sua nuca, a outra bem acima da bunda dela, colocando-a de costas sobre o balcão, *possuindo-a*.

Devido à chuva lá fora, os cabelos e os ombros dele estão molhados. As coxas dela. Os braços dos dois. Os dois estão encharcados. Bridget está meio que... guinchando? Ela está fazendo um barulho tão evidentemente dócil que penso em animais acasalando... tipo hamsters. Não! Por que fui pensar nisso? Há alguns anos, realmente vi hamsters acasalando, e não é algo que deseje ver de novo.

No entanto, não consigo me mexer.

Não consigo porque aquele não é um primeiro, quarto ou oitavo beijo. Os dois já fizeram aquilo muitas, muitas vezes. Isso vinha *acontecendo*.

Quando? Quando começou a acontecer?

A mão de Krishna está deslizando pelas costas de Bridget, levantando sua blusa, a pele dele muito escura contra a dela. Meu cérebro não para de martelar: *quando, quando, quando?* No último ano letivo? Durante o verão, quando Bridget tirou um fim de semana prolongado para visitar Krishna em Chicago?

O sutiã dela não é um obstáculo para a mão de Krishna. Ele está...? Não!

Aquilo está errado de uma forma que nem consigo compreender, e me atinge com tudo, em uma nuvem de emoções densa, nebulosa e fria. Especialmente porque *continua acontecendo*. As mãos dele estão sobre os seios dela. Elas estão se movendo, *beliscando*, e ela gosta disso. Muito.

Pigarreio. Bridget dá um salto para longe de Krishna. Ela leva a mão voando à garganta.

– Você me assustou!

Levanto a mão com a garrafa vazia.

– Eu estava com sede.

Acontece que essa foi a pior coisa a dizer, porque faz os dois se afastarem ainda mais, abrindo um corredor até o filtro de água. Eu preciso fazer um enorme esforço para não olhar para Krishna. E para não ouvir a forma como eles estão respirando. E não levar em consideração como é errado que nenhum de nós pareça ter qualquer coisa a dizer nesse momento constrangedor.

Bridget. Krishna. As duas pessoas mais falantes de todo o universo dos falantes, em silêncio absoluto. O filtro demora séculos para encher a garrafa. Posso senti-los olhando um para o outro. Posso sentir a conversa que eles não estão tendo, a troca frenética de mensagens por gestos e olhares.

Fecho a garrafa e a coloco em cima da pia. Viro para encará-los e digo, como se não fosse grande coisa:

– Que surpresa.

Bridget está da cor de um suco de beterraba.

– Não é o que parece. Sabe, só parece que a gente ia...

– É exatamente o que parece. – Krishna a interrompe.

– Não é. A Caroline vai pensar que estávamos nos escondendo e que não queríamos que ela soubesse, mas isso...

– Nós estávamos nos escondendo – diz Krishna. – Não queríamos que você soubesse.

Bridget dá um soco no braço dele.

– Pare com isso!

– Parar com o quê? Dizer a verdade?

– Não! Agora parece que estamos... Simplesmente não é...

– Não é o quê?

– Não é assim. Sujo. E escondido. É... Sei lá. Um caso conveniente entre colegas de casa.

A expressão de Bridget é intensa, séria, de uma forma que me é difícil compreender. Krishna dá um sorriso de "não estou nem aí para ela".

– Não há nada de errado com um caso conveniente entre colegas de casa – comento.

A situação fica tensa. Ela fica totalmente pálida. Krishna dá um tapinha no ombro de Bridget, como se os dois fossem velhos companheiros do Exército.

– Vou deixá-las a sós. Preciso de uma ducha.

Ouvimos os degraus rangendo sob os pés dele.

– Ah, meu Deus! – digo enquanto ele cruza o corredor acima das nossas cabeças. – Bridge!

Ela balança a cabeça.

– Não quero falar sobre isso.

– Eu acho que a gente precisa falar sobre isso.

– Eu sei. É só que...

Ela cobre o rosto com as mãos e eu a abraço, esperando que seja a coisa certa a fazer. Parece ser a coisa certa, embora eu esteja com dificuldade de deixar de me importar com as minhas reações e passar a me preocupar com as dela.

Fica mais fácil quando me dou conta de que ela está tremendo.

– Há quanto tempo isso vem rolando?

– Não sei se está rolando.

– Pareceu estar.

– Eu teria contado, mas é complicado. Não sabia se estávamos juntos ou não. Ainda não sei o que dizer.

– Quer saber a minha opinião?

– Argh. Não. Eu já sei a sua opinião.

– Ah, é?

– Você acha que estou apaixonada pelo Krishna e que ele só está me comendo porque estou por perto. Seu palpite é que ele vai partir o meu coração e depois fingir que não se importa, porque é um cara e é isso que os caras fazem. Krishna só serve para ser amigo, mas não é alguém com quem eu possa contar, já que ele deixou o West ser preso.

Os cabelos dela molham o meu pescoço. Eu lhe dou um beliscão.

– Sabichona. Mas eu estou errada?

– Infelizmente, não. No geral.

– Como assim?

Ela inspira profundamente. Morde o lábio e olha para o teto em busca de palavras. Ela balança a cabeça.

– É como...

Sinto um arrepio na espinha. Conheço Bridget há mais de dois anos. Eu nunca a vi sem palavras.

– Bridge...

– Eu não consigo descrever – diz ela, encolhendo os ombros. – Mas é bom o bastante para valer todas as porcarias com que preciso lidar. O que ele acabou de fazer, sair daqui daquele jeito? Isso não é nada comparado com o que faz toda vez que sente que a coisa está ficando séria. Se não estivéssemos...

– Trepando constantemente?

Ela esconde o rosto atrás das mãos.

– Sim. Meu Deus.

– Continue.

– Se não estivéssemos trepando constantemente, eu teria uma interminável lista de defeitos dele.

– Você pode fazer as duas coisas.

– Eu sei, mas parece tão desleal. Eu gosto dele.

– Você o ama?

Ela esconde o rosto no meu ombro.

– Não diga isso. Seria burrice.

– Eu sou especialista em burrice.

Quando ela me olha de novo, está sorrindo, mas com os olhos cheios de lágrimas.

– Sabe o que eu costumava achar? É horrível. Você vai me achar horrível.

– Provavelmente não.

– Eu costumava achar que só gente burra comete erros. Tipo, pessoas que são burras demais para saber qual é a coisa certa a fazer. Achava que a minha mãe era burra por não saber que meu pai estava tendo um caso e que o meu pai era burro por ter um caso. Eu, meu Deus, sinto muito estar dizendo isso, mas eu achava, depois do que o Nate fez...

– Você achava que eu era burra?

– Quero dizer, não totalmente burra, mas em relação àquela coisa, sim. Pensava que jamais deixaria um cara fazer aquilo comigo.

– Eu não acredito que você pensasse assim...

– Eu sei. Mas estou começando a descobrir com o Krishna que...

– É possível ser inteligente e fazer coisas estúpidas ao mesmo tempo?

- Sim. Saber disso é a pior parte.
- Pois é. Comigo também foi assim. “Ah, meu Deus, eu devia ser presa por acumular tanta burrice em uma única pessoa.” E depois: “Ah, meu Deus, ele é gostoso, eu o amo, eu vou fazer.”
- É uma droga.
- Um saco.
- Um saco imenso.
- Um saco do tamanho do mundo, concordo.
- Explodindo.
- Estourando.
- Eles tiram fotos e postam na Internet – diz Bridget.
- E comem outras mulheres para afastar a gente.
- E *falam sobre todas as mulheres que comeram quando estão tirando a nossa calcinha.*
- Ele não fez isso!
- Fez, sim.
- Que babaca! Você devia dar um pé na bunda dele.

Quando percebo, estamos dando risada, abraçadas uma à outra, e fico feliz por tê-la visto com Krish, ainda que tenha sido meio nojento. Estou feliz por ter West por perto, embora ele esteja vivendo em sua bolha de isolamento.

Queria poderes para tornar essa situação menos cruel. Sei lá, o poder de mudar o passado, desviar a vida de West na direção da minha e tornar tudo diferente. Assim, ele jamais *escolheria* fazer o que fez.

Aposto que a Bridget sente o mesmo – que mudaria o que quer que tenha dado errado na vida de Krishna. Assim, ele pararia de enrolá-la e admitiria que os dois têm alguma coisa. Mas quem seria Krishna se não fosse... bem, *Krishna*?

E quem seria West se eu mudasse toda a vida dele para que ele jamais tivesse me decepcionado? Não seria West.

Eu não quero ninguém além de West.

Vou descobrir um jeito de tê-lo de volta. Podem alegar que sou louca, que é má ideia ou que vou me arrepender. Talvez até estejam certos. Não me importo. Vou fazer isso de qualquer maneira.

São quatro da tarde. Meu celular toca na biblioteca, atraindo olhares furiosos. Reviro a bolsa até encontrar o aparelho. A essa altura, já estou vermelha de vergonha. Dispenso a ligação de um número local que não reconheço e volto ao meu artigo.

Um minuto depois, o celular começa a vibrar no meu bolso e eu me sinto estranha, como se os cabelos da minha nuca estivessem arrepiados. Tenho um *déjà vu*.

Aceito a ligação enquanto guardo o meu notebook.

– Srta. Pia... Pia...

– Piasecki.

– Aqui é Jeff Gorham. Sou o conselheiro estudantil de Putnam. Estou aqui com Frankie Leavitt precisando de uma carona para casa. Não consegui falar com o irmão dela. Tenho seu nome listado como contato de emergência na ficha dela, é isso mesmo?

Não faço ideia, mas não é isso que respondo ao encarar a tarde nublada de outono:

– Ahn, sim. Você tentou ligar para o celular dele?

– Frankie tentou.

Ouçõ uma voz distorcida do outro lado da linha.

– Você poderia passar aqui para apanhá-la?

Olho para o relógio. Tenho uma reunião em uma hora, mas a escola não fica longe.

– Claro. Estarei aí em dez minutos.

Meu carro está estacionado no lado leste do campus. Quando noto, estou correndo, impaciente. Aquelas palavras – “contato de emergência” – dispararam uma espécie de alarme no meu cérebro.

West deve ter colocado o meu nome naquele formulário, mas aposto que detestou fazer isso. E vai odiar ainda mais essa decisão quando eu o encontrar.

Paro do lado de fora da escola. Frankie está sentada na escada com um cara que parece jovem o bastante para ser aluno de Putnam. Saio do carro, aceno para ela e espero para ver se eles vão me chamar. Não sei quais são as regras que determinam quem pode pegar uma criança de 10 anos em uma escola pública.

Acho que tudo o que Frankie precisa fazer é dizer a ele que era por mim que estava esperando, porque logo é liberada. Ela vai até

meu carro com a cabeça baixa. Quando entra, a mochila bate no porta-luvas com um barulho pesado.

– Desculpe – diz ela, antes mesmo de o carro começar a andar. – Perdi o ônibus. Não sabia que o Sr. Gorham ia ligar para você.

– Tudo bem. Para onde devo levar você?

– Para casa, eu acho.

– Que fica...?

Ela aponta em frente.

– Naquela direção.

Todo o trajeto parece não autorizado, como se eu estivesse desobedecendo a alguma lei. Culpado, também, porque ela me mandou um monte de mensagens de texto desde que os dois chegaram, mas eu esperava um ou dois dias para responder com frases curtas e genéricas. Não podia criar uma amizade com Frankie. Precitaria explicar que o irmão dela e eu estamos... o que quer que estejamos.

– Então você tentou ligar para o West?

– Eu disse que sim, mas não queria atrapalhá-lo no trabalho. Pensei que pudesse simplesmente ir andando. O Sr. Gorham não permitiu.

– Qual é a distância?

– Não sei, alguns quilômetros, acho. Vire à direita aqui.

Depois de virar a esquina, eu a examino. Ela está com os olhos inchados, como se tivesse chorado.

– Você perdeu o ônibus?

Ela dá de ombros, virando o rosto para a janela. Acho que isso quer dizer não, mas ela não quer falar sobre o assunto.

– Precisa comer? Um lanche ou alguma coisa?

– Não. Tem bastante comida em casa.

– Quando o West vai voltar?

– Por volta da meia-noite e meia.

– Tão tarde?

– É o turno dele.

– Que horário ele faz?

– Das três e meia da tarde à meia-noite, normalmente. Às vezes

faz turnos de dez horas e trabalha das quatro e meia da tarde às duas da manhã.

- E você simplesmente fica sozinha em casa todas as noites?
- Não. Ele trabalha quatro dias e folga três.
- Você é novinha demais para ficar tanto tempo sozinha.

A expressão de Frankie fica emburrada.

- Entre à direita aqui.

Acabamos em frente a uma pequena casa branca. Enquanto a maioria das pessoas tem gramado, aqui imensas esculturas de metal cobrem a terra. Há cascalho entre uma e outra, formando uma espécie de caminho.

Já tinha ouvido falar desse lugar. Laurie Collins, o cara com nome de mulher que faz todas essas esculturas, é um artista visitante permanente. Ele é famoso em Putnam porque fez a gigantesca escultura fálica de metal, mas acho que ele é famoso de um modo geral também. Os guias do tour da universidade falam dele como se fosse muito importante.

- Vocês estão na casa do professor Collins?

– Não, em cima da garagem. – Ela aponta para a lateral da garagem, onde uma escada de madeira leva a uma porta.

Paro o carro. O lugar parece bem legal. Agradável, bastante seguro. A casa tem alegres cortinas amarelas e uma porta azul.

Mas não há movimento, não há ninguém à vista. Deve ficar muito silencioso no apartamento quando ela fica sozinha.

- Obrigada pela carona. – Ela abre a porta.

- Espere um pouco.

Frankie para.

– Tenho uma reunião daqui a pouco, mas você não quer companhia? Pode ir comigo. Estamos fazendo cartazes para uma passeata. O escritório do diretório estudantil tem rolos de papel imensos e canetas gigantes, e nós podemos decorá-los como quisermos. E depois, quem sabe, podemos jantar? A menos que você tenha dever de casa.

– Tenho, sim – responde ela –, mas se eu chegar em casa cedo, posso fazer antes de dormir.

- A que horas você dorme?

– Às nove da noite.

– Então, se eu trazer você às sete, terá tempo suficiente?

– Sim.

– A menos que não queira passar o tempo com um bando de universitários...

Frankie mexe um músculo do maxilar. Ela se parece tanto com o irmão que fico com o coração apertado.

– Eu vou, sim.

– Ótimo.

Ela entra no carro de novo. Faço uma manobra na entrada da garagem e saímos.

Quanto mais longe ficamos do apartamento, melhor me sinto sobre a decisão que tomei. Vamos para a minha reunião, onde ela demonstra uma surpreendente habilidade em fazer cartazes. Eu a levo à minha casa para o jantar, apresento-a a Bridget e Krishna na cozinha, dou a ela uma espécie de curry que Krishna preparou depois que Bridget o provocou dizendo que ele não sabia cozinhar nada. O clima está leve, ou seja, Krish e Bridget estão juntos de novo.

Bridget me lança um olhar: “O que você acha que está fazendo?”

“Falamos mais tarde”, respondo com outro olhar.

Krishna provoca Frankie até ela rir tanto que cai da cadeira e corta o lábio. Quando escurece, eu a levo de volta para casa. Ela falou a tarde toda sobre o escultor e Rikki, a mulher dele, que também é professora de arte.

Frankie às vezes fica no ateliê de Laurie enquanto ele trabalha em sua arte. É claro que eles estão formando laços. West deve saber disso. Deve ter dado um jeito para que Frankie tivesse pessoas adultas com quem conviver. Ele não a deixaria desprotegida e sozinha.

Só que ela obviamente precisava de alguém hoje, e não ligou para o irmão.

– Sobre o ônibus – digo, impulsivamente. – Você não o perdeu apenas, certo? Você simplesmente não quis pegá-lo.

Ela está abaixada, fechando o zíper da mochila.

– Você não precisa me contar o que está acontecendo, mas se

quiser que eu a pegue outro dia, basta me mandar uma mensagem de texto. Podemos ficar juntas.

Frankie segura a mochila no colo, enrolando uma alça nas mãos.

– De verdade?

– Claro. Não posso ser sua motorista particular, mas se você estiver tendo algum tipo de problema...

Ela brinca com a maçaneta da porta.

– Eu me sinto uma aberração aqui.

– Por quê?

– As outras crianças... Elas são diferentes das crianças da minha cidade. Eu não me encaixo aqui. Além disso... tem esse garoto no ônibus. Ele olha para mim e diz umas coisas.

– Coisas más?

Ela assente com a cabeça.

– Sobre a minha aparência.

O corpo dela, imagino. Os seios. Cara, crianças são cruéis.

– Você contou ao motorista do ônibus?

– Ela não faria nada.

– Você não tem como saber isso.

– Se eu contar, ele vai dizer que estou inventando e ela vai ficar do lado dele. Daí vai parecer que estou querendo alguma coisa com ele, tentando chamar atenção.

Franzo o cenho. Nós nunca nos mudamos de cidade, mas eu me lembro de como as crianças que chegavam à nossa escola de outros estados pareciam muito ser de outro planeta. Elas falavam gírias e tinham sotaques diferentes. Às vezes, tinham brinquedos ou jogos que não conhecíamos, ou usavam uma marca de jeans de que nunca havíamos ouvido falar, e esses contrastes pareciam enormes.

– Você falou com o West sobre isso?

Ela balança a cabeça.

– Ele está bravo comigo.

– Por quê?

– Porque está. Ele parece bravo o tempo todo, mas não diz nada. É minha culpa que a gente tenha se mudado para cá.

– Achei que vocês tivessem se mudado para ele poder frequentar a universidade.

Ela balança a cabeça de novo. Não sei o que lhe dizer. O silêncio dura meio minuto. Não há barulho de grilos. A noite está fresca. O verão acabou.

Olho para ela com a mão na maçaneta, os cabelos caídos nos olhos.

Essa menina.

Acontece que eu amo essa menina. Não da forma como West ama, mas da minha própria maneira, porque ela é tão novinha e doce. Porque ela faz um esforço tremendo para ser durona e porque sua boca e seu maxilar teimoso são iguais aos do irmão.

Estendo a mão para tocar o braço dela.

– Quando você não conseguir pegar o ônibus, ligue para mim. Eu irei buscá-la.

– Você não precisa fazer isso.

– Eu quero.

– West não vai gostar disso.

– Isso é problema dele. Se ele não gostar, pode falar comigo, está bem?

Ela dá um sorrisinho.

– Esta noite foi divertida.

– Foi mesmo.

– Obrigada.

– De nada.

A porta bate atrás dela. Fico olhando enquanto ela sobe a escada e entra no apartamento. Ela tem razão. West não vai gostar disso.

Curiosamente fico *feliz* com esse detalhe.

Toda vez que meu celular toca, acho que pode ser West. Normalmente, é Frankie, querendo que eu veja os brincos que ela comprou no Walmart, perguntando se deveria ser a Dorothy do *Mágico de Oz* ou a Mulher-Gato na festa do Dia das Bruxas. Às vezes, são reclamações simples:

Oi, e aí? Não tem pizza boa nesta cidade.

Uma semana e meia depois, ela me manda uma mensagem perguntando se posso buscá-la na escola de novo. Estou na

biblioteca. A vibração do telefone no meu rosto me desperta de um cochilo. Minha bochecha está quente de ficar apoiada nele.

Limpo a baba do canto da boca e olho para os lados, conferindo para ver se há alguém por perto para reparar nisso. Não. É uma tarde tranquila de outubro, um maravilhoso dia de outono. Acho que a maioria das pessoas teve o bom senso de aproveitá-lo ao ar livre.

Claro. Que horas?

Agora.

Estarei aí em 10 min.

Quando chego à escola, ela está sentada em um muro baixo de concreto. Está usando uma calça legging preta e uma blusa escura. Quando joga a mochila sobre o ombro, tenho um pouco de vontade de chorar por causa do contraste entre as canelas finas e os seios grandes demais, aquela menina-mulher completamente sozinha.

Sinto vontade de pegá-la no colo e protegê-la da vida. Como não posso fazer isso, eu a levo para fazer compras.

Putnam não tem nenhuma loja decente, mas vamos para uma que é cheia de roupas esportivas de poliéster. Compro para ela um imenso short de basquete de 2 dólares e uma blusa combinando dos Prairieville Hornets.

Depois disso, vamos até o brechó do Exército da Salvação e experimentamos todas as coisas mais ridículas – vestidos de baile, macacões, um camiseta que saiu de moda há mais de quinze anos, camisetas e jeans de cintura baixa que deixavam nossos cofrinhos à mostra.

Lanchamos hambúrgueres no centro acadêmico e cruzamos com Krishna, que fica um tempo conosco. Acho que é uma tarde boa para todos nós. Uma boa pausa na rotina.

Quando levo Frankie para casa, ela diz que quer que eu entre e veja sua fantasia. Receosa, eu a acompanho. O apartamento não é muito grande. Há apenas a cozinha e uma sala de estar, além de um corredor pequeno com dois quartos e o banheiro entre eles. A cozinha é separada da sala por meia parede da qual saem aquelas colunas de madeira de corrimões. Há muitos armários de madeira escura.

A pia está vazia, reluzente, e alguém pendurou um pano de prato

cuidadosamente dobrado na torneira.

West.

No refrigerador há um prato com um burrito e um bilhete em um post-it com a caligrafia de West. *Micro-ondas por + ou - 2 min.*

Há uma caixa de cigarros dentro do freezer ao lado de um pote de sorvete de flocos. Pego duas tigelas e coloco uma bola de sorvete em cada uma depois que Frankie decide sua fantasia e começa o dever de casa.

O relógio da cozinha parece ficar mais lento a cada minuto que passa. Quando tinha 13 anos, eu costumava trabalhar como babá, e me lembro dessa sensação de expectativa – a ansiedade pelo momento em que botava as crianças na cama e podia percorrer a casa, comendo chantilly do tubo de plástico no refrigerador, abrir e fechar portas de closets, gavetas de mesas de cabeceira, armários de banheiro.

Frankie não para de pedir que eu fique um pouco mais.

– Claro, mas só até você tomar seu banho.

– Claro, ajudo você a escolher uma roupa para ir à escola amanhã.

– Fico ao lado da sua cama conversando por uns minutos.

– Faço carinho nas suas costas até você cair no sono.

– Claro. Vou fazer isso.

Quando ela começa a rressonar baixinho, atravesso o corredor na ponta dos pés até o quarto de West.

Há uma camiseta atirada de modo descuidado sobre a cama desfeita.

Uma pilha de livros em cima da mesa – diferente da que ele tinha no ano anterior –, um colchão maior, um edredom verde com imensas ilustrações de delicadas rosas que deve ter vindo com o resto da mobília do apartamento, porque ele nunca compraria uma coisa daquelas...

Camisinhas na gaveta ao lado da cama. Loção em cima da mesa, uma caixa de lenços de papel. No closet, um cesto até a metade de roupa suja.

O cheiro de West, coberto por serragem e suor, cheiro de roupa

suja e úmida. Passo os dedos pelas camisas penduradas nos cabides, roupas que o vi usar, roupas que tirei dele.

Abro todas as gavetas e vasculho embaixo da cama. Não sei o que estou procurando até encontrar um bilhete meu no fundo de uma pilha, enfiado dentro de uma pasta de papel pardo.

Uma foto de nós dois: West e eu na padaria, brincando, farinha no nariz dele e no meu rosto, nossos olhos iluminados – e um e-mail que mandei a ele depois que ele deixou Putnam.

Eu amo você e sinto a sua falta. Desejo tudo de bom para você, West. Tudo de maravilhoso. Quero que seja feliz. Quero que seja completo.

Duzentos dólares em notas de vinte enfiadas em um cartão de Natal. Fecho a pasta e a guardo. Fico parada no quarto escuro dele, me sentindo exultante e culpada.

Quando dou por mim, estou na cozinha. Tiro o pacote de cigarros do freezer e abro metodicamente cada maço, esvaziando seu conteúdo em uma pilha em cima da mesa da cozinha.

Não sei por quê. Simplesmente faço isso, engolindo a dor no coração e o frio entorpecente. Então volto para o quarto dele, desencavo o e-mail que escrevi e o ponho em cima da mesa. Na parte de baixo da página, escrevo uma nova mensagem:

Se comer tabaco suficiente, vai se envenenar. Muito mais rápido do que fumá-lo.

Ponho um garfo ao lado da pilha que fiz, jogo todos os papéis, filtros e embalagens de celofane no cesto de lixo que encontro debaixo da pia e olho para o pequeno cenário que criei.

Estou pirando.

Mas me sinto curiosamente desconectada de precisar me importar com o que é normal. Curiosamente desculpada pelo meu comportamento, quaisquer que sejam as demonstrações de emoção que tenho vontade de direcionar a ele. Não sei por que ele faz com

que me sinta assim. Talvez pelo meu nome estar no formulário da escola de Frankie. Talvez por cada momento doce que se passou entre nós.

Recolho os meus livros, encontro a luz da varanda e a desligo antes de sair. Sento no primeiro degrau ao lado da porta da frente e olho para o céu. Há uma imensidão de estrelas lá em cima. Eu me permito percorrê-las até ficar perdida – ainda mais perdida do que estava.

Traço as formas daquelas luzes com a ponta do dedo, em busca de padrões, e penso na primeira vez que West me beijou. Em como subimos até o telhado para admirar as estrelas. Em como estávamos chapados e eu o amava tanto, a boca dele na minha, o corpo, o calor e aquele rosto lindo dele.

Lágrimas quentes molham o meu rosto, mas eu não as limpo. É bom chorar e estar ali, esperando por West naquela floresta de estrelas.

Quando ouço a caminhonete dele chegando na entrada de carros, saio e me tranco no meu carro antes de precisar falar com ele, porque esta noite não é a ideal para isso. Esta noite é de surpresa.

Até ele se aproximar, estarei aqui, esperando por uma orientação e uma luz a seguir, pela paz para me ajudar a encontrar meu caminho.

Na manhã de segunda-feira, alguns dias depois de eu ter destruído os cigarros de West, estou caminhando em direção ao meu seminário com Bridget. Quando passamos pelo prédio de artes, ele está lá. Parado. Sozinho. Fumando.

Bridget está me contando o filme que foi ver com Krishna no fim de semana, mas eu me afasto dela. Não penso duas vezes: vou até West, arranco o cigarro dos dedos dele e o amasso no chão com o pé.

Os olhos dele estão verdes ao lado do verde-claro do prédio de artes e em contraste com o branco dos dentes dele quando sorri.

– Tem mais de onde esse veio.

A voz dele é tão suave que posso senti-la percorrendo a minha pele, da mesma maneira que os dedos dele percorriam os meus seios.

– Imagino.

Eu me sinto bem. Quero me encostar nele. Deixar que seu corpo encaixe no meu e me remodele.

Eu vou me recuperar depois que ele for embora. Sempre me recupero. Ele balança a cabeça, pega o maço e tira mais um cigarro. Bate contra a embalagem e o acende. Soprando fumaça por cima da minha cabeça, diz:

– Hábito difícil de abandonar.

– Eu ou os cigarros?

Ele fecha os olhos enquanto dá uma tragada.

– É melhor parar com isso que está fazendo com Frankie.

– Quem sabe a gente deva sair juntos uma hora dessas? Vamos comer alguma coisa. Conversar.

– É melhor parar com isso também.

– Isso o quê?

Ele aponta para mim. Aponta para o próprio peito. Acho que é para eu me sentir desencorajada. Desta vez, pego o cigarro dos lábios dele. Ponho-o a boca e trago cuidadosamente, deixando o sabor dele me percorrer. Sugando West para dentro do meu corpo, para dentro do meu coração. Ele me olha enquanto solto a fumaça.

Largo o cigarro no chão de novo e o amasso com o pé.

Bridget toca no meu pulso e diz que vamos nos atrasar, mas eu não paro de encarar West até virarmos numa esquina e ele sumir de vista. As mãos nos bolsos de trás. Os cotovelos para os lados.

O sorriso desaparecendo enquanto ele me vê indo embora.

Começo a perceber música ao meu redor. Não como se estivesse ouvindo uma na minha cabeça, mas como se só agora estivesse sintonizando a música que já estava em todos os lugares, o tempo todo.

Na última semana de aulas antes do feriado de outono – a semana depois de ter destruído os cigarros de West, a semana em

que peguei Frankie na escola três vezes, a semana em que tirei nota máxima em duas provas de meio de semestre –, ouço baladas tristes na cafeteria.

Ouço músicas pop no rádio.

Ouço um zumbido baixo que percorre o corredor do quarto de Krishna até o meu. O som me atrai até a porta dele. Bridget está sentada na cama, lendo. Krishna está deitado de barriga para baixo com um livro aberto ao lado da cabeça e uma calculadora na mão esquerda, rabiscando com um lápis em um caderno de anotações. Ele está focado naqueles números e símbolos, mas é a música que me atrai. Krishna toca muito esse disco ultimamente. Eu nunca havia percebido antes, mas todas as canções são de amor.

Saio para correr com Bridget de moletom, devido à manhã fria. Damos uma volta ao redor do campus de Putnam. Ela diminui o passo por minha causa. Além de não ser tão boa corredora como ela, meu ritmo falha toda vez que ouço alguma letra nova, um toque diferente em uma canção a que nunca havia prestado atenção antes.

Eu me pego fazendo sinal para ela seguir em frente. *Continua, vejo você em casa.* Preciso ouvir com atenção. Esta também. Mais uma canção de amor.

Canções de amor melancólicas. Lamuriosas, arrebatadoras, sexy e gemidas, bonitinhas, presunçosas, turbulentas, doloridas, desastrosas.

Em todo lugar aonde vou.

Paro no acostamento da estrada em uma manhã fria, com gelo acumulado na vala ao lado, um corvo encarapitado no poste do telefone e um céu sem nuvens, e fico ouvindo uma mulher suplicando acima da bateria de um conjunto: *Take me back, take me back, take me back, baby, take me back (Me aceite de volta...)*.

Em casa, a música de Krishna me atrai pelo corredor mais uma vez. Bridget não está lá dessa vez. Os dois discutiram depois do jantar, e eu não a vejo desde então.

– Está tudo bem? – pergunta ele.

Não sei bem o que dizer a ele. Estou apaixonada.

Às vezes, parece uma doença terminal. Burrice mortífera.

Perigosa para o meu bem-estar. Quero voar até o Oregon de uma hora para a outra e despedaçar cem cigarros.

Krish e Bridget estão apaixonados. Isso faz com que eles façam coisas idiotas como mentir um para o outro sobre como se sentem, fingir não sentir, trepar e se beijarem depois.

Se está tudo bem? Não parece tudo bem. Parece necessário.

Durante o dia, começo a pensar que o mundo é que deve estar errado. Isso explicaria todas essas canções de amor. Por que as ouço agora em todo lugar aonde vou?

O feriado de outono é a última semana antes do Dia das Bruxas. Aproveito a ocasião para passar alguns dias com o meu pai. A casa dele é como um sapato de brechó: adoro a aparência, mas não é confortável quando calço. Posso fingir que serve, mas não é verdade.

– Está tudo bem, querida?

Todo mundo pergunta a mesma coisa. Estou magra demais e pareço não dormir uma noite inteira há cerca de um ano.

E não dormi mesmo.

– Claro.

Estou ótima. Só que alguns dias eu me sinto como se estivesse caminhando em um meio líquido. Quando durmo, sonho que estou queimando viva. Sonho com gravidez de alienígenas. Sonho que perco todos os dentes, perco um bebê que eu não sabia que tinha e reviro o campus atrás dele, procuro em todas as salas de aula, na agência de correios, embaixo de todas as mesas da biblioteca.

Sento na sala de aula e penso nos braços de West, nas mãos de West, no sorriso de West.

West.

– Você parece meio tristonha. Está preocupada com o processo?

O advogado de Nate respondeu à nossa petição negando todas as acusações e solicitando um julgamento sumário. Era isso que esperávamos, e nos dois dias em que estive em casa, meu pai me falou não menos do que quatro vezes que de forma alguma o juiz aceitará isso. Temos uma alegação forte o bastante para que o caso

prossiga rumo ao julgamento, passando por engrenagens bem lubrificadas, até o dinheiro acabar ou algo dramático fazer com que ele pare.

Não estou preocupada com o processo.

Acho que o meu pai ficaria surpreso ao saber quão pouco penso no caso. Não comentei que Nate está morando em uma casa a 60 metros da minha, nem que às vezes passo por ele a caminho da aula e ambos desviamos o olhar, como estranhos.

– Eu estou bem.

– Tem certeza?

– Sim.

– Comprei bananas e sorvete para a sobremesa. Quer fazer as honras?

– Claro.

Preparei bananas split: uma bola de cada sabor de sorvete Napolitano, uma banana cortada cuidadosamente ao meio, calda quente de chocolate, caramelo, creme batido e castanhas. Um velho ritual nosso. Enquanto sirvo o creme batido, ele se aproxima.

– Pai?

– Sim?

– Nós não vamos viajar no Natal por causa do processo?

Ele suspira.

– Nós já falamos sobre isso.

Ele está se referindo ao dinheiro. Combinamos que eu deveria lidar com o meu lado e ele lidaria com os gastos com o processo. Mas por que eu não deveria saber quanto custava a minha vingança para ele?

– Você falou sobre isso. Ainda não entendi por que precisa ser um segredo. Se não podemos bancar, talvez não valha a pena.

– Nós já investimos tanto nisso. Precisamos levar até o fim.

– Por que estamos fazendo isso? Não vou recuperar o que o Nate tirou de mim...

– Caroline, nós já conversamos sobre isso.

Nós conversamos sobre tudo, todas as facetas possíveis, todas as abordagens concebíveis. Mais do que compensamos todas as conversas que não tivemos nos meses depois que Nate postou as

fotos pela primeira vez. Conversamos até eu ficar com dor de cabeça.

– Você nunca se pergunta se não estamos cometendo um erro?

– Não.

Eu esperava essa resposta dele. Meu pai acredita que devemos ir atrás do que queremos. Ele acredita em ambição e busca incansável. Para ele não existe a palavra “desistência”.

Ele tira uma cereja do pote sobre o balcão.

– Vai ser difícil, mas vai valer a pena.

Talvez valha, mas a minha força de vontade esmorece a cada dia que passa. Nate parece intocável.

Há muitas coisas passando pela minha cabeça.

Frankie me envia uma mensagem de texto na tarde da quarta-feira. Volto de carro para Putnam para pegá-la na escola. Mais uma vez, depois que ela cai no sono, fico sentada na escada do lado de fora esperando por West.

O zumbido de um motor me alerta. O tom e o volume mudam quando ele diminui a velocidade para fazer a curva. As pedras sob as rodas da caminhonete. A luz atingindo a garagem.

Ouçó as botas dele nos degraus, mas não posso ver o seu rosto. Está escuro e os faróis dele ferraram com a minha visão noturna.

Então vejo a ponta vermelha e brilhante do cigarro quando ele o atira no chão e o esmaga. A dois passos abaixo de mim, ele para.

– A Frankie está bem?

– Ela está dormindo. – Eu me levanto, com poucos metros nos separando, dezenas de centímetros cúbicos de escuridão. – Ela contou que está tendo problemas no ônibus?

– Que tipo de problema?

– O tipo de problema que meninas têm.

Não sei direito como explicar ou quanto contar a ele. Eu mesma não sei muito. Frankie está cada vez mais relutante em pegar o ônibus para voltar para casa e parece muito provável que o garoto que a está perturbando tenha piorado o nível.

Não consigo decidir se sou eu ou Frankie quem deve contar isso

a ele. Tenho medo de me intrometer entre West e a irmã dele.

– Você deveria descobrir isso com ela.

Ele respira fundo.

– Eu não quero você de babá da Frankie.

– Eu não estou de babá dela. Somos amigas.

– Você não pode ser amiga de uma menina de 10 anos.

– Posso, se você deixar.

– E se eu não deixar?

– Por que não deixaria? Sua irmã merece uma amiga, não acha?

– Talvez uma amiga da idade dela.

– E se ela fez uma amiga na escola? Ela não pode trazê-la aqui.

Não pode ir até a casa da amiga para brincar, não com os seus horários de trabalho. Ela fica presa, sozinha, durante horas todos os dias.

– Laurie faz companhia a ela às vezes.

– Mas ele tem quase 50 anos. Você está dizendo sinceramente que é melhor para ela ficar com ele do que fazer coisas comigo?

Relutantemente, ele diz:

– Não.

– Ótimo. Porque eu sou boa para a sua irmã, e acho que você sabe disso.

West vira a cabeça para olhar para a entrada da garagem. Minha visão está melhor, afiada o bastante para captar a silhueta do perfil dele contra o céu. Posso sentir como ele está cansado. O cansaço dele é tangível. Meus braços querem tocá-lo. Minha cabeça quer encontrar o ombro dele.

Ele costumava se sentir assim depois de um turno de quarta-feira à noite na padaria – morto quando entrávamos pela porta do apartamento dele. Ele se atirava de costas na cama, ainda chutando as botas para fora, me puxava para o lado dele, esfregava o rosto nos meus cabelos e caía no sono.

Havia uma confiança tão grande naquilo, algo muito precioso em estar tão perto dele quando ele estava tão vulnerável.

Ele bate o bico da bota no degrau.

– Não entendo o que você está fazendo aqui.

– Acho que estou ajudando.

– Não sei por que você teria vontade de ajudar.

– Sabe, sim.

– Eu disse que ficaria longe de você. Eu estava falando a verdade.

– É isso mesmo que você quer?

Imagino se a garganta dele está tão seca quanto a minha. Se o coração dele está batendo tão rápido quanto o meu.

– Sim.

– Por quê?

Ele não responde por um longo tempo, e acho que não vai responder. Mas, quando responde, teria sido melhor se tivesse ficado calado, porque tudo o que diz é:

– O que eu fiz a você...

Como um estalar de dedos, aquelas palavras acendem a minha raiva em um instante.

– Eu já disse o que pensava daquele dia.

– Certo. E foi por causa do que você disse que eu sabia que devia ficar longe de você.

– Não imaginei que você voltaria para cá.

– Isso não muda nada.

– Puta que pariu, West, isso muda tudo!

– Mas não precisa mudar.

– E se eu quiser que mude?

Ele se aproxima de mim. Acho que vai me tocar. Tudo o que precisa fazer é estender a mão, mas ele não faz isso. Ele suspira e desce um degrau.

– Caro... É melhor assim.

– Eu não acredito nisso. Para mim não é melhor.

Ele cruza os braços.

– Vai melhorar.

– Você está falando merda.

Ele fica em silêncio por um longo tempo e olha para mim com firmeza.

Imagino se o meu rosto é mais fácil de ler no escuro do que o dele.

Imagino se ele sente a minha falta na cama dele à noite do jeito

que eu sinto a falta dele na minha.

Não entendo mais o que passa pela cabeça dele. O que ele acha que está fazendo e por quê. Ele me empurrou o mais longe que podia, mas agora ele voltou para Putnam.

Por que não volta para mim?

O que eu fiz a você...

Aquela lembrança tão crua para mim. Eu evito pensar nela.

Mas se é só aquela lembrança que o mantém longe de mim – se é seu senso de honra, como se eu fosse uma princesa em uma torre –, que se foda.

Se ele vai negar a si mesmo o que quer, vai negar a mim o que eu quero, não há nenhuma honra nisso. É só uma idiotice estúpida, e eu não vou suportar isso.

West e eu nos encaramos.

É de cortar o coração. As maçãs do rosto bonitas, a cicatriz na sobrancelha, o nariz ligeiramente deslocado do centro, as orelhas pequenas demais, a boca tão larga, expressiva e perfeita.

É de cortar o coração saber que houve um tempo em que eu o teria levado para a cama. Eu o acalmaria. Mas aquele tempo veio e passou, e este é o momento em que estamos agora.

O desperdício da situação me dá um aperto na garganta.

– Eu me sinto culpado. Como se estivesse tirando vantagem de você com Frankie.

– Isso deve ser duro para você.

Ele ri.

– Vá se foder, Caro.

– Ah, como eu queria que você fizesse isso comigo.

– Meu Deus do céu.

Ele passa a mão pelos cabelos e para na nuca. Expira forte, e eu adoro isso. Adoro mexer com ele.

Adoro a confirmação e a demonstração da verdade, o desejo percorrendo meu sangue como nicotina. Parece um jogo, embora eu saiba que, para West, é muito sério. Só que já jogamos assim antes. A Caroline do ano anterior estava assustada, destruída e cautelosa, mas eu não estou mais nenhuma dessas coisas. Eu estou vencendo, e nós mal começamos.

– Então que seja só uma ou duas vezes por semana, está bem? Você tem os seus próprios problemas para resolver. E não quero que gaste dinheiro com ela. Deixe as notas, que eu pago a você.

– É mesmo? Vamos fazer contabilidade? Que divertido!

– Porra, quer parar? Você está conseguindo tudo o que pediu.

– Ah, não estou mesmo.

– Caroline... – Ele cruza os braços.

– West. – Cruzo os meus, imitando-o.

– O que você quer que eu diga?

– Eu vou estar por perto e você vai ter de lidar com isso. Lidar comigo. Pare de fingir que não existo.

Ele me faz esperar pela resposta. Que arranca do peito, com a voz rouca e baixa.

– Tudo bem.

Eu me abaixo para pegar minha bolsa. Meus joelhos ameaçam ceder. Estou nadando em um coquetel de adrenalina e desejo, meu corpo está perigoso e burro.

Quando fico de pé de novo, ele ainda está olhando, e é pior. Melhor-pior.

É sempre melhor-pior com ele.

– O que foi? – pergunto.

– Estou tentando entender a sua estratégia.

– Por que acha que eu tenho uma estratégia?

– Você é política, Caro. Você sempre tem uma estratégia.

– Você me faz parecer traiçoeira.

– Não, não é traiçoeira. Mas admita: você não é sempre direta.

– Talvez porque você não seja tão receptivo à abordagem direta.

– Receptivo, é?

O sorriso dele toma conta de mim.

– Nem finja que não sabe o que isso quer dizer.

Ele balança a cabeça lentamente.

– Não sou eu que estou fingindo.

– Ser indireta não é a mesma coisa que fingir. Especialmente quando sabemos que, se perguntarmos diretamente, seremos derrubados.

– Por que não experimenta para descobrir?

- Não esta noite.
- Você já conseguiu o que queria esta noite.

Arrumo a alça da bolsa no ombro. Fico na ponta dos pés, levando o rosto um pouco mais perto do dele. Levando a boca um pouco mais perto.

- Nem perto disso.

Ele bufa. Vira a cabeça para o outro lado.

- Não há motivo para você ficar por aqui até eu chegar, sabia?
- Eu não consigo trancar a porta depois de sair.

Isso me garante mais um sorriso, mais lento e mais largo, embora ele ainda não olhe na minha direção.

- Agora você vai me dizer que precisa de uma chave.
- Eu não me importo em ficar até você voltar.
- Algumas noites eu trabalho até as duas.
- Eu sei. A Frankie me disse.

Agora ele olha para mim, de cima a baixo.

- Anda dormindo mal de novo?
- Às vezes.

A maior parte do tempo, na verdade. Fico acordada até tarde, durmo algumas horas, acordo e trabalho, tiro um cochilo no fim do dia se não tenho reuniões. Meu ritmo é de vampiro. Era uma coisa que West e eu costumávamos ter em comum.

Ainda temos, acho.

– Vou conseguir uma chave para você. Assim pode ir embora quando quiser.

- Obrigada.

Passo roçando por ele, consciente do corpo dele e do espaço estreito da escada. Consciente de que ele poderia estender os braços, pôr as mãos em mim, me tocar em qualquer lugar, e eu deixaria.

Será que ele sente isso também? Deve sentir. Está bem ali no meio de nós essa noção, aquela canção de amor que nossos corpos nunca param de cantar.

Mesmo brava com ele, eu seria capaz de matar para poder ir com ele para o quarto, ajudá-lo a tirar as botas. Eu seria capaz de morrer

para poder me encaixar na dobra do braço dele para que ele pudesse dormir e eu pudesse mantê-lo a salvo.

Ficar de vigília para ele.

– Boa noite, West.

– Boa noite, Caro.

Guardo essa imagem de nós dois na cabeça quando entro no carro e começo a percorrer o caminho na direção do túnel. West e eu juntos na cama dele.

West e eu vagando por uma imensidão de estrelas com as mãos unidas.

Eu o guiando para fora da escuridão.

EXPLORADOR

West

Parei de fumar na manhã seguinte a Caroline me dizer que estava de volta à minha vida. Ela simplesmente continuaria me perturbando até eu parar.

No entanto, comecei a sentir falta da sensação agradável de tragar um e da forma como a fumaça ia até o fundo dos meus pulmões e me permitia respirar.

Depois que ela foi embora naquela noite, tranquei o apartamento e comi as sobras do jantar que havia preparado para a minha irmã.

Pensei em Caroline passando tardes e noites com Frankie. Pensei nela na minha casa, na minha cozinha, na minha vida.

Tirei o restante dos meus cigarros do freezer, abri todos os maços, quebrei-os e os joguei fora. Então me apoiei no balcão e liguei o isqueiro no escuro.

Faísca. Faísca. Chama.

O tempo todo fiquei tentando me convencer de que a chama não representava esperança. Aquela faísca no escuro, aquela chama tremeluzente... Caroline. Esperança. Para mim, eram sempre a mesma coisa.

Garota impossível. Foi o que pensei quando a conheci. Ela era

exatamente o que eu queria, tudo o que eu queria, mas era impossível. E o que a tornava impossível era apenas o meu medo.

Na última vez que vim para Putnam, eu me apaixonei por ela. Achei que teria uma vida e a perdi. Não queria correr esse tipo de risco de novo, não agora, com a minha irmã envolvida.

Mas Caroline perdeu seu futuro uma vez. Ela perdeu tudo e acreditou em si mesma quando o ex dela pôs suas fotos na internet. Então ela lutou para reaver esse futuro. Ela brigou, bateu e o pegou de volta. Foi a coisa mais linda que testemunhei na vida.

Então que tipo de idiota eu era por pensar que, depois da sacanagem que eu tinha aprontado, ela simplesmente me deixaria ir embora? Caroline não deixaria. Eu era a última pessoa na face da Terra com quem ela deveria querer ter qualquer relação, mas tente dizer àquela mulher o que ela deve querer.

Só experimente. Vou ficar aqui dando risada.

Ela me queria, então estava ali na minha varanda. Estava ali com a minha irmã. Estava ali destruindo os meus cigarros e me irritando, me dizendo que eu ia acabar com câncer, como se eu já não soubesse disso. Como se eu devesse me importar. E eu resisto a isso sem motivo algum.

Só que não é verdade.

Eu resistia porque sentia medo.

E se eu não conseguisse consertar o que havia feito a ela?

E se eu consertasse e a perdesse de qualquer maneira?

E se eu descobrisse que não conseguiria suportar perdê-la uma segunda vez?

E se eu ficasse com Caroline e descobrisse de novo que a esperança é um luxo ao qual eu não tenho direito?

Eu estava com medo.

Mas isso não tinha importância.

Caro e eu... Aconteceria de qualquer maneira. Na última semana de setembro e na primeira semana de outubro, mantive distância. Ao mesmo tempo, tentei lembrar como me dei permissão para pegar o que eu queria.

Parece fácil dizer a nós mesmos que merecemos coisas boas.

Permitir-nos querê-las. Permitir-nos reivindicá-las. Parece fácil, mas não é. Para um cara como eu, é um capricho.

Eu estava preso em Silt. Não apenas a Silt do mapa, mas a Silt na minha cabeça. A Silt que me fez, que me treinou para sobreviver e me ensinou que a minha vida valia precisamente nada.

O caminho que me levou para fora de Silt foi o que me trouxe de volta para Caroline. Depois que eu o encontrei, ficou fácil.

Tudo o que eu precisava fazer era seguir a chama.

No meio da semana seguinte, estou parado do lado de fora do prédio de artes antes da aula. Estou apoiado nas janelas, ouvindo a conversa dos fumantes, brincando. Masco um chiclete para manter a boca ocupada, enfio as mãos nos bolsos para não pedir um cigarro a ninguém.

Metade da turma está do lado de fora.

Vejo um cara chamado Raffé; o apelido dele é Rafael. Ele é afro-americano, tem cabelos escuros revoltos e usa uma jaqueta de motociclista. Ele e uma loira chamada Annie fumam e discutem arte. Surrealismo. Dadaísmo. Warhol. Avedon. Turner. Pessoas de quem nunca ouvi falar. Estão entretidos conversando sobre alguma mostra em Chicago. Os dois pegaram um carro, passaram seis horas na estrada para visitar uma galeria, voltaram e ainda estão animados.

Do outro lado do campus, vejo Caroline. Ela vem na minha direção como se o vento tivesse acabado de soprá-la acidentalmente. Desde a última vez que nos falamos, ela já pegou minha irmã na escola duas vezes e eu me convenci a não comprar cigarros seis vezes.

– O que você acha de arte?

– Não acho que seja uma pergunta que eu possa responder em uma frase.

– Você já foi a Chicago?

– Claro. Muitas vezes.

– Estou pensando em levar Frankie lá um dia. Mostrar a cidade a ela. Ir a um jogo de beisebol na primavera, ou levá-la ao Instituto de Arte para ver as pinturas. Ela nunca viu nada parecido.

Caroline semicerra os olhos.

– E você, já viu?

– Não – admito, envergonhado.

– Então deve ir mesmo.

Raffe e Annie estão olhando para nós. Olho para baixo e percebo que Caroline está muito próxima a mim. Estamos falando baixo. Ela está esfregando as mãos nos braços por cima do casaco comprido e volumoso. Parece quente, mas obviamente não é quente o bastante para o frio que está fazendo.

– É melhor você ir.

Ela olha para o relógio.

– É melhor mesmo. Até mais.

Ela acena para Raffe e Annie. Chama os dois pelo nome. Caroline conhece todo tipo de gente. E todos gostam dela. Eu a observo seguindo seu caminho. O vento sopra em seus cabelos e levanta as laterais do casacão, abrindo-o a cada passo.

Se algum dia eu aprender a pintar, vou pintá-la exatamente assim.

O Dia das Bruxas é na sexta-feira. Quando volto para casa do trabalho, às três da manhã, Caroline está na minha cozinha, dormindo com o rosto sobre a mesa.

Ao lado do cotovelo dela está uma caixa de bebida energética como as que ela costumava me levar na padaria.

– Bom dia, flor do dia.

Quando ela levanta a cabeça, sorri. Um sorriso aberto, como o sol nascendo. Flor do dia. Então bate com o cotovelo nas bebidas energéticas e sua expressão é envolta por uma sombra.

– Desculpe.

– Não há nada de que se desculpar. A menos que tenha destruído mais alguma coisa minha.

Ela franze o nariz.

– É. Eu estava me sentindo mal por aquilo.

– É mesmo?

– Bom, pela parte do dinheiro. O Krish me disse quanto custa

uma caixa de cigarros. Trouxe isto aqui para compensá-lo. Se quer mesmo ficar viciado em um estimulante, bebidas energéticas são uma escolha melhor.

– Obrigado.

Ela se levanta, mas eu não quero que vá embora.

– O que você e Franks fizeram hoje?

– Eu a levei à reunião do grêmio estudantil.

– Você está no grêmio estudantil agora?

– Sim.

– Como é?

– Genial.

Ela joga os cabelos para trás dos ombros. Estão muito mais compridos do que no ano anterior, quase no meio das costas. Quero pegá-los nas mãos para ver se estão mais pesados. Sentir se estão diferentes.

Ela está magra demais, isso eu sei. E, àquela luz, os círculos escuros ao redor dos olhos estão evidentes. Quando estava comigo, eu a ajudava a voltar a dormir quando acordava no meio da noite.

– Já falou com ela?

– Com quem, a Franks?

– Sobre o ônibus.

– Não.

Preciso conversar com Frankie mesmo. Não foi só a Caroline que chamou minha atenção. Recebi e-mails do conselheiro da escola da Frankie, que tentou marcar uma reunião comigo. Não consigo imaginar nada de bom saindo disso.

Ele pode descobrir alguma coisa que não quero que saiba: assassinato na família, meus horários de trabalho que deixam Frankie sozinha durante horas, alguma cisma por eu ser jovem demais para ter responsabilidade por uma menina de 10 anos.

Leio os e-mails dele e os apago. Caroline está franzindo a testa.

– Ela está tendo dificuldades na escola.

– E quem nunca teve?

Isso aumenta a profundidade da ruga entre as sobrancelhas dela.

– Não, é pior do que isso. Aconteceu uma coisa muito ruim hoje. Ela chorou no meu carro depois que eu a busquei.

- Por quê?
 - Ela não quis me contar.
 - Merda. – Enfio as mãos nos bolsos e fico balançando nos calcanhares. – Vou ver o que posso fazer.
 - Se quiser que eu tente conversar com ela, eu poderia...
 - Deixe que eu cuide da minha própria merda.
- Eu me arrependo na hora de ter dito essas palavras.
- Que Deus não permita que alguém tente ajudar você com as suas merdas, West.
 - Não sei por que você teria vontade de ajudar.
 - Você já disse isso. Deixe para lá.
 - Estou tentando.

Ela me lança um olhar furioso, que eu mereço, e começa a arrumar suas coisas. A luz cintila nos cabelos dela. Mergulho no verde de seu casaco, na forma como os jeans não escondem a forma da sua bunda.

Eu sou um cretino.

Sou um cretino não apenas por olhar com desejo para a bunda de Caroline, mas também por não ter conversado com Frankie. Não quero saber o que está acontecendo no ônibus, porque não tenho alternativa. Ou ela pega o ônibus ou eu peço demissão.

Eu deveria pedir demissão.

Só que o horário é conveniente e o salário é bom. Então sou um cretino com Caroline, em cujo carro a minha irmã está chorando.

Eu não sei como fazer isso. Nada disso. Nem Frankie e a escola, nem trabalhar e cuidar de uma criança e assistir às aulas, nem Caroline na minha cozinha no meio da noite tentando me ajudar quando mal consigo olhar para ela sem querer pedir desculpas, beijá-la ou as duas coisas.

A maior parte do tempo, as duas coisas. Tiro a nova cópia da chave do meu chaveiro e a estendo para ela.

- Para você poder trancar a porta ao sair.
- Obrigada. – Ela se aproxima para pegar a chave. – Você está bem?

Eu estou me afogando. Estou exausto. Sinto a sua falta.

Eu estou uma porra de um desastre, sinto como se as pessoas

conseguissem ver isso em mim – o pânico paralisante, a culpa, a inutilidade.

Ela continua ali e eu não entendo.

Não consigo fazê-la ir embora. Não consigo pensar no que dizer.

– Estou ótimo.

Caroline dá mais um passo na minha direção. Enfio as mãos nos bolsos de trás e olho para o chão, porque...

– Tudo bem.

“Tudo bem.”

Depois que ela vai embora, esquento uma lasanha no micro-ondas. Confiro a calefação antes de ir para a cama.

Mesmo debaixo das cobertas, não consigo me aquecer.

No café da manhã do dia seguinte, Frankie me diz:

– Preciso de roupas novas.

– Nós acabamos de comprar roupas novas em setembro.

– Elas não me servem mais.

Olho para ela, tentando descobrir se isso pode mesmo ser verdade. Não faz nem seis meses, mas talvez ela tenha mudado sem eu perceber.

– O que não serve, as calças? As blusas?

– Tudo.

– Você não tem nada que sirva?

Ela assente.

– Isso não tem nada a ver com Caroline ter me contado que você teve uma porcária de Dia das Bruxas, tem?

– Não.

– Porque ela disse...

– Eu só preciso de roupas novas. – Frankie insiste. – Estou gorda demais para todas as roupas que você comprou para mim.

Então ela joga o que sobrou do café da manhã dela no lixo, bota o prato na pia e sai. Eu a observo. A calça está servindo perfeitamente. A blusa talvez esteja um pouco mais curta do que quando compramos. Ela tem quadris agora. Eu tento não olhar para

os seios, porque não consigo me acostumar com minha irmãzinha tendo seios.

– Aonde você quer ir? – pergunto enquanto ela se afasta.

– No brechó.

– Eu posso comprar roupas novas – digo, exasperado. – Não é um problema, só estou tentando entender...

– Só me leve ao brechó, está bem?

– Tudo bem.

– Ótimo.

Preciso fazer umas leituras sobre história russa antes. Frankie passa a manhã no sofá assistindo a desenhos animados. Depois do almoço, saímos para fazer compras. Ela enche meus braços de calças jeans e moletoms. Tudo o que ela escolhe é imenso. Calças legging que ficam folgadas, agasalhos com capuz que vão até abaixo do bumbum.

– Essas coisas não servem em você.

– É você quem está sempre dizendo que as minhas roupas são vulgares demais.

– Eu nunca disse isso.

– Você disse que eu não poderia usar a minha fantasia sem um casaco por cima.

– Era uma fantasia, não uma roupa sua – digo a ela. – E não era sua culpa... Todas as fantasias são assim agora. Eu devia ter checado antes de comprar.

Ela empurra um moletom nos meus braços.

– É isto que eu quero.

Estou tentando olhar nos olhos dela. Tentando fazer uma conexão.

– Se tem alguma coisa acontecendo com você na escola, a gente precisa conversar.

– Não tem nada acontecendo.

– Não me trate como se eu fosse um tonto. Você chora no carro da Caroline, do nada você me diz que precisa de roupas novas que cobrem você como uma barraca. Tem alguma coisa acontecendo.

– Por que você não cuida dos seus problemas?

– Por que você não me conta o que aconteceu na escola?

– Não aconteceu nada.
– Eu não acredito em você.
– Não estou nem aí se você não acredita em mim.
– Franks, olhe aqui, o que quer que esteja acontecendo, trocar de guarda-roupa provavelmente não vai resolver. Pense bem. Você é inteligente demais para isso.
– É, bem, talvez eu não queira ser inteligente.
Ouvi-la dizer que não quer ser inteligente... acende uma luz.
Eu quero sacudi-la, dizer que a inteligência é tudo o que temos. A inteligência é o que vai salvá-la de Silt, vai evitar que ela se transforme na mamãe, vai evitar que ela se transforme em mim.
– O que isso quer dizer?
Ela bufa.
– Meu Deus. Deixa pra lá.
Agarro o braço dela.
– Não fale nesse tom comigo. Eu deveria estar fazendo um trabalho, mas estou aqui com você, e acho que você me deve...
– Eu não devo nada a você! – Ela puxa o braço e me empurra com força bastante para me fazer balançar nos calcanhares. – Compre essas coisas ou não. Vou estar na caminhonete.
Fico parado no meio das araras de roupas no corredor do Exército da Salvação sem fazer ideia do que devo fazer a seguir.
Queria que Caroline estivesse aqui.

Na manhã de segunda-feira, passo no café da universidade e vejo Caroline sozinha em uma mesa com um livro à frente dela e uma rosquinha sobre um guardanapo, intocada.

Rosquinha de chocolate glaceada. A preferida dela.

Sento à sua frente, pego a rosquinha e dou uma grande mordida.

– Idiota.

Sem levantar o olhar, ela me dá um chute na canela.

Sentado ali, como o resto da rosquinha. O sol está brilhando através das janelas, banhando Caroline com sua luz. Ela lê com a boca ligeiramente aberta, empurrando a língua na falha entre os dentes. De vez em quando, ela passa os olhos por uma pilha de

cartões de anotação, e eu reconheço o formato. Ela tem teste de latim.

– Quer ajuda com os verbos?

– Não. Pare de me distrair. Eu só tenho dez minutos.

Vou até o balcão e compro outra rosquinha. Ela não me diz mais nada. Ainda assim, são os melhores quinze minutos do meu dia.

Quando volto para casa, às duas da manhã, eu a encontro na cozinha digitando no notebook.

– Você sabe que a biblioteca está aberta, certo?

– Sei.

Abro um saco de salgadinhos de milho. Ponho alguns em uma tigela para ela comer se quiser. Ela pega um salgadinho.

– Como é o seu trabalho?

– Chato.

– O que você faz?

– O que me mandam fazer.

– O que você fez esta noite?

– Medi coisas. Ainda não me deixam cortar.

– Cortar é mais divertido?

– Seria diferente. Nunca usei uma serra de esquadrias, mas sei que dá para fazer cortes complicados, como quando precisamos cortar 30 graus no eixo x e 45 no y ... Quero ver como isso funciona. Ou então dirigir a empilhadeira.

– Quando você vai poder fazer essas coisas?

– Ainda vai demorar um tempão. Sobre o que você está escrevendo?

– Periódicos vitorianos.

– Fascinante.

– Não, é bom. Cada aluno escolheu um assunto sobre o qual houvesse muitos artigos naquela época e precisa ler sobre isso em publicações diferentes.

– O que você escolheu?

– Irlanda.

– Qual é a questão da Irlanda?

- Bem, basicamente, eles queriam a independência.
- Que ultraje! Como ousam?

Ela sorri.

- Quer uma cerveja?

Pergunto sem pensar. Não quero pensar esta noite. Estou cansado de pensar, cansado de tudo ser difícil o tempo todo. Quero alguma coisa fácil. Cerveja, sofá, Caroline.

- Às duas da manhã?
- Estou muito agitado. Provavelmente vou custar a dormir.
- Por que está agitado se o trabalho foi tão chato?
- Aqueles energéticos que você comprou para mim.

É verdade apenas em parte. Eu estou agitado por ela estar ali e por Frankie ainda não querer falar comigo. Fiquei acordado durante toda a noite anterior escrevendo o último dos meus projetos finais. Estou com o sono tão atrasado que sinto que não preciso mais dormir.

- Quer uma cerveja ou não?

– Claro. Já estou praticamente sem ideias brilhantes para esta noite mesmo.

Pego duas cervejas no refrigerador e um guardanapo para jogar fora o chiclete que estava mascarando. Quando me viro, ela está levantando uma sobancelha.

- Qual é a do chiclete?
- Ajuda a não fumar.
- Você realmente parou?

– Estou tentando. – Abro as cervejas e passo uma a ela. – Preciso me sentar.

Pego os salgadinhos e vou para o sofá. Ligo a TV e assisto a um horrível comercial de processador de alimentos. Ela me acompanha e senta na outra ponta do sofá. Ficamos lá, juntos, vendo um vendedor magricela e agitado tentar nos convencer de que vamos morrer se não tivermos aquele processador.

Sinto o cheiro dela, do desodorante que ela usa que tem aroma de laranja e especiarias.

- Você acha que eu estou fazendo merda? – pergunto.
- Acho.

– Quer esperar um segundo para descobrir sobre o que estou perguntando?

Isso a faz sorrir.

– Não.

– Porque eu estava perguntando a respeito da Frankie.

– Hummm.

Ela dá um sorriso convencido. Eu a vi sorrir assim enquanto segurava as minhas bolas e tentava decidir exatamente como iria chupar meu pau com mais eficiência.

– Você acha que estou fazendo merda com a Frankie ou merda de um modo geral?

Ela apenas olha para mim com seus olhos grandes e redondos.

– Eu estou fazendo merda com você também? Fazendo merda com todo o meu futuro? Fazendo merda com a universidade?

Ela inclina a cabeça, como se quisesse assentir a cada pergunta que fiz. É condescendente, mas não me importo. Ela está vestindo uma calça jeans e uma blusa macia que eu nunca tinha visto, mas que parece ter sido lavada mil vezes. Está desabotoada de uma maneira que consigo ver um pouco do seu sutiã. Tem um lacinho inútil costurado naquele ponto. A calça jeans é justa e desbotada nas coxas, e tudo nas roupas dela e nos cabelos caindo do nó em que ela o amarrou me deixa com vontade de desarrumá-la.

Fico com vontade de testar a textura daquele jeans, descobrir se a blusa dela é macia contra o meu rosto, se é mais macia do que os seios dela, embora eu saiba que nada é mais macio do que os seios dela.

Não ajuda o fato de a blusa ser exatamente da cor da boceta dela.

– Apenas responda. Você parece que vai morrer se não disser.

Ela balança a cabeça.

– Eu não vou dizer nada enquanto você não disser.

– O que devo dizer?

Ela toma um gole de cerveja.

– Como você está.

– Eu estou ótimo.

Isso me faz soltar uma risada.

– A verdade, West.

– Você fala como se eu estivesse mentindo o tempo todo.

Ela pensa um pouco.

– Não, você não está mentindo. Você está de balela. O que é curioso, uma vez que sei exatamente como você se sente em relação a isso.

Na primeira conversa de verdade que tive com Caro, fui muito duro por ela me dizer que estava bem quando não estava. “Balela” foi a minha resposta. Por que as pessoas não podiam simplesmente dizer a verdade? Por que todo mundo precisa ser tão educado quando está morrendo por dentro?

Foi na noite em que ela me confessou o inferno pelo qual estava passando desde que suas fotos haviam aparecido na internet. Compreendo o que ela quis dizer melhor do que compreendi um ano atrás.

Termino de beber a minha cerveja e largo a garrafa sobre a mesa de centro. Estou cansado e confuso. Caroline está sentada relaxadamente no meu sofá, tomando sua cerveja, olhando para mim como se pudesse enxergar dentro da minha alma. Como se soubesse exatamente como as coisas estão ferradas lá dentro, mas ela não se importa nem um pouco com isso.

– Quer mesmo que eu diga uma verdade?

Ela apenas assente.

– Eu quero beijar você.

Vejo o calor subir pelo pescoço dela, deixando a pele da cor da sua blusa.

– Então por que não me beija?

Não consigo me lembrar.

Juro por Deus, não consigo me lembrar, caralho. Talvez não haja motivo.

Talvez eu nunca tenha tido um bom motivo e seja apenas um imbecil. Talvez eu sempre tenha sido um imbecil. O que traz à tona a questão de por que ela se daria todo esse trabalho para me colocar de volta em sua vida.

Ela está olhando para as persianas fechadas por cima do meu ombro. Está com a testa franzida.

– Eu tive de ler um conto para uma aula. “O presente dos magos”, de O. Henry. Você já leu?

– Acho que não.

– Aposto que conhece a história. É sobre um casal que é muito pobre e a mulher quer comprar algo bom para o marido no Natal e então corta os cabelos e os vende para comprar uma corrente para o relógio dele. Só que ele também quer fazer algo para ela, então vende o relógio e compra um pente para os cabelos dela.

– Eu conheço essa história. Mas nunca gostei dela.

– Eu também não. Por que você não gosta?

– É para ser romântica, certo? Sobre a beleza do amor e o enorme sacrifício que eles fazem. “Ah, o verdadeiro espírito do Natal.” Só que não é.

– Como assim?

– Você pode me dizer que os dois estão felizes embaixo da árvore de Natal deles porque têm o amor um pelo outro, mas eles já tinham o amor antes de tudo, certo? O amor nunca esteve em questão. A questão era o que ele precisava dar a ela além de amor. Ele não consegue manter a casa aquecida. Ele não consegue dar a ela um cruzeiro pelo Caribe ou qualquer porra dessas. Tudo o que ele tem é um relógio, e então ele decide: “Muito bem, vou vender o relógio e dar a ela algo que a faça se sentir bonita.” Só que agora ela está careca, e isso provavelmente a deixa ainda mais infeliz do que já estava. É uma porra de uma história deprimente.

Passo a mão pela nuca, encabulado. Não sei de onde saíram todas aquelas palavras. Ela só fica me olhando. É mais do que eu posso suportar. Ela está no meu sofá. A forma como ela conversa comigo, como se eu fosse importante, como se tudo o que eu digo fosse interessante, como se eu merecesse estar conversando com ela depois de tudo o que eu fiz.

Eu não mereço, porra.

Eis o motivo pelo qual eu não posso beijá-la.

– Eu só fiquei surpresa ao perceber como era mais complicado do que eu esperava.

– Como assim?

Ela olha para a garrafa de cerveja que tem nas mãos. Olha para

o meu rosto.

– É para ser sobre sacrifício, mas se torna um desastre, como você disse. É deprimente. Mas olha o que eles estão dispostos a fazer um pelo outro.

– Mas eles já sabiam o que estavam dispostos a fazer... Eles estavam tentando se sentir diferentes por um dia, apenas um dia, deixar de ser perdedores patéticos morrendo de fome, e acabaram parecendo idiotas. Sabe quem realmente se deu bem? O cara que vendeu a corrente de relógio a ela e o cara que vendeu o pente a ele. Aposto que esses dois tiveram um Natal fantástico. Aposto que os dois acham essa história muito legal.

Ela está sorrindo para mim. Está me sorvendo com os olhos.

Ela está me devorando, e o desejo sombrio dentro de mim, maior e mais alto.

Queria ter um cigarro.

Queria afogar a cabeça com uma garrafa de bebida, acabar com essa pressão que sinto perto dela, esse desejo do qual não consigo me livrar.

– Foi só um Natal. Quero dizer, ele poderia sair no dia seguinte e vender a corrente de relógio para comprar um chapéu para aquecer a cabeça careca dela. Ela poderia vender o pente e comprar um suéter para ele. Não acabou ainda.

– É, mas como ele vai se sentir da próxima vez que comprar um presente para ela? Não vai se sentir bem. Vai se lembrar daquela cagada com o pente e dizer a si mesmo: “Cacete, vou só comprar um vale-presente, e ela pode escolher o que quiser.” Eles acabaram com todo o romance com aquele grande gesto e não vão conseguir recuperá-lo.

– Nada disso está na história.

– Não?

– Não. Está tudo na sua cabeça.

Ela larga a cerveja, apoia o rosto no encosto do sofá e me olha de uma maneira suave. Só queria que ela parasse de olhar para mim daquele jeito, porra, como se eu fosse alguma descoberta preciosa.

– Eu não cortaria os meus cabelos para comprar uma corrente de relógio para você – ela diz.

Começo a suar.

– Não compraria mesmo. Meu pai, a Bridget e o Krishna acham que eu sou como aquela mulher da história, só que pior, porque os meus cabelos não me fariam parar. Eu venderia a mobília, minhas roupas, minha dignidade, tudo para ter algo para dar a você. Mas não é verdade. Os cabelos na história representam o orgulho dela, o que a faz se sentir bonita e valiosa, e você não pode ter isso. Isso eu não darei a você. Eu jamais daria isso a você.

Tentei dizer “Eu sei disso”, mas as palavras saíam roucas demais. Não consegui.

– Só que você também não pode *tirar* isso de mim. Nem mesmo se vender o seu relógio.

Eu não posso destruí-la. É isso que ela quer dizer. Eu posso fazer merda, mas não destruí-la. Minhas mãos estão tremendo. É o efeito dela sobre mim. Caro me desmonta. Talvez seja disso que eu tenha medo. De que ela me desmonte e não sobre nada.

– Sabe, West, os cabelos dela vão crescer e ela pode ficar com o pente. Ele pode comprar outro relógio. Os presentes são muito bons. Tipo, se você me desse um pente de pérolas, eu provavelmente pensaria: “Nossa, que lindo. West deve ter economizado muito tempo para poder comprá-lo.” Eu não pensaria nos meus cabelos.

– Meu Deus, eu pensaria.

– Eu sei.

Ela fica de joelhos e vem para o meu lado. Segura meu queixo até estarmos muito próximos, mais próximos que estivemos desde aquele instante ao lado do túmulo em que eu me fechei para ela e disse a mim mesmo que aquilo precisava acabar. Que eu teria de dar fim naquilo.

– Você venderia o seu relógio por mim, West. Você me daria aquele pente e veria a minha cabeça careca e ficaria de coração partido. Mas o que eu estou tentando dizer a você é que não precisa ser assim. O mundo não é assim.

– Assim como?

Estou olhando fixamente para os lábios dela. Tudo parece muito importante, mas eu não consigo focar. Estou cansado demais, com os olhos ardendo e prestes a chorar. Eu queria poder chorar. Que

alívio seria. Não sou alguém capaz de fazer isso, mas não consigo lembrar por quê. Se fui feito assim ou se escolhi isso.

– O mundo não é preto no branco. A vida não tem mocinhos e bandidos, ou começo, meio e fim. Não enquanto a estamos vivendo. A vida são apenas pessoas fazendo coisas bonitas ou burras ou algo no meio disso.

Ela segura meu rosto. Passa os polegares sobre as minhas sobrancelhas, fazendo com que eu feche os olhos e escute atentamente o que ela está dizendo.

– Então, sempre que se flagrar escrevendo uma história exagerada sobre nós, sempre que disser a si mesmo que você é o malvado da história ou nos destruiu... pense nisso.

Ela se aproxima e encosta os lábios na minha testa.

Dói não abocanhar sua boca. Dói me segurar para não deitá-la no sofá, sobre as almofadas, e tocá-la e beijá-la, porque preciso dela, porque a quero e porque ela poderia me fazer esquecer.

Não seria justo usá-la assim.

Mas, meu Deus, como eu quero isso.

Quando ela vai um pouco para trás e toca meus lábios com os dedos, percebo que ela sabe disso.

– Só pense nisso.

– Tudo bem.

Depois que ela vai embora, passo metade da noite acordado, pensando.

Manhã de sexta-feira. Aula de artes. A pilha de papéis coloridos em cima da mesa à minha frente custa 100 dólares e eu devo “fazer experiências” com ela.

Experimentem coisas, disse Rikki à turma.

Rikki é a minha professora de artes. Ela está vestida como se fosse a menor pirata do mundo: botas que sobem até as coxas, uma faixa brilhante sobre um ombro. Ela é da Holanda, casada com Laurie. Ou seja, além de minha professora, ela é minha senhoria.

É também arteterapeuta, seja lá o que isso quer dizer.

– A ideia – Rikki está explicando ao aluno sentado na minha

frente – é brincar com as cores e ver como elas se relacionam. Trabalhe com campos grandes e pequenos de cor para criar ilusões de diferenças onde existirem semelhanças, ilusões de semelhanças onde haja diferenças.

O pacote de papel contém 150 folhas, nenhuma igual à outra. Sessenta e seis centavos cada cor. A garota na mesa ao lado está pirando com sua tesoura, cortando pedaços de uma cor após a outra. Transformando dinheiro em confete.

Como não consigo me obrigar a levar uma tesoura a um pedaço de papel de 66 centavos a menos que tenha algum motivo para pensar que aquilo vá levar a alguma coisa, fico apenas empurrando os papéis de um lado para outro, até Rikki me dar um cutucão no ombro ao passar por mim e dizer:

– Brinque.

Corto alguns pedaços, largo a tesoura e fico remexendo as cores por mais um tempo. Este sou eu na aula de artes.

Nunca tive aula de artes antes, e provavelmente jamais teria, mas fiz a matrícula tão tarde que precisei escolher qualquer disciplina com vaga. Além de artes, estava fazendo história russa moderna, introdução à língua espanhola e uma aula bizarra de literatura afro-americana.

Antes do meu primeiro ano, o Dr. T. me disse que o objetivo de Putnam não é me especializar ou me preparar para a pós-graduação, mas aprender a aprender.

“Experimente de tudo até encontrar alguma coisa que ame. Aprenda a pensar, fazer perguntas, decidir por si mesmo.”

Eu não fiz isso, porque queria ser médico – embora, olhando em retrospecto, eu me pergunte que porra me fez acreditar que isso poderia dar certo. Quatro anos de graduação, quatro anos de faculdade de medicina, depois residência, empréstimos, estudos, sem chances sequer de ter empregos de meio período... De quem quer que fosse essa vida, jamais seria a minha.

Agora estou experimentando coisas. Queimando dinheiro. Estou me sentindo um cretino a maior parte do tempo, tentando enrolar a minha língua nas aulas de espanhol, lendo a biografia de uma mulher russa que foi prisioneira de Stálin.

Já estou fazendo esse tipo de merda há oito semanas, mas não sei ao certo como qualquer dessas coisas possa estar contribuindo para a minha formação. Também não sei o que pedaços de papel colorido vão fazer por mim, mas pego um pedaço de papel vermelho-escuro e corto um triângulo de um dos cantos.

Disponho o triângulo contra um azul-claro. Contra um laranja. Encontro um amarelo-limão e corto um canto dele. Tento de novo.

– Brinque! – Rikki diz a Raffe do outro lado da sala.

Eu me sinto um imbecil. Aquilo nem é arte. É matemática. O livro acadêmico faz tudo parecer misterioso, como se as cores tivessem propriedades... Ah, o que você sabe? Aquela cor parece assim ao lado daquela e esta outra parece assado ao lado daquela outra.

Quando, na verdade, podemos designar números ao tom e ao valor, e elas seguirão padrões previsíveis. Rosa-claro parece vibrante sobre verde-claro. O quadrado rosa parece maior sobre o quadrado preto e menor sobre o branco.

Não é mágica. São apenas números e bom senso.

Rikki se apoia no meu ombro. Ela toca em um triângulo marrom que eu havia disposto sobre um rosa-claro e inverte o outro.

– Legal, mas trabalhe com pedaços maiores. É difícil ver com os triângulos tão pequenos que você fez.

– Eu não quero desperdiçar papel.

– Sempre tenho um aluno com medo de desperdiçar. Nós vamos fazer quadros e você vai escolher as menores telas, ou faremos esculturas e você fará algo minúsculo.

Ela junta as mãos em concha, mostrando o tamanho da minha escultura imaginária.

– O papel é feito para desperdiçar.

– Talvez eu simplesmente não goste de jogar dinheiro fora.

– Ou talvez você tenha medo de ocupar muito espaço no mundo.

Acho que, para as minhas aulas, você deve ser tão perdulário quanto conseguir ser. Cortar todo o papel. Fazer as maiores pinturas. E então veremos o que você pode fazer.

Depois disso, ela me deixa sozinho. Fico empurrando os meus triângulos de um lado para outro, em busca dos melhores arranjos. No caderno de desenhos que sou obrigado a manter, anoto algumas

ideias de valores numéricos e as uso para prever quais serão as melhores combinações. Vou experimentá-las com Frankie mais tarde, ver se consigo enganá-la com elas. Então farei versões maiores das melhores para o meu portfólio.

É uma abordagem melhor e mais lógica do que a de Rikki.

Não tem nada a ver com quanto espaço eu quero ocupar no mundo.

Do lado de fora, depois da aula, estou pensando se todas as aulas de artes vêm com uma análise psicológica ou se é apenas a coisa de arteterapia de Rikki quando quase esbarro em Krishna.

Tento me desviar e ele me bloqueia.

Finjo que vou para o outro lado, giro e sigo em uma direção diferente, irritado porque não quero ser esse tipo de cara, mas sou, e gostaria que ele me deixasse em paz.

– Caso esteja se perguntando – diz ele, correndo atrás de mim –, eu não vou desistir.

– Tenho aula.

– Essa foi a sua última aula. Agora vai para casa estudar e depois vai trabalhar.

– O que você está fazendo, me perseguindo?

– Perguntei à Caroline.

Ele corre mais alguns passos para me alcançar. Há muito movimento de pedestres no caminho porque é o início de um novo período universitário. Para Krishna e eu caminhamos lado a lado, todo mundo que vem no caminho contrário precisa pisar na neve e molhar os tornozelos.

Krishna claramente está se lixando para isso. Eu gosto disso nele.

– Vou dar uma festa de aniversário. Quero que você vá.

– Tenho um compromisso nesse dia.

– Você precisa perguntar quando é para tornar sua desculpa mais plausível.

– Quando vai ser?

– Amanhã à noite.

– Ah, amanhã. Tenho um compromisso amanhã.

Ele dá um de seus característicos sorrisos presunçosos. O vento

está forte, soprando os cabelos dele para todo lado, deixando-o parecido com uma espécie de astro de cinema indiano.

– Claro que pode.

– Tudo bem. Eu não quero ir.

– Por quê?

– Estou ocupado.

– Você sempre está ocupado. Pense em outra desculpa, porque não vou aceitar essa de você.

– Eu odeio festas.

– É, mas será a do meu aniversário. A gente precisa fazer sacrifícios para os amigos em seus aniversários.

– Eu não preciso fazer nada.

– Como tem uma festa no Minnehan às oito da noite, vamos começar a nossa às dez. Você sabe onde eu estou morando?

Onde a Caroline está morando. É claro que eu sei.

– Não posso ir. Desculpe.

– Tente.

Olho para ele. Ele não está sorrindo. Está com as mãos enfiadas nos bolsos e as sobrancelhas escuras franzidas. Ele parece chateado, o que é estranho, porque Krishna normalmente parece não sentir nada.

– Não posso deixar a minha irmã sozinha para ir a uma festa.

– Você não pode encontrar alguém para cuidar dela?

Laurie e Rikki se ofereceram mais de uma vez para fazer isso.

– Mesmo que eu pudesse, o que vou dizer a ela? “Olhe, sei que você mal me vê e não tem amigos ou coisa parecida, mas esta noite eu vou à festa de aniversário de um cara que você não conhece, não me espere acordada”?

– Eu conheci a sua irmã.

– Quando?

– A Caroline a leva na nossa casa. Ela é uma graça.

Sou dominado por um ciúme irracional. Ciúme de Frankie por ter estado na casa de Caroline. De Krishna por ver a minha irmã quando estou trabalhando.

– Olhe, não acho que vá rolar. Mas feliz aniversário, está bem?

Ele para. Simplesmente para de caminhar no meio do caminho e

eu continuo andando por mais uns passos, mas acontece que eu não posso deixá-lo desse jeito.

Eu venho tentando afastá-lo desde que fui embora de Putnam na primavera anterior, e todas as vezes que o corto da minha vida, eu me sinto mais cruel. Não estou conseguindo nada com isso.

Krishna não tem muitos amigos. Não amigos de verdade. Quantos caras sabem como é a família dele, quantos amigos ouviram as histórias do pai cretino dele, que diz na cara de Krishna que ele será um fracasso completo se não assumir a empresa da família na Índia? Resposta: um. Eu.

Paro de andar.

– Não estamos bem.

– Eu sei.

– Não acho que saiba. Você está de volta à cidade há dois meses, e parou de falar comigo.

– Eu sei.

– Então por que não faz alguma coisa a respeito?

– Acha que eu não faria, se pudesse encontrar alguma forma de fazer? Acha que estou me divertindo? Estou criando uma menina de 10 anos de idade, trabalhando trinta horas na porra da fábrica de esquadrias, tendo aulas e tentando finalizar todas as minhas disciplinas incompletas do semestre passado. Não sei como fazer as coisas voltarem a ser como eram, está bem? Nem posso.

A expressão dele é séria.

– Caroline parece achar que é possível.

– É?

– Isso é tudo o que você tem a dizer?

– O que você quer que eu diga? Que tenho alguma espécie de grande plano em que Caroline e eu nos entendemos?

Ele diminui o espaço entre nós e avança para cima de mim, mais furioso do que eu já o vi na vida.

– Quero que você diga que vai tirar a cabeça do rabo e ficar com ela de novo.

– Eu não mereço ficar com ela de novo.

Ele olha para o chão. Chuta uma porção de neve, fazendo-a voar

sobre o gramado congelado. Quando ergue o olhar e me encara, sinto a frieza através do meu casaco, até os ossos.

– Eu devo uma coisa a você. Você me livrou dos policiais. Não precisava fazer isso, e nem sequer hesitou. Fiquei mal e Bridget me consolou dizendo que isso é o que os amigos fazem uns pelos outros. Mas depois, a forma como você me isolou e isolou Caroline, fez com ela o que quer que tenha feito que ela não quer me contar... não é algo que os amigos façam. Então, sabe, não sei dizer o que você merece. Não sei se você é a pessoa que eu achei que fosse ou se é alguém diferente. Mas, puta merda, West, vá à porra da festa. Faça com que seja possível eu *gostar* de você de novo, caralho.

– Eu não posso.

– Eu sei que não pode. Leve a sua irmã e vá de qualquer maneira. Amanhã à noite. Para o meu aniversário. Vou preparar o jantar.

– Você... cozinha?

– Bridget tem me ensinado.

Acho que sorrio, porque ele dá um sorrisinho, e então levanta a mão e arranca o meu chapéu, passando a mão pelos meus cabelos.

– Você devia raspar para ficar com mais cara de mau.

– Pensei também em tatuar “Comi sua mãe” na minha testa.

– Isso seria legal.

– Talvez faça isso amanhã.

– Vou ficar na expectativa.

Ele está sorrindo. É tudo fingimento – a brincadeira, o sorriso –, mas um sorriso fingido é melhor do que nada.

Nunca foi muito difícil fazer Krishna feliz. Eu só precisava deixá-lo ficar por perto. Conversar com ele. Dar atenção a ele de vez em quando.

Nunca pensei muito antes sobre a possibilidade de ele estar fazendo a mesma coisa por mim.

– A Caroline vai estar lá?

– Ela mora lá.

Ele dá meia-volta e sai a passos largos.

Vou estudar, depois sigo para o trabalho, para uma tarde e uma noite inteiras da mesma merda que sempre faço na fábrica. Contar

coisas. Medir e marcar. Carregar e descarregar. Mas percebo que a fábrica cheira a madeira cortada, serragem, e é nisso que estou pensando – em como eu gosto desse cheiro.

Adoro o barulho do chão da fábrica, aquele vasto espaço de concreto repleto de ecos e de luzes girando em cima das empilhadeiras, o bipe do alarme de ré, a batida do metal contra a pedra.

Eu sinto como se estivesse acordando. Parei de querer cigarros além dos impulsos ocasionais, e no espaço que antes era ocupado por esse desejo agora há sons e cheiros, cores e números, Frankie, Krishna e Caroline.

Penso no resto da semana e em como, na manhã seguinte, posso contar a Frankie sobre o jantar na casa da Caroline. Estou esperando ansiosamente por isso. Fazia tanto tempo que eu não esperava ansiosamente por alguma coisa que havia me esquecido de como é a sensação. É muito boa. É perigoso, mas é bom.

Quando meu celular toca, vejo que Caroline está me ligando, e a sensação também é boa para caralho, até ouvir o que ela tem a dizer.

O conselheiro quer conversar seriamente comigo.

Ele está me levando por um corredor. Frankie vem atrás de mim com Caroline. Não sei aonde estamos indo. Quando cheguei lá, os três estavam me esperando do lado de fora da sala, Caroline no meio de uma conversa com o conselheiro.

A escola está deserta. Eles estavam ali fazia um tempo – tratando do que quer que se tratasse aquilo. Esperando por mim enquanto eu dizia ao meu chefe que precisava de uma folga emergencial e disparava através da cidade para chegar à escola.

– Olá – diz o conselheiro.

O nome dele é Jeff. Ele não pode ter a minha idade – não de verdade. Ele deve ter idade suficiente para ter um diploma de bacharel. Mas ele não parece mais velho do que eu, e entre o sorriso agradável, o aperto de mão suave e a gravata roxa, não consigo me permitir confiar nele.

– Por que vocês três não conversam em particular por alguns minutos? – sugere ele. – E, Sr. Leavitt, quando estiver pronto, gostaria de falar rapidamente com o senhor antes de saírem.

A porta se fecha. Estamos apenas nós três ao redor de uma mesa dentro de uma sala do tamanho de um armário. O lugar tem cheiro de produtos de limpeza: doce e amadeirado, permeado de agentes químicos.

Caroline puxa uma cadeira para Frankie e senta ao lado dela. Frankie segura a mão dela.

– Querem me dizer o que aconteceu?

Minha irmã balança a cabeça negativamente.

– Ótimo. Isso é simplesmente perfeito, caralho.

O que sei pela ligação de Caroline é que Frankie se atirou sobre uma mesa em um ataque aparentemente sem motivo, sentou-se em cima de um garoto chamado Clint e bateu repetidamente no rosto dele até o professor e um assistente a puxarem de cima dele.

Frankie nunca fez nada parecido. Nem uma vez em toda a vida dela.

– Caroline?

– É melhor ela contar a você.

Frankie está olhando fixamente para os próprios pés, como se alguém os tivesse pregado no chão. Ando para a frente e para trás, atrás das cadeiras. Os ombros de Frankie estão tensos. Ela parece estar com medo que eu vá machucá-la, mas sou eu quem a abraça quando ela acorda de pesadelos. Ela não tem motivo para sentir medo de mim, nenhum.

– Comece a falar – disparo.

Frankie leva a cadeira para longe de onde eu estou, enterrando o rosto na axila de Caroline.

– West... – diz Caroline.

– *O que foi?*

– Acalme-se.

– *Como?*

É uma porra de uma pergunta sincera. Queria que ela me dissesse onde está o manual para isso. Eu decoraria a coisa toda se achasse que poderia me ajudar ali.

Eu me agacho ao lado de Frankie. Falo o mais baixo que posso, o mais calmamente que consigo.

– Em poucos minutos, aquele conselheiro vai voltar aqui. Ele vai me perguntar o que aconteceu. O que devo dizer? Que você ficou catatônica? Acha que isso vai acabar bem?

– Eu não sei o que isso quer dizer – murmura ela.

– Quer dizer que você está praticamente em coma.

– Não estou catatônica. Só não quero conversar com você.

– Bem, com quem você quer conversar, hein? Com os assistentes sociais que aparecerão no apartamento quando decidirem que eu não tenho condições de cuidar da minha irmã que está batendo em garotos na escola? A menos que eu tenha perdido alguma coisa, nós estamos do mesmo lado, Franks.

Ela não diz nada. Olho para Caroline e ela está tranquila. Com uma fé em mim que alivia um pouco a minha irritação. Ponho a mão na perna de Frankie e tento de novo. Tento manter o nível da minha voz, tento evitar parecer meu pai, ser como ele.

– Precisamos ficar juntos. Não posso ajudá-la se você não falar comigo. O que está acontecendo agora... é *perigoso*. Eu posso *perder* você.

Frankie está tremendo.

– Você está assustando ela – comenta Caroline.

– Sinto muito, mas é uma situação assustadora. Acho que mais assustadora do que você pode compreender.

Frankie começa a chorar. Cerro os punhos, apertando com uma força que não fará bem algum ali. Não em uma escola, não em Putnam. Não posso sair dessa brigando. Não posso encontrar uma solução berrando.

– Você tem alguma sugestão? – pergunto a Caroline.

Ela baixa a cabeça e sussurra uma pergunta a Frankie. Frankie sussurra algo de volta. Elas continuam assim por alguns segundos, e então Caroline diz:

– Ela quer que eu conte por ela. Tudo bem assim?

– Sim.

– Venha aqui.

Ela me leva até o outro lado da sala, o mais distante possível de

Frankie, e se recusa a começar a falar até que eu me sente. Por que ela está fazendo tanto esforço para me preparar para isso?

Então ela conta e é pior do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado.

Eu pensei que Frankie estivesse com saudade das amigas, com vergonha dos seios ou desconfortável com o próprio corpo... mas o que Caroline me conta é que há um garoto, um escrotinho cretino chamado Clint, que vem perturbando Frankie no ônibus todas as manhãs e todas as tardes. Ele vem dizendo coisas pervertidas sobre a aparência dela, o corpo dela, coisas de conotação sexual que nenhuma menina de 10 anos de idade deveria ouvir.

No Dia das Bruxas, a professora mudou a configuração das mesas dos alunos para grupos de quatro mesas reunidas, e agora Clint está bem ao lado de Frankie. Assim, ela tem passado *o dia inteiro* ouvindo esse tipo de coisa.

Ela aguentou e aguentou, até não conseguir mais. Limpo as minhas mãos suadas nas calças.

– Eu vou matá-lo!

As mãos de Caroline estão nos meus ombros. Ela está bem atrás de mim, falando baixinho.

– Não, não vai.

Frankie está toda encolhida em sua cadeira. Eu não consigo respirar direito. Não é o Clint quem eu quero matar. Eu fiz isso a ela. *Eu.*

Quando ela era bebê, eu estava sempre com medo. Se ela dormia mais do que o normal, eu temia que tivesse morrido durante o sono. Não conseguia tomar coragem para olhar para ela, porque tinha certeza de que isso tinha se tornado realidade.

Sempre achava que ela não estava comendo o suficiente. Eu temia que ela não tivesse nada para vestir para ir para a escola e, quando ela ficava com febre, achava que o seu cérebro iria fritar e ela ficaria burra.

Quando cursei o ensino fundamental, Frankie era pouco mais que um bebê. A mamãe a deixava na casa da vizinha, a Sra. Dieks, e eu saía do ônibus e ia direto para lá para apanhá-la. A maioria das

vezes eu encontrava Frankie apenas de fralda, batendo as palminhas sobre a mesa de centro, envolta em fumaça e balbuciando com a TV.

“Ela é terrível”, a Sra. Dieks me dizia, e, mesmo aos 12 anos, eu sabia que era mentira. Ela era normal. Curiosa. Era a Sra. Dieks que estava velha demais para cuidar dela.

Pela forma como ela me olhava – como se eu tivesse alguma doença contagiosa –, sabia que a Sra. Dieks não gostava de mim. Também sabia que não gostava da minha irmã pelas marcas nas partes mais macias das coxas de Frankie.

Mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito além de falar para a minha mãe, que minimizava.

Ela cai. Tenho certeza de que as marcas são de acidentes.

Um dia, eu me lembro de ter ficado tão incomodado que vomitei. Sequei os olhos, lavei a boca e jurei que seria a última vez que contaria com a minha mãe para qualquer coisa.

Você vai ter que consertar isso. Você vai ter que fazer as coisas serem melhores para ela.

Mas o que eu podia fazer? Eu era um menino, pouco mais velho do que Frankie agora. Eu levava a minha irmã para casa no instante em que descia do ônibus, trocava a fralda dela, espalhando o creme contra assaduras o mais gentilmente possível.

Depois que ela começou a passar os dias na escola, nós dois descíamos do ônibus na mesma hora. Mamãe estava trabalhando. Frankie era preocupação minha.

Quando tirei a carteira de motorista, comecei a andar com ela de carro. Tinha meu próprio dinheiro para comprar coisas de que ela precisava – roupas, comida e guloseimas. Mesmo quando a deixei para trás para vir para Putnam, Frankie era a minha prioridade, minha principal preocupação, minha irmã.

Mas agora ela é minha, é legalmente minha responsabilidade, e eu tinha falhado com ela. Eu a trouxe para cá, onde ela está vulnerável. Eu a deixei sozinha. Sabia que alguma coisa estava acontecendo, mas não queria ouvir.

- É culpa minha. Tudo isso é culpa minha.
- Você está enganado – disse Caroline.
- Você não entende.

– Eu entendo, sim, e você está enganado. Mas podemos conversar sobre isso mais tarde. Neste momento, você precisa se focar em soluções construtivas para este problema.

– O que vai ser construtivo é encher a cara desse cretinho de porrada.

Não estou falando sério. Só não tenho nada de construtivo a oferecer.

– Ir para a cadeia não vai ajudar. – Ela passa o braço pela cadeira à minha frente e se inclina atrás de mim. – Tudo vai ficar bem, West. Confie em mim. Eu sei que parece algo imenso, mas já conversei com o conselheiro e as coisas realmente vão ficar bem.

Agarro o braço dela, passo-o pelo meu peito, forçando-a a sentar-se em uma cadeira atrás de mim, encostada nas minhas costas. Quando ela passa o outro braço ao meu redor, seguro suas mãos e as aperto de leve.

– Respire – diz ela.

Eu inspiro. E expiro. Jogo minha cabeça para trás até pousá-la contra o pescoço dela, em seu ombro. Foco em Caroline. Em como eu me encaixo nela.

Baixo o tom de voz e digo a ela:

– É abuso. O que ele está dizendo para Frankie.

– Eu sei.

– Esse tipo de coisa ferra com a cabeça da criança. Não posso consertar isso.

– Eu sei. Mas, West, nós vamos ajudá-la a enfrentar a situação. Eu prometo.

Olho para a minha irmã, encarapitada em uma cadeira com assento plástico azul com os joelhos apertados contra o peito, e tento acreditar nisso.

De onde estou, encostado na parte externa do prédio da escola, é possível ver o rosto de Frankie de perfil.

Ela está com a cabeça torta, os cabelos empurrados para trás das orelhas e espalhados sobre os ombros. Eu lhe disse para se pentear naquela manhã, mas parece que ela esqueceu.

Ela está sentada na minha caminhonete e eu estou pressionando a nuca nos tijolos crus, deixando a superfície áspera arranhar a parte de baixo dos meus dedos.

Tudo o que consigo ver é Frankie. Os traços de menininha em seu rosto. Seus ombros magros, os cabelos desordenados e o moletom preto.

Dez anos, sozinha em um carro frio.

Caroline me dá um empurrão de leve no ombro.

– West. Estou falando com você.

– Eu ouvi.

Na verdade, não tinha ouvido. Estou distante, sentindo a pressão das irregularidades dos tijolos na palma da mão, observando a minha irmã, ouvindo uma gravação de tudo o que o conselheiro disse sem sentir nada.

Eles ainda não receberam os resultados dos testes de Frankie, mas ela está se saindo acima da média em todas as disciplinas. Ela só não está feliz. Vai para a sala do conselheiro umas três ou quatro vezes por semana. Sai da sala de aula para ficar sentada na cadeira ao lado da porta dele ou em frente à mesa dele. Ela tem permissão de fazer isso. Ele combinou isso com o professor. Deu à minha irmã um lugar seguro aonde ir quando precisar.

Ele gostaria de vê-la fazer mais amigos, conversar mais na escola. Adoraria dar mais oportunidades a ela e queria saber se eu já pensei em colocá-la em uma aula de música ou artes, porque às vezes isso ajuda crianças que estejam lidando com o luto.

Acho que isso quer dizer que ela contou a ele sobre nosso pai.

O que mais conta a ele quando se senta no lugar seguro que ele criou para ela?

O que ela conta a Caroline nas longas tardes que as duas passam juntas?

Obviamente muito mais do que me conta.

Caroline me encara.

– West.

– Eu vou pedir demissão da fábrica.

– Você não precisa fazer isso. Eu posso buscá-la todos os dias. Não tenho aulas tão tarde.

– Eu preciso estar por perto.

Ela estende o braço e puxa a minha manga com as pontas dos dedos. Eu a vejo esfregar o tecido entre o polegar e o indicador, como se quisesse me tocar, mas não pudesse chegar perto o bastante para fazê-lo.

– É melhor você ir embora – digo.

Eu nunca me senti como se merecesse menos a lealdade dela. Ela segura a minha mão e eu deixo.

– No ano passado...

– O que tem o ano passado? – pergunta ela.

– Eu estava fingindo.

– Qual parte?

– A parte em que eu tinha uma vida além de cuidar de Frankie.

– Mas você tinha uma vida aqui. Não era imaginária.

– Mas olhe o que resultou disso.

– Você não provocou isso. Você não fez a sua mãe voltar para o seu pai, você não o matou, você não fez nada para Frankie ver o que aconteceu.

– Ela disse a você que viu o que aconteceu?

Saber disso me deixa morto de medo. É claro que ela viu. A minha mãe mentiu. Minha irmã testemunhou um assassinato.

Ela contou a Caroline, mas não me contou.

– Sinto muito – diz Caroline. – Não sabia se devia dizer alguma coisa, ou quando, ou como...

– Eu sabia.

Porque sabia. Eu não queria saber, mas sabia. Então penso no Dr. Tomlinson. Em segredos terríveis que nunca são segredos. Não de verdade.

– Eu devo mantê-la em segurança.

– Você está fazendo um bom trabalho. Ela é uma menina maravilhosa.

– Ela tem problemas.

– West, *todo mundo* tem problemas.

– Não quero que a Frankie seja como eu.

Os olhos de Caroline brilham. Ela engole em seco. Passo o braço ao redor dela.

Ficamos ali parados assim. Depois do estacionamento, avisto um playground. Tem um daqueles escorregadores em espiral isolado e uma imensa estrutura com uma parede de escalada, quatro escorregadores diferentes saindo em diferentes direções, uma ponte de corda, todo tipo de coisa.

Há folhas secas nos cantos e perto da cerca... vermelhas, verdes e douradas.

Há muita cor nesta escola.

– Nunca tive um conselheiro como ele.

– Jeff?

– Ele tem apenas 24 anos. Você notou o porta-retrato com a foto da mulher e do bebê dele?

– O que têm eles?

– Você ouviu. Ele quer vê-la mais bem ambientada. Quer que ela atinja “todo o seu potencial de realizações e felicidade”.

Talvez seja algo que as pessoas dizem no mundo de Caroline. Ela deve ter frequentado escolas como esta, com conselheiros estudantis, professores e diretores que queriam coisas para ela. Ela tem um pai que quer o mundo para ela. É algo tão estranho para mim.

Ninguém jamais conversou comigo sobre potencial, realizações e felicidade além do Dr. T., e o que eu fiz em troca?

Ela acaricia o meu braço.

– Isso é bom, não é? Está tudo certo.

Puxo Caroline para mais perto, então a posiciono na minha frente e a seguro quando ela se apoia em mim.

Ficamos olhando para a minha irmã. Ela se abaixa e desaparece, provavelmente procurando algo na mochila. Pega alguma coisa e baixa a cabeça de novo. Ela está escrevendo.

– Se Jeff fosse o pai dela, saberia o que ela está escrevendo.

– Provavelmente não.

– Ela não teria pesadelos. Ela sonharia acordada. Com cavalos e unicórnios, príncipes e castelos, toda aquela bobagem que as meninas da idade dela desenham nos cadernos. Seria isso que Frankie teria.

Caroline se vira nos meus braços e põe as mãos frias no meu

rosto.

– Que monte de merda.

– É a verdade.

– Mesmo se fosse. Mesmo se ela tivesse tido uma vida diferente até agora, uma vida protegida com unicórnios e arco-íris, mais cedo ou mais tarde ela cresceria e se machucaria. Não há como escapar disso.

– Você não a viu quando ela era bebê. Não havia nada com ela.

Ela acaricia o meu pescoço.

– Sabe quem eu gostaria de ter visto? Você. Eu gostaria de ter visto você quando ela nasceu. Quantos anos você tinha? Dez?

Assinto com a cabeça.

– Eu quero uma máquina do tempo para poder ver você aos 11 ou 12 anos, quando ela deu os primeiros passos ou aprendeu a falar.

– Ela passou direto da canção do alfabeto para fonemas. Soletrava tudo em voz alta. E depois que aprendeu a soletrar, pegou *O gatola da cartola* e leu para mim. Não deixou passar uma única palavra.

– Sentiu orgulho dela?

Senti. Sempre senti.

Caroline espalma as mãos no meu peito e se inclina para trás para me olhar nos olhos.

– Ela não precisa de outro pai. Ela tem você.

– Eu sou apenas o irmão dela.

– Não, não é.

– Sou o tutor dela.

– Meu Deus, como você é teimoso. – Caroline se afasta, vira o rosto para o carro e aponta para Frankie. – Olhe para aquela menina e me diga que você não sabe absolutamente tudo sobre ela.

– Ela não me contou sobre o Clint.

– Ela tem *10 anos*. É idade suficiente para segredos. Mas eu conheci a sua mãe e vi onde você cresceu. Eu conversei com a sua irmã. Eu a vi com você. Você é o pai dela, quer queira, quer não. Você tem sido o pai dela desde o dia em que a sua mãe a trouxe do hospital. Olhe para ela.

Eu olho. Olho pelo que parece uma hora.

Não posso dizer a Caroline que ela está errada.

Não sei sobre o que Frankie está escrevendo, mas conheço a forma como ela mordisca o lábio quando está com uma caneta na mão. Quando o tempo está frio e seco, os lábios dela racham e sangram, e eu preciso ficar no pé dela para passar pomada para cicatrizar.

Eu daria a minha vida por ela sem hesitar. A qualquer hora. A qualquer dia. Sob qualquer circunstância. É assim que são as coisas e Caroline tem razão quando diz que não importa o que diga um pedaço de papel. Minha irmã e eu pertencemos um ao outro de uma forma mais profunda do que palavras em um papel, de uma forma mais profunda do que sou capaz de descrever com palavras em voz alta.

Ela é a minha garota. Acho que isso quer dizer que sou o pai dela.

Que porra de pensamento apavorante.

– Eu não sei o que fazer para ela.

– Então aprenda.

– Não sei como começar.

– Pare de ser um bebezão. Leia um livro sobre criação de filhos. Leia vinte, se isso fizer com que você se sinta melhor.

– Mas não é só criá-la, é esse tipo de coisa! Aulas de artes? Jamais passou pela minha cabeça me preocupar com isso.

– É para isso que serve o Jeff.

– Não é isso que eu quero dizer. Estou dizendo que estamos vivendo aqui como vivíamos em Silt. Nós estamos sobrevivendo, porque é tudo o que eu sei fazer. Jeff fica sabendo sobre Clint e o ônibus e as coisas horríveis que aquele garoto disse à minha irmã e não pensa em bater em alguém. Ele me diz: “Sim, isso é terrível, mas vamos dar um jeito. O que me preocupa é como podemos tornar a vida da sua irmã mais rica.” Mais rica! Como assim, porra?

Ela está franzindo a testa para mim.

– *Mais rica* – digo mais uma vez, deixando a expressão cair como um martelo. – Mais completa. Mais bonita. Isso não é sobreviver, é outra coisa. É progredir. Eu não sei como fazer isso.

Caroline bate com a cabeça no meu peito, com força. Então faz

de novo.

– O que foi que eu disse?

– West. – Ela bate a cabeça em mim uma terceira vez. Rola a testa para cima e para baixo. – Você me deixa louca.

– O que foi?

– Você não sabe como fazer isso porque não sabe como fazer para você mesmo, está bem? Mas se simplesmente me escutar de vez em quando, porra, e se me deixar entrar, talvez comece a descobrir.

Ainda estou me recuperando do que ela disse quando Caro levanta o rosto na direção do meu, fica na ponta dos pés e me beija. Um beijo de verdade, com língua e dentes, as mãos dela na minha cabeça, o corpo pressionado contra o meu.

Eu nem sequer penso em resistir. Seguro a bunda dela com as duas mãos e a puxo com força contra mim. Eu a beijo de volta, um beijo após outro, suave e depois intenso, uma carícia profunda da língua, assustado, confuso e feliz por ela estar ali, porque sei o que mais rico, mais completo e mais bonito quer dizer, mas apenas quando estou com Caroline.

Ela se afasta e me beija o queixo, o maxilar, a bochecha e a têmpora.

– Você vai descobrir – sussurra ela. – Confie em mim quanto a isso.

Eu não posso confiar em mim mesmo, mas posso confiar nela.

– Vou tentar.

Ela me dá um abraço apertado, encosta a cabeça no meu pescoço e diz:

– É melhor mesmo, caralho.

Olho novamente para a minha irmã dentro do carro, a quilômetros de distância. Entre nós agora está Caroline.

A casa dela fica a umas duas quadras do campus, um velho casarão com telhas de cedro que impressiona à distância, mas parece caído de perto. Estaciono no beco dos fundos. Krishna me recebe na cozinha. O ambiente cheira a cebola e alho – aromas de comida

sendo feita. Bridget e Caroline estão em uma mesinha enfiada num canto.

– Onde está a Frankie? – pergunta Caroline.

– Eu a deixei com o Laurie e a Rikki.

– Ela está bem?

– Está, só recebeu uma oferta melhor. Eles vão fazer uma sessão dupla de filme de arte com pipoca e balas. Como ela pareceu empolgada, eu disse que tudo bem.

O que Frankie realmente me disse foi “eu quero”. Eu não podia dizer não a isso, principalmente quando significava uma noite livre para mim e uma chance para ver se consigo lembrar como é ter amigos.

Estou segurando uma caixa de cerveja e uma linguiça de 30 centímetros. Parei em um mercado no caminho.

– Feliz aniversário – digo a Krishna. – Animado?

– Ô. Quase gozei quando acordei hoje de manhã e me dei conta de que finalmente completei 21 aninhos.

– Aposto que sim.

– Este é um presente e tanto – comenta ele apontando para a linguiça. – Justamente o que eu queria.

– Eu ia dar um *101 problemas de matemática não resolvidos*, mas não tinha mais no posto.

– É um mercado mal abastecido, verdade.

– Imaginei que você iria preferir cerveja e uma linguiça gigante a um exemplar da *Playboy*.

Krishna olha para Bridget.

– Você pode colocar a cerveja no refrigerador – diz ele, distraidamente. – Só abra uma para mim, por favor.

– Pode deixar.

– Pedimos dois barris para a festa mais tarde.

– Dois? Vocês não estão brincando.

– Só se faz 21 anos uma vez.

Largo a linguiça na mesa, abro duas garrafas e dou uma para ele. Krishna sorri e me diz:

– Pegue uma cadeira. Estou fazendo minestrone.

– Você está usando um avental.

– Eu sei. Estou tentando parecer você, perigoso. Você estava sempre de avental na padaria no ano passado.

Nostalgia e decepção, prazer e dor.

Tantas vezes ele foi até a padaria só para ficar comigo durante uma hora antes de ir para casa dormir. Tantos turnos eu passei com Caroline sentada no chão fazendo o dever de casa de latim, conversando sobre alguma ideia para um texto ou marcando seus livros.

Tudo passado. Eu nem passei pela frente da padaria. Não pedi o emprego de volta porque saí preso de lá. Não seria capaz de encarar o proprietário.

Queimei todas essas pontes quando deixei Putnam, pensando que estava indo para casa, quando não havia uma casa para onde voltar. Só trabalho, preocupação e gente ferrando tudo enquanto eu tentava ser alguém com quem eles podiam contar.

E para ser esse cara, eu traí o que tinha com cada pessoa naquela cozinha.

Sento na cadeira ao lado de Caroline.

Ela está usando jeans e camiseta, apenas uma simples camiseta branca com um bolso. Está com os cabelos soltos, caindo pelas costas, ainda úmidos do banho. Os pés, dentro de meias grossas cinza, estão sobre os braços da cadeira.

Ela me parece linda, mesmo com a cabeça inclinada e a testa franzida que indicam que ela está tentando me entender.

– Confira o pão de alho – Bridget diz a Krishna. – A grelha é traiçoeira e o pão pode queimar se não estiver prestando atenção. Acho que já está lá há tempo suficiente...

Krish fala com ela da forma como os dois sempre falaram.

– Eu armei um timer para tocar.

– O timer é uma boa ideia, mas não é bom confiar cegamente, porque às vezes a grelha fica tão quente que...

– Está tudo certo. O timer está acionado e eu não vou conferir.

– Mas está queimando, eu estou...

– Não está queimando.

– Krish, estou sentindo cheiro de queimado. Você precisa...

Quando ele encontra um pegador de panela, a fumaça está

saindo de baixo da grelha e toda a cozinha cheira a pão queimado. Krishna grita um palavrão enquanto Bridget borboleteia fazendo muito barulho.

Caroline e eu apenas acompanhamos a cena, inabaláveis. É legal estar sentado ao lado de Caroline, olhando para as coxas dela, o cotovelo em cima da mesa, ouvindo Bridget e Krish implicando um com o outro.

Ele põe o pão em uma cesta e a coloca na minha frente como se eu fosse o rei da França.

– A sopa ainda vai demorar um pouco. Acho que eu deveria ter começado com a sopa e depois o pão.

– Pois é – comenta Bridget. – Eu mandei aquela mensagem de texto quando você estava em aula para lembrá-lo disso e disse que poderia buscar o parmesão para você não precisar perder tempo, mas você acha que sabe tudo...

– Mas quem sabe tudo é você, certo?

E então Krishna sorri para ela de um jeito que o trai completamente. Eu o vi olhar para ela antes, mas nunca de um jeito tão evidente. Olho para Caroline, me perguntando se ela está vendo isso também.

Ela levanta uma sobrancelha. *O quê?*

Olho de Bridget para Krishna e para Bridget de novo.

– *Eles estão trepando?* – sussurro.

Caroline assente.

– Sério?

Ela faz um círculo com a mão esquerda e enfia o indicador direito, sorrindo com os olhos.

– Sério o quê? – Krishna quer saber.

– Nada – respondemos em uníssono e, por um segundo, as coisas entre nós são como sempre foram. Fáceis.

Pego um pedaço de pão de alho e enfio na boca.

Estou faminto.

Mais dez minutos e vou embora. Tenho aula no dia seguinte,

trabalho à tarde, preciso conversar com Frankie, resolver toda a minha vida.

Mais dez minutos, depois vou embora.

Mas o jantar fez alguma coisa comigo. O pão estava congelado e queimado; a sopa, tão salgada que praticamente tirou toda a umidade da minha boca; e, de sobremesa, um cheesecake que Bridget fez para Krishna.

Estava bom. A comida e a companhia, a forma como eu podia fechar os olhos e quase fingir que era um universitário comum jantando com os amigos, bebendo umas cervejas, brincando sobre linguças grandes e sobre quem iria lavar a louça, conversando sobre nada.

Mais dez minutos. Mais dez.

Em vez disso, bebi mais um chope, baixei a guarda e deixei a música me manter assim: club music, dance music, canções altas e outras mais sombrias que faziam as pessoas quererem se amontoar nos cantos para falar bem perto umas das outras e se tocarem.

A casa está cheia. Conheço muitas dessas pessoas – para quem vendi, com quem bebi, a quem entreguei saquinhos de papel com muffins às três da manhã. Antigos parceiros de laboratórios, colegas de projetos em grupo, garotas cujos nomes eu sei porque Krishna saiu com elas, garotas cujos nomes eu sei porque tentaram sair comigo.

Deixo tudo aquilo me contagiar. Barulho e calor, garotas e suor. A casa fica barulhenta; a música, mais barulhenta. Todo mundo tem um copo plástico vermelho e alguma coisa a dizer. Toda vez que alguém levanta a mão e grita “West!” acima do povo, toda vez que alguém bota mais um copo na minha mão, eu me permito aceitar.

Estou bebendo e conversando, rindo com um cara cujo nome não lembro, encostado com a mão espalmada na parede, baixando a cabeça para escutar uma garota chamada Sierra que parece me conhecer embora eu possa jurar que nunca falei com ela antes. Consigo ver dentro da blusa dela, mas seus peitos são apenas peitos e, na maior parte do tempo, o que faço, mesmo quando não estou fazendo, é observar Caroline.

Gosto da aparência dela. Do jeito que ela dá risada.

Gosto de como ela se mexe quando passa pelas pessoas segurando a bebida no alto, a forma como brinca com Krishna e Bridget e os outros colegas de casa, a forma como, embora não seja muito alta, pareça ser a garota mais alta do ambiente por se manter tão ereta.

Ela tem a postura de quem importa, ri como quem se importa, sorri como se fosse alguém importante.

Realeza. Caroline parece da realeza. Sempre foi assim.

Sempre será. E nada que eu possa fazer ou dizer a ela mudará isso, porque ela não estava mentindo quando disse que não cortaria os cabelos por mim.

No fundo de si mesma, ela sabe quem é. Eu posso partir seu coração, mas não posso afetar seu orgulho. Não posso destruí-la. Ela jamais deixará isso acontecer.

Porra, eu quero ela.

O tempo todo, como um vírus, uma doença que eu tenha pegado, só que ao contrário – como uma cura que eu peguei um ano atrás e está dentro de mim, percorrendo as minhas veias, pulsando no meu coração.

É fácil aceitar isso.

É fácil beber mais do que eu deveria, fácil ir até ela quando a vejo descansando sobre o encosto do sofá.

É fácil chegar por trás dela, passar os cabelos por cima do ombro e baixar a cabeça.

Seguro os seus ombros, prendo-a entre as palmas das minhas mãos e abro a minha boca bem ali, no limite do maxilar dela. Foi o primeiro lugar dela onde pus os meus lábios. Sei que ela vai se lembrar. Ajo como se ela ainda fosse minha, porque eu nunca deixei de ser dela. Nem por um segundo.

Eu me aproximo e pressiono o meu corpo contra o dela enquanto passo os braços pela frente dela.

– Está se divertindo?

A minha boca está tão perto dela, que posso sussurrar. Posso dizer qualquer coisa a ela, contrabandear palavras sacanas por baixo da música, dizer a ela todas as sacanagens que quero fazer com seu corpo, e ninguém além de Caroline irá escutar.

– Sim.

Sinto a respiração dela, as costas subindo e descendo contra o meu peito, o calor e a excitação dela.

– A gente devia ir para algum lugar. Para nos divertirmos um pouco mais.

– Não sei se é uma boa ideia.

Mas ela está com as mãos em cima das minhas e está puxando meus braços para mais perto dela.

Está com a bunda encostada na minha virilha, me deixando mais duro.

Isso nós sempre soubemos como fazer.

Minhas mãos a envolvem. Eu as deslizo até logo abaixo de seus seios. Não é exatamente indecente, mas sinto o arfar na respiração dela. Sei que ela está ficando molhada para mim, só de pensar no que eu poderia fazer com um deslizar dos polegares.

– Isso parece uma boa ideia.

Ela se vira, os olhos ardendo, as bochechas vermelhas.

– Quanto você bebeu?

– Quatro cervejas.

– Você não está bêbado.

– Só altinho. E você?

– Duas cervejas, e troquei para água há pouco.

Examinamos um ao outro. Ao nosso redor há movimento, gritos e risadas, muita excitação, mas poderíamos muito bem ser apenas Caroline e eu, porque estou cagando para todo o resto que está rolando no ambiente.

Ela está sóbria e eu não estou muito longe disso. Nós dois sabemos o que estamos fazendo. Se isso acontecer, é porque decidimos deixar acontecer, imediatamente, de cara limpa. Só que eu nunca estou de cara limpa perto dela.

Eu estou bêbado dela desde o dia em que nos conhecemos.

– Suba comigo – diz Caroline.

– Tem certeza?

– Eu não tenho certeza de nada. – Ela molha os lábios, deixando a ponta da língua para fora da boca, me deixando hipnotizado. – Mas sim. Vamos subir.

Eu a solto para que possa se levantar.

Agarro seus quadris porque não consigo evitar. Preciso agarrá-la. Preciso abraçá-la e mordê-la, lambê-la e possuí-la, tudo o que puder conseguir dela esta noite, absolutamente tudo, vou armazenar, guardar.

Ela cobre a minha mão com as dela. Entrelaça nossos dedos.

Ela me puxa na direção da escada, até o corredor que leva ao seu quarto.

A camiseta do time de rúgbi feminino de Putnam emoldurada na parede acima da cama de Caroline vibra com as batidas do baixo.

Fico parado no meio do tapete, sem saber onde ela me quer. Estou no centro de um tornado. Se eu me mexer para longe demais em qualquer direção, ele vai me lançar para fora, para longe dela. Quando ela dá um passo na minha direção, agarro sua cintura e a puxo para perto de mim.

Deixo meus dedos roçarem seus cabelos e a beijo como se nunca tivesse parado de fazer isso. Como se pudéssemos começar de novo imediatamente, de onde paramos, fingindo que nada havia acontecido entre um momento e outro.

O gosto dela é o mesmo de sempre. Quente e ansioso, molhado e sinuoso. Incrível. Incrível é tudo o que consigo pensar enquanto encho as minhas mãos de Caroline, enquanto a respiro e sinto sua língua na minha.

Acaricio seus mamilos levemente com os meus polegares. A batida da música repercute dentro de mim, o baixo vibrando nas minhas bolas, levando uma urgência intrometida ao meu pau, as minhas mãos na bunda dela, o meu joelho entre as pernas dela, empurrando-a na direção da cama, derrubando-a.

Estou indo rápido demais, com muita avidez, mas ela está me acompanhando, levantando os quadris na direção do meu pau duro com as pernas abertas, chupando e mordendo o meu pescoço, como se precisasse da mesma coisa e do mesmo jeito que eu. Rápido, duro e importante.

Meu Deus, parece tão importante quanto respirar, a forma como

a pressão aumenta quando prendemos a respiração embaixo d'água, os olhos fechados, a urgência por ar nos perturbando até que não suportamos mais, simplesmente precisamos.

Eu preciso.

Nós precisamos.

Ela enfia a mão embaixo da minha camiseta e me arranha as costas. Agarra a minha bunda com tanta força que sinto as pontas das unhas dela em mim. Continuo a beijando. Não é uma sedução, é uma invasão, um ataque, espadas se batendo, escudos se encontrando, ambos desesperados para chegar um ao outro, entrar no outro, chegar lá.

– Tire isto – exige ela, e eu arranco a minha camiseta e a dela.

O sutiã dela é branco e rendado. Poucos segundos depois, ele voa pelo quarto e bate na porta trancada, enquanto começo a sugar metade do seio dela com a boca, passando a língua pelo bico enquanto massageio o outro.

Ela arfa o meu nome:

– West. Meu Deus. Você não acha...?

Eu não estou interessado em achar nada. Tiro as palavras de sua boca com um beijo, deixo-as de lado, me abaixo e puxo os cadarços das minhas botas. De alguma forma milagrosa, consigo desamarrar a bota esquerda.

A direita continua amarrada.

Que bosta. Não vou parar por causa da merda de uma bota. Fico de joelhos e abro o zíper da calça, empurrando a minha calça jeans e a calcinha dela para baixo antes que Caroline possa dizer qualquer coisa, porque tenho medo que ela caia em si e me faça parar.

Enfio a mão entre suas coxas, os dedos onde ela está deslizando, quente e macia, inchada. Sei tudo o que ela gosta, sei tanto quanto soletrar o meu próprio nome. Por isso soletro meu nome com a língua em sua boceta. Depois enfio dois dedos, pressionando o clitóris com o polegar, não muito, exatamente como ela gosta.

Seu rosto está cor-de-rosa forte, os olhos fechados, como se ela fosse chorar.

– West...

– Não me faça parar – suplico.

– Não, não...

É exatamente o que eu temia. Quero dizer, isso é uma burrice. Sei que é uma burrice. Isso poderia destruir tudo, destruir ainda mais do que já está destruído.

Minha mão para. Deixo a cabeça cair no pescoço dela e ela dá um tapa no meu ombro com toda a força.

– Não, West, eu quis dizer não pare. Não pare, não pare!

Ela está fodendo a si mesma nos meus dedos, levantando e empurrando o corpo para mim, batendo no meu ombro como se eu fosse um cavalo empacado e ela quisesse que eu seguisse em frente.

Eu nunca consegui dizer não a ela.

– Você tem camisinha? – pergunto.

– Na minha mesa.

– Pode esperar enquanto eu pego uma?

Agora ela está dando risada, batendo no ombro que já deve estar vermelho a essa altura.

– Rápido.

Já estou a caminho, puxando os cadarços da outra bota. Sem paciência, simplesmente puxo a porra do calçado até sair, quase deslocando o tornozelo no processo.

Tiro as meias e consigo sentir a música nos meus pés descalços.

Sento na beira da cama, camisinha na mão, vendo-a se deitar em cima das cobertas como todas as fantasias que tive. Ela se aproxima e coloca a camisinha no meu pau, me puxando logo em seguida. Perco o que ainda havia de racionalidade e me transformo em um animal.

– Deite – digo a ela, e é uma ordem, minha voz muito baixa, tão violenta que eu mal a reconheço.

Ela não contesta. Parece saber o que aquilo significa, que é apenas que eu a quero tanto que não posso conversar, pensar ou fazer qualquer outra coisa que não seja desenrolar aquela camisinha rápido, enfiar as mãos embaixo da bunda dela, meter e puxá-la para mim ao mesmo tempo, sem elegância e rápido, com força bastante para calar sua boca com um bater de dentes.

– Levante os braços – digo a ela. – Espere um pouco.

Ela vai para trás e fica em uma posição meio reclinada para encontrar um lugar onde se agarrar acima da cabeceira. Assim que ela se segura, eu a agarro, os braços retesados, as pernas dela ao meu redor e apertando os meus quadris, sua boceta me espremendo, os peitos balançando a cada estocada.

Ela geme como nenhuma outra mulher que eu conheci. Ninguém é como Caroline. Eu a tenho, mas não consigo parar de persegui-la. Trepamos rápido e com força, e não sei se é disso que ela precisa, mas não consigo fazer de nenhuma outra forma. Se eu diminuir o ritmo, parar para saborear, parar para pensar... não vou conseguir.

Não há outra forma. Não há ninguém no mundo além de mim e Caroline, os mamilos cor-de-rosa, a boceta, os lábios, os olhos e os cabelos dela, a cama rangendo e os quadris dela em um vaivém.

Estou fixado nos nós dos dedos dela, brancos ao lado dos meus, prendendo e soltando ritmadamente. É para o que estou olhando quando ela fica tensa, e eu fico surpreso com o som que ela faz, com a forma como seu rosto se desmancha.

É o que basta para me levar ao limite. Caroline gozando, a visão mais erótica que conheço. Um prazer quente e formigante percorre todo o meu corpo, me pressiona, me deixa refém do corpo quente e macio dela, e minha testa encosta em sua têmpora, minha boca em seu rosto.

Apenas respiramos. Nossos corações estão disparados, a música batendo nas tábuas do piso, mas sua urgência não tem mais sentido, porque estamos ali.

Finalmente. Nus e nos tocando em todos os lugares, suaves, vulneráveis, juntos.

Estou sorrindo no pescoço dela, pensando que é a melhor coisa monumentalmente burra que fiz estando bêbado quando ouço outro som de Caroline que não parece risada.

Parece choro.

Eu não me mexo. Não até sentir as mãos dela nos meus ombros, me empurrando e me mandando para longe.

– Saia, está bem? – Seus olhos estão cheios de lágrimas. Ela me empurra de novo. – Por favor, saia, eu não consigo...

– Eu vou, eu juro, espere um pouco – digo, porque preciso pegar

a camisinha ou teremos um problema nas mãos. Quando estou com a camisinha segura, saio de dentro dela e me sento.

Ela se vira de costas para mim.

Enrolo a camisinha em um lenço de papel e a jogo no lixo ao lado da mesa, então sento de novo ao lado dela e ponho a mão em seu ombro.

– Caroline?

Ela estremece.

– Não.

– Fale comigo.

– Eu não posso. Eu não... só me dê um espaço, está bem?

Não está bem, porque eu não sei o que isso quer dizer. Alguns metros, alguns minutos? Alguns quilômetros? Alguns meses?

Ela estava lá para mim na escola com Frankie. Ela ficou ao meu lado depois do que eu fiz em Silt, colada em mim desde que eu voltei a Putnam, embora eu tenha me comportado de maneira distante, inconsistente e provavelmente irritante pra caralho.

Ela estava comigo agora mesmo – ela não estava comigo?

Meu Deus.

Eu me levanto e me visto enquanto Caroline chora. Alguma coisa se quebra lá embaixo. Esse som, aliado aos soluços de Caroline, me joga para dentro de sombrios canais de recriminação.

Você não tem nada para dar a ela, não tem nada que estar aqui, não tem o direito de tocar nela, nenhuma capacidade de consertar isto.

Você é inútil, tóxico.

Eu me sento na cama.

O choro dela é vazio como o som que a pá fazia quando eu afundava a lâmina na terra e jogava sobre o cadáver do meu velho. A única coisa que eu fiz em meses que pareceu fácil, porque eu sabia que ele não estava mais lá e que podia deixá-lo embaixo da terra. Ali estava o meu passado, sete palmos abaixo da terra. Eu ia cobri-lo com tanta terra que ele jamais conseguiria sair daquele buraco.

Ele nunca mais vai conseguir tocar em mim. Foi isso que eu pensei. Foi por isso que paguei pelo funeral.

Mas ele está dentro de mim. Ele era parecido comigo, falava como eu, provavelmente trepava como eu, porque posso me lembrar de, aos 5 anos de idade, ouvir meus pais trepando e a minha mãe chorando depois.

A gente nunca se esquece de uma coisa dessas.

E não importa quão profundo eu o tenha enterrado, não posso fingir e dizer que meu pai não era o tipo de homem que faria o que fiz com Caroline depois do funeral.

Eu certamente não gostei daquilo, mas fiz. Eu fechei os olhos e me cerrei completamente para chegar até o fim daquilo, dizendo a mim mesmo que precisava fazer, porque era a única maneira. Dizendo a mim mesmo que eu não tinha uma decisão a tomar.

Caroline tinha razão em seu desabafo em Silt. Estava absolutamente certa em tudo o que disse. Em tudo o que disse para mim desde então.

Eu tenho medo.

Eu tenho muito medo de fazer qualquer escolha, porque desde que Frankie nasceu eu venho dizendo a mim mesmo que pensar em mim, no que eu quero, no que eu preciso, é um luxo ao qual eu não tenho direito. Tudo tem a ver com Frankie. A minha vida é para Frankie. Se eu viver para ela, não preciso viver para mim.

Venho inventando desculpas para um comportamento injustificável, agindo como se o destino tivesse me deixado tão sem alternativa que eu simplesmente preciso aceitar qualquer coisa que a vida me enfie goela abaixo. Eu só preciso respirar pelo nariz e engolir para que Frankie nunca saiba como é isso.

Mas isso não é viver, é? Sobrevivência não é vida.

Sobrevivência é o que fazemos quando não podemos escolher.

Eu não vou acordar de manhã na minha cama em cima da garagem e fingir que sou alguma espécie de modelo para Frankie, alguma espécie de pai para ela, depois de ter deixado Caroline nua chorando em sua cama.

Eu sobrevivi a esse homem. Não vou me transformar nele.

O que preciso descobrir é como desafiá-lo. Como viver uma vida que seja rica em tudo o que ele não teve, completa e bonita como

ele não podia imaginar, porque ele mandou toda a beleza para longe de si.

E talvez vá ser sempre mais difícil para mim do que seria para algum cara normal, porque eu comecei do jeito que comecei. Sou inteligente, mas muita coisa eu não sei.

Não sei ser pai de uma criança segura. Não sei ser aluno para ser apenas aluno – não sei explorar, desperdiçar papel, brincar. Não sei como dizer a Caroline que sinto muito e fazê-la escutar como eu estou sendo sincero. E não sei como deixar o que fiz para trás e olhar na direção do futuro.

Mas eu disse a ela que iria tentar e vou tentar. Talvez, se eu tentar dez vezes mais do que qualquer outra pessoa, seja o bastante para fazer o que precisa ser feito.

Eu deito ao lado de Caroline e ponho a mão no ombro dela de novo, acariciando seu braço para cima e para baixo.

Fecho os olhos, encaixo o corpo no dela e continuo a tocando, acariciando, acalmando e esperando. Farei tudo de que ela precisar. Tudo o que for preciso.

Não irei embora de novo.

PERDOADO

Caroline

A noite da festa. A música. O barulho.

Um centímetro de espuma na minha cerveja, flutuando no copo plástico vermelho.

Metade de mim quer ir embora, dar uma volta de carro, correr, fugir do que estava destinado a mim.

West encostado em uma parede, bebendo do copo dele e observando.

West inclinado na direção de uma garota, a cabeça inclinada, os lábios se curvando em um sorriso, ouvindo com metade da atenção, com os olhos vasculhando a sala atrás de mim.

O olhar dele parecendo uma mão pesada, fazendo uma carícia.

A intenção naquele olhar. Quente o bastante para me marcar se eu ficasse parada e o deixasse me atingir. Mas eu queria que ele olhasse.

Eu o queria.

Na noite da festa. Na noite antes da festa. Na noite depois da festa.

Em todas as noites, eu queria pôr as mãos nele, afundar os

dentos nele, misturar nossos corpos, esmagar nossas vidas juntas, ir ao encontro dele e continuar fazendo isso.

Continuar fazendo isso porque era uma delícia, porque eu queria, porque não sabia como parar. Nós havíamos nos encontrado no ano anterior, nos aproximado, mais e mais próximos até estarmos tão próximos que eu não conseguia imaginar a minha vida sem ele.

Entramos um no outro, cavamos fundo e nos mantivemos lá, e quando colidimos na minha cama naquela noite, o corpo dele quente em cima do meu – quando sua pele ficou nas minhas mãos –, meus dedos se lembraram de como o agarrar. Meu corpo se lembrou de como o receber, girar em torno dele, puxar seus quadris indo e vindo.

Mas eu chorei quando acabou porque dói nos rendermos a esse tipo de necessidade. Dói vermos a nós mesmos sem defesas e com o bom senso abandonado.

Tudo o que eu havia feito desde que ele voltara a Putnam fora em busca daquele momento. Daquela alegria no meu corpo, nossos dois corpos juntos.

Meu Deus. Aquele momento doeu.

Ali estava a minha verdade, partida em pedaços pequenos o bastante para se ler: ele havia me magoado. Eu estava magoada.

Ele havia me deixado com raiva. Eu estava com raiva.

Ele havia me mandado embora e eu ainda sentia a distância, mesmo com o pau dele entrando com força em mim, o rosto dele no meu pescoço, a língua dele na minha boca.

Não era mais a mesma coisa. Nós não éramos mais a mesma coisa. Talvez jamais pudéssemos ser os mesmos.

Eu havia dito a West que não existem começos, meios e fins. *Pense nisso*, dissera a ele, porque queria que ele me escutasse.

Eu disse a ele que a vida é complicada, que as pessoas são complicadas, porque era nisso que eu acreditava. Era nisso que eu precisava acreditar. Mas dizer isso a West – mesmo que fosse verdade – não mudou o fato de que ele havia escrito um fim sobre nós. Escrito com a própria boca no corpo de outra mulher.

Ele abriu caminho para dentro de mim, me invadiu, me amou, me beijou e me comeu até eu gozar forte o bastante a ponto de ver

estrelas, só que ver estrelas quando estamos sozinhos no mundo selvagem não significa que saberemos segui-las até estarmos seguros.

Ele foi a minha estrela um dia. Mas, naquela noite da festa, chorei porque os céus haviam mudado. Havia estrelas espalhadas através da noite escura, brilhantes e lindas como joias, mas eu não conseguia lê-las.

O que eu não compreendi imediatamente – o que descobri naquele inverno, confiando nos meus instintos, confiando em mim mesma até acreditar nisso dentro de mim – foi que eu não precisava saber o caminho.

O mundo selvagem é vida. Não há como sair dele. Isso não importa. O importante é que, daquela noite em diante, West estava comigo.

West estava comigo o tempo todo.

Quando volto a mim, a qualidade do som do andar de baixo mudou. Não está mais tão ruidoso, a música está lenta e psicodélica, há vozes conversando, risos em vez de gritos.

A festa está chegando ao fim.

Eu chorei até dormir, ou até entrar em um estado de estupor.

West está com um braço por cima de mim. Está bom – não muito pesado, nada de mais. Mas diferente. Ele está muito maior do que estava na primavera. Posso sentir o peso da diferença contra os meus seios, encaixado nas minhas costelas.

De onde estou deitada, vejo o céu através da janela.

Ele está acordado. Sei disso pela forma como o sinto nas minhas costas.

Eu me viro, levantando o braço que está entre os nossos corpos e deixando o pulso cair na testa, como se pudesse ser útil me proteger da visão do rosto dele tão próximo.

Não adianta nada.

Ali está a cicatriz na sobrancelha dele, os cabelos curtos demais, as orelhas pequenas demais, a boca tão larga... Tudo exatamente como deveria ser.

Ele poderia dizer: “Foi divertido, mas preciso ir.” Ele poderia agir como um idiota, como Krishna agiria, sorrindo e conversando enquanto sai de costas pela porta.

Mas não há qualquer parte de mim que espere que ele faça isso.

– Podemos conversar? – pergunta ele.

Esse é West. O meu West.

Levanto os braços em um impulso e deslizo as mãos pelo pescoço dele. O ar frio entra pela janela e toca meus ombros enquanto levo a boca à dele. Faço isso porque ele está ali. Porque posso fazer.

As palmas das mãos dele encontram a minha cintura embaixo do cobertor. Ficam sobre a minha pele enquanto ele permanece parado, deixando que eu o beije.

Quando me afasto, ele pergunta:

– Posso fazer isso também?

Eu afundo, assentindo. Então ele me beija, deitado na maciez do meu travesseiro, as mãos na minha cabeça, criando um espaço silencioso onde consigo ouvir o meu coração e sentir os lábios dele.

Penso em muitas palavras para os beijos dele. *Quentes. Possessivos. Exploradores. Ardentes.* Este beijo não é nada disso. Também não é nenhuma das outras coisas que temos sido um para o outro – engraçado ou divertido ou irritado ou solidário ou perigoso.

É um beijo que diz: “Aí está você. Aqui estou eu.”

Aqui estamos nós.

Beijar West daquele jeito faz com que eu me sinta muito melhor.

Solto um longo suspiro e digo a ele:

– Está bem.

– Está bem?

– Está bem, podemos conversar.

– Tive a impressão de que você não me queria aqui.

– Eu? Eu dei uma tacada na sua cabeça e o arrastei para cá por uma orelha.

– É assim que você se lembra do que aconteceu?

– Mais ou menos.

– E você se lembra disso?

Ele toca o canto da minha pálpebra. Meus cílios secaram, mas

estão grudentos. Minhas bochechas ainda estão quentes.

– Isso. É, eu não esperava por isso.

– Eu também não. – Ele se abaixa e me beija de novo, suavemente. – A gente provavelmente devia ter conversado primeiro e trepado como loucos depois.

– Talvez não tivéssemos trepado feito loucos.

– É.

Ficamos em silêncio por um tempo, apenas olhando um para o outro. Pensando no que fizemos, se devíamos ter feito. No que devíamos dizer agora que havíamos passado por meses de separação e chegado à minha cama.

West senta, encostando as costas na cabeceira.

– Eu vou prometer uma coisa a você – diz ele. – Você não precisa me prometer de volta. Não acho que precise funcionar assim. Eu só quero dizer... que eu não vou ocultar nada de você. Cansei de fingir que o que diz respeito a mim não diz respeito a você. Quero ser direto com você, Caro, porque espero...

Ele olha para mim, as linhas de expressão ao redor da boca demonstrando precaução. Mas os olhos dele não estão cautelosos ou irritados. São apenas os olhos de West. Todo ele, bem ali em seu rosto.

– Espero que o que fizemos esta noite tenha significado alguma coisa para você, da mesma forma que significou para mim. Mesmo que você ache que foi um erro, o que, sabe, provavelmente tenha sido, mas, se foi, eu o cometi porque quero muito você de volta à minha vida.

Eu não sabia se havia alguma coisa fechada para ele dentro de mim, mas ouvir West dizer que me quer de volta simplesmente abre uma porta dentro de mim, e eu começo a chorar de novo.

Ele deita de novo na cama para secar as minhas lágrimas com a mão.

– Caro.

– Não, está tudo certo. Eu estou bem. Não me trate feito um bebê.

– Eu quero fazer isso.

– Então faça, mas não por me achar patética.

– Eu não acho você patética. Acho você incrível. Fui eu que...

Cubro a boca dele com a mão. Ele levanta uma sobrancelha. Afasto a mão.

– Não está na hora? Não acha que está na hora de eu dizer como lamento? Como sou cretino, covarde, burro e...

Cubro a boca dele de novo.

– Não.

Ele fica em silêncio, olhando para mim em busca de uma pista. Como se eu tivesse alguma. Busco o cobertor às cegas, puxando-o para secar as lágrimas, expondo uma perna ao frio.

Tudo parece tão próximo da superfície. Bastava nos arranhar em qualquer lugar e ver o que sairia. A confissão de West. A minha raiva. Os motivos de West. Minha mágoa. O pedido de desculpas abjeto de West. Os meus arrependimentos.

Eu não quero saber de nada disso.

– Eu estava errada? O que eu disse na caminhonete a caminho do aeroporto? Qual parte eu entendi errado?

Ele balança a cabeça. Diz alguma coisa na minha mão que eu não consigo entender.

– Nenhuma parte. Você tinha razão. Você sempre tem razão.

– Só que isso não é verdade. Eu estou adivinhando as coisas o tempo todo, e faço muita merda. Não me ponha em um pedestal.

– Você sempre tem razão sobre as coisas que importam.

Quando ele passa a mão pela minha testa, afastando uma mecha de cabelos que ficou presa na têmpora, eu seguro o pulso dele e o puxo até ele estar com a mão espalmada sobre o meu coração.

Deixo a mão dele ali. Deixo que ele sinta as batidas. Eu estou viva. Acho que é o que estou mostrando a ele. Não quero passar a minha vida olhando para trás, analisando tudo o que deu errado. Quero estar aqui.

Então eu o puxo pela nuca até a boca dele estar na minha. Ele está me beijando mais profundamente, vindo para cima de mim, acariciando a minha língua com a dele, deixando que eu sinta o calor e a força dele.

Há tantas coisas que eu gostaria de dizer, espaços em branco na

conversa que a menina boazinha que ainda vive em mim insiste em que eu preciso preencher.

Ela quer dizer: "Eu perdoo você. Ainda amo você." Ela quer pressionar a mão sobre o coração dele também e fazê-lo jurar que nunca irá embora.

Mas eu não sou mais ela. Não sei ao certo se o perdoo de verdade. Eu sei que o amo, mas não quero que ele tenha essas palavras. Quero que ele volte a fazer por merecê-las.

Convença-me, penso, deixando o cobertor cair. Enquanto as coxas de West se mexem entre as minhas, as mãos tão seguras de si, tão peritas em deslizar pelas minhas costas até a bunda, em me agarrar, levantar e posicionar tão bem.

– Vamos mais devagar desta vez – diz ele, beijando o meu ombro. – Tão mais devagar que talvez eu morra.

– Cuidado para não ser tão devagar que eu não perceba que está rolando.

Ele sorri. É quase o sorriso de West. Mas ele está segurando alguma coisa ainda.

– O que foi?

Ponho o dedo naquela linha de preocupação entre as sobancelhas dele.

– Não me entenda mal. Quero isto, mas não deveríamos estar conversando?

As minhas mãos estão subindo pelas costas dele, a pele macia e bronzeada, cada parte dele conhecida, mas diferente, mais larga, mais forte, mais dura.

– Nós estamos conversando.

Porque estamos. O que ele quer dizer é que não estamos seguindo um roteiro. Só que não há um roteiro. Não há regras para isso.

Não acho que estejamos fazendo do jeito errado, porque não acredito que haja qualquer maneira de fazer errado ou qualquer maneira de fazer certo além da forma como eu me sinto, como ele se sente, como nos sentimos entre nós.

Todas as canções são canções de amor. É o que eu estou aprendendo. Todas as canções são canções de amor, e esta é nossa.

– Você está feliz? – pergunto. – Agora, neste instante?

Ele beija a parte de cima do meu ombro.

– Você está nua.

– Isso quer dizer sim?

– Isso quer dizer sim, caralho.

– Eu também.

Ele beija a curva do meu seio. Segura os dois nas mãos e deixa a cabeça cair no meio deles. As costas dele levantam sob as minhas mãos.

– Você está cheirando os meus peitos?

– Eu estou cheirando você.

– Isso é um pouco esquisito.

– Está bem. – Ele enfia o nariz até tocar o centro do meu peito.

Beija aquele ponto. – Eu posso viver com esquisito.

Ele beija as minhas costelas, lambe a minha pele, abocanha a minha barriga, cheira meu umbigo e entre as minhas pernas. Olha para cima com as mãos já enfiadas embaixo da minha bunda, com a boca a dois centímetros dos meus pelos pubianos.

– Ainda está feliz?

Ele parece estar provocando, mas sei que está perguntando. Todos os guias e a sabedoria convencional do mundo dizem que é agora que eu devo pirar. É o momento em que eu deveria estar furiosa, enojada, fria com ele.

Eu deveria querer vingança.

Eu deveria fazer minha vingança recair sobre ele, e a última coisa que eu deveria deixá-lo fazer é o que ele está prestes a começar no momento.

Mas eu estou inchada, excitada e preciso dele.

Quando me contorço, ele sorri e lambe uma linha quente bem no meio de mim.

Não sei se acredito em vingança. Com West, eu escolhi ir fundo e depois mais fundo. Escolhi ir até o fim, quente e frio, bom a mau, escuro e claro.

Escolhi West na minha cama. O West da sopa de frango, o West da padaria, o West traficante e o West brigão, West em Silt e West em Putnam. Escolhi punhetas, boquetes, sexo e beijos com hálito

matinal. Também escolhi noites em que estamos cansados demais e simplesmente nos damos as mãos e caímos no sono.

Eu escolhi ele. *Ele.*

É onde estamos agora. Quem somos neste momento. Nós. Não sei como vou me sentir de manhã. Não estou fingindo que vai ser tudo perfeito, que esteja perfeito agora, ou mesmo que perfeição seja algo real que exista no mundo. Mas esta noite não há balela entre nós. Há apenas a mão dele deslizando pela minha coxa acima. A boca dele descendo, o hálito dele no meu clitóris.

O que ele quer fazer. O que eu quero deixá-lo me dar. É tudo o que há.

Ponho a mão no topo da cabeça dele, raspo as unhas pelo couro cabeludo e lhe dou um puxão forte e firme.

– Calma aí! Estamos indo devagar, lembra?

Desta vez, quando ele sorri, é de verdade. Eu sei, porque esse sorriso me pega profundamente, me faz estremecer, me deixa mais molhada do que eu já estava.

– Tão devagar, Caro, que você vai me odiar por isso.

Mas eu não odeio. Ele me tortura e me pergunta de vez em quando:

– Está feliz?

Eu continuo dizendo “sim”, embora ele esteja me matando.

Sim, sim, West, meu Deus.

Ele me mata. E eu estou tão feliz que poderia morrer.

PIONEIRO

West

Podemos conversar?

Foi o que perguntei a Caroline no quarto dela. Foi exatamente a mesma pergunta que fiz a Frankie na manhã seguinte, enquanto comíamos panquecas.

Liguei para o conselheiro dela e marquei mais uma reunião. Deixei um recado para o meu chefe na fábrica de esquadrias pedindo que ele me ligasse de volta, avisando que deixaria o emprego assim que encontrasse um trabalho diurno.

Acho que nunca conversei tanto na vida quanto conversei naquele mês de novembro.

Enfiamos na cabeça que sabemos como são as coisas e que não há por que conversar. Sabemos o que precisamos fazer. Sabemos como será o futuro.

E então chegamos a um momento decisivo, a alguma mudança de paradigma que nos mostra que tudo o que acreditávamos que sabíamos não estava certo.

Podemos conversar? Eu preciso perguntar uma coisa. Há coisas que eu preciso dizer.

Talvez isso acontecesse por eu ser teimoso, mas sempre achava

que já sabia como a conversa se daria quando pedia para conversar com as pessoas. O que eu diria. O que elas responderiam.

É engraçado, porque eu estava sempre errado.

Aquelas semanas no fim do ano foram cheias de surpresas. Surpresas felizes, tristes, arrasadoras, frustrantes e incríveis.

Caroline às vezes era a maior surpresa de todas, porque ela continuava ao meu lado. Foram as semanas em que tudo finalmente mudou.

Eu parei de pensar que sabia como a minha vida iria ser. Comecei a acordar empolgado com o que aconteceria a seguir. Em algum ponto do caminho, percebi que estava simplesmente conversando, escutando, ficando surpreso e gostando da experiência.

Na manhã depois da festa de Krishna, Frankie estava beliscando as panquecas dela enquanto eu fingia não me importar com isso. Ela as afogou em calda. Avisei que era demais, sugeri que pusesse a calda em uma xícara e mergulhasse os pedaços de panqueca para que tivesse a quantidade certa, mas ela simplesmente revirou os olhos como se eu fosse a pessoa mais burra do planeta e continuou colocando mais calda sobre as panquecas.

Ela comeu quatro pedaços. Depois ficou brincando com o que sobrou. Levantando as beiradas com o garfo. Largando-as pesadamente no prato de novo.

Seus cabelos estão um ninho de rato ao redor da cabeça, e ela está usando uma camisola da Tinkerbell que fica justa demais no peito. Uma camisola de criança em um corpo de adolescente.

Preciso comprar pijamas novos para ela.

Empurro a cadeira para trás e me levanto, pensando em lavar a louça. Assim, não preciso ficar irritado por ela destruir o café da manhã que preparei.

– O que vamos fazer hoje? – pergunta Frankie.

O plano é resolver os nossos problemas. Ter uma conversa franca e dar um jeito em tudo. Só que Frankie ainda não sabe do plano.

Sento de novo.

Ela está apoiada em um cotovelo sobre o tampo de vidro da

mesa. Baixa a cabeça de modo que as panquecas estão exatamente no nível dos olhos. Fico olhando enquanto ela levanta a pilha inteira de panquecas e a larga no prato. *Plá.*

– Você vai se sujar fazendo isso.

Ela bufa.

– Pensei em ficarmos em casa – sugiro. – Que tal?

Ela olha para mim para ver se estou falando sério.

– O dia todo?

– Claro, por que não?

– Você está sempre me obrigando a fazer coisas nos fins de semana.

– Pensei que você gostasse de fazer coisas.

– Não o tempo todo.

– Nós não fazemos coisas o tempo todo.

– Todos os fins de semana.

– Você não quer fazer mais coisas comigo?

Ela dá de ombros e levanta as panquecas a uns 10 centímetros de altura. *Plá.*

– Foi divertido com a Rikki e o Laurie? – pergunto.

– Foi.

– A que filmes vocês assistiram?

– Não sei os nomes.

– Sobre o que eram?

– Um deles era com uns garotos que foram para uma ilha com o pai e eles o matam por acidente.

– Verdade?

– Não, era só um *filme*.

O tom de voz dela diz que eu não poderia ser mais idiota.

– Era adequado para a sua idade?

– Como vou saber? Era um filme da Rússia. Tinha legendas para a gente entender o que estava sendo dito.

– Sobre o que era o outro filme?

– Era tipo... Não sei como descrever. Meio que antigo, mas não era velho. Tinha barcos e coisas do gênero. Não consegui entender o que estava acontecendo. A Rikki disse que era um filme não

representativo, o que quer dizer que não era sobre nada na realidade.

– Qual é o sentido de um filme assim?

– Era o que eles estavam vendo.

– Quero dizer, é para ser bonito de olhar, ou algum tipo de comentário sobre a condição humana, ou o quê?

Ela dá de ombros. Espero um instante, mas é tudo o que ela vai me conceder.

– Você teve pesadelos?

– Não. Por que eu teria?

– Sei lá. Por que não teria?

– Foi legal. O quarto de hóspedes deles tem o cobertor mais macio do mundo, e um daqueles colchões feitos de espuma. Quando a gente deita, afunda nele como se fosse dormir em um casulo alienígena.

– Nunca dormi em um desses.

– Não foi muito confortável, mas foi legal.

Tendo esquecido temporariamente que devia estar me perturbando com as panquecas, ela corta uma fatia de uma beirada. Doce demais. Percebo isso pela forma como ela mastiga lentamente e bebe um monte de água depois.

– Quer mais panquecas?

– Não estou com tanta fome.

– Tudo bem.

Levanto para lavar a louça. Aquela foi a conversa mais comprida que tive com Frankie depois de muito tempo, e não quero estragar nada.

– West?

– Sim?

– O que foi que o Sr. Gorham disse?

Uma pergunta de verdade feita sobre uma coisa de verdade em um tom de voz civilizado. Eu seria capaz de comemorar, já que isso parece um feito e tanto.

– Ele disse que vai cuidar das coisas com esse tal Clint. Você não vai mais precisar sentar perto dele, nem no ônibus, nem na escola.

Silêncio.

– Isso é bom, não é?

– É. Obrigada.

Engulo em seco.

– Eu não fiz muita coisa, mas de nada.

Enquanto as bolhas se formam na pia, penso sobre o que mais temos para conversar. Sobre como vamos deixar de sobreviver para progredir. Como não faço ideia do que dizer, penso no que Caroline poderia falar.

– Ele quer que você faça mais coisas relacionadas a dons e talentos.

– Ele sempre diz isso.

– Ele parece achar muito importante.

– Eu não quero fazer nada disso.

Viro para olhar para ela, tentando não deixá-la perceber como essa declaração dela me preocupa. Minha irmã parece pálida sob a iluminação da cozinha. Ela está sentada com as pernas e os braços cruzados, a testa franzida com um ar teimoso.

– Claro que quer.

– Não, não quero.

– Por que não?

– Simplesmente não quero, está bem?

– Não, olhe só...

E então eu paro, porque posso ouvir a minha voz ficando mais alta. Eu não vou ser esse homem.

Reconheço a expressão dela agora. Já senti essa máscara no meu próprio rosto, aquela dureza no maxilar, a frieza nos olhos. Tudo o que vou conseguir se continuar insistindo com ela será afastá-la ainda mais.

Não sei quais são os motivos dela, mas ela os tem. Somos parecidos nesse sentido. Então, em vez de discutir com ela, pergunto:

– O que você quer?

Ela estreita os olhos.

– Como assim?

– Você não queria panquecas no café da manhã, não queria se mudar para cá, não quer fazer nada que envolva dons ou talentos...

O que você quer, Franks? Quer voltar para Silt? Quer ter aulas de artes depois da escola? Quer que eu encontre esse tal de Clint e dê um soco na cara dele? O quê?

Ela está com a testa franzida, a expressão atenta.

– Eu quero ir para o meu quarto.

Fecho os olhos e respiro. É o que vou conseguir dela no momento, e tudo bem. Não é o que eu quero, mas consigo viver com isso.

– Estou tentando fazer a coisa certa para você. Você sabe disso.

Ela assente lentamente com a cabeça.

– Então pense no que eu perguntei. Quando tiver a resposta, me diga.

– Está bem.

– Está bem. – E depois, como se fosse um adendo, como se eu não estivesse pensando em como dizer isso a ela a manhã toda, digo: – A Caroline vem aqui mais tarde.

– Por quê?

– Para estudar. E provavelmente vai ficar para o jantar.

– Que bom.

Frankie vai para o corredor.

– Talvez ela passe a noite.

Frankie para na porta do quarto dela.

– Tipo, no seu quarto?

Limpo a garganta.

– Isso.

– Que nojo.

Então ela desaparece, fecha bem a porta, e eu fico ali parado feito um idiota, sem saber se considero a conversa um sucesso ou um fracasso.

Vejo Laurie indo para seu ateliê e noto um pouco de neve cair em flocos preguiçosos à tarde.

Frankie está no quarto dela. Pediu algumas folhas do meu caderno de desenho e foi para sua caverna. Mais tarde, saiu de sua fortaleza apenas para reclamar que todos os lápis que tinha eram

uma porcaria e pedir para usar a caixa que comprei para a minha aula de artes.

Dei para ela a caixa e o apontador. Ela desapareceu. Entediado com a minha leitura, mando uma mensagem de texto para Caroline.

Está nevando!

Percebi.

Quando vem aqui?

Daqui a pouco. Estou escrevendo.

Acha que as ruas estão escorregadias?

Está quente demais para grudar, garoto do Oregon.

Venha, então.

O que você está fazendo?

Lendo sobre Stálin.

Como é Stálin? Maneiro?

Megalomaníaco. Como estão os irlandeses?

Um problemão.

Venha para cá.

Preciso acabar este rascunho.

Venha para cá.

Táááá.

Sorriso.

Uma hora?

Duas.

Bah.

Você vai sobreviver, querido.

Me chame disso mais tarde, quando estiver comendo você.

Nos seus sonhos.

Eu sei, não é?

Pare de me mandar mensagens ou nunca vou acabar.

Vejo você em 1 h 58 min.

MEU DEUS.

Satisfeito, largo o celular. Frankie sai do quarto mais uma vez, agora com um papel na mão.

– O que foi? – pergunta ela.

– O que foi o quê?

– Seu rosto.

Ela aponta. Passo a mão sobre a boca e o queixo. Ainda estou sorrindo.

– A Caroline está vindo para cá.

– Você já me disse isso.

– É.

Ela muda o peso do corpo de um pé para o outro.

– Então imagino que ela vá passar muito tempo por aqui... – comenta Frankie.

– Talvez.

– Sabe que ela é minha amiga, né?

– Ela foi minha namorada antes.

– Mas isso foi muito tempo atrás.

– Foi na primavera passada.

– E você estragou tudo.

– Quem disse que eu estraguei tudo?

Ela revira os olhos.

– Como se alguém precisasse me dizer isso.

– É, bem, eu consertei tudo, então agora vamos precisar dividi-la.

– Ela ainda vai me buscar na escola?

– Acho que é melhor você perguntar quando ela chegar.

– Ela está vindo agora?

– Em umas duas horas.

Frankie agita o papel para mim.

– Quero levar isto para a Rikki.

– Posso ver?

Ela vira o papel e me mostra. É um retrato de uma mulher: glamourosa, cabelos e lábios de modelo de moda. É sombreado e intrincado, com uma perspectiva muito boa. Impressionante. Muito melhor do que os outros desenhos dela.

– Você fez isso?

– A Rikki me mostrou como fazer. Basta fazer uma grade na foto da revista, depois copiar o desenho um quadrado de cada vez. É fácil. Não é exatamente desenhar.

Ela o entrega para mim e posso ver as linhas de grade clarinhas

e percebo que alguns detalhes não estão muito certos: um olho mais fechado, detalhes na joia da personagem... Ainda assim...

– Está incrível.

– Não está, não.

– Franks...

– Posso levar para a Rikki?

– Claro. Só não saia de pijama, né? – respondo e devolvo o desenho a ela. – Ei, você faria um para mim depois?

– Por quê?

– Sei lá. Só para eu ter.

– Acho que sim. Claro.

– Ótimo.

Ela vai para o quarto e ouço uma gaveta da cômoda se abrir. Quando Frankie sai, está vestindo uma calça jeans – normal, não imensa – e um moletom gigante. Abre a porta da frente.

– Você deveria desenhar um seu. É muito fácil. Posso mostrar a você como fazer.

Eu a acompanho até a porta.

– Depois do jantar. Vou gostar disso.

Ela sorri para mim.

– Cuidado com os degraus. Está nevando.

– Está bem, *vovô*.

Eu a vejo descer a escada, uma das mãos deslizando pelo corrimão. Então sai correndo pelo pátio sem casaco, com a neve caindo em seus cabelos. Laurie está andando de um lado para outro em seu ateliê. Como queria conversar com ele, visto um casaco e também desço a escada.

Eu o encontro mergulhado até os cotovelos em uma grande caixa de metal cinza, espiando através de uma janelinha de vidro com o zumbido de um compressor sobrepujando um assovio baixo que começa e para, começa e para.

Não culpo Frankie por querer ficar por ali. O ateliê de Laurie é muito legal. Parece uma mistura de celeiro com garagem. Lá dentro há pedaços enferrujados de metal e uma fileira de estábulos que me fazem imaginar que o lugar foi uma estrebaria um dia. Cada

estábulo contém um tipo diferente de material: madeira e metal, cerâmica, borracha, vidro.

A parte a céu aberto é onde ele trabalha com solda. Há um grande compressor logo depois da porta, tanques de propano, protetor facial, luvas imensas, sei lá mais o quê. Ainda estou tentando entender que porra é a caixa de metal cinza quando o compressor para de funcionar e ele dá um passo para trás.

– Oi, West!

– Bom dia, professor Collins.

– Laurie.

Não consigo chamá-lo de Laurie. Não apenas por ele ser professor, mas também por ser meu senhorio e ter uma página na Wikipédia que o aponta como um artista plástico aclamado internacionalmente.

– O que é essa coisa?

– Jato de areia.

– Hum. E o que está jateando?

– Vidro.

Ele recolhe os braços, desparafusa os dois lados da janelinha por onde estava olhando e retira uma forma bege de dentro.

– Isso é...?

– É um martelo.

– Um martelo de vidro! – Está quase todo embrulhado em fita adesiva, como se fosse um martelo múmia, com apenas a superfície de contato da cabeça e a parte de baixo do cabo aparecendo. – Por quê?

– É uma série. Ferramentas. Mas esta é apenas um estudo. Vou fazer uma grande. Só que a logística é um saco.

Ele leva o martelo para dentro do celeiro. Ouço água correndo. Chego mais perto do jato de areia, curioso sobre como é por dentro. Tem um bocal de latão preso a uma mangueira que está estendida em cima de uma grade de plástico aberta. O bocal deve lançar a areia no vidro, e então a areia deve cair através da grade para sair no buraco do fundo.

Muito legal.

Laurie seca o martelo de vidro com uma toalha de papel.

Desembrulhado, o martelo é azul-piscina, brilhante, e eu tenho vontade de tocar nele. Fico com o desejo de bater em alguma coisa com ele – o que está totalmente errado, porque ele se despedaçaria se eu fizesse isso, e eu ficaria profundamente decepcionado.

Isso me lembra da aula de artes da semana anterior, quando Rikki debateu com Raffé sobre o que é a arte. Raffé disse que a arte não tem objetivo – que se alguma coisa tem objetivo, não é arte. Rikki contestou: o objetivo da arte é nos fazer sentir ou pensar. Em grande parte do tempo, as duas coisas.

Arte provoca reação. Sejam provocadores.

– Quer experimentar o jato de areia?

– Claro.

– Só me dê um minuto para cobri-lo de novo. – Ele enrola a fita adesiva sobre a parte polida do martelo, deixando uma faixa descoberta ao redor do cabo. – O que estamos fazendo é jatear a parte polida para ficar com uma superfície branqueada.

Toco no vidro frio com as pontas dos dedos. O martelo é pesado.

– Ponha aqui dentro, mas com cuidado... fiquei com isso no forno mais de uma semana.

– Só para fundir?

– Sim. É preciso subir a temperatura lentamente, manter e baixar lentamente de novo. Senão o vidro quebra, explode. O vidro é temperamental. Fiz onze tentativas para chegar a este martelo.

Onze tentativas. Uma semana no forno para cada um. Esse troço vale uma porra de uma fortuna em combustível e mão de obra.

Posiciono cuidadosamente o martelo em cima da grade, fecho a janela de observação e ponho as luvas. Elas são pesadas. É difícil segurar o bocal. Quando aperto o gatilho pela primeira vez, o martelo dá um pulo por conta do golpe de ar comprimido e eu quase o deixo cair.

– Muito bem – diz Laurie. – Apenas faça isso para a frente e para trás, de maneira uniforme.

– Por quanto tempo?

– Até terminar.

É um trabalho meticuloso e satisfatório. Depois que pego o jeito da coisa, relaxo o suficiente para dizer:

– Queria agradecer a vocês por cuidarem da Frankie ontem à noite.

– Não precisa agradecer. Foi divertido.

– Ela se comportou?

– Sim... E eu gostei de ver que a sua caminhonete não estava aqui quando fui dormir.

Passa-se um minuto. Laurie comenta:

– Rikki me disse que você está se saindo bem na aula de artes.

– Estou passando três vezes mais tempo naquela aula do que em todo o resto, apenas rezando para sair de lá com um B.

– Ela diz que você tem uma mente interessante.

– Eu tenho a mente menos interessante de lá.

– Por que acha isso?

Entorto a cabeça na direção do jato de areia.

– Esse tipo de coisa é fácil para mim. Máquinas, problemas, descobrir um passo depois de outro. Mas a Rikki quer que eu seja criativo, e eu não sou.

Laurie parece aceitar o que digo. Fica em silêncio por um tempo. Então pergunta:

– Você já usou uma serra de cortar vidro?

– Não.

– Quer experimentar?

– Sim! Se possível, quero ver o forno também.

Aproveito a brecha e pergunto como ele pretende fazer um martelo gigante. Ele fará em pedaços? Terá encaixe? Laurie responde a cada uma das minhas perguntas com paciência.

– Bem, é melhor eu voltar para os meus estudos e deixar a arte para o artista – brinco.

Laurie sorri enquanto avalia o meu trabalho com o martelo, virando-o de um lado para outro.

– West, como está o trabalho na fábrica?

– Para ser sincero, estou cumprindo aviso-prévio. Preciso de um emprego que me possibilite ficar mais tempo com a Frankie.

– Você quer trabalhar para mim? Preciso de um assistente. Horas flexíveis e dinheiro decente.

– Que tipo de trabalho?

– Acabamento, polimento, responder a e-mails e telefonemas para mim. Qualquer coisa que não sinto vontade de fazer, para ser honesto.

– Não seria melhor contratar um grande artista?

Ele brinca com o martelo. Por um momento, tenho receio de que vá deixá-lo cair.

– Não consigo encontrar um que saiba usar ferramentas. E, como já disse, Rikki acha sua mente interessante.

– Você precisa de referências ou algo assim?

Laurie solta uma gargalhada.

– Você tem 21 anos de idade, está criando a sua irmã mais nova, estudando e trabalhando à noite. Essas são as minhas referências. Você quer o emprego?

Eu aperto a mão dele com um sorriso no rosto. Claro que quero o emprego. O trabalho é perfeito. Não estou pensando em Frankie ou no salário. Estou pensando no que há dentro daquele ateliê: compressores, moldadores, fornos, equipamentos de polimento, todo tipo de merda cujos nomes eu desconheço. Ferramentas para aprender a usar. Sistemas para compreender.

Levo um minuto para descobrir por que meu coração está batendo tão rápido. Fazia muito tempo que isso não acontecia.

Eu estou empolgado.

Naquela noite, Caroline está na minha cama. Está sentada com as costas apoiadas no meu travesseiro, os cabelos caídos sobre os ombros, a língua brincando com a falha nos dentes, digitando no notebook.

Estou na minha mesa, supostamente estudando para um teste de espanhol, mas espanhol é fácil. Caroline está bem ali. Na minha cama.

– Pare de olhar para mim. Estou tentando pensar.

– Está tarde.

– São só onze horas da noite.

– A Frankie está dormindo. Está tarde.

Com os dedos pairando sobre o *trackpad*, ela sorri.

– Estou quase terminando.
– Você disse isso uma hora atrás.
– Talvez eu queira que você passe um tempo querendo o que não pode ter.

– Eu venho querendo o que não podia ter desde que voltei para o Oregon em março passado.

Ela afasta a mão do *trackpad*.

– Mas poderia ter. Tudo o que precisava fazer era pedir.

Tiro os pés de cima da mesa e junto as mãos. Prometi que não apelaria para balelas, mas é difícil saber como encontrar explicações sem fazer isso.

Eu devo uma explicação a ela.

– Eu nunca quis sair de Silt.

Mas não era isso que eu queria dizer. Faço uma pausa e tento de novo.

– Eu nunca quis, porque não parecia possível. Quando eu era menino, era novo demais para mirar tão alto. Queria chegar ao fim do dia, da semana, qualquer coisa. Queria ter o bastante para comer ou não apanhar. Queria que a minha mãe e o meu pai se casassem, porque tinha essa ideia de que as coisas iriam melhorar se os dois se casassem. Mas daí a Frankie nasceu, e quando eu tinha idade suficiente para pensar em ir embora, sabia que não poderia fazer isso sem ela. Então, quando eu sonhava sobre o que queria que acontecesse, sempre tinha a ver com partir.

Caroline põe o notebook no chão ao lado da cama. Dá um tapinha no lugar ao lado dela no colchão.

– Em um minuto. Quero dizer isto primeiro.

Esfregando as mãos, procuro as palavras.

– Quando cheguei aqui no primeiro ano... Acho que não estava realmente aqui. Meu corpo estava, mas a minha cabeça estava em Silt, com a Frankie. Tudo o que eu fiz nos meus dois primeiros anos, tudo com você, é como se eu me deixasse aproximar do que queria sem realmente pegar o que eu queria. Eu estava seguindo um plano do que eu deveria fazer que estava relacionado apenas com o que Frankie iria precisar que eu fosse. E você... Meu Deus, eu fui tão duro com você, empurrando-a para longe quando você era tudo o

que eu queria. Eu tinha a sensação de que precisava fazer isso porque não estava aqui, certo? Eu precisava me convencer de que não estava aqui para poder estar lá, com ela.

– West, venha sentar ao meu lado.

– Estou quase terminando.

Ela se aproxima de mim e bate nas minhas mãos até que eu as afasto. Então ela monta no meu colo. Ela espalma as mãos nos meus ombros, descansando confortavelmente sobre as minhas coxas.

– Você estava longe demais. Agora pode me contar o resto.

Passo os braços ao redor dela e a abraço. Sinto como ela é macia. Passo uma mecha de cabelo dela para trás da orelha e cheiro o seu pescoço.

– Então você voltou para Silt.

– É, mas, antes disso, quando ficamos juntos, aquelas semanas na primavera passada... Você precisa entender, Caro. Estar com você era a única coisa que eu havia feito apenas para mim desde...

– Sempre.

– Sim...

– E daí você voltou para Silt.

– Você viu como são as coisas lá. Não há espaço para eu querer qualquer coisa. Apenas para o que posso querer para Frankie. Pelo menos é a sensação que eu tenho. Talvez não seja assim. Talvez eu pudesse ter ligado para você e dito: “Venha me ajudar a fazer isso.” Nós teríamos ficado bem lá, mas não parecia algo que eu pudesse me deixar fazer.

– Qual era a sensação que você tinha?

Ela está acariciando a minha cabeça, o meu pescoço.

– Eu tinha a impressão de que, se tentasse fazer isso, destruiria você. Não era nem que eu iria fazer isso. Silt iria, a minha família, a forma como as coisas são lá. O lugar de onde venho destrói as pessoas. Boas pessoas. E eu teria de assistir. Eu seria responsável por isso, porque queria você e teria arrastado você atrás de mim por toda aquela distância. Eu não podia fazer isso.

Passo as mãos pelos cabelos dela e a beijo.

– Não podia.

Ela sorri, mas é um sorriso triste, do tipo que dói.

– Você tinha 10 anos quando Frankie nasceu.

– É.

– A mesma idade que ela tem agora.

– Hum.

– Você pensa nisso... na sua irmã com um bebê?

– Meu Deus. Não.

– Mas é a mesma coisa, certo? Se Frankie estivesse no seu lugar, se um irmãozinho nascesse agora e não houvesse ninguém além dela para cuidar dele...

Sinto um arrepio.

– Não.

Ela passa as mãos para cima e para baixo nos meus braços, afastando o arrepio.

– É cruel sequer pensar nisso, não é? Ela é uma criança. É nova demais. Mas você também era.

– Eu tinha idade suficiente.

– Você sempre teve a idade que precisava ter. Isto é o que me parte o coração. – Ela se ajeita novamente no meu colo e chega mais perto de mim. – Quantos anos você tinha quando conheceu os Tomlinson?

– Dezesseis.

– Com quantos anos foi a primeira vez? Com a Sra. Tomlinson?

Não respondi. Ela nunca havia me perguntado diretamente e eu evitava o assunto, sem nunca querer pensar no fato de eu comer uma mulher mais velha, uma mulher casada, uma mulher a quem eu dava o que ela queria para que ela me desse o que eu precisava.

Eu comia a Sra. Tomlinson porque era o que eu precisava fazer para sair de Silt. Caroline sabe disso. Ela entendeu. Posso ver nos olhos dela.

– Gata, você não acha...

– Quantos anos? – repete ela.

Suspiro longamente.

– Dezesseis.

– Você sentia desejo por ela?

– Ela era bonita. Eu não era virgem.

- Mas foi ela quem começou.
- É, eu não teria...

Sou obrigado a parar, a lembrança me fazendo engasgar por um instante. Como fiquei absolutamente apavorado na primeira vez no carro, quando ela me chupou no estacionamento do campo de golfe e vi o Dr. T. chegando pela janela. Como fiquei com medo de dizer não, como fiquei furioso por ter dito sim.

Furioso pela forma como respondi a ela quando sabia, mesmo aos 16 anos, que aquilo era errado. Que o que ela queria de mim não era sexo. Era uma dose de poder, de perigo.

Fiquei furioso com o Dr. T. por ele não saber daquilo. Por jamais pôr um ponto final. Teria acabado com as minhas chances em Putnam, mas havia momentos em que eu ainda queria que ele descobrisse. Descansando a cabeça no ombro de Caroline, sinto o cheiro dos cabelos dela.

- Ela era a mulher dele. E eu já sabia que ele podia ser a minha passagem de saída de lá se eu jogasse direito.

- O que ela fez com você é ilegal.
- Eu consenti.

- Adolescentes de 16 anos não podem consentir sexo com adultos. Você se sentia em dívida com ela, tinha medo do marido dela e do que perderia se dissesse não a ela.

Alguma coisa no tom da voz dela me diz que aquilo era uma pergunta, e que ela precisava da resposta. Não para ela, mas para mim. Ela precisava que eu reconhecesse que o que ela estava dizendo dizia respeito a mim, que a história que ela estava contando era a minha.

Mas eu nunca vi dessa forma. Eu nunca me permiti ver a história dessa maneira. Eu não me permitia imaginar por que Rita Tomlinson queria trepar com um menor de idade.

Finalmente respondo à pergunta de Caroline:

- Sim – sussurro.
- West?

Levanto a minha cabeça e digo de novo.

- Sim.
- Se isso acontecer com a sua irmã daqui a seis anos...

Raiva. Vergonha. Sou tomado por esses sentimentos.

– Por favor, não faça isso.

– Eu quero ter certeza de que você está me ouvindo.

– Eu estou ouvindo você. Mas não faça isso. Por favor.

Ela passa as mãos suavemente pela minha cabeça, pelo meu pescoço, pelos meus ombros, meus braços. Meu peito. Minhas costas. Por todo lugar que pode alcançar.

Ela me abraça e isso ajuda. Isso me acalma, me traz de volta. Ainda que a minha vida antes dela não seja algo que eu possa consertar, ajuda.

– É por isso que eu não quero ouvir – diz ela. – Não quero ouvir você me dizer como você não presta, ou como sente muito pelo que fez a mim com aquela mulher. Sei o que você fez e o que significou. Eu sei. E não tinha a ver com sexo. Era... Meu Deus, eu nem tenho a palavra para definir o que era. Desesperança. Desespero.

– Eu usei o sexo para fazer você me deixar. Era... era algo especial entre nós. Sagrado, até. E eu o transformei em uma arma. E a virei contra você.

Eu pareço estar derretendo. Estou queimando. Fico sem fôlego e preciso baixar a cabeça de novo e respirar. É mais difícil do que imaginei que fosse ser. Ainda mais difícil quando ela diz:

– Eu fiquei muito magoada, West. Não quero que pense que estou dando uma de Madre Teresa, fingindo que não fiquei.

Estou tremendo.

– Caro.

– Não, eu preciso dizer isto. Preciso ser sincera com você, porque não parou de doer. Às vezes penso naquilo e não consigo suportar. Preciso fazer alguma coisa para tirar a imagem da minha cabeça e não ficar cheia de ódio. Furiosa com você. O que Nate fez foi horrível, mas o que você fez foi pessoal pra caralho.

Espero que ela se afaste de mim, mas ela passa os braços ao meu redor. Aperta o rosto quente no meu pescoço.

– O que ajuda é imaginar o que você estava sentindo para fazer aquilo. É terrível desse ponto de vista também. Dói. Quase não posso suportar, porque significa ter de aceitar como eu falhei com

– Você quando você voltou para Silt. Como todo mundo falhou com você.

– Não era sua responsabilidade.

– Você era. Ainda é. Silt foi uma coisa horrorosa que aconteceu a nós dois, em vez de algo que você fez contra mim. – Ela meio que ri.

– Quero dizer, ainda não cheguei lá, mas estou tentando.

– Eu sinto muito. Mais do que você pode imaginar.

– Eu sei disso. Eu também sinto muito. Mas agora você está aqui.

– Eu estou tentando estar aqui. Estou fazendo um esforço enorme.

Ela me abraça. Ficamos assim até eu conseguir voltar a respirar e sentir mais do que apenas culpa e vergonha. Até eu conseguir sentir o calor dela e o cheiro de seu corpo.

Caroline no meu colo. Meu pau acorda.

Parece errado que eu a deseje depois do que acabamos de conversar, mas eu a desejo. E ela se remexe contra mim, informando que ela também me quer.

– Então me diga uma coisa, West. O que você quer?

A mesma pergunta que fiz a Frankie enquanto comíamos panquecas naquela manhã. Ninguém nunca me perguntou isso. Ninguém além dela.

Ela beija meu queixo.

– O que você quer, West?

Ela beija as minhas sobrancelhas, minha testa e a ponta do meu nariz.

– O que você quer?

Seguro o queixo dela e levo sua boca até a minha. Agarro seu suéter. Vou mostrar a ela.

O suéter vai até os quadris quando ela está de pé e eu o tiro pela cabeça porque gosto do contraste da cintura da calça legging preta que Caro está usando com a pele clara dela. Os seios nus e as coxas cobertas pelo algodão macio.

– Pensei em você assim em Silt – digo.

– É?

– Quando você estava na casa da minha avó. Aquela vez que fui jantar lá, sentado ao seu lado no sofá, era só no que eu conseguia

pensar... Abocanhar você. Deslizar os meus dedos para dentro de você.

– A gente estava em uma sala cheia de gente.

– Eu sei. Durante todo o dia no trabalho, você ficou me mandando aquele monte de mensagens, tentando me irritar, e eu pensava em levar você lá para cima sozinha, sobre aqueles pedaços de tapete descombinados da Joan. Ela ainda tem aquilo?

– Tem. Você tinha muitos planos.

Não eram planos. Eram desejos. Necessidades. Impulsos que eu bloqueei.

– No aeroporto, vi você antes mesmo de você sair. Você estava mexendo na bolsa atrás do vidro, e eu queria que ficasse lá parada para eu poder observá-la. Você estava incrível. Você parecia...

Água no deserto. Cor em um filme em preto e branco.

Clichês idiotas. Ela parecia Caroline. Parecia ela mesma. Eu mal podia acreditar que ela fosse real.

– Dirigi 30 quilômetros por hora acima do limite de velocidade até Eugene.

Ela encosta a testa na minha.

– Seu idiota.

– Assim que você saiu pela porta, eu sabia que eu ia estragar tudo. Não havia como não estragar. Foi isso que você acabou vendo quando saiu. Como eu estava furioso com o mundo por fazer com que você e eu fôssemos algo impossível.

– Nós não somos algo impossível. – Ela encosta mais os quadris em mim. – Estamos bem aqui.

Passo as mãos pela bunda dela.

– Eu devia simplesmente ter dito quanto eu a queria. Quanto eu a queria na caminhonete no caminho do aeroporto. Na casa funerária, naquela sala familiar com a porta trancada. Como eu não conseguia parar de pensar em você.

As pupilas dela estão imensas.

– Você me olhava às vezes como se... Mas não falava comigo.

– Eu me sentia tão errado. Tão preso à escuridão. Não era certo, sabe? Era doente querer você daquele jeito, querer uma trepada rápida quando você estava tentando me ajudar.

– Talvez tivesse feito você se sentir melhor.

– Teria feito eu me sentir um merda absoluto. E isso também parecia bom... Conseguir algo que eu queria tanto e depois ser punido por isso.

Ela me beija. Afunda em mim, prende o corpo contra o meu, lambe o meu lábio e então o morde.

– O que você quer? – sussurra ela.

Desta vez é uma provocação. Uma tentação. Isso é tudo o que eu quero. Só isso. É a única coisa que quis para mim mesmo.

– Solte seus cabelos – digo.

Ela puxa o elástico que está prendendo os fios em um coque. Os cabelos caem sobre suas costas e eu os agarro em minhas mãos.

– Estão tão compridos.

– Ando pensando em cortar.

– Eu gosto do jeito que está.

– Quer que eu deixe assim?

– Vou comprar um pente de pérolas para você.

Ela sorri, descansando as mãos nos meus ombros. Levanto os cabelos do pescoço dela e a beijo onde lhe dá um arrepio. Beijo seu pescoço. Seguro os seus seios nas mãos.

É muito bom senti-la contra mim. Seu toque me faz me sentir bem – o simples peso dela sobre as minhas coxas, a visão dos seios nus e da pele dela, seus grandes olhos castanhos voltados para mim.

– O que mais você quer?

Desta vez minha garganta fica apertada, porque eu não tenho como saber. Outros caras da minha idade... Eles têm interesses, hobbies, talentos e metas. Têm fantasias, ambições e ressentimentos de quando o mundo não cai a seus pés.

Não faço ideia do que quero, não além daquele momento, mas aquele momento está se expandindo ao nosso redor. O momento é infinito. Ele se estende, fica mais amplo a cada movimento dos quadris dela enquanto ela sobe e desce, balançando sobre as minhas coxas.

– Eu quero que você olhe para mim.

Ela roça os lábios nos meus.

– Estou olhando para você.

– Bem para mim – digo, segurando os seus cabelos de novo, roçando as pontas nos ombros dela, em sua coluna, fazendo-a arquear e estremecer. – O tempo todo.

Ela dá um sorriso tímido, com a bochecha quente nas costas da minha mão.

– “O tempo todo”?

– Hum...

Aquele sorriso.

– O tempo todo em que eu estiver comendo você.

Ela levanta os seios nas mãos e roça os polegares nos mamilos, oferecendo-os a mim.

– Tudo bem.

– Fique de pé.

Tiro as meias e a calça dela. Deslizo os dedos por baixo do elástico da calcinha dos dois lados dos quadris e a tiro, acompanhando a curva da bunda dela.

Ela me olha enquanto beijo o seu umbigo. Enquanto tiro as mãos dela dos meus ombros, entrelaçando nossos dedos, puxando os braços dela para trás e prendendo seus pulsos gentilmente atrás das costas, e levo sua calcinha até o chão.

Paro sempre que quero experimentar a pele dela com a língua. Firme sobre os músculos, macia na parte interna das coxas. Ela levanta o tronco, seus mamilos estão rijos. Adoro o corpo dela, seu rosto, seu sorriso, sua respiração. Adoro sua pulsação e a forma como ela acelera, a forma como Caro arfa quando chupo o seu mamilo.

Eu a amo, Caroline Piasecki. E sempre vou amar.

Ela está com a boca aberta e o olhar doce. Beijo sua barriga e vou subindo. Abocanho um mamilo e o sugo, passo a língua nele, ritmada e rapidamente, implacável.

Se não estivesse à sombra dos cabelos dela, poderia ver o desejo em seus olhos. Desço pelo seu corpo para poder lambe sua umidade. Ela quer ser minha. E eu quero ser um homem melhor por ela. Corajoso, forte, inteligente e leal.

Eu poderia fazê-la gozar, mas paro antes disso. Se eu deixasse,

ela me seguraria com os joelhos, agarraria os meus ombros e se atiraria sobre mim. Se eu pedisse, ela se deitaria de costas no chão. Ficaria de quatro, se viraria e se entregaria. Ela me chuparia. Bateria uma punheta forte até eu gozar em sua barriga.

Ela me deixaria comê-la por trás agarrando com força seus quadris. Ela me deixaria gozar atrás dela, molhando suas costas e sua bunda.

Pensando em tudo o que Caroline me daria, penso em Rita Tomlinson. Em como ela me dirigiria. Falaria sacanagem, me humilharia, como se eu pertencesse a ela. Meus dedos e a minha boca funcionando como ferramentas dela.

Faça isso, diria. Toque em mim. Me coma. Com mais força. Mais rápido. Agora.

Eu nunca fui uma pessoa para ela. A primeira garota que eu comi na vida me pegou em uma cabana atrás da lavanderia do parque de trailers. Ela enfiou a mão no meu short, e sua pele estava quente e pegajosa. O hálito dela cheirava a chiclete de melancia.

Eu estava duro e disposto, mas não foi escolha minha. Caroline é a única mulher que eu toquei dessa maneira. A única que escolhi.

Não quero me ver como o perdedor de uma série de batalhas, com todas as chances contra mim desde o primeiro dia, mas é difícil não desejar que eu tivesse tido mais coisas assim pelo caminho.

Mais amor. Mais pessoas que olhassem para mim da forma como Caroline olha, que me vissem como ela me vê, que me perguntassem o que eu quero.

Beijo os seus dedos e ela agarra a minha mão com força.

– Deite na cama.

Ela faz o que eu peço, tirando os livros do caminho. Ligo a lâmpada do armário e apago a luz principal para que fique silencioso e íntimo. Caroline me olha enquanto tiro a roupa. Enquanto ela acaricia os meus braços e meus ombros, eu me apoio nos cotovelos para beijá-la.

– Por que você está mais forte? – Ela me pergunta.

– Paisagismo. E levantamento de peso na garagem do Bo.

Naquela época, era a minha maneira de lidar com a frustração e

o ódio. Tentava me livrar do vício de Caroline, do gosto por esperança que eu havia adquirido em Putnam.

– Quando saí do avião e vi você, achei você assustador.

– Eu me sentia assim.

Ela abre mais as coxas para me receber entre elas. Levanta os quadris para roçar sua umidade no meu pau.

– Agora você me parece em paz.

– É por sua causa.

A mão dela segura minha nuca.

– Seja bom para mim.

– Espero conseguir. Para sempre.

Ela levanta os joelhos. Ergue os quadris e me convida a entrar.

– Você e eu.

Eu a beijo, mergulhando a língua em sua boca, dissolvendo os meus limites. Ela me beija, traçando luas crescentes com as unhas nas minhas costas.

Quando consigo me afastar um pouco, faço isso apenas o bastante para dizer a ela:

– Acho que eu nunca tomei uma decisão em relação a você. A decisão foi tomada para mim quando nos conhecemos.

– Sinto o mesmo. Você deve lembrar que eu desmaiei.

– Ah, eu me lembro.

– Você estava em cima de mim, exatamente assim.

– Pensando sacanagens.

– Sacanagens mútuas.

– Mesmo desmaiada?

– Acho que eu desmaiei de tão sacanas que eram os meus pensamentos. – Descanso a testa na dela, resistindo à mensagem urgente do meu pau de fazer aquilo acontecer agora, agora, agora. Ela ergue os quadris de novo. – Você disse que queria entrar em mim.

– Estava quente do lado de fora. Eu disse que queria entrar com você.

– Pareceu a mesma coisa. – Mais uma insinuação dos quadris dela. – E você faria isso?

– Entrar em você?

- Sim.
- Precisamos de uma camisinha.
- Na verdade, não. Estou tomando pílula.
- Eu não... Eu não estava comendo outras mulheres.
- Porque você me ama? – sussurra ela.
- Porque eu amo você.

É a primeira vez que eu digo isso a ela. Mas ela já sabia. Ela sempre soube.

- Eu amo você também, West.
- Apesar de tudo?
- Você sabe que sim. – Ela aperta os braços ao meu redor. –

Entre em mim agora.

Ela se levanta. Eu a penetro. Deslizando, afundando, fácil e forte ao mesmo tempo, mas perfeito, porque Caroline e eu... É assim que nós somos. É assim que sempre seremos.

Fundo, mais fundo.

Forte, mais forte.

Rápido, mais rápido.

Segurando, agarrando, prendendo, puxando, beijando, esperando. Não há lugar algum aonde ir e lugar algum onde precisemos estar.

É isto que eu quero: esta mulher nos meus braços, na minha vida. Esta mulher ao meu lado. Desde que eu a tenha, posso dar um jeito em todo o resto.

Posso fazer o que quiser e ser quem eu quiser, desde que esteja com ela.

CORAGEM VERDADEIRA

Caroline

Há um motivo pelo qual se fala que alguém “caiu de amores”. É por causa da forma como o amor nos vira de cabeça para baixo e sacode a nossa vida, com força. Não há nada parecido. Não existe droga melhor. Nenhuma aventura é mais fantástica. O amor muda as coisas. Muda a gente.

West voltou para mim naquele mês de novembro e eu me apaixonei de novo. Era como aquele brinquedo de parque de diversões em que ficamos de pé contra uma parede e nos giram e giram até ficarmos presos pela força centrífuga.

Nunca consegui deixar de rir nesse brinquedo. Eu fazia um esforço tremendo para estender a mão, levantar o braço, acenar para as minhas irmãs do outro lado. Minha irmã mais velha, Janelle, sempre tentava coisas diferentes, como levantar os pés, parecendo meio tonta. Alison ficava branca, apavorada. Eu ria até sentir dor nas bochechas, destruída pela hilaridade do meu próprio desamparo.

Nevou cedo e bastante naquele inverno. West e eu demos muita risada. Conversamos muito. Trepamos o tempo todo, em todo lugar, absolutamente impotentes diante da necessidade de botarmos as mãos um no outro.

Aulas. Sono. Comida. Sexo. West.

Eu não tinha força para mais nada. Eu estava caindo, girando, vagando, rodopiando. Rindo. Quando finalmente atingi o chão, não havia me preparado para o impacto, mas estava zonza demais, rindo demais para me importar.

Eu não mudaria o que aconteceu por nada.

O celular toca e estou no sofá de West. Um livro da biblioteca em uma das mãos e a cabeça de Frankie no colo.

– Pode pegar para mim? – pergunto.

Ela olha para a tela e me passa o aparelho.

– É o seu pai.

– Ah...

Sinto o meu estômago afundar. Estou passando o polegar no botão para atender a ligação quando me ocorre que estou condicionada a essa reação. Quando meu pai me liga é porque quer conversar sobre o processo, e falar sobre isso me deixa nauseada.

– Oi, pai.

– Oi, querida. Liguei para alertá-la. Você vai receber uma ligação em um ou dois dias de um integrante da equipe do senador estadual Carlisle. Eles estão interessados...

– Querem pedir comida chinesa para o jantar? – pergunta West da cozinha.

– Achei que você ia fazer carne refogada – retruca Frankie.

– Estamos sem ketchup.

– Eu detesto comida chinesa.

– Você gosta daquelas coisas crocantes. Aqueles pasteizinhos.

– Nããã.

– Você gostou na semana passada.

Meu pai ainda está falando.

– ... pode sair uma lei disso e ela achou...

– E então, o que você quer? – pergunta West.

– Eu quero carne refogada.

– Eu já disse que não temos ketchup.

– Então vá comprar.

- Quando eu voltar do mercado, já vai ser...
- Pode esperar um segundinho?

Levanto do sofá e levo a minha ligação para o quarto. Quando passo por West, ele finalmente nota o celular na minha mão e pede desculpas. Balanço a cabeça para indicar que não é problema algum. Quando entro no quarto, posso escutar Frankie e ele voltando a discutir.

- ... disse que ela estava no telefone?
- Achei que você tivesse visto.
- Eu não vi. Com quem ela está falando?
- O pai dela.
- Meu Deus, Franks, e você não achou que talvez a gente devesse...?

A porta fechada encerra o som das vozes deles. Sento na beirada do colchão.

- Tudo bem. Pode repetir aquela última coisa que estava dizendo?
- Onde você está? – pergunta o meu pai.
- Na casa do West.
- De novo?
- De novo.

Subo na cama e cubro as minhas pernas com o edredom. Eu já dormi ali tantas vezes que sinto como se fosse o meu quarto. Aconchegante e familiar.

– Caroline... – Meu pai transmite um milhão de advertências nas quatro sílabas do meu nome.

- Não vamos começar com isso, está bem?

Há dias em que desejo que nunca tivesse contado a ele que voltei com West, porque ele não dá folga. West sempre foi e sempre será “aquele garoto” para o meu pai. “Aquele garoto é errado para você.” “Aquele garoto é encrenca.” “Aquele garoto vai partir seu coração.” A bola da vez é: “Aquele garoto é uma distração de que você não precisa.”

- A irmã está aí?
- O nome dela é Frankie, papai. Ela mora aqui.
- Eu não me sinto confortável com isso.

- Não precisa se sentir.
- Eu estava falando com a Janelle e...
- Pode ir parando. Volte ao motivo pelo qual me ligou ou vou desligar.

Isso me rende mais um suspiro, mas funciona. Meu pai me conta que há rumores no meio jurídico de que o senador Carlisle pretende apresentar uma lei para criminalizar a pornografia de vingança. Alguém contou para alguém que contou para o meu pai que talvez eu seja contatada como perita criminal.

“Perita criminal”. A expressão me deixa arrepiada.

Mas eu *quero* ser uma perita criminal.

– Sei que o seu instinto será de ajudar com isso. Normalmente eu a apoiaria, mas nós estamos em uma posição delicada com o processo. Qualquer testemunho que você compartilhe, mesmo informalmente, pode ser usado contra nós. Se descobrirem que a vítima anônima no processo é você...

– Já entendi.

– Qualquer coisa que disser agora, Caroline... qualquer coisa pode se tornar pública.

– Não, tudo bem, eu entendi. Se eles me ligarem, tomarei cuidado.

É assim que os processos jurídicos funcionam: eles limitam as nossas opções, sufocam nossa liberdade de falar, agir e ser quem queremos ser, porque no júri sempre precisamos pensar em nosso futuro e na forma como ele interpretará o nosso comportamento.

– Não sei quem deu seu nome a eles. Precisamos cuidar do seu anonimato. Essa questão está começando a receber atenção. Se você se tornar porta-voz da causa e ficar conhecida como ativista, isso afetará as nossas opções mais adiante. Nós queremos...

– Papai, eu entendi. Obrigada pelo alerta. Pode parar agora.

Tenho certeza de que ele está em seu gabinete em casa, os pés em cima da mesa, pressionando as têmporas com as pontas dos dedos, a testa franzida.

Suspirando.

– Está bem. Como estão as aulas?

– As aulas estão ótimas.

– Tem tudo de que precisa?

– Sim.

– Você vem me visitar neste fim de semana? Podemos ir ao cinema.

– Não posso. – É verdade, mas eu provavelmente teria dito a mesma coisa ainda que não fosse. – Tenho planos por aqui. Desculpe.

– Tudo bem. Bem, ligue para mim se for contatada por esse pessoal. Ou se precisar de qualquer coisa.

– Pode deixar.

West abre a porta para ver se ainda estou no telefone.

– Preciso ir, papai.

– Tudo bem. Boa noite, querida.

– Boa noite.

Eu o escuto dizer “amo você” quando estou desligando, mas é tarde demais para dizer o mesmo. West senta ao meu lado. Desliza a mão pela minha perna e faz cócegas nos dedos dos meus pés. Reajo ao seu toque, aliviada por ele estar ali.

– Está tudo bem? – pergunta ele.

– Sim. Ele só queria me alertar sobre uma ligação que vou receber. Ele acha que não posso fazer nada sem receber os conselhos dele primeiro.

– Você parece irritada.

– Eu estou irritada. Eu achava que havia estabelecido os limites com o meu pai no ano passado. Achava que havíamos chegado a um acordo, mas toda vez que me viro, preciso lembrar a ele que sou adulta.

E então há essas duas palavras: perita criminal. West sobe as mãos pela minha coxa.

– Sei como ele se sente. Essas filhas rebeldes... A Frankie também está me enlouquecendo.

– Engraçado... Ela é um anjo comigo.

– Porque ela idolatra o chão que você pisa.

– Isso é coisa de menina. Quando eu tinha a idade dela, era completamente apaixonada pela minha professora de música. Ela tinha longos cabelos loiros, usava joias de prata e brincos pequenos

de diamante. Eu não conseguia decidir se queria que ela fosse minha mãe ou minha amiga. Ela morava na mesma rua que a gente e me contratava para alimentar os gatos dela quando estava fora da cidade.

– Você não gosta de gatos.

– Eu sei. Mas passava horas na casa dela olhando para todas aquelas coisas e imaginando como seria ter uma casa decorada exatamente como a dela um dia. Jurei para mim mesma que me tornaria uma mulher como ela, incrivelmente glamourosa.

West me olha de cima a baixo. Estou de jeans e camiseta rasgada. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo frouxo depois do banho daquela manhã e deixei assim. Provavelmente ainda está meio molhado.

– Incrivelmente glamourosa, é?

– Cale a boca. A sua irmã me acha glamourosa.

– Nós dois achamos. Você é a criatura mais glamourosa que nós dois conhecemos.

Eu me inclino para a frente e dou um empurrão no ombro dele. Ele me pega por baixo dos braços e me arrasta por cima do corpo enquanto se deita. Acabamos atravessados na cama, dando risada.

Quando ele tenta me puxar para perto o bastante para me beijar, eu resisto.

– O que foi?

– Em trinta segundos a sua irmã vai gritar: “O que vocês estão fazendo aí dentro? Eca! Que nojo! Parem com isso!”

– Eu sei. Precisamos nos apressar para fazer algo nojento de verdade antes que ela perceba.

Ele se aproxima de novo e eu deixo que me beije. A boca dele é macia, a língua está quente e exigente. Levo menos de quatro segundos para esquecer por que eu deveria estar resistindo a suas investidas.

Mais quatro para superar o mau humor.

Sinto algo se soltando ao redor dos meus seios e as mãos quentes de West passam por baixo do tecido do sutiã que ele acabou de abrir. Ele envolve meus seios com as mãos, fazendo meus

mamilos doerem de prazer. A onda úmida de desejo que se segue a isso me faz gemer.

Quando Frankie bate à porta, dou um salto e West belisca um mamilo com força.

– Shh – diz ele.

Com a outra mão, ele dá um apertão na minha bunda, afundando os dedos de um jeito sacana, aumentando o desejo no meio das minhas pernas.

– West? Você vai pedir comida chinesa ou não? Estou com fome.

– Ela é má – sussurro.

Levanto os quadris e os prendo contra a ereção dele. Ele está duro demais. Se Frankie não estivesse ali...

Mas ela sempre estará ali.

– Eu sei – sussurra ele de volta. – Eu sou um fracasso total como pai.

Frankie bate de novo à porta, agora com força.

– É melhor vocês não estarem fazendo nada nojento aí dentro!

– Quer comida chinesa? – Ele me pergunta.

– Por mim, tudo bem.

– Certo, mas o que você quer?

Sorrio para ele. E me esfrego em sua ereção.

– Isso.

Sorrindo, ele pergunta:

– O que você quer que realmente possa ter antes de Franks ir para a cama?

– Terminar a minha leitura.

– Quer que eu a mantenha longe de você?

– Não.

– Me diga se ela estiver incomodando.

– Vou dizer a Frankie se ela estiver incomodando.

– West? Estou morrendo de fome!

– Dá um tempo, está legal? Vamos sair em um segundo.

– O que vocês estão fazendo aí?

– Arrumando a roupa suja.

– Sei! E eu sou a rainha de Sabá.

Ele levanta uma sobrancelha e sussurra:

– Rainha de Sabá? De onde ela tira essas coisas?

– Da escola?

Ele me segura pelos quadris e me levanta para longe dele.

– É melhor eu pedir a comida. Quer arroz com frango e rolinho primavera?

– Sim. É um orgasmo. – Ele se senta rapidamente e me dá um beijo com força. Quando termina, estou sem fôlego. – Não! Dois orgasmos!

West cai na cama de novo, passando a mão pelos cabelos desarrumados.

– Quantas horas faltam para a hora de dormir?

– Quatro.

Olho para o relógio.

– Cinco, aposto. Ela não dormiu antes das dez nem uma vez a semana inteira.

Ele olha para a porta e para mim. Mais especificamente, para os meus mamilos. Então roça um polegar para cima e para baixo sobre um deles. Para cima e para baixo, até eu ter a impressão de estar me transformando em lava entre as pernas.

– Você está me matando... – sussurro.

– Não. Eu estou me matando.

Então estou de costas de novo e ele está por cima de mim.

– Fique quietinha, que eu posso dar o primeiro orgasmo agora mesmo.

Estou quase dizendo que isso não vai acontecer – não com a irmã dele parada do lado de fora da porta –, quando ele puxa meu joelho para cima e balança em cima de mim, com força.

Ah. Meu Deus. Vai acontecer mesmo.

– Se vocês não saírem em cinco minutos, vou comer na casa da Rikki e do Laurie – Frankie diz do outro lado da porta. – Vou dizer a eles que vocês me deixaram passar fome. Vou dizer que vocês estão trancados dentro do quarto fazendo barulhos nojentos e...

West pega um livro de cima da mesa de cabeceira e o atira na porta.

– Ei! – Frankie grita.

– Vamos sair assim que terminarmos de arrumar a roupa suja.

– Tudo bem.

Ouçõ os passos dela saindo para a sala.

– A gente realmente deveria sair – digo, mas absolutamente sem nenhuma convicção.

Não consigo acreditar nisso, porque os olhos dele estão azuis naquela luz, escuros e atentos, e a mão dele está se movendo para baixo da minha blusa.

– Em um minuto.

– Um minuto?

– Talvez dois.

– Você não consegue me fazer gozar em dois minutos.

– Então veja.

O polegar dele encontra meu mamilo de novo. Minhas pálpebras caem. Não consigo mantê-las abertas, não com ele me tocando assim. Não com ele me beijando assim. Não com ele abrindo minha calça jeans, baixando o zíper, me encontrando quente e molhada e me deixando mais quente e mais molhada.

Ele sussurra promessas sacanas no meu ouvido, me lambe e me chupa. Encontra todos os meus pontos fracos e os explora.

– Noventa segundos – diz ele depois que eu gozo. – Fácil.

– Não me chame de fácil – reclamo.

Minha voz está fraca e baixa, exausta como se eu tivesse corrido uma maratona quando tudo o que eu realmente fiz foi respirar de maneira ofegante, me apertar contra os dedos de West e segurar o barulho quando ele fez meu corpo cantar.

West dá risada, segurando meus pulsos nas mãos e se jogando em cima de mim. Temos apenas trinta segundos antes de Frankie voltar até a porta, mas são trinta segundos deliciosos.

Muito deliciosos.

Quando desligo a ligação do assistente do senador, estou sorrindo. Foi a terceira vez que conversei com ele esta semana e foi a primeira ligação em que senti estar fazendo um bom progresso.

– Como estão ficando os meus dedos dos pés? – pergunto a Frankie.

- Estou passando a segunda camada.
- Legal.

Ela se concentra nos movimentos do pincelzinho preto do esmalte. Olho para o teto da cozinha, repassando a conversa. Esqueci de falar com ele sobre fraude. Todos aqueles sites que pegam dinheiro dos clientes com a promessa de limpar suas reputações on-line... Alguém precisa dar um basta nisso. Eu perdi um monte de dinheiro do West para um deles. E preciso ver se...

- O que é vítima anônima? – Frankie pergunta.
- Hum?
- O que é vítima anônima?

Levo um tempo para focar a atenção na pergunta.

– Depende. É uma expressão que o governo usa quando não sabe quem é alguém. Tipo, se encontram um cadáver que não pode ser identificado, ele é chamado de vítima anônima. Em processos legais, usamos a expressão quando a vítima quer manter a identidade em segredo.

– Você disse para aquele homem no telefone não usar a palavra vítima.

– É verdade. Gosto mais do termo alvo. Mas, normalmente, quando falamos sobre crimes, falamos sobre criminosos e vítimas.

Cuidadosamente, ela passa esmalte no meu dedão.

– Então você foi uma vítima, mas não quer que ninguém saiba disso?

– Bem, não exatamente.

– Mas você é uma vítima anônima. Foi o que o West disse.

– No meu caso, é apenas uma estratégia – digo a ela. – É uma maneira de manter os arquivos do processo em sigilo.

Frankie devolve o pincel ao vidro de esmalte e fecha a tampa.

– Eu queria poder fazer isso.

– Isso o quê?

– Fazer com que ninguém soubesse sobre o Clint.

– Ele ainda está perturbando você?

– Não, ele fica longe de mim agora. Precisa ficar. Mas quando o Sr. Gorham foi à nossa sala para falar sobre bullying, acho que foi tipo essa história de vítima anônima. Porque ele não usou o meu

nome ou coisa parecida, só que todo mundo sabia que ele estava falando sobre mim. Eu queria poder simplesmente... Sei lá. Apagar o que aconteceu. Começar de novo.

– Sei como você se sente.

– Durante grande parte do ano anterior, eu queria apagar o que havia acontecido comigo. Mas, sabe, quando coisas ruins assim acontecem, às vezes também pode ser bom. No ano passado, um cara de quem eu gostava quis fazer com que eu me sentisse vulgar... como se eu fosse uma má pessoa e merecesse que coisas ruins acontecessem comigo. Então ele fez uma coisa para me envergonhar na internet. E funcionou. Eu me senti péssima. Mas daí eu descobri que ele estava errado em relação a mim, e que era ele quem tinha um problema, não eu. E isso me deixou mais forte.

– Como?

– É difícil de explicar. Acho que eu não acredito que alguém vá conseguir fazer de novo comigo o que aquele cara fez. Tenho certeza de que vou me magoar de outras maneiras, mas não daquela forma.

Só depois que as palavras saem da minha boca eu me dou conta de que não estou falando apenas sobre Nate. Estou falando sobre West também. Se não fosse pelo ataque de Nate, eu não teria conseguido lidar com o que West fez comigo em Silt. Mas eu consigo lidar com a situação. Porque estou mais forte.

Estou diferente e sou grata por isso.

– Sabe o que descobri? Só eu decido o que significam os meus atos. Só eu escolho como me sinto sobre quem eu sou e o que eu fiz. Eu defino o que vou aceitar e o que não vou aceitar. E isso vale para você também. Você é responsável pela sua vida.

Ela franze o nariz.

– West é responsável pela minha vida.

– Ele é responsável por mantê-la viva, alimentada e todas essas coisas, e por garantir que você tenha chance de aprender muito e se tornar uma boa pessoa. Você é responsável por todo o resto. E, sabe, o que o Clint fez é uma droga. Aquilo jamais deveria ter acontecido. Eu sinto que tenha acontecido. Mas o que você deve lembrar sempre é que ele tinha um problema, não você. Você foi a

que reagiu. Não da maneira mais construtiva, acho que podemos concordar nisso...

Ela me lança um olhar. Sorri quando vê que estou sorrindo.

– Mas está dentro de você. Você é capaz de se defender e derrubar o cara que está ameaçando você. E esta deve ser uma sensação muito boa, certo?

Frankie assente.

– Ele tem medo de mim agora.

– Isso é incrível, desde que você não volte a usar seus punhos poderosos, está bem?

– É. – Frankie inclina a cabeça, pensativa. – O cara que tentou magoar você tem medo de você?

Vejo mentalmente Nate passando por mim no caminho da aula para a minha casa. Olhando para o lado para não precisar me encarar.

– Acho que tem. Mas o mais importante é que eu não tenho medo dele. – Mexo os dedos dos pés. – Está pronto?

– Sim, mas você não pode andar por aí por um tempo.

– Quer fazer pipoca?

– Igual à do cinema?

– Tem outro jeito de fazer?

– Não.

– Mas você vai precisar fazer o trabalho duro. Já que eu não posso me mexer.

– Eu sei fazer.

Frankie saltita até o armário para pegar a panela de pipoca. *Saltita.*

Queria que West pudesse vê-la. Vou contar a ele mais tarde, quando ele voltar do trabalho. Isso vai ajudá-lo a se lembrar de que, embora existam dificuldades, a irmã dele é incrível e resiliente.

E eu também sou.

Bridget tira quatro ovos cozidos da tigela do bufê de saladas.

– Pode pegar uns para mim? – pergunto.

– Claro. – Ela acrescenta mais três ovos. – Vai fazer um

sanduíche?

– Acho que vou comer com biscoito.

– Tudo bem. Pegue um pão, que eu pego a maionese.

É meio de dezembro e estamos no refeitório, almoçando entre uma aula e outra. Nossas quartas-feiras têm sido assim desde o primeiro ano, e embora nenhuma de nós faça as refeições na universidade, comendo a maior parte das vezes em casa, ainda almoçamos no refeitório nas quartas.

Ou pelo menos tentamos fazer isso. Não fui na quarta anterior porque precisei ir a Iowa City para prestar depoimento junto ao meu advogado à tarde. Fiz a mesma viagem hoje de manhã, desta vez para ser ouvida pela equipe de advogados do Nate.

O mês de novembro foi do West, embora eu tenha passado uns dois dias com o meu pai no feriado de Ação de Graças.

Dezembro está sendo o mês do processo.

– Quer que eu peça a sua bebida?

Bridget está servindo maionese light em um potinho.

– Sim, quem sabe duas águas e um leite desnatado?

Como o refeitório usa uns copos minúsculos, precisamos pegar três ou quatro para termos bebida suficiente.

Levo as bebidas, o pão, os biscoitos e a tigela de sopa que peguei no bufê até a mesa ao lado da janela onde Bridget e eu gostamos de sentar. Ela já está lá, esmagando ovos cozidos com o garfo. Há um montinho de pepino em conserva cuidadosamente picado em um prato. Sento na minha cadeira e pego um aipo.

Pico com uma faca de manteiga, lembrando a primeira vez que a vi fazer uma salada de ovo com ingredientes do bufê de saladas. Havíamos começado a orientação do primeiro ano. Fiquei muito feliz por ter sido destinada a Bridget pelos deuses dos alojamentos, porque ali estava uma garota com ideias.

Ali estava uma amiga que é inteligente, querida e combina comigo em todas as coisas que importam.

Ela termina de misturar a maionese na tigela de ovos.

– Pode me passar o aipo?

Passo o prato para ela, que mistura o aipo picado, o pepino, sal e pimenta com o ovo.

– Como foi o seu lance com os advogados? – pergunta Bridget.

– Horrível.

– Como foi?

– Eles me fizeram as mesmas perguntas quatorze vezes cada um. Na maior parte das vezes eu não tinha permissão para responder. Quando tinha, precisava dizer o que ensaiei com o meu advogado. Depois, o advogado de Nate dizia alguma coisa para fazer parecer que eu sou uma vadia louca.

– Meu Deus.

– Eu sei. Mas foi exatamente como meu pai me disse que seria. Eu sabia o que esperar.

– Isso ajuda?

– O quê?

– Saber o que esperar?

Encolho os ombros, porque meus olhos estão começando a doer de vontade de chorar e eu deveria ser mais forte do que isso. Eu sou mais forte do que isso.

– Caras ricos e engravatados tentaram fazer com que eu me sinta como uma vadia louca. Depois de horas e horas disso, é realmente difícil não começar a se sentir assim.

– Você não é uma vadia louca.

– Eu sei. Mas ainda assim é difícil.

– Você chorou?

– No carro, a caminho de casa.

– Mas não na frente dos advogados?

– Não, mas só porque fizemos dois intervalos para eu poder me recompor.

– Você não pode deixar de fazer isso?

– Só se retirarmos o processo.

– Mas vocês não estão cogitando isso.

– Sei lá.

Não me permiti pensar nisso. Mas fico escutando na minha mente o que Frankie me perguntou: “Então você foi uma vítima, mas não quer que ninguém saiba disso?”

Parece errado.

Sempre acreditei que poderia fazer qualquer coisa que me

dedicasse a fazer. Se eu quero passar pela faculdade de direito e chegar ao outro lado, praticar o direito e advogar pela justiça social, concorrer em uma eleição para me tornar legisladora e mudar o mundo para melhor, o que eu preciso fazer para que isso aconteça?

Meu pai diz que é isso que eu preciso fazer. Levar o processo até o final. Vestir a camisa de força da vítima anônima. Já não sei mais.

Na mesa comprida à nossa esquerda, um grupo de estudantes explode em uma gargalhada. Preciso engolir, porque estou com dor na garganta. Imagino se estou ficando doente.

– Caroline? – Bridget estende o braço por cima da mesa para cobrir a minha mão com a dela. – Por que você está fazendo isso, se deixa você tão infeliz?

Engulo em seco de novo. Minha garganta dói e meus olhos se enchem de lágrimas. Eu não tenho uma resposta.

Acordo no escuro. O relógio marca 2h48. West está colado em mim, quente demais. O ar no quarto dele está seco por causa do aquecedor. Estou com uma narina completamente entupida e a outra está tão ressecada que só consigo inspirar uma pequena quantidade de oxigênio.

De jeito nenhum vou conseguir voltar a dormir.

Quando tento me desvencilhar do braço dele, ele me aperta por um instante.

– Aonde você está indo? – A voz dele está rouca de sono.

– Só vou até a sala.

– Quer um cafuné?

É o meu jeito preferido de cair no sono... Os dedos de West fazendo círculos no meu couro cabeludo.

– Talvez mais tarde. Preciso fazer xixi.

– Volte logo.

– Pode deixar.

Depois que vou ao banheiro, paro na cozinha para tomar um copo d'água e sigo para o sofá. Então me enrolo na manta velha da sala e fico sentada no escuro. Livre, a minha mente vagueia.

Puxo os buracos da velha coberta rasgada, que suspeito que a

avó de West deva ter tricotado nos anos 1990. Tem as cores da época: marrom e verde-floresta.

No quarto, ouço West se revirar nas cobertas.

Penso em todos os depoimentos. Em como fizeram com que eu me sentisse péssima. Fico enrolada em uma bola embaixo da manta e fecho os olhos. Uma mola range. Segundos depois, uma tábua do piso geme e então ouço o barulho de água correndo no banheiro.

Quando ele aparece, estou sentada de novo.

Ele está apenas de cueca, o que parece loucura para dezembro, mas West sempre foi quentinho.

Ele coça a barriga.

– Me dá um espaço?

Obedeço, ele senta de lado e me posiciona entre suas pernas estendidas.

– Almofada.

Pego uma almofada e passo para ele. Ele a enfia atrás da cabeça, me enrosca em seus braços e se recosta, me puxando para baixo com ele, meu corpo equilibrado entre o sofá e a pele dele, a cabeça descansando no refúgio embaixo de seu ombro.

Ele é gostoso e cheira tão bem. É muito bom estar com West.

Queria conseguir explicar ao meu pai como me sinto em momentos como este, mas não consigo descrever a perfeição que é nossa união. Gratidão? Satisfação? Contentamento? Não dá para sintetizar em palavras. Há apenas essa emoção enorme e deliciosa que quero passar o resto da minha vida sentindo.

Os beijos de West na minha testa.

– Levante este cobertor, por favor?

Levanto a coberta até os meus ombros e a barriga dele e, de baixo, prendo-o no seu lado, empurrando alguns centímetros de coberta sob a coxa, a barriga, o braço dele. Gosto de mimá-lo, mas não muito. Só um pouco, de um jeito que ele possa não notar nem ficar mal-acostumado.

– Desculpe ter acordado você – digo.

– Tudo bem. O que está passando pela sua cabeça?

– Aparentemente, muita coisa.

– Sim. – Ele mexe os ombros, nos afundando no sofá. – Me diga.

– Conversei com o Paul de novo hoje.

– Quem é mesmo o Paul?

– O assessor do senador.

– Ah, certo.

– Eu me sinto como se houvesse coisas que posso dizer a ele e que ninguém mais vai dizer. Coisas que ele não compreende adequadamente, mas sobre as quais posso fazê-lo mudar de ideia.

– Sobre pornografia de vingança?

– Sim, para começar. Eu seria capaz de fazer qualquer pessoa mudar de ideia a respeito disso, se eu tiver uma boa chance. Se a pessoa não for, tipo, um cretino preconceituoso ou coisa parecida.

– Aposto que sim.

– E isso vai parecer bobagem, mas tenho a sensação de que nasci para fazer isso.

A reação dele é uma bufada no topo da minha cabeça, de prazer e divertimento.

– Talvez tenha mesmo.

Eu me viro para olhar para o rosto dele.

– Talvez tenha mesmo, West.

Ele fixa os olhos nos meus, firmes e tranquilos. Não há deboche neles. Ele sobe e desce a mão nas minhas costas, por baixo da camiseta. A palma da mão dele está quente contra a minha pele, mas seu olhar está mais. Tão seguro sobre mim.

– Ele quer que eu fale com a imprensa.

– Quem, o assessor?

– O senador. Eles acham que a melhor chance que têm de passar essa proposta é começar com uma fase de educação pública, e querem marcar entrevistas com grandes jornais e alguns dos programas matinais de TV em Des Moines e Iowa City, as cidades do quadrilátero. Eles querem dar um rosto à pornografia de vingança em Iowa.

– O *seu* rosto.

– O *meu* rosto.

– Para mim, faz sentido. Você tem um rosto lindo.

– Meu pai vai pirar se eu aceitar.

– Pois é.

- Mas eu estava pensando...
- Você estava pensando em aceitar.

Dou um pequeno sorriso. Não posso evitar. West me conhece bem.

– Eu quero aceitar. Qual é o sentido de processar Nate, gastar todo esse dinheiro tentando destruí-lo, se isso significa que eu não posso fazer nenhuma das outras coisas que desejo fazer? Não faz sentido, certo?

- Certo.

Ele me abraça mais apertado. Ficamos deitados ali desse jeito por um tempo, apenas respirando. A mão de West aquece a base da minha coluna.

- O que você quer, gata?

- Neste momento?

- Não. Mais adiante. Em dez, vinte anos... O que você quer?

Passo a perna por cima da barriga dele e me aninho mais perto até estar com o rosto no pescoço dele. Digo na garganta dele, onde posso sentir seu pulso:

- Eu quero ser presidente.

O coração dele bate firme e forte. Posso senti-lo vivo em meus lábios.

– Eu nunca disse isso em voz alta antes – admito. – Não desde que era pequena e Janelle me garantiu que mulheres não podiam ser presidentes e, mesmo que pudessem, eu jamais seria. Por que eu me achava especial? E ela tinha razão. Entendo como é impossível. Na época mesmo eu entendi. Então parei de dizer isso e meio que parei de pensar tão longe. Por enquanto, quero apenas terminar o curso de direito, arranjar um emprego e trabalhar até ganhar uma eleição local.

- Mas não é onde você quer terminar.

– Não, eu quero terminar na Casa Branca. Sei que não tenho muita chance, porque nenhuma mulher tem. E mesmo que todas as estrelas do universo se alinhassem a meu favor, isso provavelmente será impossível depois do que aconteceu no ano passado. Do jeito que o mundo é...

- Caro...

– Sim?

– Pare de me dizer por que você não pode ter o que quer.

Estou com o rosto quente. Minha respiração está ofegante, só de admitir uma esperança tão profunda e tola a ele. Por ter confiado isso a ele.

– Há muitos motivos pelos quais eu não posso ter o que quero.

– Bem, sim. Mas se quiser mesmo, gata, acho que deve ir atrás.

– Você acha?

– Porra, claro que acho. Você é inteligente, forte, maravilhosa e talentosa. É uma líder nata... Sempre acreditei nisso. Pegue o que aconteceu com você no ano passado e use para mudar o mundo. Bata na cabeça das pessoas com isso, se for preciso. Fale até o mundo escutar. E depois, se quiser ser presidente, o que você tem no seu registro é o que aconteceu com você e o que fez a respeito. Nada do que se envergonhar.

As palavras dele me banham como água morna. Elas me limpam totalmente, deixando-me pura e íntegra. Porque o que ele disse é exatamente o que desejo fazer. Exatamente como quero que seja o meu futuro.

– É uma estrada longa. Isso me dá medo.

– Não há nada de errado em sentir medo. O medo nos deixa afiados. De qualquer maneira, você pode ir atrás de um voto por vez. Você já tem o meu.

– Isso é bom. Faltam só mais 126 milhões.

– Eu acredito em você.

Eu me levanto um pouco e beijo o queixo dele.

– Você é um fofo.

Ele segura o meu rosto em sua mão e me prende com os olhos. É tão solene. Posso ver como quer que eu o escute quando me diz:

– Não estou fazendo nenhum favor a você, Caro.

Meu coração está cheio e parece que vai explodir de amor e gratidão, medo e promessa.

– Estou feliz por você ter me contado – diz ele.

– Eu também.

Estou mesmo, porque agora sei o que vem a seguir. Sei o que preciso fazer.

– Darei fim ao processo na justiça. Eu me sinto péssima e consome um monte de tempo e recursos. Não acho que tenha qualquer sentido. Quando eu for para casa no Natal, vou dizer isso ao meu pai.

Ele passa as mãos pelos meus cabelos.

– Está bem.

– Vou ligar para o Paul e aceitar falar com a imprensa. Talvez eu possa dar uma entrevista para o jornal da universidade ou da cidade. Quem sabe escrevo algo para ser publicado on-line também? No *Salon* ou no *HuffPo*? Preciso procurar um lugar onde eu possa escrever algum tipo de artigo pessoal. Ou então...

Ele empurra a minha nuca, me atrai até sua boca e beija as palavras que saem dos meus lábios.

– Para que foi isso?

– Você estava começando a falar alto demais. Não quero que acorde a Franks.

– Eu não estava começando...

Ele me beija de novo, e me beija tão bem que estou sorrindo quando paro de respirar.

– Mentiroso.

– Não para você.

– Você só queria me beijar.

Isso o faz sorrir.

– Nisso você tem razão.

Desta vez, sou eu que o beijo. Minha excitação se torna nossa excitação, o beijo sinuoso e libertador, como correr, cair no gramado e olhar para o céu girando.

Quero dizer mais coisas a ele. Contar a ele tudo o que eu queria. Todas as formas como deixei que tirassem a ambição de mim, arrancada dos meus dedos como tantos papéis atirados no chão, espalhados aos meus pés.

Mais cedo ou mais tarde, contarei tudo.

Ele me levanta e me leva no colo pelo corredor até o nosso quarto. O cobertor cai no chão quando ele tranca a porta, mas não estou com frio. Não com o corpo dele em cima do meu, os olhos dele nos meus, as palavras dele dentro de mim.

O motivo pelo qual não preciso de vingança é que tenho amor. A vingança não nos dá nada. Não nos preenche nem nos acalma, não nos satisfaz nem nos modifica.

E, mesmo que fizesse tudo isso, meu coração já está repleto. West está com as mãos na minha bunda, os lábios no meu pescoço. Ele me provoca, sorri e me chama de "senhora presidente", puxa a minha blusa pela cabeça, lambendo e beijando entre os meus seios.

– Presidente Piasecki – diz ele. – Isso soa bem.

Fecho os olhos.

Tenho 20 anos de idade. Tenho um ano e meio de faculdade pela frente. Eu deveria estar bebendo demais, participando de festas, estudando no exterior, dormindo com muita gente e pensando no que quero fazer da minha vida.

Eu não deveria já saber com quem quero passar o resto da minha vida. Mas eu sei. Sei muitas coisas.

– Presidente Leavitt também soa bem – digo.

Ele levanta os olhos, com uma pergunta impressa neles.

– Você não está falando de mim.

– Presidente Caroline Leavitt.

A compreensão aparece primeiro em sua boca e começa a subir para as maçãs do rosto, para os olhos. Uma felicidade e uma surpresa que ele não conseguiria esconder de mim nem se tentasse.

E não tenta. Ele apenas sorri e desliza a mão até a minha barriga, entrando pelo cós da minha calça de pijama e chegando ao meu calor molhado, me fazendo arfar.

– Você daria uma primeira-dama gostosa – digo, antes que ele acabe comigo de vez.

– Morda o lábio, gata.

Eu obedeço. Enquanto ele brinca dentro de mim com os dedos, mordo o lábio com força suficiente para estar inchado na manhã seguinte, mas tudo bem. Aquela pontinha de dor, aquele gosto de sangue, apenas aumenta o prazer.

Ele me faz gozar em sua mão. Depois tira a cueca, me penetra e faz amor comigo devagar, tão silenciosamente e por tanto tempo que sinto outro orgasmo começando a vir. Aquela doçura suada

crescendo entre nós. Quando o prazer aumenta e se torna mais intenso, ele me põe de joelhos e entra em mim por trás.

Ele puxa os meus cabelos do pescoço e sussurra em meu ouvido:

– Eu vou comer você assim no Salão Oval.

West... Com a bunda para o ar, estou tentando não rir quando ele me faz gozar de novo, e desta vez ele se joga comigo.

Deixo o rosto cair no travesseiro, exausta e zonza. Ele está quente e pesado em cima de mim. Nada pode nos parar. Jamais perdi a minha felicidade de vista.

Nem por um minuto.

O C O M E Ç O

West

Novou pra caralho no mês de dezembro.

A primeira semana do feriado de inverno era para ser a última semana de aulas de Frankie, mas caiu tanta neve no condado de Putnam que todas as escolas ficaram fechadas. Caroline havia planejado passar os poucos dias antes do Natal com o pai dela, mas acabou presa na nossa casa.

A temperatura ficou em torno de 0°C. O telhado da garagem estalava e gemia sob o peso da neve. Ficamos comendo queijo quente com sopa de tomate e vendo filmes natalinos.

Quando começamos a ficar sem nada para fazer, Laurie e Rikki nos emprestaram um quebra-cabeça de mil peças. Nós o espalhamos sobre a mesa de centro e trabalhamos juntos para montá-lo durante a maior parte da manhã e o começo da tarde da véspera de Natal.

Depois disso, Frankie pegou os meus lápis de cor emprestados e trabalhou em um desenho que queria dar de presente para a mamãe. Caroline sentou-se no sofá e ficou procurando por oportunidades de mídia no notebook, investindo na ideia de se

tornar a garota-propaganda contra a pornografia de vingança depois das festas de fim de ano.

Eu continuei com o quebra-cabeça, identificando uma peça após outra. Casava cada uma com sua vizinha pela cor, pelo formato, pelo conteúdo... Peça por peça, a satisfação foi crescendo até eu terminar a coisa toda. Olhei para o que havia feito e me dei conta de que havia passado o dia inteiro absorto em uma metáfora.

O quebra-cabeça era o futuro, sem forma e confuso. Mil decisões minúsculas que teria de tomar. Mil coisas para descobrir sem muita coisa para me guiar além de uma ideia.

Naquela noite, com neve cobrindo os campos e o telhado da casa de Laurie e Rikki – com neve nas estradas, sobre os trilhos dos trens e acumulada nos cantos das janelas –, fizemos uma tigela imensa de pipoca e assistimos a *Como o Grinch roubou o Natal*. Eu me sentei entre Frankie e Caroline, os braços estendidos entre as duas no sofá, os pés apoiados na mesa de centro, luzes piscando no pinheirinho artificial que Frankie e eu compramos no Walmart.

Depois que minha irmã foi para a cama, Caroline me ajudou a arrumar os presentes e nós desligamos a luz do teto e ficamos curtindo o brilho da árvore, vendo a neve cair.

Não dissemos nada. Não precisávamos. Estávamos ali. O que viesse a seguir seria como o quebra-cabeça. Complicado, mas eu poderia montar uma peça por vez.

Embora eu tenha vindo de uma família com problemas e enfrentado um monte de merda, eu tinha clareza no olhar, curiosidade e perseverança.

Eu tinha Caroline comigo.

O futuro se encaixaria no lugar, uma peça por vez.

– Não, eu sei.

É a hora do almoço do dia de Natal.

Caroline está andando da porta da frente do apartamento até o fundo da cozinha. Está com o pai em um fone de ouvido, as mãos enfiadas nos bolsos de trás da calça jeans. Ela está usando um suéter verde-escuro com uma gola convidativa.

É uma blusa que deveria ser festiva, mas também é sexy pra cacete. Tem uma sombra sob a clavícula dela em que eu adoraria pôr a boca.

– Sim, eu sei – diz ela ao pai. – Sinto muito por não estar aí. Eu queria estar. Se o tempo melhorar em uma ou duas horas, vou tentar ir esta noite.

Devo estar franzindo a testa, porque ela levanta as sobrancelhas e os ombros de uma só vez, como que dizendo: “O que você quer que eu diga a ele?” É Natal.

– A estrada vai estar escorregadia.

– Talvez esteja – diz ela ao pai, que deve ter dito exatamente a mesma coisa que eu. – Vou ficar de olho no tempo e...

Ela faz uma pausa.

– Está bem. Se você acha que é a melhor forma de fazer isso, tudo bem.

– Fazer o quê? – pergunta Frankie.

Ela está sentada à mesa da cozinha, desenhando em seu caderno novo com os lápis que eu dei de presente de Natal.

– Não fique ouvindo as conversas dos outros – repreendo-a. – É falta de educação.

– Você também está ouvindo.

– É verdade.

Ela revira os olhos.

– Hipócrita.

Ela está aprendendo novas palavras. Tem lido muito também. Um dos professores apresentou a Biblioteca Pública de Putnam a ela. Frankie está lendo um livro a cada um ou dois dias. Ela não quer conversar comigo sobre eles, mas Jeff Gorham me diz que isso é bom para a minha menina.

É enriquecedor.

– Ele vai remarcar o jantar de Natal da família – explica Caroline –, já que eles não sabem quando vou conseguir chegar lá.

Frankie olha para mim e mostra a língua. Um minuto depois, Caroline diz:

– Eu preciso conversar um assunto bem sério com você, pai – diz Caro e fecha a porta do quarto.

- Você sabe o que é? – pergunta Frankie.
- Não é da sua conta, senhorita enxerida.
- Aposto que você não sabe.

Mas eu sei. Ainda mais quando ouço o lado de Caroline na conversa ficar alto o bastante para eu saber que ela está irritada. Por um momento, não consigo discernir as palavras através da porta. Depois consigo entendê-las perfeitamente.

– Pela quinta vez, não estou pedindo. Eu já tomei uma decisão e não vou ficar esperando para ver como estarei me sentindo em alguns dias. Já sei como estou me sentindo. É por isso que o estou informando dos meus sentimentos.

- Fique aqui – digo a Frankie.

Encontro Caroline atirada em cima da cama, os braços e as pernas abertas, fazendo caretas para o teto.

– Não! Não! Eu não aceito isso. Eu sabia que você diria isso, mas não aceito.

Sento na cama, encosto as costas na cabeceira e estendo as pernas por cima das dela. Ela estica o braço para segurar a minha mão. Toda vez que ela levanta a voz, aperta a minha mão com mais força.

- Não está me escutando.

– Não, papai, eu estou escutando você, mas não. Caramba, papai, não tem nada a ver com ele!

Ela não diz nada feio demais para ter que se retratar, mas está chateada o bastante para a voz engasgar, e percebo que ela não está indo a lugar algum com o pai.

No fim, os dois começam a se acalmar. Nunca presenciei uma discussão assim. Começou feia a ponto de ser possível ouvir através de uma porta fechada. Dez minutos depois, termina com:

- Feliz Natal, papai... Eu também amo você.

Caroline desliga e se vira de lado. Deito ao lado dela. Ela se vira para a colcha, escondendo o rosto com o cabelo.

- Você está chorando?

Ela soluça.

- Não.

- Tudo bem se estiver.

– Eu não estou. Estou reunindo forças para lutar por mais um dia.

– Está bem. Você está reunindo forças, mas não está chorando. Hum... Agora seria um mau momento para dar o seu presente?

Ela senta na cama lentamente. Os olhos dela não estão vermelhos, mas seu pescoço e as bochechas estão. Se ela vai se tornar presidente um dia, temos que aprimorar sua indiferença em algum momento.

– Você já me deu um monte de presentes.

– Aqueles eram de Frankie.

– Como você pagou por eles, são de você. Adorei a minha echarpe.

Ela usou a echarpe mais cedo sobre a camiseta do pijama. Ficou bonita. Foi uma sensação boa vê-la vestindo algo que eu havia comprado para ela.

Solto sua mão para levantar e revirar a prateleira de cima do armário. A caixa da joalheria pesa como pedra na minha mão. A pulseira de couro parece dura e desengonçada quando a dou para ela, um símbolo do qual não tenho muita certeza.

E se ela não quiser a lembrança? Talvez eu devesse ter enterrado aquilo no quintal. Mas Caroline estende o pulso e me deixa colocá-la nela. Meu nome impresso no couro, aninhado ao redor de sua pele.

Ela passa o dedo sobre as letras. Sorri para mim.

– Está tudo bem? – pergunto.

– Tudo bem.

Ela se aproxima e me beija, e a sensação é boa. Como se eu tivesse consertado algo errado, restaurado algo que estava desequilibrado.

Quando ela se afasta, ponho a caixa de joia em sua mão. Ela arregala tanto os olhos que me pergunto por um instante que porra eu fiz de errado. Então me dou conta e dou risada.

– Não é um anel. Mas é bom saber que é cedo demais para isso.

– Não é... Eu não quis dizer...

– Está tudo certo, Caro. Abra.

Dentro da caixa está uma pulseira de prata.

– Que linda. O que é isto nela?

A luz reflete no pingente quando ela a levanta para ver melhor. Ela responde à própria pergunta.

– É um... pente. West...

– Pensei em dar as duas coisas. O pente e a corrente de relógio. É... talvez não seja um bom presente, mas eu achei...

E então ela joga os braços ao meu redor e eu não preciso continuar falando.

– West.

Agora ela está chorando de verdade.

– Eu não queria fazer você chorar.

Eu pensei tantas vezes no que ela disse sobre nós. Para eu não atribuir um papel a mim mesmo, de mocinho ou vilão, xerife ou bandido, porque a vida é mais complicada do que isso.

Aquela conversa nunca foi sobre a história que ela havia lido na aula de inglês. Foi sobre mim. Era Caroline me dizendo que eu havia ferrado com tudo, mas que podia ter outra chance.

Quando fui à joalheria, queria ver pentes de prata para dar a ela. Eu achava que ela devia ter uma lembrança do momento em que me ofereceu o que eu mais precisava, o que eu nem sabia que precisava.

Só que eu não queria que ela tivesse metade. Queria que ela tivesse tudo.

Ela me beija.

– É perfeita.

Quando a beijo de volta, ela me puxa para cima dela.

– Você é perfeito.

– Eu estou longe de ser perfeito.

Ela beija os meus lábios, o meu rosto, os meus olhos fechados.

– Perto o bastante para mim.

Rolo para o lado e ficamos ali deitados por alguns minutos com as pernas entrelaçadas, olhando um para o outro.

Perto o bastante.

– Frankie.

Bato à porta dela de novo.

– Abra.

– *Me deixe sozinha!* – grita ela.

– Franks, querida, é Natal e você está chorando. Eu não vou deixá-la sozinha.

– Eu não estou *chorando!*

Ela atira alguma coisa na porta com força suficiente para me fazer dar um passo para trás. Caroline está atrás mim, com os braços cruzados.

– Quer que eu tente?

Vinte minutos. Vinte malditos minutos ao telefone com a minha mãe na porra do dia de Natal e ainda termina assim. Minha irmã atirando o celular no chão, explodindo em soluços e saindo correndo do quarto.

Minha mãe ligou pouco antes da hora de Frankie ir dormir. Tentei ligar para ela antes, esperando me livrar logo daquilo, mas ela só atende o telefone quando está a fim.

Natal não é uma exceção.

Normalmente, nós a pegamos quando está a caminho de algum lugar no carro e quer preencher dez minutos com conversa sem sentido. Ela pergunta como estamos, mas não quer saber de verdade. Frankie sofre mais do que eu com as ligações. Em algumas tardes, volto do trabalho com Laurie e a encontro fechada no quarto, com a placa de MANTENHA DISTÂNCIA escrita à mão presa na porta. Olho para Caroline e pergunto baixinho se a minha mãe ligou.

“Sim”, responde ela.

Então ela faz biscoitos ou eu baixo um episódio de algum programa de que Frankie gosta e usamos isso para atraí-la para fora do isolamento.

Esta noite, minha mãe estava mais emocional do que eu estava a fim de suportar.

– Como sinto falta de vocês, meu Deus – exclamou quando falou comigo. – Estou morrendo de saudade.

A fala dela estava meio solta, saindo sem pensar, o que me fez relutar em passar a ligação para Frankie. Mas é Natal. Eu não poderia dizer não.

Mas deveria.

– Não sei o que fazer.
– Você podia dar a ela um minuto para esfriar a cabeça.
– Mas ela não está brava. Não de verdade. Ela está magoada e eu não quero deixá-la sozinha.

Bato à porta de novo.

– Frankie. Abra ou vou arrancar a maçaneta da porta e entrar à força.

– Você não pode fazer isso.

– Na verdade, posso.

– Você não é o meu pai!

– Eu sou seu irmão, o cara que está pagando o aluguel. Portanto, abra a porta, Franks. Estou falando sério.

– Não.

– Pelo amor de Deus, caralho!

– West... – Caroline me repreende.

Eu me viro, apoio as costas na porta e deslizo até o chão.

– Eu não sei ser o pai dela.

– Você está indo muito bem.

– Estou trabalhando nisso há semanas. Faço perguntas. Estou disponível, tentando deixar claro que estou escutando, conversando com a porra do conselheiro e com os professores, preenchendo a porra da papelada, mas não estou chegando a lugar algum.

Caroline senta ao meu lado. Toca no meu braço.

– Está, sim.

– Ela não me deixa entrar na porra do quarto.

– Ela está muito emotiva, mas logo vai passar.

– Ela está furiosa comigo por ter tirado aquela blusa dela.

– Foi a coisa certa a fazer.

A blusa em questão foi um presente da nossa mãe, decotada e totalmente equivocada para uma menina de 10 anos.

Mandamos um álbum de fotos para a mamãe. Foi ideia de Caroline. Pegamos as melhores fotos de Frankie e tiramos outras de Iowa, da fazenda e das esculturas, eu com Laurie, Caroline com Frankie, e reunimos em um álbum.

Assim ela vai ver o que está perdendo, alegou Frankie.

Quando perguntei se havia recebido, minha mãe disse “bem

legal” e mudou de assunto. Ela voltou com o Bo e está brigando com o meu tio Jack e com a maioria dos Leavitt. Ela me disse que os Leavitt não têm lealdade.

Acho que esqueceu que sou um Leavitt. E que sua filha também é.

Para o meu próprio bem e o de Frankie, não a quero mais na minha vida. Não quero sua desatenção, seus arroubos de paixão, os breves ataques de consideração que nos deixam nos sentindo uns merdas quando se esquece completamente de nós. Quero que Frankie tenha mais.

Pela porta, ouço o choro baixinho dela. Eu me levanto e bato à porta de novo.

– Frankie, preciso que você abra esta porta. Vou contar até dez. E só isso. Pronta? Dez...

Caroline me interrompe:

– Tem certeza que não quer que eu tente?

– Nove.

– West?

– Tenho. Oito. Sete.

– Posso fazer alguma coisa? – pergunta Caroline.

– Sim. Busque a chave de fenda na gaveta das tralhas na cozinha. Seis.

– Normal ou Phillips?

– Cinco. Phillips.

Ela se levanta na ponta dos pés, pressiona os lábios nos meus e diz:

– Amo você.

– Quatro. Amo você também, gata. Três.

Frankie abre a porta no dois. Está com os olhos vermelhos.

– O que você quer?

– A sua bolsa nova emprestada. Pelo amor de Deus, Franks, o que você acha que eu quero? Conversar com você. Me deixa entrar.

Suavemente, empurro o ombro dela para que abra espaço, entro no quarto e fecho a porta.

Em cima da mesa dela há uma pilha bem arrumada de tudo o que ela ganhou de Natal, tudo empilhado e organizado. É uma coisa

tão típica dela que faz com que eu sinta coisas de mais ao mesmo tempo.

Orgulho por ter dado a ela aquelas coisas e permitir que tivesse um bom Natal, do tipo que crianças deveriam sempre ter.

Raiva por minha mãe ter estragado tudo.

Amor pela minha menina.

– O que foi? – pergunta ela.

– Eu não disse nada.

– Você está olhando para mim de um jeito esquisito.

– Eu só estava pensando em quanto amo você.

Ela desvia o olhar, culpada. É assim que as coisas funcionam conosco agora. Eu corro atrás dela, mas nunca pareço alcançá-la. Ela não quer que eu a alcance.

– O que a mamãe disse?

– Nada.

– Não foi nada. Vocês conversaram por um longo tempo.

– Nós só conversamos sobre o Natal, presentes e essas coisas.

Ela está morando com o Bo de novo.

– Eu sei. Ela me contou.

– Ela perguntou se eu queria voltar para casa.

– Não. – A palavra sai antes que eu saiba o que está acontecendo. Estou pairando sobre Frankie. – De jeito nenhum, porra.

Ela se encolhe de novo. Preciso me acalmar, sei disso, mas que tipo de pessoa faria isso? Simplesmente perguntar a Frankie se ela quer ir para casa, uma pergunta casual feita em um telefonema sem falar comigo antes, sem perguntar se eu achava que seria uma boa ideia.

Quem ela pensa que é? O fato de que eu sei a resposta só me deixa mais irritado. Ela é a mãe de Frankie. Eu sou apenas uma fraude.

– O que ela disse?

Frankie me olha com nervosismo.

– Ela disse que eu poderia voltar para casa, se quisesse. Disse que sente a minha falta e que você provavelmente...

– Eu provavelmente o quê?

Frankie encolhe os ombros olhando para o chão.

– Você tem Caroline.

– E isso quer dizer o quê, exatamente?

Mais um encolher de ombros.

– Você não me quer mais.

– Eu disse isso? Algum dia disse isso, porra?

– Não, mas não precisa dizer. Você me odeia!

– Eu não odeio você!

– Você está gritando comigo. Você está bravo e eu odeio você!

Quero ir para casa. Sinto falta da mamãe. Sinto falta do papai.

– Você não sente falta do papai.

– Sinto, sim! Ele me ama!

– *Amava* – corrijo. – Ele está morto.

É horrível. Uma coisa horrorosa de dizer, mas ele era um filho da mãe e ela gosta mais dele do que de mim. É a pior coisa que ela poderia dizer, a mais clara evidência do meu fracasso.

Ela quer voltar para Silt. Eu prefiro morrer a voltar com ela. Prefiro morrer a mandá-la para lá. Ela franze o rosto.

– Eu odeio você!

E então se deita com o rosto virado para baixo na cama, chorando de novo. Caroline está à porta, dizendo o meu nome. Sua mão alcança o meu braço. Volto para o meu corpo, sentindo a tensão absurda, o gosto amargo na garganta.

Escuto a mim mesmo. Tudo o que eu disse.

Não sou um bom pai. Não sou uma boa pessoa.

Não posso me tornar uma boa pessoa. Eu não sei como. Caroline estava errada. Não tem a ver com livros sobre criação de filhos, paciência, tentar mais. Tem a ver comigo. Eu tenho pavio curto, sou violento porque foi como nasci. Nascemos dentro disso. Amaldiçoados desde o começo.

Nós dois. Franks e eu. Quando tento tocá-la, ela dá um tapa na minha mão.

– Me deixe em paz.

Não há nada que eu possa fazer.

– West... – diz Caroline mais uma vez.

– Pode ficar com ela? – pergunto.

Porque pelo menos posso dar isso a Frankie. Alguém que saiba como amá-la.

Alguém que irá dizer as coisas certas.

Por causa da tempestade de neve e de tudo o que aconteceu, Caroline decide não passar as últimas noites do feriado na casa do pai dela, como havia planejado. Ela irá jantar com a família e voltar na mesma noite. O problema em seu plano? Caro quer que Frankie e eu a acompanhemos.

Tenho a sensação de que ela tem medo de nos deixar sozinhos. Ela nos arrastou para a rua no dia seguinte ao Natal para comprar nas liquidações. Frankie não falou mais nada sobre voltar para Silt.

Estou tentando não pensar no assunto. Não estou com raiva. Eu só me sinto oco, sabendo que não posso dar à minha irmã o que quero que ela tenha. Não se ela não me deixar. Não se eu não souber como.

Caroline diz que estou exagerando. De acordo com ela, sou um bom pai e um bom homem, mas todo mundo tem defeitos.

Caroline observa que eu levantei a voz, mas não ataquei a minha irmã fisicamente. Não a insultei verbalmente, não falei mal da minha mãe, não bati em ninguém nem quebrei nada, não bebi nem usei drogas e não atirei em ninguém.

Acho que isso é para ajudar. Enumerar todas as formas de merda que eu não fiz.

Não ajuda. Faz com que eu me sinta grato por ela estar disposta a conversar comigo, mesmo eu sendo um pé no saco truculento, mas não altera a minha convicção de que eu não tenho o que é preciso para ser pai.

Mas como Caroline sempre consegue o que quer, partimos para a casa dos Piasecki dois dias depois do Natal.

Caroline é de uma família que tem sala de jantar, mesa de sala de jantar e uma toalha de mesa antiga com uma faixa de renda no meio e velas e louça combinando.

Passo o jantar inteiro dizendo "por favor" ou "obrigado" no fim de cada frase. No resto do tempo, permaneço calado. Frankie se sai

bem melhor. Ela derruba o molho de amoras no colo, mas, como tem 10 anos, ninguém se importa. Caroline trançou os cabelos dela e escolheu suas roupas. Ela está linda à luz das velas, parecendo uma pintura em um livro.

Quando Caroline senta ao lado das irmãs e do pai, posso ver o rosto dela refletido nos deles: os olhos são do pai, o nariz e o queixo provavelmente foram herdados da mãe.

Janelle é a mais falante e meio mandona. Alison acabou de voltar de um período de trabalho no Corpo da Paz. Ela é magra e quieta, de aparência cansada. O pai de Caroline parece um maestro, fazendo grandes gestos para todos. Sua papada e suas sobrancelhas desaprovadoras seriam intimidantes não fosse pelo fato de que, quando olha para suas filhas, ele parece o Papai Noel.

Como ele sorri assim para Frankie também, não consigo não gostar dele, não importa quantos olhares desconfiados ele me direcione. Estive com ele duas vezes. Na primeira, fiz o melhor que pude para parecer um tarado idiota. Na segunda, eu estava na cadeia. Se ele levar uma década para gostar de mim, não será menos do que eu mereço.

Mas Caroline não parece feliz com isso. Toda vez que ele faz qualquer provocação minúscula a mim, ela devolve a ele e a temperatura da conversa vai subindo aos poucos, até os dois estarem um pouco esquentados.

Para onde quer que eu olhe, vejo algo que me lembra o tipo de infância que Caroline teve. Fotos da escola na parede. Desenhos de crianças emoldurados. Uma coisa velha de papel marrom parecida com uma bola de futebol no centro da mesa que Caroline diz que é para ser um peru que Janelle fez no jardim de infância.

Não consigo me afetar pela desaprovação do pai dela, porque estou ocupado demais olhando ao redor e pensando: "Esta casa é a imagem da segurança."

Não é o tamanho, nem a vizinhança, o sofá modulado de couro ou o peru em cima da mesa, mas a forma como aquelas pessoas estão juntas, com familiaridade e afeto, sintonizadas umas com as outras, contando a Frankie histórias engraçadas de quando as três

meninas eram pequenas e cuja graça não depende de alguém ser magoado ou humilhado.

Não posso mandar a minha irmã de volta para Silt. Não vou. Não se houver alguma chance de ela ter isso em outro lugar.

Depois do jantar, todo mundo troca presentes, o que é esquisito. Frankie e eu não tivemos tempo de comprar nada, mas eles têm presentes para nós. Presentes bons: um par de luvas de couro com forro de pele para mim e um par de brincos e uma manta de caxemira para Frankie.

Não consigo ficar parado nessa hora. Acabo me afastando para ir ao banheiro e passo pela cozinha, onde há toda aquela louça empilhada ao lado da pia implorando para ser lavada. Estou quase na metade da louça quando Caroline entra, pega uma toalha e começa a secar.

– Você está bem? – pergunta ela.

– Estou. Frankie está se comportando?

– Ela é ótima e você sabe disso. Saiu com Janelle para comprar manteiga. Vamos fazer biscoitos.

– Ela não implorou, né?

– Foi ideia da Janelle. Tudo bem se ela não for perfeitamente educada. Todo mundo entende.

O pai de Caroline entra na cozinha. Para de repente quando nos vê diante da pia.

– Café? – pergunta Caroline.

– Sim.

– Vou preparar. Você pode secar a louça.

Para mim, ela observa:

– Na verdade, esta função é dele. Normalmente sou eu que lavo. Não consigo secar as louças bem o bastante para atender exatamente às especificações dele.

Então ficamos o Sr. Piasecki e eu lado a lado na pia enquanto Caroline anda de um lado para outro na cozinha, moendo grãos e esquentando a água.

– Quando vocês vão voltar? – pergunta o pai dela.

– Provavelmente em algumas horas. Depois que os biscoitos estiverem prontos, se West concordar.

– Por que eu não concordaria?

– Se ficarmos por muito tempo, vai passar da hora de Frankie dormir.

– Tudo bem. Ela vai cair no sono no carro.

– Vocês poderiam ficar aqui – sugere o pai de Caro. – Temos dois quartos vazios no andar de cima, mesmo com a Alison aqui, e aquele colchão de ar que poderíamos montar na área reformada do porão.

– Três quartos, papai? – Caroline pergunta. – Sério? Você vai fazer isso?

Ela senta no tampo do balcão junto ao meu cotovelo esquerdo, colocando-me bem na linha de fogo entre os dois.

O pai dela olha para mim.

– É assim que são as coisas, West?

– Não sei se entendo o que o senhor quer dizer.

– Ela está morando com você, cuidando da sua irmã, e agora você nem sequer a deixa fazer uma visita de um dia para o outro no Natal a menos que vocês possam dividir um quarto?

– Não, senhor. As coisas não são assim.

– Mas certamente é o que parece.

Limpo a garganta. Tento pensar em dizer a verdade com tato, mas foda-se. Eu não tenho tato.

– Caroline está no comando. Eu só faço o que ela quer.

Ele olha para mim por um instante.

– Essa foi a primeira coisa inteligente que ouvi você dizer.

Caroline passa o braço pela minha frente e dá um soco no ombro dele, forte.

– Ei! – Mas é uma observação tranquila e ele está olhando para ela com afeto enquanto esfrega o braço e pergunta: – E quanto ao que eu quero?

– Não é você que precisa dormir na cama.

– Eu não estou mais falando de camas.

O clima descontraído muda um pouco.

– Tudo bem, então vamos falar do que você está realmente falando... Não é você que precisa viver com isso, papai. Sou eu. Então vou tomar as decisões e você decide se as apoia ou não.

– Enquanto estiver tomando decisões com o meu dinheiro, frequentando a faculdade às minhas custas, não é só isso. Eu tenho direito a opinar. Você me deve uma conversa de verdade, não apenas essa bobagem sobre eu apoiá-la ou não. Já tenho que viver com isso. Não tive escolha quanto a isso, mas nós tivemos escolha em relação a esse processo.

– Você não precisa *conviver* com isso. Você não precisa prestar depoimentos. Não recebe ligações do senado. Você tem razão: eu poderia ajudá-los, mas não vou, porque estou no meio de uma vendeta!

– Nós falamos sobre isso. Sabíamos que seria difícil, essas coisas são assim. É normal sentir-se desencorajada a esta altura dos acontecimentos, mas quando começamos alguma coisa, vamos até o fim. Foi assim que ensinei a você.

– Eu não estou desistindo, papai.

– Decida o que quer e corra atrás. Se acha que pode desistir ao primeiro sinal de problemas...

– Eu não vou desistir!

Se eu fosse o pai dela, eu recuaria, mas acho que os dois são parecidos demais, porque ele parece tão furioso quanto ela quando responde:

– Então como você chama isso? Na metade do caminho para o julgamento você vai se afastar? Nós podemos pegar esse garoto, Caroline! Se conseguirmos vencer na justiça, teremos direito a parte de seus salários futuros. Podemos fazer de tal forma que ele não consiga dar um passo pelo resto da vida sem esse bafo na nuca. Fazê-lo pagar pelo que fez!

Estou lavando o mesmo prato há um minuto. A água está correndo, liberando vapor, e a tensão no ambiente poderia ser cortada com uma faca. Caroline a corta com uma pergunta:

– E se eu não quiser que ele pague?

O pai dela larga o prato que estava secando e apoia o quadril no balcão. Eu queria ser invisível.

– Por que você não iria querer isso?

– Porque não há nenhuma justiça nisso. Não consigo medir isso.

Ele põe meu corpo nu na internet, manda me perseguirem, torna a minha vida assustadora...

– Torna a sua vida um inferno – diz o pai dela.

– É isso? Você quer que eu faça a mesma coisa com ele? É essa a sua solução? Isso não é justiça. É vingança.

– Você não entende como o sistema funciona.

– Eu entendo, sim. Você me criou para entender. Mas o sistema não funciona em relação a isso. Não preciso do dinheiro de Nate pelo resto da minha vida. Eu preciso que isso que Nate fez comigo não seja mais permitido. Quero essa lei nos livros. Quero que cretinos não possam postar fotos sem consentimento e sites não possam se esconder atrás da Lei de Direitos Autorais impunemente. Eu quero que as atitudes das pessoas mudem, para que eu não seja chamada de vadia só porque fiz sexo com o meu namorado e ele tirou algumas fotos. Quero ajudar a garantir que ninguém mais passe pelo que eu passei, que a Frankie e meninas como ela não precisem suportar isso. E o que nós estamos fazendo, jogando dinheiro em um fosso com esse processo civil, me escondendo atrás do anonimato, não vai mudar nada. Não me fale em justiça, a menos que realmente queira conversar sobre justiça, porque há sociedades sem fins lucrativos às quais você poderia dar o dinheiro que estamos pagando ao advogado.

Quando ela termina de falar, a casa toda está em silêncio.

O mundo todo parece em silêncio, com as palavras de Caroline ecoando ao redor.

Acho que isso é saber exatamente o que se quer.

Acho que isso é progredir.

Eu a ouvi falando assim antes. Toda vez fico abalado, porque sinto um orgulho do cacete.

O pai dela não diz nada. Eu o observo, em busca de algum sinal de que ele também sente orgulho.

O que ele faz me surpreende: ele senta à mesa da cozinha e pensa. Dá para notar que está pensando porque se parece muito com Caroline, a testa franzida e os olhos distantes.

O café começa a pingar na cafeteira. Caroline pega o pano de prato e seca com raiva o que restou da louça em cima da pia.

Perdido, volto a lavar a louça. Terminamos o trabalho. Caroline guarda a louça limpa.

Eu me encosto na pia com os braços cruzados, tentando compreender o que é aquilo. De onde venho, os homens só servem para duas coisas. Nós aprendemos a lutar e a trepar. Não há muito mais para nós. Não há empregos com os quais possamos criar uma família, não há garantia de que se vá encontrar algo melhor.

Eu encontrei Evan e Rita Tomlinson. Eles foram o bastante para me tirar de Silt, mas não o suficiente para me ensinar alguma forma melhor de vida. Nunca vi ninguém fazendo o que Caroline e o pai dela estão fazendo. Eles estão discutindo, mas ela está segura.

A casa em que ela cresceu parece um templo para mim, e não é o dinheiro, é o fato de que há amor em todas as paredes, boa comida, presentes para pessoas que eles mal conhecem e biscoitos para a minha irmã.

Eles podem fazer tudo isso e ainda discutir entre si. Isso tudo sem ferrar o amor que sentem um pelo outro. Eles levantaram a voz, exatamente como eu. Perderam a paciência. Mas então o pai dela sentou à mesa e calou a boca e pensou no que Caroline disse a ele.

Ele ainda estava pensando.

Caroline deve estar certa. Ela me trouxe até aqui e teve essa discussão na minha frente, então deve estar me mostrando o que acha que eu preciso ver. Está me mostrando como fazer isso. Não é impossível. É só algo que preciso aprender.

Eu sou bom em aprender, mesmo que seja um merda em todo o resto.

Do nada, o pai de Caroline me pergunta:

– O que você acha?

– Sobre o quê?

– Nate.

– Eu ia adorar vê-lo se ferrando na justiça, mas ele já está pagando pelo que fez. Ele perdeu Caroline. Está destinado a uma vida de arrependimento.

Caroline está olhando para mim com uma cara de “ah, por favor”.

– O que foi? Ele teve você e perdeu. A coisa mais burra que fez na vida. Um dia você estará na Casa Branca. Ele vai apontar para a

TV e comentar com os companheiros de bebedeira: “Namorei ela quando era rapaz, mas fodi com tudo.” Desculpe.

– Por quê?

– Ele disse um palavrão, pai.

Ele pisca.

– Ah. Isso. – Ele faz um aceno com a mão. – Que história é essa de Casa Branca?

Caro fica com o rosto vermelho.

– West é um linguarudo e não devia ter falado nada.

– Por que não? – pergunto.

– Porque é...

Quase posso escutar as palavras que vêm a seguir. *Infantil. Uma estupidez. Impossível.*

Não para mim.

E, bem ali, é quando entendo. Eu finalmente entendo como pegamos algo difícil e tornamos mais difícil sem motivo algum.

Quando penso no tipo de vida que quero que a minha irmã tenha e em quem eu quero que ela seja, não consigo pensar em nenhum exemplo melhor do que a mulher que eu amo dando sermão no pai sobre o conceito de justiça.

Caroline está indo atrás do que ela *quer*.

Eu preciso ser do mesmo jeito. Nós dois precisamos. É o único jeito de viver: lutando por aquilo que vale a pena e aceitando que a vida vai ser dura. Não nos colocando entre a vida que temos e a que queremos.

Vou até ela, puxo-a para perto e olho bem dentro daqueles profundos olhos castanhos. Digo:

– Caro, não é. O que quer que esteja pensando em dizer, não é verdade. E mesmo que venha a se mostrar verdadeiro com o tempo, se você for atrás, mas não conseguir chegar lá, deixe acontecer quando acontecer. Não escreva o fim antes do começo.

A falha entre os dentes aparece quando ela sorri. Ela fica na ponta dos pés e me dá um longo beijo. O pai dela pigarreia. Ela para de me beijar, mas não solta os braços do meu pescoço, e eu não me afasto da sensação do corpo dela contra o meu.

Ele precisa se acostumar com isso.

– Tudo bem, crianças.

Ele passa as mãos pelo rosto. Já o vi fazer isso antes, quando falou comigo na cadeia em Putnam. É o que faz quando está cedendo.

– Vamos ter que elaborar um acordo. Garantir que você obtenha direito autoral de todas aquelas fotos, confidencialidade... Acho que podemos abrir mão da admissão de culpa. Ele vai assinar se não precisar admitir o que fez.

– Todo mundo já sabe que ele fez o que fez – diz Caroline. – Todo mundo que importa.

Ela está olhando para mim quando diz isso. Ouço a porta da frente abrir, Frankie falando, passos vindo na nossa direção. Ela parece feliz, e me ocorre que eu dei isso a ela: este Natal, esta família. Caroline.

Até onde sei, todas as pessoas que importam estão bem aqui, exatamente onde quero que estejam. Se eu tiver de brigar para manter minha irmã aqui, vou brigar.

Acordo com o som de Frankie gritando.

– Papai! Bo!

E então...

– Não!

Saio de baixo das cobertas e corro até o quarto da minha irmã.

– Frankie. Frankie. Franks, está tudo bem?

Depois de meio minuto, ela para de gritar. Posso ouvi-la soluçando e procurando pela caixa de lenço de papel que mantemos ao lado da cama. Entro no quarto, me sento ao seu lado e faço um carinho em suas costas.

– Você está bem. Você está segura. Eu estou aqui.

Ela se acalma. Passo os dedos pelos cabelos dela.

– O que aconteceu naquele dia, Frankie?

Eu me dou conta de que é a primeira vez que pergunto. Talvez eu tivesse medo do que ia escutar. Frankie respira fundo.

– Eu estava dormindo na casa de uma amiga.

– Na casa de quem?

- Da Keisha.
- Onde a Keisha mora?
- Em Bandon.
- Como você voltou para casa?

Ela fica quieta.

- Não minta para mim.

Ela está muito quieta.

Eu sinto a minha menina faladeira emudecer. A minha Frankie de antes, que vinha correndo na minha direção quando eu entrava por uma porta, que me incomodava para carregá-la nas costas e nunca se cansava de requisitar o meu tempo e a minha atenção.

Eu deixei aquela menina para vir para cá e nunca mais a recuperei. O que tenho agora é esta nova Frankie, que me provoca, briga comigo, me ignora, mas nunca me diz o que acontece em seu coração.

Eu quero a minha irmã de volta, e a única forma em que consigo pensar de tê-la de volta é enfrentar toda essa confusão entre nós. Essa história que ela não quer contar, essas mudanças na vida dela de que ela tem medo de me falar, a realidade que ela não quer enfrentar: que nós nunca vamos voltar a Silt.

Somos refugiados.

- Conte o que realmente aconteceu.
- Eu estava dormindo.

Simple assim.

– O papai tinha sumido uns dois dias antes. Bo sabia disso e nunca mais deu as caras, mas apareceu naquela noite. Acordei quando a mamãe atendeu a porta. Eu ouvi os três conversando. Ela deixou o Bo entrar.

Frankie senta de repente. Cruza as pernas. O joelho dela passa por cima da minha coxa.

– Eles não estavam fazendo nada. Apenas conversando. Mas o papai veio para casa e acho que tinha tomado alguma coisa.

- O quê?
- Não sei. Ele quase sempre tomava alguma coisa.
- Merda...

A palavra saiu de mim não como um xingamento, mas uma

oração. Com meses de atraso para fazer qualquer coisa. *Não deixe que ele a machuque. Não deixe que nada a machuque.*

– Ele estava falando rápido demais, superbravo, e todos estavam gritando. Acho que o papai bateu na mamãe. Bo disse alguma coisa e os dois começaram a brigar. Eu me escondi embaixo das cobertas. Teve barulho de coisas quebrando até... até ficar quieto demais. E a mamãe disse: “Wyatt, não!”

Os pelos da minha nuca ficaram em pé com a forma como ela disse essas palavras, saídas direto do seu pesadelo.

– Então eu saí do meu quarto.

Estou agarrando os meus joelhos. Meu desejo é conter a Frankie da história. *Não vá lá, Franks. Você vai se machucar.*

– Bo estava no chão, limpando sangue da boca. O papai tinha...

Ela estremece e se joga contra mim com força. Passo o braço ao redor dela. Quando fala de novo, está com a voz aguda, forçada.

– O papai tinha uma arma. Ele a estava apontando para a mamãe, direto para a cabeça dela.

Eu a puxo para o meu colo. Ela passa os braços ao redor do meu pescoço e apoia a cabeça no meu ombro, tão parecida com o bebê que costumava ser que consigo me lembrar visceralmente do seu peso úmido sobre mim. De segurá-la, balançá-la até ela ficar zozona de sono, puxá-la para o meio da cama da mamãe para uma soneca e depois sair de perto com cuidado, sentindo o frio da perda do calor do corpinho dela. Ela entreabre os lábios para milhares de tipos de maldade.

– Você contou isso a alguém? – pergunto.

Ela assente.

– Para a tia Stephanie e para Caroline. Mas não contei tudo a elas.

Eu a abraço com força.

– Fico feliz por você ter contado a Caroline. Pode contar a ela qualquer coisa que precisar. Mas agora quero que me conte.

Depois de um minuto, ela recomeça.

– A mamãe me mandou voltar pro quarto. Mas o papai disse: “Não, fique, você precisa ver isso, você precisa ver o que acontece com...”

Ela para.

– Tudo bem. Conte as partes que importam.

– Eu estava com tanto medo. Queria ser corajosa, como você seria se estivesse lá, mas eu também estava com muito medo e não sabia o que fazer. Eu disse a ele para baixar a arma. Ele apontou a arma para mim. “Não retruque, Francine.” A mamãe estava chorando, o Bo estava se mexendo, mas eu não estava prestando atenção à arma apontada para mim. Eu estava olhando para o papai. E então o papai...

Ela engasga em outro soluço.

– Foi tão alto, West. Vermelho em todo lugar e eu não entendi o que estava acontecendo até Bo começar a se desculpar. Eu nem sabia que Bo tinha uma arma. Ele atirou no papai. Foi minha culpa. Se eu não tivesse saído, o papai não teria apontado a arma para mim, o Bo não o teria matado e a mamãe...

Agora ela está chorando. É terrível, terrível demais ouvir aquilo. Meu bebê. Minha Frankie.

– A arma disparou e ela foi direto para o papai. Ela se arrastou para cima dele como se pudesse remontá-lo com as mãos. Eu não...

– Frankie.

Não consigo mais escutar. Estou me embalando para a frente e para trás, segurando a cabeça dela contra o meu peito, desejando com todas as minhas forças que ela pare de falar, porque existe uma diferença entre saber que alguma coisa aconteceu e presenciar.

Meu pai, chapado, apontou uma arma para a cabeça da minha irmã e quase a matou. Minha mãe tentou salvá-la, mas não correu para ela depois do que aconteceu.

É uma dor que não vai para lugar nenhum. Ela apenas ricocheteia dentro de mim, uivando.

– Eu fiz uma coisa errada – sussurra ela entre soluços.

– Não.

– Eu devia ter chamado a polícia. Eu tentei pensar no que você me diria para fazer, mas não consegui. Você não estava lá, West.

Eu não estava lá. Não posso mudar isso. Eu tentei, porra, tentei estar lá para ela, mas não consegui.

– Você se saiu muito bem. Você fez tudo perfeito.

É idiota, não ajuda, mas, por Deus, o que ajuda? Eu não posso consertar nada. Eu a balanço no colo, seco seu rosto, murmuro coisas sem sentido até que ela começa a se acalmar.

Ficamos sentados no quarto escuro dela. Está nevando lá fora. No silêncio, na calmaria, eu me lembro de todas as piores vezes.

A vez que meu pai atropelou meu gatinho novo com o carro, examinou o corpo inerte ao meu lado e o chutou para baixo do trailer vizinho.

A vez que eu o enfrentei e ele me derrubou com um murro e me chutou na barriga com tanta força que cheguei a sangrar.

A noite em que fui preso na padaria depois de descobrir que a minha mãe o havia aceitado de volta.

O dia em que deixei Caroline no aeroporto em Des Moines.

O momento depois do funeral em que tentei destruir a vida ao meu redor para não precisar sentir mais nada, porque eu havia suportado mais do que podia. Eu estava cansado.

Frankie passou por algo pior do que tudo isso. E eu não posso consertar.

Tudo o que posso fazer é amá-la.

– Não é culpa sua. Você não fez nada de errado. Foram eles, Franks. Foram eles.

Sussurro contra os cabelos dela, atrás de sua orelha. A cabeça dela é macia e sedosa sob a minha mão, o corpo pequeno, uma curva contra a minha barriga que me lembra um gatinho no colo, macio, quente e inocente.

Ela aperta o nariz contra o meu peito, agarrando a minha camisa.

– Eu não quero morar na casa do Bo.

– Não precisa morar. Pode ficar comigo.

– A mamãe disse que você quer ficar sozinho com a Caroline.

– Eu quero você comigo. Você é a minha menina. Está bem?

Ela fica quieta.

– Eu amo você, Franks. Eu a amo desde que você nasceu e sempre vou amar. E o fato de que eu também amo a Caroline não tira nada de você. Só significa que eu quero as duas comigo. Vai ser sempre assim. Você entende?

Posso senti-la assentindo com a cabeça contra o meu peito.

– Eu vinha pensando desde o Natal que você queria voltar para Silt e eu teria de convencê-la a não fazer isso. Eu não quero brigar com a mãe, mas eu vou, porque aqui é o melhor lar para você. Não é perfeito, eu sei, mas acho que podemos chegar perto se nos esforçarmos para isso. Se você estiver infeliz, precisa me dizer o motivo para eu tentar consertar. Você precisa me contar tudo. Eu não sei ler pensamentos.

– Às vezes parece que sabe.

– Isso é porque nós somos muito espertos.

Ela vira a cabeça e pousa a têmpora no meu ombro.

– É diferente aqui.

– O que é diferente?

– Tudo.

– Diferente ruim ou diferente bom?

– Um pouco das duas coisas.

– É. – O cabelo dela cheira a fruta. Cereja. – É assim para mim também. Você acha que pode se acostumar?

– Provavelmente.

Frankie fica em silêncio por um instante. O corpo dela está solto nos meus braços. Relaxado.

– Eu amo você, West.

Meu Deus, como isso é bom. Dá uma sensação de segurança. Forte o bastante para construirmos algo a partir dela. É melhor do que eu esperava, porque fazia meses que ela não dizia.

Seguro minha irmãzinha por um longo tempo.

– Você já pensou no que eu perguntei a você? Se você pudesse fazer qualquer coisa, ser qualquer pessoa, o que você iria querer?

– Na verdade, não.

Beijo o topo da sua cabeça com perfume de cereja e digo:

– Então comece.

O pacote da minha avó chega nos primeiros dias de janeiro. No começo, acho que atrasou por causa do mau tempo, mas o carimbo dos correios mostra que ele foi postado apenas em 29 de dezembro.

Dentro do pacote há um jogo de gamão para Frankie, uma

manta nova grande o bastante para cobrir as costas do sofá e um envelope com o meu nome.

Enfio o envelope no bolso. Depois, enquanto Frankie se recolhe para o quarto e Caroline está conversando com Paul no celular, levo a carta até o patamar no topo da escada.

Eu a leio prendendo a respiração.

Querido West,

Michelle me mostrou o livro que você mandou com as fotos de vocês. Parece que você e a sua irmã estão bem.

Estou mandando a minha ficha de 5 anos do AA. Vou receber a ficha de 10 anos no mês que vem. Não sei o que você iria querer com ela, mas é algo de que me orgulho, assim como você.

Queria poder lhe dar mais. Eu nunca soube como acertar as coisas com você.

Seu tio Jack não está mais falando sobre julgamento. Stephanie disse que eles receberam uma carta do advogado dizendo que ele desistia do caso, então acho que isso terminou.

Me escreva quando puder e conte como vocês estão.

Vou ficar de olho na sua mãe.

Com amor,

Joan

A carta me faz chorar. Não sei por quê.

Talvez por causa das coisas que são tão óbvias que ela não precisa dizer. Eu nunca mais vou voltar para casa. Eu nunca tive uma casa para começar. Minha mãe é uma tola e minha família é uma bagunça, mas Joan me quer bem.

Depois de um minuto, seco o rosto. Olho para o céu. Inspiro.

É um daqueles dias de inverno que não são frequentes em Iowa,

quando a temperatura fica tão baixa que dói respirar, mas o sol aparece e o céu é azul-claro, ao longe.

A neve cintila. O mundo está coberto de cristal.

Tiro o celular do bolso e ligo para a minha mãe. Ela atende ao segundo toque.

A conversa vai e vem por um tempo. O vento fica mais forte, levantando a neve solta da superfície e a fazendo rodopiar acima dos campos. Faço os ruídos certos nos momentos certos e espero pelo momento certo.

Então digo.

– Eu quero a guarda permanente da Frankie.

O sol se esconde atrás de uma nuvem. Minha mãe protesta, discute comigo, mas eu apenas me seguro. Deixo o vento soprar em cima de mim.

Não me surpreende quando minha mãe finalmente pergunta:

– Você ainda vai me deixar vê-la?

– É claro. Mando uma passagem de avião para você vir para a audiência da guarda e você pode ficar um pouco por aqui.

– Vou gostar disso.

Então ela fica em silêncio e eu também. Sabemos o que isso significa.

– Eu amo você, West.

– Também amo você, mãe.

Digo isso porque é verdade. Porque é gentil.

E porque acabou.

Na primeira semana de janeiro, vou atrás da Rikki. Quero conversar com ela sobre arteterapia para Frankie.

Não sei quanto isso pode custar, ou se é algo que possa fazer algum bem para Franks, mas Caroline observou que a ajudou muito ter um terapeuta com quem conversar desde a história com Nate e talvez eu não devesse ser tão fechado em relação a isso.

Eu não deveria. E estou tentando não ser. Frankie ainda está tendo pesadelos, portanto precisa de ajuda. Além disso, dificilmente vai fazer mal. Frankie provavelmente irá encarar a terapia como

aulas de arte com Rikki, o que elas mais ou menos já fazem toda vez que ela vai à casa da Rikki com o caderno de desenho.

Vou até a sala da Rikki. Como ela não está lá, passo no estúdio onde dá aulas. Eu a encontro com Raffe e Annie: o cara dos cabelos malucos da aula de artes e a loira minúscula que está sempre com ele.

Como parei de fumar e começou a nevar o tempo todo, não tenho cruzado com eles tanto quanto antes, e fico espantado ao vê-los durante o feriado.

Isso faz com que eu me pergunte que tipo de famílias Raffe e Annie têm para estarem no campus em janeiro. Os dois estão debruçados sobre a cerâmica recém-aquecida. Rikki está batendo levemente na superfície com as costas de uma colher.

– O truque é garantir que não ficou muito ar lá dentro. Porque daí teremos bolhas.

Raffe olha para cima.

– Leavitt!

– Oi, Raffe.

Annie me recebe com um piscar de olhos, que é o máximo que consegui arrancar dela. Com Raffe, conversei algumas vezes, mas apenas o tipo de conversa educada que não vai a lugar algum: “Bom dia”, “Já usou isso?”, “Obrigado” etc.

– Vai passar o feriado por aqui? – pergunto.

– Vou. Estamos fazendo um projeto com a Rikki.

– Legal. De quê?

– Cerâmica! – Ele agita os dedos como um mágico.

É por causa da Rikki que Laurie está trabalhando com vidro. Ele se satisfazia fazendo esculturas gigantescas de metal, mas agora precisa ter martelos de vidro gigantes também, embora não estivesse brincando quando disse que a logística é um pé no saco. A fundição de um martelo de vidro de 30 centímetros é algo difícil de fazer, mas não impossível. Multiplique essa escala por mil. Uma dor de cabeça do cacete, porque onde se vai conseguir tanto vidro? Como diabo se faz o molde e, além disso, onde está o forno para fundir um martelo de vidro do tamanho de um carro?

É esse tipo de coisa que ele me paga para descobrir. O que, na

verdade, eu adoro pra cacete. O melhor emprego que já tive.

– Você precisa de alguma coisa? – pergunta Rikki.

Percebo que estou olhando fixamente para os moldes e sonhando acordado com trabalho.

– Sim. Não. Quero dizer, isso pode esperar. Só queria conversar com você sobre uma coisa, mas você está ocupada.

– Posso arranjar um tempo se for importante. É sobre a Frankie?

– Não, só coisas da aula – minto.

– Você vai estar na turma de design 3D de Laurie na primavera?

– pergunta Raffe.

– Não, eu não me matriculei.

– Por quê?

Dou de ombros.

– Simplesmente não me matriculei.

Rikki olha para mim.

– Em que você se matriculou?

– Uma disciplina de biologia, química orgânica, um seminário de economia e um lance de estatística avançada.

– É tudo ciência.

– Economia é uma ciência social.

– Por que você precisa de tanta ciência?

– É prático.

Ela bufa.

– Prático. Você não precisa de mais coisas práticas. Você precisa de mais arte.

Esse é o truque da Rikki. Eu preciso de mais arte, preciso aprender a brincar. Eu tenho que ocupar mais espaço no mundo. Ouvir isso sempre me incomoda. Toda vez é como se ela estivesse arranhando algo macio dentro de mim. Isso me deixa irritado. Acho que ela sabe disso também.

Acho que é por isso que faz.

Acontece que eu gostei da aula dela. Fiquei frustrado pra caramba, mas gostei. Gosto de trabalhar com o Laurie. Gostei até mesmo de história russa, música na literatura afro-americana e espanhol, mas quando chegou a hora de me matricular para o semestre seguinte, escolhi biologia, química, economia e matemática

porque a bolsa de estudos que estou recebendo vale mais de 50 mil dólares por ano e eu não sei o que poderia fazer com arte.

Nada, provavelmente.

Não posso desperdiçar todo esse dinheiro com nada. Rikki está me observando. Seu cabelo está preso em marias-chiquinhas. Ela está usando um colete de pele azul e, por baixo, uma blusa de manga comprida de couro. Ela deveria estar ridícula, mas, em vez disso, faz com que essas roupas malucas pareçam ser algo que todo mundo deveria vestir.

Ela faz a vida dela parecer uma vida que qualquer um poderia ter se quisesse.

Esfrego a mão na garganta. Quente demais.

– O que vocês estão fazendo?

Raffe sorri.

– Estamos fundindo pastilhas para amostras de cores. Annie, onde está o livro?

Ela o entrega a ele, que me mostra páginas e páginas de pequenas pastilhas de vidro em um arco-íris de cores. Faço algumas perguntas, recebo algumas respostas, faço mais algumas. Em poucos minutos, estamos conversando sobre a técnica e como ela funciona, o que pode dar errado, e se há uma forma melhor de fazer aquilo.

Antes que eu me dê conta, estou segurando na mão uma colher que estou usando para acertar o molde que era da Rikki. É um trabalho cuidadoso, meticuloso. Pesar os componentes, adicionar o pó em décimos e centésimos de um grama. Dez gramas em cada abertura. Tap-tap-tap.

– Estão vendo? É este o tipo de arte de que gosto.

– Por quê? – pergunta Raffe.

– É técnica. Eu gosto das coisas técnicas. Ou quando Laurie precisa de alguma coisa e tenho que descobrir como obter algum resultado por meio de muito planejamento, ciência ou conhecimento sobre materiais.

– Você trabalha com o Laurie? – pergunta Raffe.

– Sim, sou assistente dele.

– Que maneiro.

- É, sim. Seria perfeito se fosse um emprego em tempo integral.
- Mas você não quer fazer as suas próprias coisas? – pergunta

Annie.

Ela está segurando um minúsculo funil de metal a fim de acrescentar pigmento vermelho a um pote de cerâmica em cima de uma balança. Está na ponta da minha língua dizer que não sou criativo assim, mas não digo. Eu paro.

Porque estou tentando perceber, ultimamente, quando estou tornando as coisas mais difíceis do que elas precisam ser. Quando coloco obstáculos sem motivo algum.

O que percebo agora é que eu estava me sentindo confortável alguns segundos antes, mas comecei a suar e me sinto meio... Não sei, furtivo. Como se estivesse olhando pornografia na internet com Caroline no outro quarto – não que eu fosse fazer isso, mas é esse tipo de sentimento proibido, como se eu fosse ser apanhado falando sobre algo que não deveria.

A coisa sobre a qual eu não deveria estar falando é arte.

E o que eu digo, quando abro a boca, é:

– Como você sabe? Como é que... Como vocês convencem as pessoas de que está tudo bem se a gente faz esse tipo de coisa?

Raffe solta uma risada.

– Quem, tipo os pais?

– Não, não os pais.

Você mesmo.

Porque é isso que quero dizer. Como eu convengo a mim mesmo de que está tudo bem se eu fizer aula de arte? Como faço para eu mesmo sair do meu caminho? Solto a colher que está na minha mão e digo:

– É tipo... bem, as eletivas, por exemplo. É preciso fazer tantas disciplinas para a nossa especialização, qualquer que seja a sua...

– Arte – diz Raffe.

Annie concorda com a cabeça.

– Arte.

– Tudo bem, mas faz de conta que não seja arte e você precisa fazer disciplinas de biologia. Então você faz essas disciplinas, uma ou

duas por semestre, mas tem todas as outras eletivas. Como você decide qual fazer?

– Eu escolho o que parece interessante – respondeu Raffe.

– Ou alguma que ouvi dizer que é muito boa – sugere Annie –, como estudos femininos e de gênero com a professora Gates.

– Tudo bem, o que eu faço é pensar em trabalho. Eu penso no que vai ser mais útil para conseguir um emprego que pague bem. O que vai significar que estou em uma posição de aproveitar a faculdade ao máximo.

– Então como você foi parar na aula de arte? – pergunta Raffe.

– Por acaso.

– Hum. Parece uma boa.

– Eu tirei um B-.

– A Rikki é durona para dar notas.

Eu olho em volta, porque ele está falando sobre ela como se ela não estivesse ali. Só que, realmente, ela não está. Deve ter saído quando eu não estava prestando atenção.

– Sabe aquela atividade de natureza-morta, em que devíamos pintar a maçã? – pergunto. – A minha maçã parecia saída de um livro infantil. O trouxe do meu lado, que nunca parecia fazer a menor ideia do que estava acontecendo, passando o semestre todo meio chapado, pintou uma maçã com, tipo, preto, roxo, azul, amarelo, cor-de-rosa e branco no pincel. Nada de vermelho. Mas, quando ele terminou, parecia perfeitamente uma maçã.

– Espere aí, está falando do Kyle?

– É esse o nome dele?

– Um magricela que sempre fazia a Rikki repetir as demonstrações?

– É, ele mesmo.

– Ele tem talento pra cacete com cores, cara.

– É a isso que eu me refiro. O Kyle é criativo. Ele *deve* fazer arte. Mas eu... eu não quero ficar brincando, desperdiçando dinheiro em quatro créditos dos quais não vou tirar nada.

– Você parece ter conseguido um emprego. – Annie observa.

– Foi por acaso.

– Muitos acasos nessa história – diz ela, suavemente. – Sabe

como eu acabei fazendo arte?

– Como?

– Eu fiz umas aulas no ensino médio, comecei a mexer com desenho, pintura e escultura. Quando o sinal tocava, nunca queria sair.

– A mesma coisa comigo – comentou Raffe –, só que foi aqui. Depois da primeira aula de artes, eu passava o tempo todo no estúdio. Eu me esquecia de comer. Pulava refeições e deixava de ir a festas para ficar fazendo isso. A Annie e eu... foi assim que nos conhecemos.

– Mas vocês não se preocupam com o que vão fazer com isso?

– A Rikki e o Laurie parecem estar sobrevivendo bem – responde Raffe.

– Mas nem todo mundo tem a sorte ou o talento da Rikki e do Laurie. Vocês podem quebrar a cara, e então?

Raffe responde:

– Então eu seria um cara com um diploma de bacharel em Putnam que sabe trabalhar duro com algo que é importante para si mesmo e que tenta comunicar a sua paixão ao resto do mundo. Isso não é tempo perdido. E, mesmo que fosse, não sei se me importo. – Ele pega um tubo plástico e começa a sacudir para misturar a cor. – Além disso, cara, quantos anos você tem, 20?

– Vinte e um.

– Então, cara, você tem 21 anos. Você tem permissão para fazer experiências por aí. Tenho certeza de que este é o sentido de se ter 21 anos.

– Não é como se pudéssemos apenas ter uma carreira – diz Annie. – Podemos fazer arte e dar aulas. Se você detesta dar aulas, pode administrar um posto de gasolina. Se detesta administrar um posto de gasolina, pode tentar embalsamar cadáveres, e o tempo todo você estará fazendo coisas, se isso for legal.

– Embalsamando cadáveres? – pergunto.

– Foi só um exemplo.

Raffe põe um recipiente na mesa.

– Por mais que não pareça, Leavitt, você tem talento. Só não é igual ao do Kyle. Ele tem bom olho para cores. Você é preciso e vê

as coisas de mais de um ângulo. Você é bom em resolver problemas porque é persistente pra caralho. Eu pude ver tudo isso só fazendo uma disciplina com você. Sei que não estou errado porque Laurie o contratou, o que ele não faria se não achasse que você tem um diferencial.

– Ele não me contratou – revela Annie. – E eu me candidatei.

– Ele também não contratou o Josh – comenta Raffé. – Nem o Macon. Eu nem sabia que você estava concorrendo a essa vaga.

– Eu não estava – admito. – Eu nem sabia que havia uma vaga. Ele simplesmente a ofereceu a mim.

– Pois então.

Pois então.

Então eu sinto como se estivesse me movendo. Como se tivesse dado um passo à esquerda e limpado um caminho que estava bloqueado.

Tenho um caderno de desenhos em casa cheio de ideias para coisas que eu construiria ou faria se tivesse tempo e materiais ilimitados. Um caderno de desenhos que nunca mostrei a ninguém – nem mesmo a Caroline – porque é mais assustador do que deveria ser me afastar do que eu sei que é prático em favor do que pode se tornar nada prático, mas prazeroso pra cacete.

Minha irmã não para de fazer desenhos com grades, um após outro, como se não conseguisse parar. Aquilo é tudo o que ela quer fazer. Mas ela fica me dizendo que eles não são arte de verdade, ainda que ela se mostre muito talentosa.

Minha avó Joan tem uma casa cheia de cobertores que ela mesma tricou. Ela os faz sem padrões e eles são impressionantes, mas se alguém lhe pergunta a respeito, ela diz que os faz só por causa da artrite.

Não que fazer coisas bonitas a alimente.

Não sei se o que quero fazer sairia bonito, mas, porra, eu tenho coisas que quero experimentar apenas por experimentar! Vidro que quero derreter e metal que quero cortar. Tenho o projeto de pegar uma árvore e fatiá-la para, de alguma forma, suspender as fatias verticalmente. Assim seria possível ver como a árvore era quando estava viva e ver dentro dela, ler a história da vida dela.

Eu não sei se isso é arte.

Acho que é se eu disser que é. Se fizer as pessoas sentirem ou pensarem quando olharem para isso. Não sei se seria uma boa arte. Talvez fosse apenas uma brincadeira. Mas dar a mim mesmo uma chance de descobrir... É isso que eu quero.

É o que eu quero para mim e para Frankie: ser capaz de me ver fazendo isso para que ela saiba que está tudo bem se ela mesma quiser fazer.

Estou começando a entender que se eu tiver o que preciso, a Frankie vai ter o que precisa também. Que o que é bom para mim e é bom para Caroline é bom para a minha irmã.

– Aonde foi a Rikki? – pergunto.

– Voltou para a sala dela – responde Annie.

Olho para o relógio e me surpreendo ao constatar que estou ali há 75 minutos. Preciso resolver o jantar. Mas agora está tão tarde, que Caroline provavelmente já deu comida para Frankie.

– Eu preciso ir. Obrigado por me mostrar essas coisas.

– Quer sair para jantar? – pergunta Raffe. – Annie e eu pensamos em ir à cidade comer uns sanduíches.

– Obrigado, mas não posso.

– Ah. Tudo bem.

Lembro aquele dia com o Krishna, quando ele me abordou do lado de fora do prédio de artes e me perturbou para jantar na casa dele. Ele foi passar as festas em Chicago.

Acho que vou ligar para ele esta noite.

– Querem ir à minha casa? – pergunto. – Não esta noite, porque não sei o que a Caroline está fazendo, mas, sei lá, amanhã? Depois de amanhã? Preciso dizer que tenho uma irmãzinha que mora comigo, então, se vocês não gostam de crianças...

Paro de falar.

Acho que o que estou dizendo é: *eu tenho alguma bagagem. Moro fora do campus com a minha namorada e a minha irmã menor. Não sei muito bem como ter amigos e posso ser um cretino mal-humorado se as coisas não rolam do meu jeito, mas queria conversar sobre arte com vocês. Com vocês dois.*

Fico um ano esperando pela resposta deles e envelheço uma

década.

– Crianças são legais – exclama Annie.

– Precisamos levar alguma coisa? – pergunta Raffe.

É fácil assim.

Simplesmente fácil assim.

Caroline

A primavera chega tarde em Iowa, mas este ano foi uma exceção. A neve de dezembro abriu caminho para um janeiro gelado, claro e azul, com tudo cristalino e cintilante.

Os olhos de West sob esse céu pareciam fogo e gelo.

As mãos dele estavam frias quando ele as deslizava por baixo do meu casaco sobre a pele quente. Eu dava gritinhos, mas adorava o choque do toque dele.

O choque de tê-lo. De mantê-lo. De como aquilo podia se tornar normal: entrar em um ritmo de dias movimentados e noites familiares, mas ainda me surpreender, com gratidão, sem parar.

Fevereiro foi o mês de projetos e artigos, telefonemas e entrevistas televisivas. De acordar cedo para arrumar o cabelo e a maquiagem e dar alguma entrevista no noticiário matinal. De ver meu nome no jornal *Des Moines Register*, de sentar em um salão de conferência de hotel respondendo a perguntas de oito senadores estaduais, nenhum deles dando a entender que eu era uma vadia.

Todos eles me cumprimentaram e agradeceram pelo serviço prestado aos cidadãos de Iowa. Fevereiro foi o mês de ler sobre organizações sem fins lucrativos, grupos de ação política e organizações universitárias. De conversar com ativistas. De pensar em palestrantes convidados.

De planejar um futuro sem muros em qualquer horizonte.

Fevereiro foi o mês de Frankie fazer amizade com uma menina

chamada Nadine e levá-la para brincar em casa uma vez, depois uma segunda vez, e então tantas noites quantas elas pudessem.

Foi o mês de Quinn voltar de Florença e eu ter tempo para ver todas as fotos dela e ouvir tudo sobre suas escapadas italianas. De eu arranjar tempo para Bridget também, para ouvir como as coisas estavam indo com Krishna e dar a ela o conselho de que não precisava, porque, na verdade, as coisas estavam indo muito bem.

Foi o mês de início da arteterapia de Frankie, da redução de seus pesadelos e da minha insônia.

Fevereiro foi o mês de West visitar o ateliê de Laurie, falar sobre Raffe e Annie, me contar o que estava fazendo, o que tentaria fazer a seguir, o que dera errado...

Engordei cinco quilos em fevereiro.

Então chegou março e choveu tanto que o mundo ficou marrom e lamacento. A neve derreteu. O capacho da porta da frente desenvolveu uma crosta de lama. Nós precisávamos deixar os sapatos do lado de fora para evitar que flocos de terra caíssem por onde quer que andássemos.

As férias de primavera marcaram um ano desde que West deixou Putnam para Oregon. Deixamos Frankie com os Collin e fomos até Iowa City para jantar, apenas nós dois. Entrada, prato principal e sobremesa à luz de velas, pratos passados de um lado a outro da mesa, mais assunto do que nunca.

Eu ri muito durante aquele jantar, porque a minha vida estava tão cheia que transbordava. West me puxou para perto dele na caminhonete, me beijou com a chuva caindo no telhado e nas janelas até eu ficar sem fôlego e começar a rir de novo.

Abril trouxe o sol, o mundo secando, as primeiras folhas de grama. Treinos de rúgbi para planejar. Um protesto para organizar. Todos os dias um contato a ser feito, algum repórter com quem falar, algo novo para ir atrás.

Era assim que seria. Era como nós seríamos, sempre.

Cheios de mudanças. Cheios de vida.

Transbordando palavras e risadas, mãos frias e bocas quentes, e o som da chuva caindo.

A sala do advogado está fria.

Do lado de fora, a temperatura está perfeita. Dezoito graus com sol, algo raro para um mês de abril em Iowa, de modo que todo mundo só quer falar sobre as correntes do golfo e o aquecimento global.

Em Putnam, é uma daquelas tardes em que todos os alunos pálidos do inverno saem piscando os olhos dos alojamentos e estendem cobertores sobre o gramado do campus. Os rapazes tiram as camisas e jogam frisbe. As garotas seguram livros e cadernos quando, na verdade, estão lá apenas para ver abdomens sarados.

Eu estou sentada diante de uma mesa de reunião ao lado de meu advogado e meu pai, West e Frankie também estão ao meu lado. Do outro lado da superfície de cerejeira reluzente, Nate está acompanhado do advogado, do pai e da mãe.

Não é assim que as coisas costumam ser feitas. Meu pai deixou isso abundantemente claro. Não é normal insistir em assinar os papéis diante da pessoa que você acusou. Não é normal levar o namorado junto ou convidar também uma menina que é nova demais para compreender inteiramente o que estão pedindo que ela testemunhe.

Acordos também não costumam levar quinze semanas para ser negociados, eu disse a meu pai, mas deixei você fazer do seu jeito. Minha vez.

O documento não é nada. Não sei por que eu esperava um maço de papéis preso por um clipe coberto de marcações quando tive parte na elaboração de cada um daqueles termos.

Acho que esperamos que os pontos de virada de nossas vidas estejam repletos de bandeiras e placas de alerta quando, na verdade, na maior parte do tempo, nossas vidas mudam quando não estamos prestando atenção. Passamos correndo pelos marcadores sem sequer vê-los, e então chegamos ao fim de um caminho e descobrimos que não há marcação alguma para ele.

Nenhum trilho de segurança. Nenhuma placa de rua sem saída.

Apenas seis páginas e quinze parágrafos, com uma linha em branco no final onde assino o meu nome.

– Rubrique aqui – aponta o advogado e eu obedeço.

Em seguida, vejo-o empurrar as folhas para Nate no outro lado da mesa. O homem segurando uma caneta à minha frente não é ninguém que eu conheça. Eu terminei com ele antes do começo do nosso segundo ano. Agora, estamos chegando ao final do penúltimo ano, e nos afastamos completamente.

Somos estranhos.

O pai dele pega as folhas de suas mãos antes que Nate possa assinar, deixando-o com a mão em torno de uma caneta enquanto espera no silêncio frio e constrangedor da sala de reunião.

Com nada para olhar além de mim.

Nós nos encaramos.

Ele é um jovem com cabelos claros, loiros nas pontas, e uma barba incipiente emoldurando um rosto cheio com olhos azul-claros. Está usando camisa social e gravata. Calça social. Está vestindo seu privilégio nas roupas e na expressão azeda, como se tivesse sido chamado ali sem motivo algum, perturbado ao limite da tolerância, e agora isso.

Essa exigência de que ele me encarasse.

Essa performance de mau gosto que eu armei.

Quando o pai finalmente põe as folhas na frente dele, Nate assina na última página, rubrica onde lhe foi indicado, e empurra o documento na minha direção.

– Espero que esteja feliz – diz ele.

E então há esse instante em que qualquer coisa poderia acontecer. West poderia saltar sobre a mesa e lhe dar um soco.

Eu poderia pedir para ser deixada a sós com Nate e usar uma última oportunidade de dizer a ele o que penso antes de o acordo passar a valer e eu ser legalmente obrigada a evitar contato com ele para sempre.

Eu pensei que iria fazer isso. Fantasiei a respeito.

Imaginei o que eu lhe diria, as palavras que afundariam direto em seu coração e o fariam enxergar o que ele havia feito, por que está errado, por que acabou comigo.

Eu tinha todo um discurso.

Mas não é a minha vida que está ali naquela sala de reunião, fria como um túmulo. Todos estão vestidos para um funeral porque se

trata do fim de alguma coisa – o ato final de um drama que foi difícil e doloroso, complicado e rico.

Um drama que me ensinou mais sobre mim mesma do que qualquer coisa por que eu tenha passado nos anos anteriores.

O que Nate fez comigo jamais irá embora. Eu nunca vou deixar de sentir raiva, porque o que ele fez nunca vai parar de voltar para me magoar. Ele veio para cima de mim, me atacou com as armas que tinha à disposição e mudou para sempre os contornos de quem eu sou.

Ele mudou o meu futuro. Ele tornou tudo mais difícil.

Mas meu Deus. Aqui estou eu com West, Frankie e meu pai – essas pessoas a quem eu amo mais do que qualquer outra coisa. E depois que eu sair desta sala, vou entrar no carro de West, abrir o vidro e enfiar a mão para fora para sentir o ar da primavera passando por entre meus dedos.

Nós vamos andar pela interestadual a 110 quilômetros por hora e tudo isso vai passar. De volta a Putnam, vou vestir um short e pegar uma manta, dirigir até o campus, sentar sobre o gramado e fingir que estou estudando enquanto vejo os rapazes sem camisa jogando frisbe.

Vou para casa jantar com West e a irmã dele. Vou explicar a ela por que a tiramos da escola para estar ali conosco hoje, o que aquilo significa para a minha vida e o meu futuro, o que significa para a vida e o futuro dela.

O que é ser mulher neste mundo.

Depois que ela for dormir, vou trancar a porta do quarto, ficar nua e pressionar cada centímetro do meu corpo contra West, meu namorado, meu parceiro, o amor da minha vida. Vou trepar com ele, ser comida por ele, deslizar ao lado dele à luz do abajur da mesa de cabeceira, vou beijá-lo, arfar em seu ouvido e dizer a ele que o amo, eu o amo, meu Deus do céu, como eu o amo.

Tudo isso pertence a mim.

Nate não pode tirar de mim.

Espero que esteja feliz é a acusação dele.

Acontece que só tenho uma coisa que quero dar como resposta. Uma palavra.

– Estou.

Cara, isso é assustador.

Não é assustador, é evocativo.

Está fazendo as minhas bolas encolherem.

Isso não é problema meu.

É, sim. Você fez isso. Você é responsável pelo encolhimento das minhas bolas, então precisa se responsabilizar.

Quer parar de falar das suas bolas?

Bolas são objetivamente relevantes à conversa.

Conversas sobre bolas são excludentes. Escolha uma metáfora diferente.

O prédio de artes tem corredores compridos e, à noite, quando está mais deserto, o som é amplificado. Entrei pela porta mais próxima da biblioteca, o que significa que consigo escutar toda essa conversa enquanto percorro a extensão do prédio.

A construção é longa o bastante para eu descobrir quem está conversando com quem. West é o que fica falando sobre as próprias bolas. Annie é a que disse que não quer escutar. E Raffe foi quem criou a peça de arte multimídia mais estranha que eu já vi.

É uma cadeira dobrável de metal virada. No chão, enfiado embaixo do assento, há um pequeno boneco de pano vestido como um homem adulto. Tem uma peruca ruiva em miniatura, um terninho e sapatos.

Mas em vez de ter o rosto de um boneco, tem um rosto humano, projetado nele com uma câmera. Traços humanos em movimento. E está falando.

– Isso é *assustador* pra caralho – comento.

Os três se viram. West já está sorrindo.

– Está vendo? Eu disse...

– Você fez isso de propósito? – pergunto.

Raffe sorri. Se ele estivesse de macacão, enfiaria os polegares

embaixo das alças e ficaria balançando para a frente e para trás nos calcanhares – de tão orgulhoso que está.

– Sim.

– Por quê?

Annie geme.

– Não pergunte...

– Mas...

Então West está ao meu lado, me arrastando para fora da sala pelo cotovelo.

– Não dê bola para o Raffe. Olhe pra isso.

O rosto dele tem um borrão escuro.

A camiseta dele está salpicada com pontos brancos que eu seria capaz de jurar que não estavam lá quando ele saiu do apartamento naquela manhã. Ele está com a calça que usa para as coisas de arte, que tem uma camada de tinta, sujeira e sei lá mais o quê.

Essa calça me deixa com muito tesão. Tanto. Sério, ele não pode nem sonhar com isso. Se souber, vai usar contra mim, com seus sorrisinhos maliciosos e as provocações mandonas.

Para disfarçar o tesão, permito-me apenas olhares de lado para suas coxas, onde ele limpou todas as substâncias de arte possíveis das mãos. As marcas de todos os projetos em que esteve envolvido neste semestre.

São tantos. Acho que se fosse qualquer outra pessoa que não West, eu poderia temer que todos os projetos fossem um sinal de algum transtorno maníaco, mas eu o conheço bem demais para me preocupar. Sei o que significa quando West me faz sentar e diz:

– Feche os olhos – e começa a remexer em um dos armários embutidos da sala.

Significa que ele encontrou alguma coisa que o deixou empolgado.

Significa que ele quer me mostrar uma coisa.

Significa que ele finalmente está descobrindo como se permitir experimentar coisas, cometer erros, desperdiçar materiais, *falhar*.

Eu nunca o vi tão feliz.

Ele desliza o livro de desenhos por cima da mesa para mim, aberto em uma página quase na metade.

– Olhe isto!

Eu vejo o que se parece com um diagrama de uma árvore explodida. Tronco, raízes, galhos, todos separados com um espaço entre eles, flutuando no ar. Não é uma imagem que tenha sentido para mim, e tem menos sentido ainda quando West começa a empilhar pedaços de árvore e varas de metal em cima da mesa à minha frente.

Ele está montando as peças, falando sobre peças serradas e ferramentas de corte e sobre como ele tentou usar acrílico, mas era óbvio demais, e então ele começou a pensar em canos de cobre, do tipo que se usa em encanamento, e como ficaria se ele encaixasse as peças assim, e Laurie sugeriu que ele pesquisasse o tipo de tubulação usada por químicos, os sistemas antigos, porque eles têm uma certa elegância, então ele pesquisou um pouco sobre isso...

Ele fala e fala, as palavras saindo de dentro dele, e o tempo inteiro ele se move. Trocando o apoio de um pé para o outro, estendendo a mão para encaixar um pedaço de cano em outro, encaixando as peças.

Tenho uma coisa com a forma como West se movimenta.

É pior do que o lance do jeans.

Especialmente pior porque ele *sabe* disso.

Quando está trabalhando e feliz, West entra em uma espécie de fluxo físico que escancara a porta da minha libido e simplesmente põe *tudo* para fora. Vejo os músculos sob sua pele retesarem e relaxarem. Vejo as coxas dele naquele jeans, a bunda, os ombros. Principalmente, porém, eu observo a boca dele, porque adoro vê-lo animado, adoro quando ele tem tanto a dizer sobre algo que o faz feliz.

E porque a boca dele sempre mexe comigo. Aquela boca, e o jeito como ele se movimenta, e o jeito como ele é tão... West. Ainda mais West do que costumava ser.

Mais West a cada dia.

– O que você acha?

– Hum?

Ele inclina a cabeça.

– Você não estava me escutando.

– Estava, sim.

Ele estreita os olhos e levanta um canto da boca.

– Não estava. Você está com aquela expressão.

– Estou nada.

Nego, mesmo que esteja abrindo as pernas na cadeira. Apoiada na mesa com os dois cotovelos e arqueando as costas só um pouco porque isso empina meus quadris e isso me dá uma sensação boa.

Empinar meus quadris parece positivamente *necessário*.

Ele salta sobre o tampo da mesa, deixando as coxas cobertas pelo jeans diretamente diante do meu rosto. Raffe e Annie não estão prestando atenção. West inclina a cabeça na minha direção, baixa o tom de voz e pergunta:

– Sobre o que eu estava falando, Caro?

– Canos de cobre.

– Isso foi um tempo atrás.

– Ferramentas de encaixe.

– Está esquentado.

– Cola.

Ele se abaixa e roça os lábios na minha testa.

– Chute de sorte. Eu estou sempre falando sobre cola.

A forma como ele diz isso parece que está me dizendo que quer lamber a minha boceta. Faz com que um arrepio me percorra a espinha, endurecendo os meus mamilos e me deixando muito molhada.

West me dá um sorriso largo e sacana.

– O que trouxe você aqui, afinal? Achei que estivesse trabalhando naquele artigo.

– Estava, mas fiquei entediada. Sozinha no quarto andar da biblioteca, a minha mente divagou e é sempre perigoso deixar minha mente divagar...

Foi fácil convencer a mim mesma de que eu deveria dar um tempo e ir ver como estava indo o projeto de West. Só para o caso de ele também estar entediado.

Só que West nunca fica entediado quando trabalha no estúdio.

No entanto, costuma ser receptivo a certos tipos de intervalo.

– Sua irmã vai passar a noite na casa da Nadine – digo.

O sorriso dele se alarga, intensificando o brilho de lobo em seus olhos.

– Eu sei.

– Então eu estava pensando... – Estou traçando uma linha na coxa dele com a ponta do dedo.

– O que você estava pensando?

– E se fizéssemos algo diferente hoje, em vez de passarmos a noite toda separados, trabalhando?

– Quer comer uma pizza?– pergunta ele.

– Não sei se estou com fome de pizza.

– De que você está com fome?

Dobre os braços sobre as coxas dele, porque serve como desculpa para agarrá-las. Ele está tão perto de mim que nossos narizes quase se tocam.

– Não tenho certeza. Nada me apetece.

– Aposto que posso fazer você mudar de ideia.

– Acho que eu devia voltar para a biblioteca.

– Eu acompanho você.

Ele salta da mesa, mexe na mochila e pega alguma coisa que enfia no bolso.

– Vou levar a Caro até a biblioteca – diz ele casualmente. – Volto em seguida.

– Claro – responde Raffe. – Isso é completamente plausível.

– Quer que a gente guarde as suas coisas, já que essa “carona” pode demorar horas?

– Sim – responde West. – Obrigado.

Ele me empurra pela porta com a mão nas minhas costas. Chegamos perto da escada no fim do corredor.

– Aonde vamos?

– Para cima – diz West. – Damas primeiro.

Subo a escada, achando que vamos para o segundo andar, onde há salas de música vazias. Mas quando chegamos lá, West desliza as mãos por entre as minhas coxas, segura a minha boceta e diz:

– Continue subindo.

Subo um pouco mais. Latejando.

O que há no terceiro andar? Escritórios, acho. Será que ele tem a

chave de um escritório? Ou talvez a gente vá acabar em um dos banheiros, trancados em um cubículo? Nada higiênico, mas ele está com as mãos na minha bunda e eu estou excitada demais para me importar com aonde estamos indo.

O patamar da escada.

– Para que lado?

A mão dele está em mim de novo, a base do polegar traçando uma linha de pressão para a frente e para trás na minha fenda.

Todos os músculos das minhas pernas derretem.

– Continue subindo.

– Isso não é possível.

Ele me aperta e fecho os olhos contra o pulso quente dele.

– Para cima.

Subo cambaleando. No topo de um lance curto de escada, deparo com uma porta. West balança uma chave na frente do meu nariz.

– O telhado? – pergunto.

Ele me gira, me pressiona contra a porta e me beija tão profundamente, tão de repente, que eu quase desmaio. É possível desmaiar com a combinação de três lances e meio de escada e um desejo profundo e implacável de ser comida?

Parece provável.

A coxa dele se insinua por entre meus joelhos. As mãos agarram a minha cintura e me levantam, e eu não consigo fazer nada além de dissolver sobre ele, receber sua boca, sua garra e seu calor duro, a pulsação no pescoço onde estou com as mãos, o gemido que ele dá quando encontro seu pau através do jeans e do algodão e esfrego a mão para cima e para baixo, traçando o comprimento e o formato dele com a unha.

– Aqui. Por favor.

– Não.

– *Por favor.*

Ele me abaixa e se afasta.

– No telhado.

– Abra a porta, então.

Ele me empurra para o lado, abre a porta e me arrasta atrás

dele.

– Por que tem a chave? – pergunto.

– É a chave mestra de Laurie.

– O prédio de artes tem uma chave mestra? Isso não é nada inteligente. É basicamente como pedir que os alunos trepem no telhado.

– Pois é. Temporada aberta. Fico surpreso que não haja vinte pessoas aqui agora.

Ele se vira para mim e sorri, então viramos em um corredor.

– Lá vamos nós.

– O que é isto?

– Grama.

– Sim, mas...

Estou olhando para uma faixa de gramado de mais ou menos cinco metros quadrados. Tipo, simplesmente... grama. No telhado do prédio de artes.

– Isto é um projeto de alguém?

– Foi uma espécie de experiência de restauração de pradaria, acho. Mas foi muito tempo atrás, e agora é só um gramado no telhado que a Rikki mantém.

– Por quê?

– Porque ela é a Rikki. Tire a roupa.

– Aqui?

– Quero você nua nesta grama em trinta segundos. Vou fazer valer a pena.

– E se tiver carrapato?

– Como poderia ter carrapato?

– Como posso saber?

– Não há cervos aqui, Caro. Nem raposas ou qualquer tipo de animal hospedeiro.

– Nós somos animais hospedeiros.

– Não acho que haja tanta gente trepando neste telhado a ponto de estar passando carrapatos por aí.

– Mas...

– Pare com isso.

– Mas...

Ele bufa exasperadamente e arranca a própria camiseta. A luz da lua ilumina os ombros e o peito dele, deixando sua pele com um tom de branco-leite azulado, arrepiada, os músculos firmes.

O peito de West nu e aquela calça jeans. Aquela porra de jeans. Quando as mãos dele vão para o zíper, eu o seguro, porque quero participar. Muito.

West empurra as minhas mãos.

– Tire a roupa.

– Tudo *bem*.

Como ele termina antes de mim, tiro a saia com ele me olhando. Estou parada só de sutiã e calcinha, sentindo um pouco de frio, extremamente excitada.

– Venha até aqui – imploro.

– Deite.

– Sozinha?

– Na grama.

– Isso é estranho.

– Me conceda isso.

Faço o que ele pede porque é um pouco estranho, mas não tão estranho que me tire da zona de conforto, e West não faz muitos pedidos diferentes, por isso não tenho motivo para me recusar a atender este.

Basicamente, ele apenas me ama e me apoia, reforça a minha confiança quando preciso, me defende, me faz rir, me faz gozar, me faz mais feliz do que alguém já fez ou provavelmente fará. Então, claro, vou me deitar nua sobre esta faixa aleatória de grama de telhado para ele.

É mais duro do que eu esperava, pinica as minhas costas e a minha nuca. Fria na parte de trás das pernas e no meu bumbum.

Ele se ajoelha ao meu lado.

– Isso vai se transformar em uma tara sua? – pergunto. – Exibicionismo?

Ele balança a cabeça.

– Telhados?

– Não. – Ele está sorrindo. – Só queria ter você nua sob as estrelas desde a primeira vez que a beijei.

Ele desliza a mão do meu pescoço até o espaço entre os meus seios, mas não exatamente roçando nos meus mamilos, então levanta todos os pelinhos da minha barriga enquanto me acaricia levando a mão para baixo.

Para a frente e para trás. Provocando.

Fecho os olhos. Olhar para ele é demais. A intensidade no olhar dele. A luz do luar sobre sua pele. Ele se apoia no cotovelo e seu rosto fica bem ali: os olhos e os lábios, o queixo e o maxilar, a boca. Exatamente como naquela noite em que subimos no telhado da casa da minha infância, embora quase tudo esteja diferente agora.

Naquela noite, eu estava chapada e assustada.

Eu ouvia vozes que me assombravam quando fechava os olhos. Não conseguia decidir o que fazer em relação a West, porque eu o desejava, mas não queria me magoar.

Eu havia olhado muito para ele naquela noite, porque jamais me cansava do rosto dele, das formas dele, das batidas do coração dele, do calor da vida se movendo dentro dele.

– Venha cá – digo.

Ele se abaixa para me beijar. Então se aproxima e me aquece enquanto suas mãos percorrem os últimos centímetros, e seus dedos deslizam para dentro.

– Você está molhada.

– Não brinque.

– Cuidado ou posso achar que você se sente atraída por mim.

– Ah, não é você. Eu só estava esperando que houvesse alguém aqui em cima disposto a me comer.

– Alguém que não se importe com uma princesa mandona.

– Não me chame de princesa.

Ele passa o polegar no meu clitóris e me faz arfar. Murmura alguma coisa que parece muito com “eu chamo você do que quiser”.

– Cuidado – digo a ele quando consigo inspirar. – Ou escolho outro para ser minha primeira-dama.

Acho que é o máximo de provocação que ele é capaz de suportar, porque o que diz em seguida é:

– Abra bem as suas pernas.

Ele está entrando em mim, com força e mais força. Rápido, com

os dedos afundando na carne dos meus quadris. Nossa.

– Você não estava brincando quando disse que queria isso.

– Eu estava pensando em ir vê-la na biblioteca.

– Desde que horas?

– Desde o almoço.

Dou risada e então não consigo mais, porque ele está estocando com tanta força que todo o meu corpo parece um arco, tensionado, justo. Minha boca se abre. West beija o meu pescoço, meu queixo, minha garganta.

O mundo tem um cheiro verde e novo.

Fecho os olhos e, quando os abro, as estrelas são como um derramamento descuidado de diamantes decorando a noite. O polegar dele encontra meu clitóris e percorre círculos lentos que acompanham o ritmo de suas estocadas.

Dentro de mim. Dentro de mim. Dentro de mim.

Ele desliza a mão pelo meu ombro, meu braço, até meu quadril.

Puxa meu joelho para cima. Olha nos meus olhos.

Vamos fundo e mais fundo, caindo, rodopiando.

Quando ele está comigo, nunca estou perdida.

A F R O N T E I R A

Caroline

Há poucas coisas na vida tão fantásticas como bloquear outro ser humano.

Está no topo da minha lista de coisas fisicamente agradáveis, logo abaixo de orgasmos. E, às vezes, acho que é até melhor, embora eu tenha que admitir que também vem com uma probabilidade maior de levar um chute na casa.

Na primeira vez que derrubei outra mulher na quadra de rúgbi, senti como se tivesse decifrado um código. Roubado um segredo que os homens haviam guardado de mim. Porque o que acontece é que os caras fazem isso parecer difícil, como se bloquear alguém exigisse raiva cega ou enchimentos nos ombros.

Nós, mulheres, ficamos vendo das arquibancadas, tomando chocolate quente na plateia, e jamais há qualquer sugestão de que a atividade possa ser para nós. Que podemos ter o que é preciso para também fazer isso.

Eu costumava ser uma garota boazinha. Ficava sentada nas arquibancadas. Seguia as regras, me esforçava para tirar apenas A, namorava um cara legal e o fiz esperar muito tempo pelo sexo.

Não era o que eu queria, mas parecia a coisa certa a fazer na

ocasião. Toda garota inteligente e boazinha cresce pensando que, se seguir as regras, o mundo lhe dará o que ela quer. Então nós nos organizamos e esperamos. Mas nunca ninguém aparece para entregar os prêmios. E, quanto mais esperamos nessa fila, maior a probabilidade que temos de receber uma ração de merda após outra.

Ser uma boa menina não funcionou para mim. No fim do meu penúltimo ano em Putnam, não sou mais essa garota. Saí da fila.

Eu me tornei outra pessoa.

Estou engajada diariamente no processo de me tornar eu mesma, e uma das coisas que compreendo agora e que não compreendia então é que toda atividade é possível para mim. Toda e qualquer coisa que eu possa querer está disponível para mim se eu estiver disposta a fazer o que é preciso para tê-la.

Às vezes, será desagradável.

Às vezes, as pessoas irão me odiar por isso.

Mas tudo bem.

Tudo bem, porque em uma manhã de domingo de abril no campo de rúgbi da universidade posso sentir a maciez da terra sob as minhas travas. Sinto o cheiro de esterco, pungente e doce, no vento que balança o cabelo do meu rabo de cavalo.

Posso olhar para a lateral do campo e ver Krishna, Frankie e West sentados sobre uma manta. O branco do sorriso de Krishna. A luz do rosto de Frankie quando Krishna a provoca e West desarruma seus cabelos, fazendo cócegas até ela cair, rindo, sobre suas pernas.

Posso olhar para a direita e ver a minha amiga Quinn, grande e forte, absurdamente engraçada. Posso olhar para a minha esquerda e ver a minha amiga Bridget, leve, sardenta e ruiva, nervosa por ser a primeira vez que consegui levá-la até o campo para tentar jogar.

Eu disse para ela não se preocupar. Bloquear outro ser humano é fácil. Tudo o que é preciso é estar disposta a se atirar nas pernas do outro e recusar-se completamente a soltar.

Só isso.

Juro por Deus.

Não sou grande nem forte, mas sou capaz de derrubar uma

mulher de 150 quilos apenas com a minha força de vontade. Sou capaz de derrubar uma porra de um elefante.

Diante de nós está um time de estranhas usando camisetas vermelhas e pretas, as bocas sérias, os rostos vermelhos e os cabelos desalinhados pelo vento, e elas vão fazer isso também. Faremos isso.

Vamos atirar a bola, apanhá-la e correr o mais rápido que nossas pernas nos levarem. Sairemos correndo atrás de quem estiver com a bola, nos jogaremos no ar até ela cair e ficarmos sem fôlego, suando, em um emaranhado de pernas, braços, terra, grama e saibro.

Eu tenho o que preciso para conseguir o que quero. Sempre tive. Todos temos. É o que digo a West quando ele perde a fé. É o que sempre direi a ele.

É o que vou dizer a Frankie quando ela me perguntar, quando duvidar de si mesma, quando precisar ouvir isso.

Não é preciso nada de especial para lutar contra o mundo e todas as formas como ele quer nos encaixotar, nos levar para baixo, nos limitar e nos impedir de progredir. Tudo o que precisamos saber é para quem queremos realizar. Precisamos saber com quem queremos estar e de que abriremos mão por eles.

Precisamos nos permitir querer com o máximo de força, o mais profundamente possível, mesmo que seja assustador. Mesmo que nossos desejos e nossas necessidades sejam inesgotáveis e nosso medo seja tão grande que dificulte até a respiração.

Porque, no fim, o medo não tem importância. A dor não tem importância. Levamos chutes no nariz e o desastre do golpe percorre o nosso rosto e berra através do sistema nervoso, mas depois acaba. Aí estamos do outro lado, um golpe mais perto da vida que queremos.

Minha vida está fechada. Estou bem no meio dela, com os meus amigos, West e Frankie ao redor, nossa pequena família não convencional unida e feliz.

Eu tenho isso porque fui atrás.

Persegui, fui para cima e briguei até derrubá-la, e nunca mais vou soltá-la.

À minha frente está todo o trabalho que posso fazer neste mundo.

Eu não tenho medo.

Eu tenho isto.

West

– Não sei por que não fizemos isto no ano passado – comenta Krishna. – Não sei por que eu não fiz isto todos os instantes desde que entrei para a faculdade.

Estamos sentados na grama, passando uma garrafa de um para outro, bebendo uísque e vendo garotas enlameadas machucando umas as outras.

Frankie está a 6 metros de nós, idolatrando Quinn, que está tomando um ar depois de jogar toda a primeira metade do jogo.

Ou o primeiro quarto.

Na verdade, não faço ideia de como esse jogo funciona, mas Krish tem razão. Há trinta estudantes universitárias no campo se atirando e é basicamente a melhor coisa a que já assisti este ano.

– Não sei como você escondeu isto de mim – diz ele. – Eu mataria para ver um esporte desses. Meu novo esporte preferido!

– É o primeiro jogo a que venho.

– O quê?

– Eu sempre estava trabalhando.

Ele respira fundo longamente.

– Trabalhe menos. Só se é jovem uma vez.

– Você também disse: “Não se amarre em uma garota só.”

Eu o vejo vasculhando o campo até encontrar Bridget. Ela deve ser a coisa mais detonada, minúscula e suja de lama no campo, mas

está segurando firme. Vejo-a passar um braço pelo pescoço de Caroline, tentar um encontrão de peito e cair de bunda.

Então Caroline cai de joelhos, com as mãos no chão e os cabelos caindo sobre a terra de tanto que ri, a ponto de não conseguir ficar de pé.

Eu estava perdendo isto. Não acredito que me permiti perder isto.

Não acredito que cheguei aqui, que agora posso ter.

Nós estamos progredindo.

Nós três. Não apenas sobrevivendo – progredindo.

E, vendo isto, penso em Silt. Em como fui para casa achando que nunca mais poria os olhos em Caroline. Nada foi mais difícil do que deixá-la.

Difícil demais para suportar.

Fui para casa achando que eu era o xerife e que o duelo era com o meu pai. Mas a briga em que me envolvi não foi aquela que eu esperava. O duelo aconteceu no turno de outro. Acabei sozinho nas ruas de uma cidade fantasma em plena luz do dia com as bordas escuras se fechando ao meu redor.

Foi Caroline quem me puxou para fora por aquele burquinho, de volta para a luz. Sempre foi Caroline, porque desde aquele primeiro dia em que ela me agarrou na biblioteca, montou na minha coxa e me disse para deixá-la em paz – como se isso fosse acontecer –, ela me viu de uma forma que nunca vi a mim mesmo.

Ela sabe quem ela é. Ela sabe quem eu sou. Como combinamos.

Eu fui muitas coisas desde que a conheci. Guia, vilão, pioneiro, exilado. Mas nunca fui o xerife, porque não compreendia o que era preciso para isso.

O xerife não existe para eliminar o mal. Ele está lá para manter um olho no futuro. Ele é o guardião da lei, o protetor das regras, os punhos que mantêm o caos ao longe. Não se pode ser o xerife se tudo o que se tem é alguém contra quem lutar.

Precisamos ter alguém *por quem* lutar.

Algo como Frankie com Quinn nas laterais de um jogo de rúgbi. Minha irmã usando jeans e um moletom com capuz que lhe servem

de verdade, as mãos nos bolsos de trás da calça, conversando, sorrindo e apertando os olhos contra o sol.

Algo como Caroline rolando de costas, atirando os braços para cima e rindo para o céu. Um caderno de desenhos cheio de ideias. Uma pilha de tubulação de cobre. Um plano.

Tudo simples.

Tudo meu.

AGRADECIMENTOS

Sempre ponho muito de mim mesma em minhas histórias. Desta vez, usei o que aprendi sobre a vida e o que significa sobreviver e progredir. Sou grata por ter crescido com amor e oportunidade ao meu redor e por ter uma vida cheia de beleza, arte e possibilidades. Obrigada a meus pais por me darem os horizontes amplos que West deseja para a irmã dele. Espero ter feito justiça a West e Caroline. Eu certamente me esforcei.

Enquanto escrevia o manuscrito de *Intenso*, Mary Ann Rivers me ajudou a descobrir as saídas para os momentos de indecisão. Serena Bell me lembrou de não perder de vista a história de amor. Minha agente, Emily Sylvan Kim, segurou a minha mão, e minha editora, Shauna Summers, me explicou como consertar as partes que estavam erradas. Agradeça por não ter lido o livro sem as interferências delas.

Na fase de pesquisa, contei com vários amigos especialistas. Obrigada a Erin Rathjen, Holly Jacobs, Erica Johnstone, Jeni Mokren, Marian Houseman e Patrick Wilson por se mostrarem dispostos a responder a perguntas esquisitas e a conversar comigo sobre todo tipo de coisa.

A instalação de videoarte de Raffe foi inspirada em uma peça maravilhosa que vi no Museu de Arte de Milwaukee. Se algum dia for a Wisconsin, recomendo fortemente a visita.

Por fim, obrigada aos meus leitores. Vocês são incríveis.

SOBRE A AUTORA

© Mark Anderson / STUN Photography

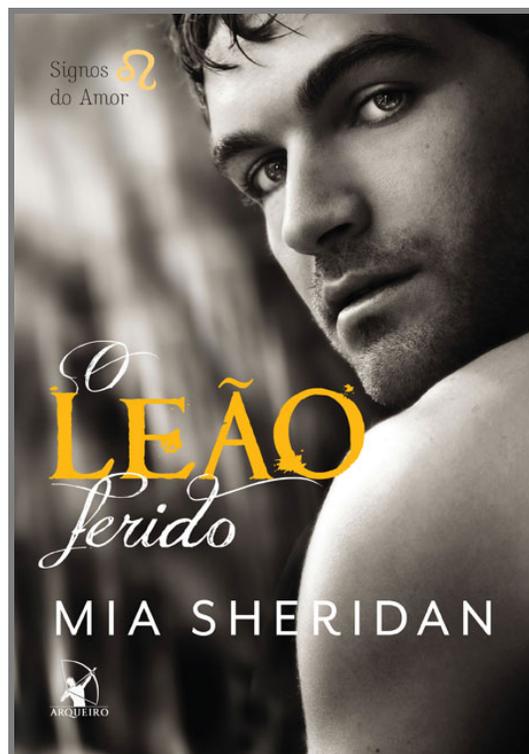


ROBIN YORK foi criada numa universidade, depois fez faculdade, inscreveu-se num segundo curso superior e então se casou com um professor universitário. Ainda não sabe ao certo por que não lhe ocorreu escrever para jovens adultos antes.

Sob o pseudônimo Ruthie Knox, é autora best-seller do *The New York Times* e foi indicada ao prêmio RITA. Ela também é mãe coruja, arrasa na cozinha e resolve problemas na trama de seus livros enquanto corre, faz trilha ou anda de bicicleta.

www.robinyork.com

CONHEÇA OUTRO LIVRO DA EDITORA ARQUEIRO



***O leão ferido*, de Mia Sheridan**

Leo se apaixonou por Evie quando os dois ainda eram crianças, no lar adotivo temporário em que viviam. No futuro difícil que parecia guardado para ele, a única certeza de seu coração era que nada jamais o afastaria daquela garota.

Mas, na adolescência, ele foi adotado e teve que se mudar para outra cidade. Durante oito anos eles ficaram afastados contra a vontade e, nesse tempo, Leo precisou superar muitos obstáculos – sobretudo os problemas criados pela mãe adotiva – para se tornar o homem que merecesse Evie e pudesse finalmente buscá-la.

O reencontro, porém, não foi fácil e Leo teve que se esforçar para se reaproximar de Evie, reconquistar seu amor e, com sua ajuda, deixar para trás toda a tristeza de uma infância de abandono.

Em *O coração do leão*, Evie narrou seu lado desse romance. Agora, em *O leão ferido*, é a vez de Leo contar tudo o que lhe aconteceu e revelar o desfecho dessa história de amor.

Cada livro da coleção Signos do Amor é inspirado nas características de um signo do Zodíaco. Esta história se baseia na mitologia de Leão e fala sobre as segundas chances que a vida nos dá.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Fim](#)

[Silt](#)

[Bordas Negras](#)

[Vida selvagem](#)

[Explorador](#)

[Perdado](#)

[Pioneiro](#)

[Coragem verdadeira](#)

[O começo](#)

[A fronteira](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outro livro da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)